

2020

PESQUISA EM JORNALISMO E DEMOCRACIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

ORGANIZAÇÃO:
MARCOS PAULO DA SILVA
ALCIANE BACCIN
LAURA STORCH

Editora

**SBP
Jor**



**PESQUISA EM JORNALISMO E DEMOCRACIA
EM TEMPOS DE PANDEMIA**

**Marcos Paulo da Silva
Alciane Baccin
Laura Storch**

PESQUISA EM JORNALISMO E DEMOCRACIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Edição 01

**Brasília, Brasil
SBPJor
2021**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Pesquisa em jornalismo e democracia em tempos de
pandemia [livro eletrônico] / organização
Marcos Paulo da Silva, Alciane Baccin, Laura
Storch. -- 1. ed. -- Brasília, DF : Sbpjor, 2021.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-88995-01-3

1. Cidadania 2. Comunicação de massa 3. COVID-19 -
Pandemia 4. Democracia - Brasil 5. Jornalismo
6. Jornalismo - Aspectos sociais 7. Pesquisa
I. Silva, Marcos Paulo da. II. Baccin, Alciane.
III. Storch, Laura.

21-87695

CDD-070.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Jornalismo e democracia 070.4

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

GESTÃO 2019-2021

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: **Marcos Paulo Silva** (UFSM)

Vice-Presidente: **Danilo Rothberg** (UNESP)

Diretora Administrativa: **Laura Storch** (UFSM)

Diretor Científico: **Rafael Bellan** (UFES)

Diretora Editorial: **Alciane Baccin** (UNIPAMPA)

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Carolina Temer (UFG)

Beatriz Alcaraz Marocco (Unisinos)

Fernando Firmino (UEPB)

Lia Seixas (UFBA)

Paula Melani Rocha (UEPG)

Rita Paulino (UFSC)

Roseli Figaro (USP)

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Claudia Nonato (CPCT-ECA/USP)

Mateus Yuri Passos (UMESP)

Vitor Curvelo Fontes Belém (UFS)

EDITORAÇÃO GRÁFICA E DIAGRAMAÇÃO

Tuãne Araújo (UNIPAMPA)

SUMÁRIO

I | O ensino e a pesquisa em jornalismo em tempos de ameaça à democracia

9 Apresentação

Sobre resiliência e afeto

Marcos Paulo da Silva
Alciane Baccin
Laura Storch

17 Posjor

A pós-graduação no primeiro ano da peste

Rogério Christofoletti
Cíntia Xavier

12 Conferência de abertura

Pesquisa em jornalismo e democracia em tempos de pandemia

Susanne Fengler

26 JPJor

10 anos do JPJOR

Vitor Belém
Alciane Baccin

II | O Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo

33 Panorama

PAGF 2020: participação expressiva em cenário de incertezas e excepcionalidades

Marli dos Santos

75 Doutorado

Precarização social do trabalho e a desespecialização do labor jornalístico

Janara Nicoletti

41 Pesquisadora Sênior

A pesquisa em Jornalismo: prática e ensino na construção do conhecimento e dos afetos

Sonia Virginia Moreira
Heloiza Herscovitz
Rosental Calmon Alves
Marli dos Santos

99 Mestrado

Jornalismo Live Streaming: histórico, proposições e desafios das notícias em tempo real

Alexandro Mota

56 Pesquisa Aplicada

#JORConvergente: uma experiência com a tecnologia Progressive Web Apps (PWA)

Rita de Cássia Romeiro Paulino
Cárlida Emerim
Valci Regina Mousquer Zuculoto
Flávia Garcia Guidotti

120 Iniciação Científica

Quem são as mulheres em Claudia? Os sentidos no discurso da revista feminina ao longo de uma década (2009-2019)

Amanda Regina Rosa
Daiane Bertasso

III | Relatos das Redes de Pesquisa da SBPJor

140 Rede Renoi

**Transparência, democracia,
violência contra jornalistas,
desinformação, fake news e
Covid-19**

Rafiza Varão
Fernando Oliveira Paulino

166 Rede Renami

**Estímulo à produção de
pesquisas sobre
narrativas midiáticas**

Demétrio de Azeredo Soster
Fabiana Piccinin
Mara Rovida
Marta R. Maia
Mateus Yuri Passos

147 Rede Retij

**A pandemia e a
impossibilidade do
presencial**

Edgard Patrício
Janaína Visibeli

174 Rede Telejor

**15 anos da Rede: a potência
do telejornalismo na
diversidade das telas**

Cárlida Emerim
Ariane Carla Pereira

158 Rede JorTec

**Investigação em jornalismo
digital e os desafios de uma
sociedade dos algoritmos**

Adriana Barsotti
Elaide Martins
Laura Storch
Marcelo Barcelos
Raquel Longhi
Rita Paulino

183 Rede Radiojor

**2020, o primeiro ano do
resto das nossas vidas – A
institucionalização
da Radiojor**

Valci Zuculoto
Marcelo Kischinhevsky

APRESENTAÇÃO

Sobre resiliência e afeto

Marcos Paulo da Silva
Alciane Baccin
Laura Storch

Definitivamente, 2020 não foi um ano fácil. Em um olhar retrospectivo, impressiona a proporção tomada pelo ponto de inflexão representado pelo dia 11 de março, uma triste quarta-feira, data em que a Organização Mundial de Saúde (OMS) reconheceu e declarou que o mundo vivia uma pandemia do então desconhecido vírus Sars-Cov-2, o Coronavírus causador da Covid-19. Naquele momento, pouco se sabia – e pouco era possível projetar em termos de planejamento – sobre as dimensões que a transmissão da doença teria no Brasil. Até então, a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) mantinha seu foco na preparação para o 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo e para o 9º Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor) que ocorreriam em novembro de 2020 na Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza.

Não tardou, contudo, para que as notícias – objeto de investigação tão caro à SBPJor – passassem a receber uma tonalidade cada vez mais dramática e preocupante. Em 12 de março de 2020, apenas um dia após a declaração de pandemia pela OMS, o Brasil registrara a primeira morte causada pela Covid-19 – e a cada virada da página do calendário, a situação somente se agravava. Em meio à crise de saúde pública, passaram-se dois meses de angústia sobre o futuro do tradicional evento da SBPJor que aportaria em 2020 na sua maioridade.

Em meados de maio, porém, no cenário de avanço da pandemia e da iminente necessidade de isolamento social, período em que a Covid-19 já havia abreviado a vida de mais de 200 pessoas no país (números comoventes, que se somaram as 600 mil mortes um ano e meio depois, momento de redação deste texto), a Diretoria Executiva da SBPJor passou a realizar uma série de reuniões virtuais com seus conselhos Científico e Administrativo e com as coordenações de suas seis redes de pesquisa: a Rede de Pesquisa Aplicada Jornalismo e Tecnologias Digitais (JORTEC), a Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RADIOJOR), a Rede de Pesquisa em Telejornalismo (TELEJOR), a Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (RENAMI), a Rede de Pesquisa Trabalho e Identidade no Jornalismo (RETIJ) e a Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (RENOI).

O horizonte naquele momento era de muitas incertezas, mas decidiu-se, de forma sensata e com muita convicção, pela realização inédita do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo de forma integralmente virtual – formato de evento científico que tornar-se-ia um “novo normal” entre as entidades científicas com o passar dos meses. As motivações centrais pela realização do evento no formato remoto foram duas: 1) o Encontro Nacional da SBPJor constitui um espaço consolidado de debates de estudiosos sêniores e jovens pesquisadores que se aproximava de duas décadas sem qualquer interrupção; e 2) em um momento histórico no qual a ciência e o jornalismo passavam por ataques constantes dos poderes constituídos, não se poderia fechar as portas deste espaço de interlocução e resistência.

Não se sabia, porém, como seria a recepção de tal decisão pela comunidade de pesquisadores em Jornalismo. Felizmente, os números superaram expectativas (e o histórico das edições anteriores): foram 153 trabalhos com proposições individuais para as sessões de Comunicações Livres e outros 145 trabalhos em 29 propostas de Sessões Coordenadas, totalizando os 298 trabalhos oriundos de 85 instituições de ensino superior, sendo 12 universidades do exterior (de Portugal, Espanha, Bélgica, Argentina, México, Colômbia e Canadá). O volume de submissões – que remeteu à necessidade de 400 pareceres – levou a Diretoria Científica da SBPJor a mobilizar mais de 200 pareceristas, todos com a titulação de doutorado e atuação na pesquisa em Jornalismo. Por seu turno, o Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor) recebeu 84 artigos, mobilizando 120 avaliadores, em sua maior parte doutorandos, resultando em um rico círculo virtuoso de formação de jovens dedicados à pesquisa.

Em termos de programação, o evento – realizado entre 3 e 6 de novembro de 2020 – contou com três mesas internacionais. A pesquisadora Sussane Fengler, do Instituto de Jornalismo na Universidade Técnica de Dortmund, na Alemanha, proferiu na manhã do dia 3 de novembro a conferência de abertura “Pesquisa em Jornalismo e Democracia em tempos de pandemia”, cujo texto está registrado neste livro. Na tarde do mesmo dia, após a cerimônia de entrega do Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo 2020, ocorreu a mesa “A pesquisa em Jornalismo: prática e ensino na construção do conhecimento e dos afetos”, com os pesquisadores Heloiza Herscovitz, da Universidade da Califórnia, em Long Beach (Estados Unidos), Rosental Calmon Alves, da Universidade do Texas, em Austin (Estados Unidos), e Sonia Virginia Moreira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que durante o evento recebeu a premiação de Pesquisadora Sênior. O relato da mesa e os resumos dos trabalhos premiados no PAGF 2020 também constam como capítulos nesta obra.

Ainda fizeram parte da programação do evento a mesa “Pesquisa Aplicada em Jornalismo”, realizada no dia 5 de novembro, com a participação dos pesquisadores Jesús Flores Vilar, da Universidade Complutense de Madri, na Espanha, João Canavilhas, da Universidade Beira Interior, em Portugal, e Elisabeth Saad, da Universidade de São Paulo, no Brasil; e o VII Seminário da Pós-Graduação em Jornalismo, o PÓSJOR, importante espaço de debate e articulação que mais uma vez reuniu representantes dos Programas de Pós-Graduação em Jornalismo ou em Comunicação com ênfase na pesquisa em Jornalismo.

Dessa forma, em meio a um ano de muitos obstáculos e a um dos períodos mais tristes e difíceis da história, a SBPJor – com muita resiliência e afeto – manteve viva a chama da pesquisa em Jornalismo. É por isso que muito alegre a Associação entregar à comunidade acadêmica mais este livro com o registro das atividades de 2020.

Uma boa leitura!
Os organizadores.

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

Pesquisa em jornalismo e democracia em tempos de pandemia¹

Susanne Fengler

Instituto de Jornalismo na Universidade Técnica de Dortmund (Alemanha)

Tradução: Danilo Rothberg

Prezados colegas do Brasil,

Meu nome é Susanne Fengler e estou muito feliz em falar com vocês hoje, ainda que eu só possa estar aqui na Alemanha e não com vocês no Brasil. Espero muito que tenhamos a chance de nos encontrar em uma circunstância diferente, ao vivo e pessoalmente. Estive no Brasil várias vezes graças a meus colegas Fernando Paulino e Danilo Rothberg e todos os colegas envolvidos no projeto financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) sobre mídia e democracia. Eu amo muito o seu país e desejo a vocês tudo de bom nestes tempos realmente difíceis.

Deixe-me dizer algumas palavras sobre minha formação. Sou diretora do Instituto Erich Brost de Jornalismo Internacional, e o que você está vendo é nossa sala de aula principal. O prédio inteiro foi criado e dedicado à Universidade de Dortmund por Erich Brost. Ele foi um dos primeiros editores na Alemanha após a Segunda Guerra Mundial, foi exilado na Polônia porque era um jornalista crítico, perseguido pelos nazistas. Depois esteve na Grã-Bretanha. Ele trabalhou para a BBC no Serviço Exterior de Radiodifusão durante a Alemanha nazista, para fornecer aos alemães notícias objetivas sobre o que estava acontecendo no mundo. Depois da guerra, retornou para a Alemanha com as Forças Aliadas e recebeu uma das primeiras licenças para imprimir jornais no país após 1945. Como grande parte de sua carreira dependeu da ajuda de colegas estrangeiros e do apoio que recebeu como jornalista em exílio, e porque ele mesmo experimentou pessoalmente o papel dos homens na mídia em um conflito intercultural, em um conflito internacional, no entendimento internacional, passou a ser seu objetivo e último estágio de sua carreira fazer algo para a educação em Jornalismo. Para fazer com que jovens estudantes de jornalismo soubessem de suas responsabilidades, de seu papel potencial em conflitos internacionais, para lhes permitir ganhar experiência como correspondentes estrangeiros. É por isso que ele dedicou este instituto à universidade, e eu estou muito feliz por poder trabalhar aqui com uma equipe magnífica.

¹ Conferência proferida na abertura do 19º. Encontro Anual de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor – 03 de novembro de 2020

Vocês não poderão conhecê-los hoje, pois estão todos trabalhando em casa, mas espero que os conheçam em algum outro momento. Nosso principal tema de trabalho aqui no Instituto é a responsabilização da mídia. Falarei sobre este tópico e nossos resultados de pesquisa mais recentes.

Também somos muito ativos no campo da mídia e migração. Temos feito vários estudos para comparar como a mídia nos países de origem e nos países de destino noticiam esse assunto do século, sobre migração e refugiados. Fazemos muitos projetos de treinamento também, para jornalistas internacionais, e atualmente estamos em fase final de preparação de um manual para educadores em Jornalismo que será publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Isto estará pronto em algumas semanas e dará um suporte para educadores de Jornalismo em todo o mundo, assim esperamos, em suas atividades de integrar este tópico aos currículos². Correspondência internacional é, claro, sempre um tema central. Fazemos viagens de campo com alunos de jornalismo para torná-los cientes dos desafios da correspondência internacional, e tentamos manter os olhos atentos em tudo o que está acontecendo. Por exemplo, já em março de 2020, começamos uma série mundial sobre como a mídia e o jornalismo em todo o mundo estão sendo afetados pela pandemia de coronavírus.

O tópico que quero falar com vocês hoje é a responsabilização da mídia em uma perspectiva global e eu gostaria de apresentar a vocês os primeiros resultados de pesquisa. Nós nos reunimos no último um ano e meio em um projeto global tentando explorar o status quo e os principais atores em responsabilização da mídia em sistemas políticos e culturas jornalísticas muito diferentes. Este é o desdobramento de um projeto anterior sobre a União Europeia, sobre responsabilização da mídia e transparência na Europa, e o Manual Europeu de Responsabilização da Mídia, que estava estudando estruturas e práticas de responsabilização da mídia nos Estados membros da UE, além de Suíça, Noruega e, naquele momento, também Turquia, Rússia e Israel, porque, quando começamos o projeto do Manual Europeu de Responsabilização da Mídia, há cerca de oito anos, ainda considerávamos esses países sendo mais ou menos próximos da Europa. Se olharmos para a Turquia e a Rússia agora, vemos uma mudança política dramática e veremos também sobre como isso se reflete nas estruturas e práticas de responsabilização da mídia.

Para este manual global coletamos relatórios de mais de 40 países ao redor do mundo, que nos deram uma visão pioneira sobre o status quo do tema responsabilização da mídia em diferentes contextos, e estou muito feliz que Fernando Paulino, nosso querido parceiro, um dos membros do nosso Conselho Consultivo, foi muito ativo como coeditor do projeto deste livro, ajudando a estruturar todas as pesquisas que fizemos na América Latina.

Eu vou levar vocês em uma curta jornada pelos resultados da pesquisa e estou muito feliz em

² Nota do revisor: o manual foi lançado posteriormente e pode ser encontrado aqui: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377890>

discutir sobre as descobertas na sessão ao vivo que teremos em alguns minutos também.

Na tela atrás de mim você verá o Indicador de Democracia de 2019 do The Economist. Trabalhamos com índices como este, e também com o projeto V-Dem.net, o indicador de democracia Freedom House, Repórteres sem Fronteiras e, claro, os estudos de Jornalismo para contextualizar nossa descoberta e nossa pesquisa no campo de responsabilização da mídia. Vocês certamente conhecem esses indicadores de democracia. Se observarmos esses indicadores em uma perspectiva longitudinal, todos os índices agora apontam para um aumento do autoritarismo em todo o mundo. Portanto, neste ano de 2020, pela primeira vez, mais pessoas estão realmente vivendo em regimes autocráticos do que em regimes democráticos em todo o mundo. Alguns pesquisadores já falam sobre a terceira onda de autocratas em contraste com a terceira onda de democracia. E isso também tem um impacto nas estruturas de responsabilização da mídia, que é o que quero mostrar para vocês.

Quais são as principais conclusões de nosso estudo? Uma das primeiras coisas que fizemos foi olhar para as datas em que conselhos de imprensa e conselhos de mídia em todo o mundo foram introduzidos, em diferentes países. E, também, diferentes contextos políticos. Se olharmos para as setas no topo, veremos que temos vários agrupamentos de conselhos de imprensa, de datas de fundação dos conselhos de imprensa. Uma data importante para a fundação de conselhos de imprensa foi a Segunda Guerra Mundial. Esta foi uma importante encruzilhada para políticas de mídia em quase todos os países.

Tivemos o espaço soviético, onde a mídia era instrumentalizada pelo governo para propaganda marxista e leninista. Mas, para aos países da Europa Ocidental, que estavam no hemisfério ocidental, encontramos um forte aumento dos conselhos de imprensa após a Segunda Guerra Mundial. Também nos Estados Unidos – eu vou tocar neste tópico muito específico em um minuto. Mas vemos desde 1950 a criação de conselhos de imprensa em países como o Reino Unido, também na Alemanha, a Suécia tem uma longa tradição de conselhos de imprensa. Nos anos seguintes, nos 1960 e começo dos anos 1970, surgiram inúmeros conselhos de imprensa em outros países da Europa Ocidental. Essa foi a primeira onda de responsabilização da mídia, em grande parte desencadeada por uma forte crítica a um sistema de imprensa liberalizado. A mídia foi desregulamentada, também da censura nazista. Mas nem todos os jornalistas usavam esta nova liberdade de forma responsável, e houve muitas críticas sobre a mídia. Por exemplo, no Reino Unido e na Alemanha, políticos pressionaram a mídia a fazer algo no campo da autorregulação. Caso contrário, o governo se envolveria. Na verdade, esta era a razão pela qual esses conselhos de imprensa foram fundados. Ao menos o Conselho de Imprensa alemão se provou bem-sucedido no longo prazo. O conselho do Reino Unido é um caso específico, pois foi um modelo por muitas décadas. Mas então, é claro, tivemos este trágico incidente do jornal “News of the World”, um escândalo no início dos anos 2000 e que realmente destruiu a reputação do

Conselho de Imprensa do Reino Unido. E agora temos um sistema de controle da mídia dividido, que não é funcional no Reino Unido, e temos um enorme problema, na verdade, aqui.

Uma segunda onda de surgimento dos conselhos de imprensa acontece por volta de 1968. Vemos isso em países que não estão localizados na Europa, mas que possuem uma forte conexão com a tradição liberal democrática. Por exemplo, Austrália e Nova Zelândia criaram conselhos de imprensa naquele momento. Mas também a Índia, que tinha fortes conexões com a cultura britânica, e vemos a fundação de um conselho de imprensa em Israel. Há um sistema muito específico de autocontrole da mídia no Japão. Portanto, não temos um sistema de conselho de imprensa no Japão, mas todas as iniciativas de responsabilização da mídia são mantidas pelas empresas de mídia e são mecanismos de responsabilização baseados nas empresas, como ombudsman, comitês de ética da empresa, códigos de ética da empresa. Tudo é discutido na organização, mas não no âmbito da profissão.

Temos, então, uma terceira onda de surgimento de conselhos de mídia ou conselhos de imprensa. Este foi um momento decisivo na história mundial. Foi o fim do regime comunista na Europa e um momento em que vimos um grande movimento democrata em outros continentes, por exemplo, na África e na Ásia, e alguns anos antes, um grande movimento democrata começou na América Latina. Vemos um volume de conselhos de imprensa em países do Leste Europeu, fundados após 1989. Por exemplo, na Estônia, na Ucrânia – onde encontramos, na verdade, vários conselhos de imprensa, o que é uma situação bastante difícil. Mas também, por exemplo, em Gana, Nigéria, Uganda, Quênia. A Espanha teve vários conselhos de imprensa desde os anos 1990, após o regime de Franco. Mas também a Indonésia, por exemplo, introduziu um sistema de conselhos de imprensa após o fim do regime de governo Suharto. E, então, novamente, vemos outro grupo de recém-fundados conselhos de imprensa e conselhos de mídia por volta do ano de 2000.

Aqui precisamos ser bastante cuidadosos. Vocês podem ver que marquei alguns desses conselhos na cor vermelha. Esses são conselhos de imprensa que não servem para responsabilização da mídia por autorregulação. Mas são conselhos de imprensa criados pelos governos. Eles são chamados de conselhos de mídia estatutários. Às vezes, eles também têm função quase legal, porque emitem identificações de imprensa e podem distribuir multas pesadas. Mas o ponto principal é que eles são instrumentalizados, em muitos casos, pelo governo para manter a mídia e o jornalismo sob controle. Nós os chamamos de conselhos de imprensa miméticos. Carregam o nome de conselho de mídia, mas isso é enganoso e, na verdade, ao invés, servem para controlar a profissão, mas o fazem mimetizando a forma democrática. Esses são desenvolvimentos que podemos ver claramente, por exemplo, em muitos Estados árabes, como Jordânia, Emirados Árabes Unidos, Marrocos e Egito. Esses países estavam obviamente reagindo à Primavera Árabe. Eles estavam com muito medo de que esses movimentos democratas fossem empurrados para seus países e colocassem em perigo aqueles

autocratas que estão no comando nesses países. Assim, esses regimes autocráticos instalam conselhos de mídia para proteger seu próprio poder e manter a profissão sob controle.

Vemos muitos desenvolvimentos assustadores após o ano de 2000 e após o ano de 2011. Portanto, tivemos um aumento dos conselhos de mídia miméticos naquele momento. E também vemos, por exemplo, na Hungria, um dos países membros da União Europeia, lá um conselho de mídia foi instalado pelo governo Fidesz para diminuir o pluralismo da mídia, para manter as empresas de mídia sob controle. E isso também é um desenvolvimento muito assustador na Europa, que tem a democracia como base de sua fundação, de sua constituição. Podemos observar, mesmo na Polônia, discussões de que políticos conservadores estão pensando em instalar um conselho de mídia similar e restrito. Por isso, temos de ter cuidado também na Europa. Além disso, devemos ter em mente que, mesmo em países democráticos, vemos desenvolvimentos que são assustadores. Já falei sobre os dois conselhos de imprensa que temos no Reino Unido e na Grã-Bretanha, dois conselhos de imprensa que estão competindo um contra o outro. Nenhum dos conselhos é respeitado por toda a indústria. Algumas das empresas de mídia mais respeitadas, como The Guardian e The Economist, não participam de nenhum dos conselhos de mídia, mas criaram seus próprios editores de leitores e também vemos que o último Conselho Regional de Imprensa foi fechado nos Estados Unidos nos últimos anos. Houve uma experiência curta com um conselho nacional de mídia nos Estados Unidos na década de 1970, mas nunca vingou. O último conselho em nível federal nos EUA também foi fechado há alguns anos.

As perspectivas para responsabilização da mídia, mesmo em países democráticos, estão bastante sombrias no momento.

Muito obrigado.

A pós-graduação no primeiro ano da peste

Rogério Christofolletti¹
Cíntia Xavier²

Para os registros históricos, 2020 foi o primeiro ano da pandemia de Covid-19, evento capaz de se tornar um autêntico divisor nas existências humanas. Para quem sobreviveu, sempre haverá um “antes” e um “depois da pandemia”. Desafio inédito para nossas gerações, o espalhamento da doença e suas consequências nefastas afetaram e ainda fazem trepidar os mundos sanitário, social, político e econômico.

Para os registros de cada um de nós, 2020 foi um ano transformador como nenhum outro. Na rua, no trabalho, nas universidades ou em casa, as formas de comunicação e sociabilidade foram dramaticamente alteradas, tornando a experiência de sobreviver inesquecível e plena de sentidos. O esvaziamento dos espaços de convivência pública trouxe novos contornos aos nossos dias, mas observamos outros impactos profundos nos processos de ensino-aprendizagem e no cotidiano da gestão dos cursos de Mestrado e Doutorado, conforme os relatos que colhemos no 7º Seminário da Pós-Graduação em Jornalismo (PósJor/SBPJOR).

As tratativas para realizar o Seminário anteciparam as dificuldades de reunir os Programas de Pós-Graduação (PPGs) num período marcado por cortes de bolsas de estudo, redução de financiamento da pesquisa científica no país, adoecimento de professores e estudantes, e por mortes pela Covid. No início de agosto de 2020, os primeiros e-mails a um grupo de docentes e representantes dos PPGs começaram a ser disparados, retomando os temas da edição de 2019 e prospectando linhas de trabalho desejáveis. De forma oscilante e levemente descompassada, diversas mensagens foram trocadas entre os destinatários para formatar o evento agendado para a manhã de 4 de novembro de 2020.

À época já estávamos preparados para realizar o Encontro da SBPJOR integralmente online, e essa condição permitiu que os organizadores do PósJor programassem uma edição com dois momentos distintos. A primeira parte seria restrita aos representantes dos PPGs com área de concentração, linhas de pesquisa ou grupos de investigação em Jornalismo. Esses representantes fariam relatos dos impactos das crises política, financeira e sanitária em seus PPGs, e, na sequência,

¹ Professor do Departamento de Jornalismo e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi um dos organizadores do 7º PósJor/SBPJOR. E-mail: rogerio.christofolletti@ufsc.br

² Professora da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) na graduação e pós-graduação em Jornalismo. Foi uma das organizadoras do 7º PósJor/SBPJOR. E-mail: cintia_xavierpg@yahoo.com.br

seriam discutidas e enumeradas formas de enfrentamento a esses cenários tão desafiadores. A segunda parte do Seminário seria transmitida por videoconferência com sinal aberto, para ampliar o alcance dos debates esperados, buscando integrar toda a comunidade interessada. Para este momento, seriam convidados representantes da área nas agências de fomento à pesquisa, e sínteses dos debates ocorridos na primeira parte seriam apresentadas publicamente.

O Seminário em modelo híbrido permitiria, portanto, fazer convergir os diagnósticos dos PPGs sobre as crises e induzir os participantes a formular possíveis ações práticas de fortalecimento dos programas. E possibilitaria ainda a atualização de informações no âmbito de Capes e CNPq.

O SEMINÁRIO

O 7º PósJor reuniu representantes de onze PPGs instalados em todas as regiões brasileiras, permitindo um diagnóstico nacional dos impactos da pandemia e das crises política e econômica. Fizeram relatos locais os seguintes docentes: Ana Paula da Rosa (Unisinos), Ana Taís Barros Portanova (UFRGS), Cíntia Xavier (UEPG), Cristiane Gutfriend (PUC-RS), Joana Belarmino (UFPB), Josenildo Guerra (UFS), Juliana Teixeira (UFPI), Liana Vidigal (UFT), Marli dos Santos (Facasper), Rogério Christofolletti (UFSC) e Roseli Fígaro (USP). Representantes dos PPGs da UFC, UFES e UFMS manifestaram interesse em participar da parte do Seminário restrita aos coordenadores de Programa, o que foi plenamente aceito, aumentando a diversidade, amplitude e representatividade das discussões.

Para uniformizar os relatos, um roteiro de perguntas foi enviado aos PPGs para colher dados. As questões tratavam de cortes de bolsas e recursos de pesquisa, impactos nos processos seletivos, redução de corpo docente, adaptações ao ensino remoto, evasão escolar e demais efeitos da pandemia nos Programas.

No que se refere a cortes de bolsas, os PPGs relataram que esperavam impactos maiores em 2020, tendo em vista o ocorrido em 2019 e 2018. Ações pontuais na Capes adiaram esses cortes, mas mudanças nas fundações locais de apoio à pesquisa (FAPs) e CNPq causaram inquietude em estudantes, docentes e gestores. Alguns PPGs chegaram a contabilizar perdas de bolsas, mas dentro de padrões esperados. Isso não impediu que dúvidas e incertezas assombrassem os demais Programas que mantiveram suas cotas.

Redução de recursos de pesquisa também não foram relatadas pelos PPGs no período, mas um fato mostrou-se um complicador: a Capes atrasou o repasse dos valores relativos ao Proap e Proex, e em vários casos, fez a distribuição em duas parcelas. Essa dinâmica dificultou a gestão dos recursos pelas coordenações locais, que precisaram administrar as verbas em um tempo menor que o habitual e em condições excepcionais, proporcionadas pela pandemia.

Alguns PPGs de instituições de ensino privadas ou confessionais informaram que houve queda de inscritos em seus processos seletivos, refletindo a perda de emprego e renda das famílias com a crise econômica agravada pela pandemia.

Houve ainda relatos de enxugamento do corpo docente, demissões, aposentadorias e não reposição de quadros. Os casos parecem estar mais ligados às dificuldades e estruturas locais, mas todos os PPGs – de IES públicas, privadas ou confessionais - se ressentem de operar com equipes muito enxutas e sobrecarregadas.

Os representantes dos PPGs narraram experiências distintas nos esforços locais para a adaptação ao ensino remoto ou a distância. Houve investimentos nítidos e agilidade na implementação de sistemas nas IES privadas e confessionais, ao passo que as instituições públicas tardaram mais a reorganizar suas rotinas pedagógicas. Um dos primeiros resultados colhidos no início de novembro de 2020 era o atraso e o descompasso entre calendário civil e semestre letivo. Não havia à época um diagnóstico das consequências disso, e os representantes dos PPGs demonstravam mais preocupação com os ajustes finos para a adoção do ensino remoto ou a distância.

Os PPGs das universidades estaduais ou federais não observaram evasão escolar, mas os Programas das privadas ou confessionais identificaram alguns reflexos da crise econômica que aumentou a inadimplência nas mensalidades.

Na primeira parte do Seminário, os relatos mais contundentes e dramáticos trataram dos impactos da pandemia nas comunidades universitárias da pós-graduação. Todos os PPGs participantes confirmaram efeitos na saúde mental e emocional de estudantes, docentes e técnicos. Entre os discentes, foram detectadas dificuldades pessoais, como perda de emprego, desemprego na família, tristeza, depressão, ansiedade e problemas de concentração nos estudos. Alguns estudantes em fase final de curso – preparados para defender teses ou dissertações – precisaram prorrogar seus períodos e houve também trancamentos de matrícula, desistências e afastamento para licenças de saúde. Entre docentes, houve relatos de mortes de familiares e pessoas de convívio íntimo, infecções pessoais e adoecimento por Covid-19 de filhos, pais, netos e cônjuges. Todos os representantes de PPGs relataram queda na produção intelectual dos seus docentes, sobretudo na forma de artigos para periódicos científicos.

A multiplicidade de realidades dos PPGs não impediu que seus representantes discutissem formas comuns de enfrentamento coletivo das crises política, financeira e sanitária. Os debates para a formulação dessas ações se basearam em quatro questões fundamentais:

a) É possível conceber e implementar disciplinas comuns em alguns PPGs, de modo a otimizar recursos e permitir mais entrosamento e intercâmbio?

- b) É possível planejar projetos de pesquisa interinstitucionais que possam ser desenvolvidos por investigadores dos PPGs do campo do Jornalismo?
- c) É possível pensar em edições conjuntas dos periódicos científicos editados nos PPGs ou outras formas de cooperação em termos de publicações coletivas?
- d) Que outras formas de enfrentamento coletivo dessas crises os PPGs poderiam criar e implementar?

O tempo exíguo e o rigor no cumprimento do programa do Seminário não permitiram responder completamente essas questões. Entretanto, um conjunto de ideias foi formulado com o compromisso de detalhamento posterior, o que foi possível graças à criação de um fórum permanente online.

O 7º PósJor contou ainda com relatos desalentadores de Edison Dalmonte, representante da Comunicação no CTC da Capes, e Eduardo Meditsch, membro do Comitê de Assessoramento de área no CNPq. Ambos apresentaram cenários de estrangulamento orçamentário para a ciência brasileira, desmonte das estruturas e enfraquecimento das equipes técnicas das agências federais de fomento, e incertezas políticas para a pesquisa e a educação nacionais.

Previsto para durar três horas e meia, o Seminário da Pós-Graduação em Jornalismo extrapolou o tempo, deixando uma certeza aos participantes: seria preciso dar continuidade ao trabalho de formulação coletiva iniciado naquele 4 de novembro de 2020.

A ARTICULAÇÃO

Na parte do 7º PósJor restrita à participação dos coordenadores, foram sugeridas ações para aproximar os PPGs para um enfrentamento coletivo das muitas dificuldades observadas até então. O sentimento comum era que, com a evolução da pandemia e a postura errática do governo federal em seu combate, a situação não melhoraria em 2021. No final do primeiro ano da peste, já havia candidatas à vacina contra a Covid-19, mas não existia um horizonte pleno de retorno seguro às atividades presenciais nas universidades nem de melhoria nas condições de financiamento da ciência e tecnologia no país.

Os participantes do Seminário concordaram com a proposição de um plano que incentivasse aproximações entre os PPGs e fortalecesse soluções conjuntas para as incertezas do momento. Entre as sugestões apresentadas no PósJor estava o mapeamento de linhas e grupos pesquisas, disciplinas, eventos, especialidades dos docentes, publicações e especificidades regionais no sentido de compor um mapa de oportunidades de cooperação. Alguns representantes dos PPGs insistiram na necessidade de uma maior difusão das ações realizadas ou em andamento, enquanto que outros lembraram que parcerias já estavam em curso, facilitadas pela proximidade regional. Foram ainda cogitados encontros entre os editores de periódicos, um evento reunindo os PPGs e a produção de uma publicação que

refletisse parte das realizações na pós-graduação em jornalismo no Brasil. Essas sugestões foram os primeiros movimentos para a articulação de um documento que estabelecesse as condições mínimas para colaborações amplas ou pontuais entre os PPGs.

Uma comissão formada por Ana Paula da Rosa, Cristiane Gutfriend e Rogério Christofolletti se dispôs a apresentar uma proposta de documento com este objetivo. A primeira reunião da comissão se deu em 9 de dezembro de 2020, levando em conta as respostas colhidas num formulário eletrônico aplicado aos representantes dos PPGs. Os dados obtidos no questionário permitiram entrever atributos locais, potencialidades, especialidades, disponibilidades e interesses dos Programas.

Em 10 de dezembro, a comissão apresentou aos coordenadores dos PPGs uma temática ampla que pudesse nortear um projeto interinstitucional que previsse colaborações no ensino, pesquisa, orientações, bancas, extensão, eventos e publicações. Com o título “Transformações no jornalismo e seus impactos locais: produção, circulação e consumo”, o projeto deveria contemplar as diversidades e assimetrias regionais, mas também a capilaridade, potência e amplitude dos PPGs que se dedicam ao Jornalismo no país. Ampla, a temática é também oportuna, flexível, adaptável e estratégica para o desenvolvimento dos estudos na área.

Em dezembro ainda, a proposta foi levada pelos coordenadores dos PPGs aos seus colegiados, e aprovada. Os Programas também indicaram representantes para que acompanhassem o processo de formulação do projeto, validando a iniciativa coletivamente.

Em fevereiro de 2021, os PPGs começaram a divulgar na lista de e-mails dos participantes do 7º PósJor as disciplinas que ofereceriam nos próximos semestres, além de formas de participação de alunos externos, movimentos concretos de aproximação.

Nos meses seguintes, Rogério Christofolletti e Cristiane Gutfriend formularam uma minuta de projeto interinstitucional que foi levada ao grupo de representantes dos Programas em 31 de maio. Os PPGs discutiram o documento em seus colegiados e referendaram o texto em reunião online em 29 de junho. À época, doze Programas das cinco regiões brasileiras aprovaram as bases de cooperação: FaCasper, PUC-RS, UFS, UFC, UFPB, UFES, UFSC, Unisinos, UFRGS, USP, UFT e UFMS.

O documento – que pode ser conhecido a seguir - contribui para a institucionalização de parcerias, para a assinatura de convênios específicos, e para a formulação de ações coletivas. Embora tenha signatários originais, o acordo está aberto a novas adesões, e encoraja diálogos já iniciados, como o que reuniu as universidades federais do Ceará e do Piauí que, no segundo semestre de 2021, ofertaram a disciplina “Produtos e processos comunicacionais em tecnologias digitais”, primeiro resultado da articulação do 7º PósJor.

PROPOSTA DE ACORDO PARA COOPERAÇÃO DE PPGS: “TRANSFORMAÇÕES NO JORNALISMO E SEUS IMPACTOS LOCAIS: PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E CONSUMO”

Este documento pretende incentivar e efetivar formas de cooperação acadêmico-científica entre Programas de Pós-Graduação em Comunicação brasileiros que tenham linhas de pesquisa específicas ou grupos de investigação dedicados ao jornalismo. Amplo por natureza, passível de ajustes e aberto a adesões continuamente, este documento é resultado do diálogo entre coordenadores de PPGs a partir do 7º seminário POSJOR, ocorrido em 4 de novembro de 2020, durante o 18º Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR). À época, os participantes³ concordaram que é estratégico e oportuno apresentar uma proposta que estabeleça bases comuns de ação conjunta nas áreas do ensino, pesquisa, extensão, eventos e publicações. Este documento tenta alcançar essa demanda.

NECESSIDADE E ESTRATÉGIA

A Pós-Graduação brasileira vem sofrendo, nos últimos anos, com cortes orçamentários frequentes, desmontes institucionais e toda a sorte de ações governamentais que aceleram a deterioração do ensino e da pesquisa em nível de mestrado e doutorado. O enfraquecimento do sistema é nítido pela redução de verbas destinadas à ciência, tecnologia e inovação, e visível pela asfixia às duas maiores agências de fomento nacionais, CNPq e Capes.

Responsável no país pela formação de pesquisadores e docentes para o ensino superior e institutos diversos, o sistema de pós-graduação é também o principal motor de desenvolvimento científico e tecnológico, dado que os empreendimentos de pesquisa da iniciativa privada são bastante circunscritos a algumas áreas de conhecimento.

As pressões ao sistema de pós-graduação afetam instituições públicas e privadas, em todas as regiões, interrompendo pesquisas, prejudicando a formação de recursos humanos de alto nível, silenciando o pensamento crítico e freando os desenvolvimentos nacional e regional. A ausência de uma política científica inclusiva e diversa contribui também para a marginalização de algumas áreas do conhecimento, sobretudo as ciências humanas e sociais, entre as quais atua o jornalismo.

O cenário crítico enseja a busca por soluções coletivas, sendo natural que os Programas de Pós-Graduação identifiquem oportunidades de cooperação de modo a fortalecer suas presenças regionais e a expandir sua capacidade de realização para além de suas zonas de influência.

³ Participaram da programação do seminário como representantes dos programas Ana Paula da Rosa (Unisinos), Ana Taís Barros Portanova (UFRGS), Cíntia Xavier (UEPG), Cristiane Gutfriend (PUC-RS), Joana Belarmino (UFPA), Josenildo Guerra (UFS), Juliana Teixeira (UFPI), Liana Vidigal (UFT), Marli dos Santos (Facasper), Rogério Christofolletti (UFSC), Roseli Fígaro (USP). Eduardo Meditsch representou o Comitê de Assessoramento da área no CNPq, Edson Dalmonete representou a coordenação de área na Capes, e Marcos Paulo da Silva atuou como presidente da SBPJOR. Colegas de outros PPGs também acompanharam e participaram das discussões.

Em meio às crises econômica, política e social instauradas no país desde 2015 e às mudanças nas formas de comunicação e no fazer jornalístico, este documento propõe bases para a cooperação entre os Programas de Pós-Graduação aderentes, considerando seus planejamentos, suas culturas internas, limites, potencialidades e especificidades locais. A crise de credibilidade das instituições, a disseminação industrial de desinformação e a pandemia da Covid-19 são também fatores que tornam inadiável e urgente um enfrentamento coletivo de uma situação tão complexa.

BASES GERAIS PARA A COOPERAÇÃO

- Os Programas de Pós-Graduação devem aderir formalmente a este documento, seja por manifestação de sua coordenação ou pela aprovação em seu colegiado. Para caracterizar a adesão, um ofício simples deve ser endereçado à lista de e-mails que serve de fórum do POSJOR;
- Os Programas de Pós-Graduação devem avaliar suas necessidades e potencialidades para decidir como irão cooperar. Como se prevê um conjunto amplo e plural de ações, é natural e esperado que cada Programa escolha um número limitado, conforme seus interesses e capacidades, com toda a liberdade;
- Acordos pontuais de cooperação podem ser derivados deste documento, mas devem mencioná-lo, de forma a fortalecer e reconhecer este diálogo inicial;
- Este documento prevê ações de cooperação mútua na oferta de disciplinas para o ensino de pós-graduação, na realização de pesquisas e estudos, na execução de ações de extensão, na participação de bancas em exames de qualificação e defesa pública de teses e dissertações, em coorientações de dissertações e teses, na realização de eventos interinstitucionais e em produtos editoriais;
- Os Programas de Pós-Graduação podem se associar regionalmente ou em escala nacional, conforme seus interesses e capacidades;
- Os Programas de Pós-Graduação definirão forma e funcionamento de seus arranjos de cooperação;
- Este documento incentiva a colaboração entre os Programas, independente de suas notas no sistema Qualis de Avaliação, encorajando acordos moldados pela solidariedade e diversidade, como forma de combate às assimetrias regionais.
- Em dezembro de 2020, catorze Programas de Pós-Graduação sinalizaram interesse em fechar na cooperação e indicaram seus representantes, a saber:

PPG	Representante
Cáspes Líbero	Marli dos Santos
PUC-RS	André Pase e Cris Gutfreind
UEPG	Cintia Xavier
UFC	Edgard Patrício
UFES	Rafael Paes
UFMS	Marcos Paulo da Silva
UFPB	Zulmira ou Joana Belarmino
UFPI	Juliana Teixeira
UFRGS	Marcelo Träsel
UFS	Carlos Franciscato
UFSC	Rogério Christofolletti
UFT	Liana Vidal
Unisinos	Ronaldo Henn
USP	Roseli Fígaro

FORMAS DE COOPERAÇÃO

Este documento sugere que os Programas de Pós-Graduação aderentes articulem-se para esforços conjuntos em uma ou mais das seguintes ações:

ENSINO

- oferta de disciplinas coletivas em turmas mistas;
- abertura de vagas em disciplinas para alunos dos PPGs aderentes;
- convites a docentes para ofertar disciplinas em outros PPGs;
- participações temáticas e episódicas de docentes em disciplinas de outros PPGs.

ORIENTAÇÕES

- convites para atuação em coorientação de teses e dissertações.

BANCAS

- participações em exames de qualificação de teses e dissertações;
- participações em defesas públicas de teses e dissertações;
- participações como membros julgadores de concursos públicos.

PESQUISA

- desenvolvimento articulado das etapas locais de uma investigação sobre os impactos regionais das transformações no jornalismo, tendo em vista a produção, a circulação e o consumo;
- execução de estudos temáticos e específicos;

- aproximação dos grupos de pesquisa, seja por meio de reuniões ou outras dinâmicas de trabalho;
- compartilhamento de dados de pesquisas para futuras produções científicas;
- desenvolvimento cooperado de técnicas de coleta e análise de dados.

EXTENSÃO

- proposição de ações de extensão de interesse comum;
- convites para atuação específica em projetos de extensão já existentes;
- divulgação de ações extensionistas de interesse.

EVENTOS

- realização de mesas redondas, palestras, conferências, seminários, simpósios, colóquios e outros eventos científicos de modo cooperado;
- convites a docentes dos PPGs aderentes para atuar como palestrantes ou conferencistas;
- convites a docentes para a composição de comitês científicos de eventos;
- convites a docentes para operarem em comissões avaliadoras ou de seleção.

PUBLICAÇÕES

- concepção e produção de livros e coletâneas;
- convites a docentes para compor comitês científicos de publicações;
- convites a docentes e discentes para escreverem textos em publicações;
- edições conjuntas de revistas científicas dos PPGs aderentes;
- proposição e realização de outros projetos editoriais de comum acordo.

UMA REFLEXÃO FINAL

A partir do relato acima, do documento firmado entre os programas de pós-graduação é possível avaliar como positiva a realização do PósJor. Um encontro caracterizado pela necessidade de fortalecer o jornalismo na pesquisa e nos programas de pós-graduação pelo país. No ano em que se registraram os maiores desafios para a vida e para a educação, especialmente no Brasil, a articulação possibilitada pelo 7º Seminário consolidou as trocas e o desenvolvimento de atividades em conjunto. Certamente, os desafios que o ano de 2020 trouxe contribuíram para fortalecer o diálogo entre os programas.

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi desafiador. A pandemia do coronavírus impôs limitações, perdas e submeteu todos a uma nova realidade. Em meio a esse contexto, o Jornalismo se colocou de forma ainda mais evidente como mediador essencial para a sociedade. Informação salvou/a vidas. Mas na contramão disso e em fluxo potencialmente maior, a infodemia – termo indicado pela OMS (Organização Mundial da Saúde) para indicar o excesso de informação sobre um tema, criou ambiente tão complexo de lidar quanto o vírus.

O Jornalismo foi o porta-voz dos avanços da ciência, nunca tão almejados de forma sistemática pelas audiências. Paralelamente ao fazer jornalístico, a pesquisa sobre o ofício também enfrentou desafios. Pesquisadores precisaram se reinventar para manter os estudos ativos e atentos às transformações.

Reconhecendo a necessidade de fomentar a produção científica na área, a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) optou por manter a realização do Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo e do Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJor) neste ano. Em meio às incertezas do contexto, os eventos foram realizados, pela primeira vez, de forma remota.

Esse foi o ano da décima edição do JPJor, que tem como caráter fundamental o estímulo à formação de jovens pesquisadores. Sempre atrelado ao Encontro da SBPJor, o evento foi criado anos depois após a primeira edição do evento principal, que ocorreu em 2003 na Universidade de Brasília (UnB). De 2011 até 2020, centenas de trabalhos foram publicados por graduandos e recém-graduados de todo o país. É sobre essa história e sobre esse ano emblemático, que se dedica esse capítulo.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: vitorbelem@academico.ufs.br

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa e do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). E-mail: alcianebaccin@unipampa.edu.br

BREVE RETROSPECTO

A primeira edição do JPJor, em 2011, foi realizada na cidade do Rio de Janeiro, tendo como instituição sede a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Na época, os pesquisadores Victor Gentilli, da Universidade do Espírito Santo (UFES), e Josenildo Guerra, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), foram responsáveis pela coordenação científica da estreia do evento. Desde então, essa responsabilidade foi dividida por docentes vinculados a outras cinco instituições de ensino, seja pública ou privada (Quadro I).

QUADRO I – HISTÓRICO DOS 10 ANOS DO JPJOR

Edição	Sede	Cidade	Coordenação
2011	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro/RJ	Victor Gentilli (UFES) e Josenildo Guerra (UFS)
2012	Pontifícia Universidade Católica do Paraná	Curitiba/PR	Victor Gentilli (UFES) e Josenildo Guerra (UFS)
2013	Universidade de Brasília	Brasília/DF	Liziane Guazina (UnB)
2014	Universidade de Santa Cruz do Sul	Santa Cruz do Sul/RS	Josenildo Guerra (UFS) e Marcelo Träsel (PUCRS)
2015	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul	Campo Grande/MS	Marcelo Träsel (PUCRS)
2016	Universidade do Sul de Santa Catarina	Palhoça/SC	Marcelo Träsel (PUCRS)
2017	Universidade de São Paulo	São Paulo/SP	Marcelo Träsel (PUCRS)
2018	FIAM-FAAM Centro Universitário e Universidade Anhembi Morumbi	São Paulo/SP	Rodrigo Botelho-Francisco (UFPR) e Alciane Baccin (FIAM-FAAM)
2019	Universidade Federal de Goiás	Goiânia/GO	Alciane Baccin (Unipampa) e Rodrigo Botelho-Francisco (UFPR)
2020	Virtual	-	Vitor Belém (UFS)

Fonte: Elaborado pelos autores

Em dez edições, o JPJor foi realizado em oito cidades, sendo duas vezes em São Paulo e uma de forma virtual. Ao longo deste período, 544 trabalhos científicos foram aprovados (Quadro 2). A aprovação está atrelada à revisão de pareceristas, que têm valor significativo para o caráter didático do evento, promovendo reflexões teóricas e metodológicas. Isso, não apenas para os que recebem o parecer, mas também para aqueles que emitem, formado por um público de pesquisadores mestres, doutorandos e doutores. Ao número de trabalhos apresentados, multiplica-se ao menos dois pareceres e contribuições para o estímulo àqueles que estão descobrindo a pesquisa e aqueles que estão aperfeiçoando a formação.

QUADRO 2 – HISTÓRICO DE TRABALHOS APROVADOS NO JPJOR

Edição	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X
Trabalhos	57	70	67	58	28	32	30	76	52	74

Fonte: Elaborado pelos autores

A realização dos eventos de forma conjunta sempre se configurou como forma de integração entre pesquisadores de distintos perfis. A diferenciação no título, o JPJor, garantiu identidade científica para o público, mas na prática, sempre compartilhou os mesmos objetivos. Foram eventos unificados, que estimularam o contato entre pesquisadores de diferentes estágios de formação e realidades geográficas, concretizadas desde o processo de avaliação à participação nas conferências e nas sessões de apresentação de trabalhos.

Ao longo de uma década de organização dos Encontros de Jovens Pesquisadores em Jornalismo, a SBPJor procurou manter vivo o objetivo de motivar e abrir portas para graduandos e recém-graduados divulgarem resultados de pesquisas, conhecerem e experimentarem os processos de produção, redação e comunicação científica. Porém algumas dificuldades para a participação dos graduandos em eventos científicos precisam ser reconhecidas e levadas em conta, como a falta de recursos e fomento para quem produz poder se deslocar para as cidades onde os Encontros foram realizadas. Como uma avaliação desses dez anos, podemos destacar a resistência desses muitos jovens que enfrentaram as adversidades e participaram de trocas enriquecedoras, que ampliaram e potencializaram conhecimentos.

Temos a convicção de que nessa década, o JPJor foi um espaço de exercício da conquista da autonomia intelectual para os jovens pesquisadores. Alguns desses jovens pesquisadores estão consolidando seus estudos e aprofundando temáticas que foram gestadas e discutidas nas sessões dos Encontros do JPJor.



Mesmo diante das inúmeras complicações e limitações provocadas pela pandemia, a décima edição do Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo apresentou um número recorde de trabalhos submetidos. Foram 81 no total. Destes, 74 foram aprovados no processo de dupla avaliação por pareceristas, representando 91%.

Com o maior número de submissões, essa foi a segunda edição com mais trabalhos aprovados. Número próximo na 8ª edição, realizada na cidade de São Paulo, que contou com 74 artigos científicos. Os números são indicadores de como o JPJor se tornou um espaço de formação de referência para os estudos na área em todo o país.

Para além de estatísticas, a programação do encontro demonstra a diversidade de temas e de visões em torno de práticas profissionais e acadêmicas (Quadro 3).

QUADRO 3 – SESSÕES TEMÁTICAS DO 10º JPJOR

Títulos	Trabalhos	Autores	Coordenador(a)
Narrativas jornalísticas e estudos de gênero	4	4	Lynara Ojeda de Souza (UFSC)
Informação, ferramentas e abordagens	4	6	Mariane Ventura (UFSC) e Silvana Torquato Fernandes (UFP)
Coberturas jornalísticas em questão	5	11	Marcio da Silva Granez (UFPI) e Suzanne Borela (UFSM)
Apropriações midiáticas e construções jornalísticas	5	5	Gabriela Cavalcanti Carneiro de Almeida (UFSC) e Jordana Fonseca (UFPI)
Narrativas jornalísticas I	6	6	Frederico Ramos Oliveira (UFBA) e Valéria Maria Vilas Bôas (UFS)
Narrativas jornalísticas II	5	6	Marília Gabriela Silva Rêgo (UFPE) e Luiz Felipe Falcão (UFJF)
Jornalismo e redes sociais digitais I	5	5	Simone Martins (UFJF) e Gustavo Pereira (UFJF)
Jornalismo e redes sociais digitais II	5	7	Janaína Kalsing (UFRGS) e Paulo Cajazeiras (UFCA)
Jornalismo e política	5	7	Jamir Kinoshita (USP)

Rotinas produtivas e políticas editoriais	6	8	Ana Flavia Marques (USP) e Ana Paula Goulart (UFRJ, Facha e FPG)
Jornalismo e questões sociais	5	5	Otávio Daros (PUCRS)
Jornalismo esportivo	3	3	Matheus Ramalho Orlando (Unesp)
Discurso e opinião pública	5	5	Ricardo Aoki (UFSC)
Pesquisa aplicada e formação jornalística	5	5	Flávio Santana (Umesp)
Crítérios de produção jornalística	5	9	Greyce Ellen Vargas Nunes (PUC-RJ)

Fonte: Elaborado pelos autores

No total, esta edição contou com 15 sessões, com um média de 5 apresentações em cada. O agrupamento de trabalhos se deu pela aproximação temática, vislumbrando o estímulo ao debate e reflexões em torno das intersecções entre os pesquisadores. As sessões Narrativas Jornalística I e II tiveram o maior número de exposições, com 11 trabalhos, envolvendo 12 autores. Em seguida, Jornalismo e Redes Sociais Digitais I e II, com 10 trabalhos produzidos por 12 pesquisadores.

A mediação das exposições ficou sob a responsabilidade de 23 doutorandos e doutores, reforçando o caráter integrativo do evento. Em sua maioria, foram estes pesquisadores que também analisaram os trabalhos na etapa de seleção. Ressalta-se ainda a diversidade institucional destes acadêmicos, com representação de 19 universidades.

A pluralidade do evento é também observada a partir da diversidade regional dos autores. Pesquisadores vinculados a instituições de ensino de 17 estados apresentaram um panorama amplo de visões analíticas e críticas do jornalismo (Quadro 4).

QUADRO 4 - DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS POR REGIÃO - 10º JPJOR

Região	Estado	Instituição	Trabalhos
Norte	RO	Universidade Federal de Roraima	1
Nordeste	CE	Centro Universitário 7 de Setembro	2
Nordeste	CE	Universidade de Fortaleza	2
Nordeste	CE	Universidade Federal do Ceará	1
Nordeste	MA	Universidade Federal do Maranhão	3
Nordeste	PI	Universidade Federal do Piauí	3
Nordeste	PI	Universidade Estadual do Piauí	1
Nordeste	PB	Universidade Federal da Paraíba	1
Nordeste	SE	Universidade Federal de Sergipe	3
Nordeste	BA	Universidade Salvador	1
Nordeste	BA	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	1
Nordeste	PE	Universidade Federal de Pernambuco	2

QUADRO 4 - DISTRIBUIÇÃO DOS TRABALHOS POR REGIÃO - 10º JPJOR

Centro-oeste	MT	Universidade Federal de Mato Grosso	3
Centro-oeste	DF	Universidade de Brasília	1
Sul	PR	Universidade Estadual de Ponta Grossa	4
Sul	PR	Centro universitário Uninter	1
Sul	SC	Universidade Federal de Santa Catarina	2
Sul	SC	Universidade do Vale do Itajaí	2
Sul	RS	Universidade Federal de Santa Maria	12
Sul	RS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	3
Sul	RS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	1
Sul	RS	Universidade Federal de Pelota	2
Sul	RS	Universidade Federal do Pampa	5
Sudeste	SP	Faculdade Cásper Líbero	3
Sudeste	SP	Universidade Metodista de São Paulo	4
Sudeste	SP	Universidade Nove de Julho	2
Sudeste	SP	Centro Universitário de Rio Preto	1
Sudeste	RJ	Universidade Estácio de Sá	2
Sudeste	RJ	Universidade Federal Fluminense	1
Sudeste	RJ	Centro Universitário Carioca	1
Sudeste	MG	Universidade Federal de Uberlândia	1
Sudeste	ES	Universidade Federal do Espírito Santo	2

Fonte: Elaborado pelos autores

De norte a sul, 35 instituições foram representadas no X JPJor. A região nordeste contou com a maior variedade, com 11 universidades ou centros universitário, seguido pela região sul, com 9 diferentes vínculos, mas com o maior número de trabalhos, totalizando 32.

Os resultados desta edição, inevitavelmente, remetem a todas as anteriores, que foram consolidando o evento e estimulando a formação científica de jovens pesquisadores. Pela excepcionalidade desta ter sido a primeira edição virtual, há que se considerar também que a forma de participação também teve influência direta sobre o evento.

A EXPERIÊNCIA VIRTUAL

Eventos científicos são espaços de excelência para o debate e a divulgação de pesquisas. A 10ª edição do JPJOR fez lembrar também o quanto esses ambientes são importantes para socialização de pesquisadores, dos mais experientes aos calouros. Não houve diálogo nos corredores das instituições ou mesmo no “pós-evento”, com o prolongamento dos debates e o surgimento de novas ideias e parcerias.

Se a experiência do virtual remete ao saudosismo dos encontros e das trocas presenciais, também lembra o quanto as participações de forma física demandam investimentos. De vários

estados do país, e mais especificamente das respectivas casas, jovens pesquisadores se mobilizaram para produzir, apresentar e debater o Jornalismo. Em tempos em que o fomento à pesquisa é cada vez mais escasso, a participação virtual representou também menos despesas, que poderiam ser determinantes para a não participação. Sem dúvidas, esse é também um fator a considerar para os resultados obtidos nesta edição.

Distantes e ao mesmo tempo próximos. A plataforma do evento garantiu sincronia aos diálogos. Os problemas técnicos, também comuns ao formato presencial do evento, não limitaram os debates. Nas diversas salas virtuais, as apresentações tiveram o suporte de câmeras e microfones; e o chat reproduziu a dinâmica dos diálogos paralelos, tão necessário para as trocas e extensão das pesquisas.

HORIZONTES

Com mais de quinhentas produções científicas publicadas ao longo de dez anos, o JPJor não só se tornou referência para a pesquisa produzida por jovens estudantes, como também um espaço excepcional para o diálogo e as aproximações destes com pesquisadores renomados. A SBPJor tem focado um olhar especial para o JPJor, porque acredita que as sementes, para a manutenção e o fortalecimento da pesquisa de jornalismo no futuro, são lançadas a cada Encontro.

Embora estamos vivendo períodos complicados de ataques à ciência, à academia, à educação, com cortes severos e profundos nos financiamentos de pesquisas e verbas para as instituições públicas de ensino, não podemos deixar de acreditar no futuro da pesquisa em Jornalismo. No horizonte, novos problemas trarão outros desafios e estimularão a busca por respostas. O JPJor é sem dúvidas um espaço consolidado para resguardar e fomentar novas pesquisas, seja na condição de um evento presencial ou virtual.

PAGF 2020: participação
expressiva em cenário de incertezas e
excepcionalidadesMarli dos Santos¹

2020 foi um ano de excepcionalidades, em todos os sentidos. Não só porque escancarou as desigualdades sociais no mundo, e as do Brasil, em um momento de pandemia, como também testou a capacidade humana de resistir. Em abril, a perplexidade com as primeiras perdas ainda estava longe de acabar. Com esse espírito de incertezas foi lançada a chamada do 15º Prêmio Adelmo Genro Filho – PAGF 2020, alguns dias após a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciar a pandemia Covid-19.

As primeiras previsões sobre a pandemia não se cumpriram, afinal, não era uma “gripezinha”. Já sobre o PAGF 2020, o mar de incertezas foi superado por indícios muito positivos logo no início da temporada de inscrições. Ao final do período estabelecido para receber os trabalhos nas quatro categorias (iniciação científica, pesquisa aplicada, doutorado e mestrado), tínhamos 142 trabalhos validados, e um aumento expressivo de 71% de inscrições em relação ao ano anterior. O PAGF foi criado em 2006 e é o principal prêmio de pesquisa em Jornalismo no Brasil.

Assim, ao completar 15 anos, a diretoria executiva da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e a coordenação geral do PAGF 2020 constataram que vários obstáculos foram enfrentados para que pesquisadores e pesquisadoras em jornalismo pudessem inscrever seus trabalhos em um ano tão excepcional. As dificuldades abrangeram desde a obtenção de documentos exigidos no ato da inscrição do Prêmio, como comprovante de defesa do trabalho, ao acesso às secretarias acadêmicas e aos orientadores/as para assinatura de atas e declarações, pois naquele momento quase tudo ficou suspenso. Além disso, na categoria Iniciação Científica muitos tiveram de recorrer a seus orientadores para adaptação da monografia de conclusão de curso em artigo científico, regra presente no regulamento do Prêmio.

Na edição de 2020 do PAGF, algumas mudanças foram realizadas no Regulamento do Prêmio, tendo em vista as sugestões das comissões e da coordenação geral que participaram das avaliações em 2019. As observações seguiram na perspectiva de aprimorar o documento, tornando mais claros os critérios de cada categoria, especialmente a de Pesquisa Aplicada. As sugestões foram analisadas e

¹ Coordenadora geral do Prêmio Adelmo Genro Filho 2020, docente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.

acatadas pela Diretoria Científica da SBPJOR, e foram incluídas no regulamento de 2020. No caso da Pesquisa Aplicada, tanto o acesso aos produtos quanto o memorial explicativo da pesquisa sofreram alterações.

PREMIADOS

Conforme anunciado em setembro de 2020, por meio do site oficial da SBPJOR e na lista de sócios, os vencedores do Prêmio Adelmo Genro Filho e as menções honrosas, representando diversas instituições, foram homenageados durante o 18º Encontro Nacional da SBPJor, realizado de 3 a 6 de novembro de 2020, em formato digital. Na categoria Sênior, a vencedora foi Sonia Virgínia Moreira, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Federal de Juiz de Fora (UFF), pela trajetória acadêmica e pelas contribuições no campo do Jornalismo. Nesta categoria a escolha é feita pela diretoria da Associação, a partir das indicações dos sócios.

Quanto aos premiados nas demais categorias, três prêmios foram para pesquisadoras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), incluindo a vencedora na categoria doutorado, Janara Nicoletti, e duas menções honrosas, uma na categoria Pesquisa Aplicada, indicada à Rita de Cássia Romeiro Paulino, Cárilda Emerim, Valci Regina Mousquer Zuculoto e Flávia Guidotti (em 2020, a categoria teve apenas uma menção honrosa), e a outra no Mestrado, à pesquisadora Luisa Tavares. Foram duas menções honrosas para a Universidade Federal Fluminense: Diogo Bugalho, na categoria Iniciação Científica, e Clara Bezerril Câmara, categoria Doutorado. Os demais vencedores e menções honrosas são oriundos de duas instituições do Nordeste: Alexandro Mota da Silva, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), vencedor na categoria Mestrado, e Marcos Carvalho Macedo, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), menção honrosa na mesma categoria; e de duas universidades do Sul, Taísa Teixeira Medeiros, menção honrosa em Iniciação Científica, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e Marlise Viegas Brenol, menção honrosa na categoria doutorado, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

No total, foram agraciados com o PAGF 2020 pesquisadores das regiões Nordeste, Sul e Sudeste. O resultado da premiação reflete o grande número de inscritos da região Sul, que no tópico a seguir será mais detalhado.

QUADRO 1 – VENCEDORES PAGF 2020

Categoria	Vencedor	IES*	Menção honrosa 1	IES	Menção honrosa 2	IES
Iniciação científica	Amanda Regina Rosa	UFSC	Diogo Bugalho	UFF	Táisa Teixeira Medeiros	UFSC
Mestrado	Alexandro Mota da Silva	UFBA	Luisa Tavares	UFSC	Marcos Carvalho Macedo	UFPE
Doutorado	Janara Nicoletti	UFSC	Marlise Viegas Brenol	UFRGS	Clara Bezerril Câmara	UFF
Pesquisa Aplicada	Não houve		Rita de Cássia Romeiro Paulino, Carlida Emerim, Valci Regina Mousquer Zuculoto e Flávia Guidotti	UFSC	Não houve	

*Instituição de Ensino Superior - IES

Elaborado pela autora

Quanto aos componentes das comissões julgadoras, podemos verificar também que há representantes de todas as regiões brasileiras, conforme Tabela 2, a seguir.

QUADRO 2 – MEMBROS DAS COMISSÕES DE AVALIAÇÃO

Categoria	Convidados/as	IES
Iniciação científica	Adriana Barsotti Vieira – Coordenadora Katarini Giroldo Miguel Maria Elisabete Antonioli	PUC-RJ UFMS ESPM
Pesquisa Aplicada	Josenildo Guerra - Coordenador Elaide Martins Ivan Paganotti	UFS UFPA UMESP
Mestrado	Frederico de Mello Brandão Tavares – Coordenador Edgard Patrício de Almeida Filho Marcelo Engel Bronosky	UFOP UFC UEPG
Doutorado	Iluska Coutinho (UFJF) – Coordenadora Ana Carolina Temer Roseli Fígaro	UFJF UFG USP

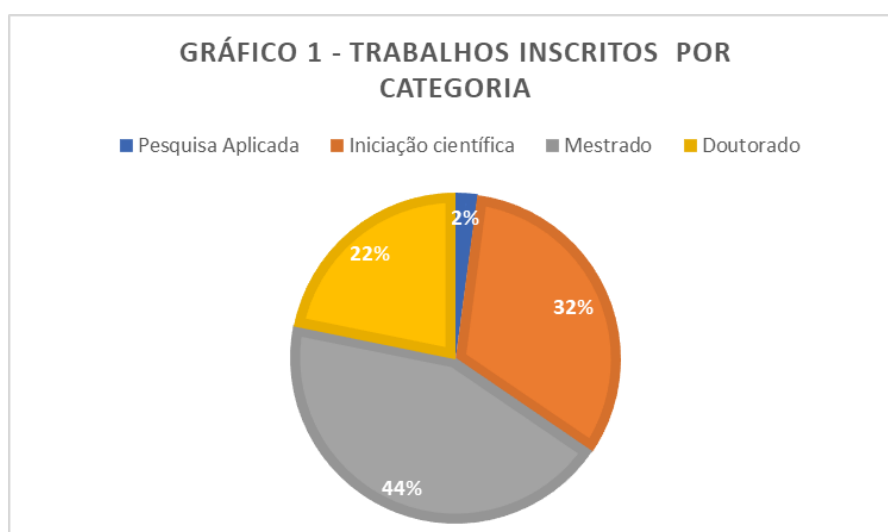
Elaborado pela autora

Para avaliação dos trabalhos, foram levados em consideração os critérios presentes na Ficha de Avaliação, mencionada no Regulamento do PAGF 2020. Foram sete quesitos, cada um recebeu notas de 1 a 5: 1) Relevância do tema; 2) Aderência do tema ao campo dos estudos em jornalismo; 3) Consistência da revisão da literatura; 4) Densidade do desenvolvimento teórico; 5) Solidez da metodologia; 6) Utilidade dos achados/conclusões; e 7) Domínio do discurso científico e redação fluente. Importante ressaltar que nenhum/a avaliador/a atribuiu nota a trabalhos da mesma instituição em que atuam. Nesses casos, a coordenação geral do Prêmio atuou como terceiro avaliador. Um dos pré-requisitos aos convidados nas comissões foi não ter trabalhos inscritos na mesma categoria de avaliação.

PANORAMA DOS INSCRITOS POR INSTITUIÇÃO E REGIÃO

O número de trabalhos inscritos no PAGF 2020 foi bastante expressivo nas categorias Iniciação Científica (46), Mestrado (62) e Doutorado (31), praticamente dobrou em relação ao ano anterior. Os trabalhos de Mestrado correspondem a 42% do total de inscritos, em seguida os de Iniciação Científica, equivalendo a 32%, e Doutorado, 22% das inscrições validadas. No caso das submissões na categoria Pesquisa Aplicada, apenas 3 foram validadas, uma vez que as demais correspondiam a trabalhos de conclusão de curso na graduação que não atendiam aos critérios da categoria, segundo o Regulamento do PAGF 2020. O gráfico 1 apresenta os dados referentes às inscrições.

GRÁFICO 1 – TRABALHOS INSCRITOS POR CATEGORIA



Elaborado pela autora

Ao analisar os dados do gráfico acima, podemos considerar que as participações nas categorias doutorado e mestrado correspondem ao contexto dos Programas de Pós-graduação em Comunicação no Brasil, que oferecem mais cursos de mestrado acadêmico que de doutorado. Dos 57 programas existentes no país em 2018, incluindo os cursos acadêmicos e profissionais¹ (ainda bem restritos), 32 deles oferecem mestrado e doutorado e 25 apenas curso de mestrado. Portanto, temos aí majoritariamente na pós-graduação stricto sensu 57 cursos de mestrado acadêmico e profissional, o que, de certa forma, mostra que o elevado número de trabalhos inscritos nessa categoria (62), em relação aos trabalhos inscritos na categoria doutorado (31), reflete esse contexto. Outra razão para o menor número de inscritos na categoria doutorado é o tempo maior para o desenvolvimento de teses.

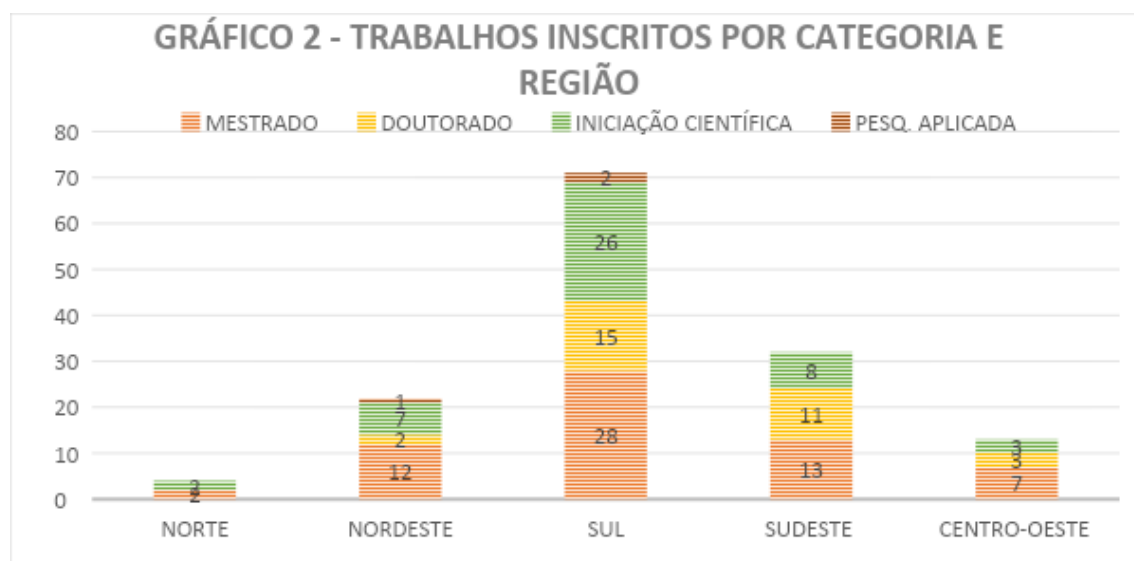
Quando observamos as instituições de origem dos autores que participaram do PAGF 2020, verificamos 55 instituições participantes, isso considerando os trabalhos de iniciação científica de autores oriundos de instituições que não oferecem programas de pós-graduação na área da Comunicação. Destas, destacam-se as que mais tiveram trabalhos inscritos: Universidade Federal de

¹ Os cursos de Mestrado Profissional somavam 11 no Brasil em 2018 (CAPES, 2019).

Santa Catarina - UFSC (16), Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (9), Universidade de Brasília - UnB (8), Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (7, Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG (7), Universidade Federal da Paraíba - UFPB (6), Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos (5) e Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (5). Das oito instituições que se destacam com maior número de trabalhos inscritos, cinco são da região Sul, entre elas, a UFSC, que criou o primeiro Programa de Pós-graduação em Jornalismo no Brasil, e a UEPG, que também oferece um mestrado com foco em Jornalismo. Já a UFRGS, UFSM e Unisinos não oferecem linhas de pesquisa em Jornalismo. Do total de 55 instituições, 25 tiveram apenas um trabalho inscrito, majoritariamente na categoria iniciação científica.

Ao verificarmos o número de inscritos por categoria e região, observamos que nas quatro categorias a região Sul participou com o maior número de trabalhos, 71 no total, em todas as categorias: pesquisa aplicada, 2; iniciação científica, 26; doutorado, 15; e mestrado, 28 inscrições. Em seguida vem o Sudeste, com 32 trabalhos; Nordeste, com 22; e Norte, 4, conforme podemos observar no Gráfico 2.

GRÁFICO 2 – TRABALHOS INSCRITOS POR CATEGORIA E REGIÃO



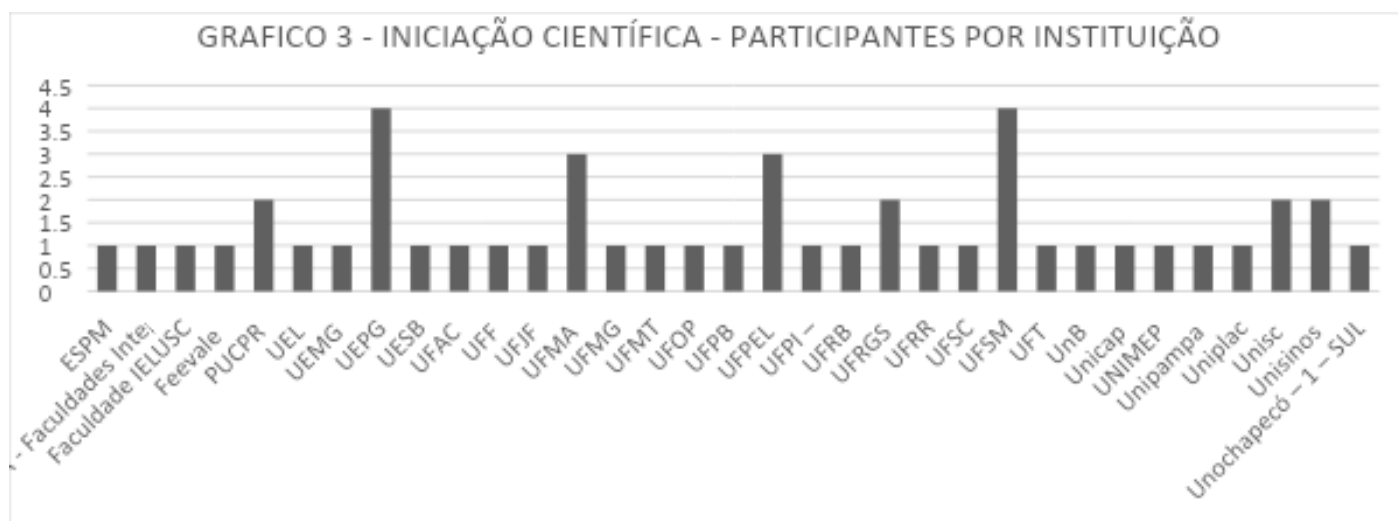
Elaborado pela autora

Embora o número de Programas na região Sudeste seja maior (conforme dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, 51% dos PPGs da área, incluindo Comunicação, Ciências da Informação e Biblioteconomia) estão nessa região - e a Comunicação represente em torno de 65% da área, ou seja, é majoritária, os trabalhos participantes com origem em instituições do Sudeste representam menos da metade das inscrições feitas pela região Sul (71). No caso do Nordeste, que possui 21% dos programas, portanto, a segunda região com maior número de cursos stricto sensu na área, o total de trabalhos representa 30% em relação aos inscritos por pesquisadores da região Sul. A região Norte não possui programa de pós-graduação em Comunicação

atualmente, sendo que os trabalhos encaminhados foram na categoria iniciação científica.

A seguir, apresentamos os gráficos 3, 4 e 5, que mostram as instituições participantes em cada categoria da premiação.

GRÁFICO 3 – INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PARTICIPAÇÃO POR INSTITUIÇÃO



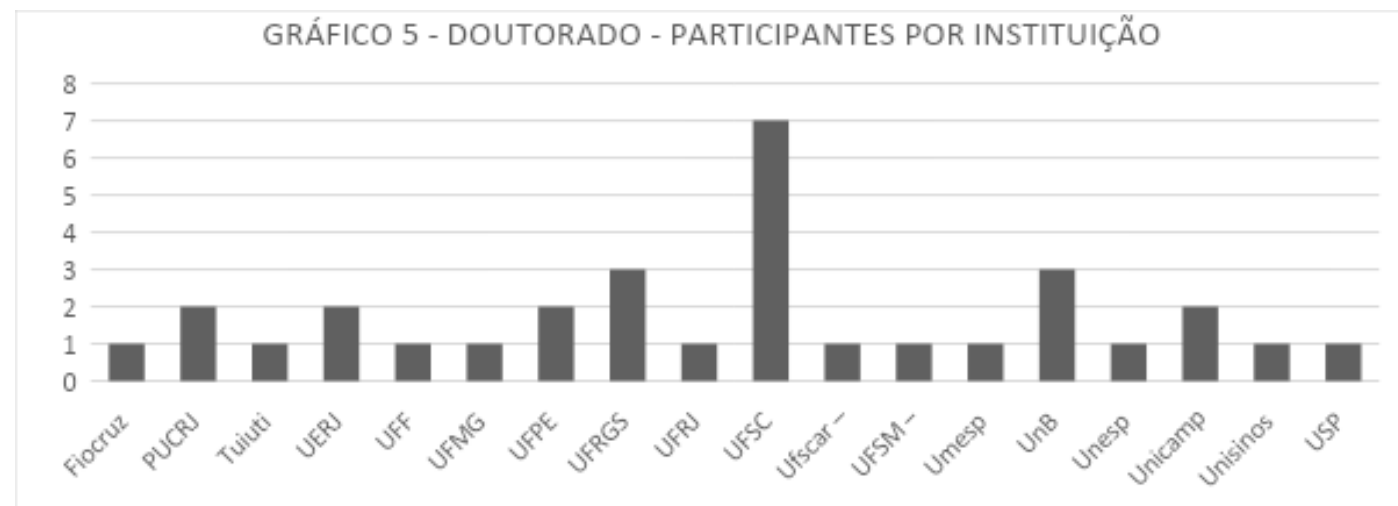
Elaborado pela autora

GRÁFICO 4 - MESTRADO - PARTICIPANTES POR INSTITUIÇÃO



Elaborado pela autora

GRÁFICO 5 - DOUTORADO - PARTICIPANTES POR INSTITUIÇÃO



Elaborado pela autora

Observa-se nos gráficos acima que em cada categoria há expressiva participação de instituições, sendo 71,4% públicas. No caso da iniciação científica, houve maior número de IES participantes, 33 no total, sendo 21 públicas. No Mestrado, foram 26 instituições, 21 públicas; e no doutorado, das 18 instituições participantes, 13 são públicas. No caso de pesquisa aplicada, 3 universidades participaram: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

APONTAMENTOS FINAIS

Os resultados apresentados aqui mostram que houve presença significativa de Instituições de Ensino Superior brasileiras no PAGF 2020, apesar da pandemia Covid 19 e das dificuldades decorrentes. Também nos aponta que cada vez mais é preciso incentivar a participação de pesquisadores em todas as regiões, tanto de programas de pós-graduação quanto de cursos de graduação em jornalismo. Sobre a categoria Pesquisa Aplicada, recém-incorporada na premiação e em fase de consolidação, observamos que a ampliação no número de programas profissionais e da política de indução da CAPES para que PPGs acadêmicos em Comunicação também possam apresentar trabalhos de conclusão híbridos, com eventual aplicação, poderão incentivar a ampliação de inscritos nessa categoria. A SBPJor, atenta a isso, iniciou ações de incentivo à pesquisa aplicada com a inserção da categoria no PAGF, como mesa de discussão no 18º Encontro Nacional da SBPJor e o diálogo com a comunidade acadêmica. Sem dúvida nenhuma, a experiência da coordenação geral do PAGF 2020 foi um grande aprendizado.

REFERÊNCIAS

CAPES. Documento de área. Área 31: Comunicação e Informação. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/comunicacao-pdf>, Acesso em 2 jun. 2021.

PESQUISADORA SÊNIOR

A pesquisa em Jornalismo: prática e ensino na construção do conhecimento e dos afetos¹

Sonia Virgínia Moreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Heloiza Herscovitz

Universidade da Califórnia – Long Beach (EUA)

Rosental Calmon Alves

Universidade do Texas – Austin (EUA)

Mediação: Marli dos Santos

Faculdade Cásper Líbero

INTRODUÇÃO

Marli dos Santos

A mesa temática "A pesquisa em Jornalismo: prática e ensino na construção do conhecimento e dos afetos" contará com a participação da Prof. Dra. Heloiza Herscovitz, da Universidade da Califórnia, em Long Beach, nos Estados Unidos, do Prof. Dr. Rosental Calmon Alves, da Universidade do Texas, em Austin, também nos Estados Unidos, e da Prof. Dra. Sonia Virginia Moreira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e vencedora do Prêmio Adelmo Genro Filho 2020 na categoria sênior. Meu nome é Marli dos Santos, sou professora da Faculdade Cásper Líbero e coordenadora geral do Prêmio Adelmo Genro Filho da Pesquisa em Jornalismo 2020, da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.

É um prazer enorme estar aqui com todos vocês. Primeiramente, agradeço a indicação da Diretoria da SBPJor para conduzir o Prêmio Adelmo Genro Filho 2020. Quero agradecer também às comissões que atuaram decisivamente e de forma muito empenhada na avaliação dos trabalhos e reiterar os parabéns aos ganhadores. Nesse momento, passo a falar da nossa homenageada nesta mesa. Tem muito a ver com a trajetória da professora Sonia Virginia Moreira, que ao longo de sua trajetória acadêmica teve diversas contribuições à pesquisa em Jornalismo.

Esta é uma categoria especial do Prêmio Adelmo Genro Filho, diferenciada em relação às demais, porque está relacionada exatamente com a trajetória, a contribuição de uma pesquisadora ou de um pesquisador na área do Jornalismo. Há indicações que ocorrem a partir dos sócios da SBPJor e posteriormente a Diretoria e o Conselho Científico deliberam sobre o pesquisador ou a pesquisadora que será homenageada, que será o vencedor ou vencedora da categoria. Há uma linhagem de importantes nomes como premiados, é realmente uma premiação muito relevante e, neste momento,

¹ Mesa em homenagem a Sonia Virginia Moreira, pesquisadora premiada na categoria sênior do Prêmio Adelmo Genro Filho 2020 – 03 de novembro de 2020

eu diria que tenho o privilégio de estar com uma representante da Pesquisa em Jornalismo no Brasil que fez um trabalho com uma representante da Pesquisa em Jornalismo no Brasil que fez um trabalho muito importante em sua carreira, como pesquisadora, como professora, mas também como uma incentivadora da internacionalização.

Tanto no Conselho Científico da SBPJOR, no período de 2007 a 2009, quanto na Diretoria, como vice-presidenta da entidade no período de 2013 a 2015, a professora Sônia Virgínia fez um empenho importante na internacionalização. Isso tem a ver muito com a sua formação. Ela é mestra em Jornalismo pela Universidade do Colorado, nos Estados Unidos. Em 1981 ela se tornou mestre e isso já indicava um caminho para a internacionalização, esse reconhecimento de que é importante o intercâmbio, de que é importante conversarmos entre os pesquisadores brasileiros e os pesquisadores de fora, de maneira que possamos efetivamente contribuir e evoluir na pesquisa em nossa área. Atualmente, a professora Sonia Virginia Moreira é membro do Comitê Gestor do World Journalism Education Council, representando a América Latina. É pesquisadora sênior de duas redes internacionais de pesquisa, a World of Journalism Store, da Universidade Luís Maximiliano, de Munique, na Alemanha, e da International Media Concentration Research Project, da Universidade de Columbia, em Nova Iorque, nos Estados Unidos.

Merecem destaques ainda a atuação da professora como membro permanente do Conselho Curador da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, a Intercom, onde eu a conheci em um momento de homenagem ao professor Manuel Carlos Chaparro. Sonia Virginia Moreira é docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e foi professora visitante da Universidade Federal de Juiz de Fora entre 2018 e 2020. Eu poderia continuar falando muitas coisas, pois o currículo de nossa homenageada é enorme, mas irei passar a nossos dois convidados ilustres que participam desta mesa.

A primeira convidada é a professora Dra. Heloiza Herscovitz, titular do Departamento de Jornalismo e Relações Públicas da Universidade da Califórnia, em Long Beach, nos Estados Unidos. Heloiza Herscovitz é doutora pela Universidade da Flórida e foi professora concursada da Universidade Internacional da Flórida, em Miami, onde dirigiu o primeiro mestrado em espanhol para jornalistas latinos. Antes da sua carreira como pesquisadora nos Estados Unidos, atuou como profissional de redação e como professora na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), em Porto Alegre.

Foi uma das primeiras pesquisadoras da sua geração a analisar as rotinas dos jornalistas em redações brasileiras e possui relevante produção na pesquisa em Jornalismo. Nos dois últimos anos, Heloísa foi membro da diretoria da Association for Education in Journalism and Mass Communication, organização que reúne o maior número de pesquisadores da área nos Estados Unidos.

Nosso segundo convidado é o professor Rosental Calmon Alves, professor titular e dirigente da Cátedra Knight de Jornalismo na Escola de Jornalismo e Mídia da Universidade do Texas, em Austin, nos Estados Unidos. Rosental Calmon Alves foi fundador e diretor do Centro Knight para o Jornalismo nas Américas. Antes de trilhar a carreira acadêmica nos Estados Unidos, também teve uma atuação bastante importante nas redações brasileiras durante 27 anos. Atuou como docente no Brasil na Universidade Federal Fluminense (UFF) e na Universidade Gama Filho. Atualmente preside o Conselho do Prêmio de Jornalismo Maria Moors Cabot, na Universidade de Columbia, e participa como membro do conselho da Nieman Foundation for Journalism, na Harvard University, e do International Consortium of Investigative Journalists. Além disso, Rosental Calmon Alves é membro dos conselhos de empresas jornalísticas como o Texas Tribune, o Ciper Chile, o Nexo Jornal e a Agência Pública.

"A PESQUISA EM JORNALISMO: PRÁTICA E ENSINO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E DOS AFETOS", POR HELOIZA HERSCOVITZ

Estou muito feliz de estar aqui por causa da Sonia Virginia Moreira, que para mim é sempre a Soninha, de tantos anos que nos conhecemos. Acho que começamos a carreira quase na mesma época, Sonia trabalhava no rádio. Acredito que eu estava no Estadão naquela época. Tivemos uma longa carreira, acabamos as duas se tornando acadêmicas, as duas nos Estados Unidos, em diferentes momentos, em diferentes universidades.

Fiquei pensando no que eu deveria falar considerando o tema da mesa. O objetivo da pesquisa geral em Jornalismo que vemos nos Estados Unidos, na Europa, na América Latina e no Brasil, que faz tanta pesquisa (é uma coisa impressionante a quantidade de pesquisa que se produz no Brasil), é sempre repensar o Jornalismo. O jornalismo muda muito rápido e estamos sempre correndo atrás tentando entender esses fenômenos.

Outra coisa que penso, que fico sempre a refletir em minha cabeça, é se tem como o Jornalismo ser melhor do que a sociedade em que ele atua? Estou perguntando, pois não sei a resposta. Já tiveram pesquisadores americanos que disseram que não. Eu não sei, acredito que países como o Brasil, como o próprio Estados Unidos, nessa situação terrível que está vivendo hoje [novembro de 2020], aliás, hoje é dia das eleições nacionais por aqui. A imprensa está tentando ser um pouco melhor, a imprensa de credibilidade tentando ser um pouco melhor do que o próprio público. No Brasil também, talvez esse fenômeno esteja acontecendo e seja um bom elemento de pesquisa. Minha pesquisa em geral tem focado nessa área, que é um pouco a área da Sônia Virgínia Moreira: estudar as rotinas e as características dos jornalistas nas redações.

De certa maneira, divido a minha pesquisa em outras áreas também, que é tentar identificar o processo de agenda-setting, processo que determina a agenda, o poder da agenda da imprensa de determinar o que é que as pessoas estão falando. A metáfora Gatekeeping, da década de 1950, que até hoje não foi embora, continuamos a falar nisso, hoje há muito mais pesquisadores, vem evoluindo. Mas se lermos os estudos dos anos 1950, de duas pessoas, o David Manny White e o Warren Breed, junto com outras tendências que pegam toda essa área sobre como entender o Jornalismo, as consequências da mudança do impresso para online, o rompimento dos portões, dos gatekeepers por causa das redes sociais, uma coisa que ainda me preocupa bastante. É nesse sentido que temos feito ao usar basicamente essas teorias que já existem há tantas décadas, mas acho que o campo do Jornalismo é lento para criar novas teorias. Testamos e retestamos teorias antigas, que fazem sentido, mas não produzimos muita teoria, produzimos muitos estudos, mas pouca teoria.

Isso talvez indique que produzir teoria é mesmo muito difícil. A realidade mudando do jeito que muda, assim tão rápido, torna ainda mais difícil. Pois a realidade se expande, se contrai, às vezes de quatro em quatro anos muda completamente, como vemos no Brasil, como vimos recentemente nos Estados Unidos. As expressões mudam e fica aquela coisa de que minha pesquisa agora vai ficar dentro ou eu terei que mudar? Porque a realidade está mudando muito rápido, como eu faço? Estou aqui me concentrando mais na teoria. Percebemos que usamos teorias que vêm de culturas muito diferentes, de onde elas foram geradas. Usamos – eu uso – muitas teorias americanas, pois a minha formação acadêmica foi nos Estados Unidos. Existem muitas teorias europeias e na América Latina, muitas pessoas misturam essas duas tradições e readaptam. Mas, às vezes, precisam aparecer mais teorias locais. O Silvio Waisbord vai explicar muito isso nos livros dele. Ele acha que a América Latina precisa produzir mais teorias originais. Já tiveram muitas teorias nas décadas de 1950, 1960 e 1970 na América Latina, principalmente, mas elas não ganharam o mundo. Ficaram muito restritas à ideia de que temos de produzir mais teorias que informem sobre nossa pesquisa e teorias que estejam ligadas aos problemas locais de cada lugar. Acho que é uma coisa muito importante para pensar. A tradição americana, na qual fui educada, ensinou-me a selecionar um tópico, um ângulo da realidade, e explorar aquilo em detalhe, mas, de certa forma, é desconsiderar o contexto do que eu vejo. No Brasil, por exemplo, e em outros países da América Latina, olha-se mais o contexto geral. Para entender, acho que o latino-americano tem essa tendência de tentar entender o contexto geral, pois o nosso contexto geral é complicado. Mas, por outro lado, não estuda tanto os detalhes, então às vezes faltam os dados. As duas maneiras de pensar possuem vantagens e desvantagens.

No Brasil, temos também uma tradição que foi a do jornalismo europeu, francês, durante 150 ou 200 anos de influência mais ou menos, até a Segunda Guerra, quando começou a influência americana. Eu ainda vejo essas boas influências no jornalismo brasileiro. E tem-se muita opinião, não se separa

tanto a opinião de notícia. E vejo também a má interpretação da influência americana, quando se copia o que os americanos fazem. Não pensamos como eles, nem vivemos como eles, então se produz um Jornalismo que também acaba não atendendo muitas das necessidades dos leitores. Lembro-me muito, pois aprendi sobre isso com o saudoso Alberto Dines, com quem sempre conversava. Ele me falava muito disso, escreveu também bastante sobre isso. Lembro-me muito de falar sobre isso com uma pessoa que todos respeitamos muito, o José Marques de Melo, que é nosso “founding father” no Brasil. Lembro-me de quando era mais jovem e ia me mudar para os Estados Unidos, Marques de Melo disse-me “vai fazer doutorado lá fora, minha filha”, ele sabia o que ele estava dizendo.

Então, voltando à pesquisa, considero que temos estudado há décadas o profissionalismo dos jornalistas brasileiros, a ética, como eles reagem, a liberdade, mas às vezes não nos damos conta de que outras variáveis que pesam. É uma das coisas sobre a qual tenho me preocupado hoje: o poder das empresas de jornalismo. Quem trabalhou em redação sabe que existe uma divisão entre o patrão e o empregado. Os jornalistas querem fazer um jornalismo de um jeito e os donos das empresas de jornalismo às vezes querem fazer o jornalismo de outro. Isso aparece pouco em pesquisa. Isso não aparece em pesquisa nos Estados Unidos. Mas, no Brasil haveria um prato cheio para estudar. Já foi feito também nos anos 1950 nos Estados Unidos, pelo Warren Breed, mas de certa forma foi abandonado. O Warren Breed era um jornalista, uma pessoa como eu, como a Sônia Virginia Moreira, como o Rosental Calmon Alves, saído de redação, criado em redação, e depois no meio acadêmico. O Warren Breed estudou o controle social nas redações. Ele queria entender como é que os jornalistas aprendiam as regras da casa, ele dizia que era por “osmose”. Você não chega numa redação e eles te dizem “olha, está aqui o nosso manual de redação, leia que você vai entender tudo como que funciona aqui”, até pode ser que façam isso, mas aprendíamos em silêncio, observando. Eu senti isso no Estadão, na Gazeta Mercantil, na RBS, no Zero Hora. Era algo como “pergunte menos e observe mais” para você entender como é que funcionava esse aprendizado.

Outra coisa que queria falar é como observo o Jornalismo, a pesquisa em Jornalismo, como um diamante com muitos lados. É como se a luz batesse e a cada momento resolvemos prestar atenção num foco de luz, num lado desse diamante. É muito difícil olhar tudo, por isso que é bom termos uma conferência como esta, onde discutimos tantas coisas e ao final podemos sair com um conhecimento mais completo. Os desafios são muitos para se entender o Jornalismo, há muitas dimensões, a estética, a ética, a política, muitas coisas que são difíceis de se traduzir em pesquisa. No meio de tudo isso quem fica atônito não somos nós, os pesquisadores, talvez nem os estudantes de pós-graduação, mas o leitor, a audiência, que está sempre perdendo o bonde ou o trem do que que está acontecendo. As pessoas não entendem muito bem o que está se passando e isso é normal, eu diria que é uma audiência atônita, que não sabe muito bem o que está lendo, se isso faz realmente sentido ou não. Em

geral, eu perguntava sempre para minha mãe quando estava estudando alguma questão no jornalismo brasileiro, perguntava o que ela achava disso. Minha mãe hoje está com 96 anos, bem velhinha, já está um pouco desligada da realidade, mas eu sempre dizia: “mãe, o que que está achando disso?”. Pois ela costumava me dar aquela perspectiva da dona de casa, de classe média, com suas aspirações, com suas críticas e com seus preconceitos. E isso era maravilhoso, pois minha mãe representava um segmento social muito forte que às vezes desprezamos. Eu achava que isso me informava com o pé na realidade. Minha mãe me contava sempre sobre o que aconteceu em Porto Alegre no dia em que Getúlio Vargas morreu, o que ela leu sobre isso, como era, o quanto as pessoas choravam nas ruas e se reuniram na frente do Pronto Socorro de Porto Alegre, que era um ponto de encontro das pessoas no bairro Bonfim, como os jornais estavam publicando. Mas eram coisas muito bonitas, que às vezes não aprendemos na pesquisa, que só aprendemos falando com as pessoas.

Por fim, outra coisa que gostaria falar, que é algo que me interessa muito e que certamente interessa aos que são familiarizados com o teatro – eu amo teatro –, é sobre a ideia de rompimento da “quarta parede”, que o Bertolt Brecht falava na época dele, junto com vários outros autores. Isso ocorria quando o ator parava a peça, porque a peça acontecia como se fosse um filme para o qual o público não existia, e o personagem olhava para a plateia e falava diretamente com ela. Rompia-se então a “quarta parede” e a relação mudava. Vejo hoje um rompimento da “quarta parede” com as redes sociais. As redes sociais romperam o processo de gatekeeping que vinha da mídia tradicional. A mídia tradicional teve que entrar para as redes sociais para poder sobreviver também. Hoje não existe essa quarta parede. Não sei se pode ser chamado de quarta parede, mas esse rompimento dos portões dos gatekeeping, dos jornalistas que definiam o que estava acontecendo e merecia ser noticiado, o que era a realidade a partir de um ângulo, já não existe mais. As pessoas se informam das maneiras mais variadas, como nos casos dos grupos WhatsApp, nos quais não sabemos o que as pessoas estão discutindo, às vezes aparecem alguns negócios estranhos. Acredito que tudo isso acontece hoje pelo rompimento dessa barreira. O leitor fala com a mídia, fala com outro leitor, as redes sociais pautam a mídia tradicional. A mídia tão poderosa num país como o Brasil e um pouco da mídia tão poderosa nos Estados Unidos, que são veículos como o New York Times e o Washington Post, antigamente, poderosos nos anos 1960, esta mídia deixou de ter tanto poder. Hoje todo o mundo virou mídia e todos nós somos um canal midiático, pequeno ou não, mas somos. Alguns de nós viram brands, marcas, e as pessoas seguirão nas mídias sociais, como uma fonte de informação, como as pessoas que seguimos no Twitter, por exemplo. Os políticos não precisam mais da mídia, eles podem falar direto com os eleitores, o que tem vantagens e enormes desvantagens. Acabou que todo mundo tem um certo poder, mas tudo muito diluído. Considero que este momento que vivemos hoje no Jornalismo e possivelmente no mundo todo é uma sugestão de tema a ser pensado.

Não quero tomar muito mais tempo, prefiro ouvir vocês os outros membros da mesa. Muito obrigada.

"A PESQUISA EM JORNALISMO: PRÁTICA E ENSINO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E DOS AFETOS", POR ROSENAL CALMON ALVES

Primeiramente, é uma honra participar aqui neste painel com pessoas queridas. Achei superinteressante o que a Heloiza Herscovitz falou. Pegarei carona depois no final de sua exposição, mas antes eu quero falar da Sonia Virginia Moreira. Estava pensando aqui se eu poderia dizer que eu sou o Pedro Álvares Cabral da Sonia Virginia Moreira. Porque foi mencionado eu era professor na Universidade Federal Fluminense e na Universidade Gama Filho. E foi nas manhãs luminosas do Rio de Janeiro, lá por 1974 ou 1975, mais ou menos, que eu conheci a Sonia Virginia Moreira como minha aluna na Universidade Gama Filho. E a Sonia me chamou tanta atenção que, aparentemente, se me lembro bem, a levei para ser estagiária da Rádio Jornal do Brasil. Não sei se a paixão da Sonia Virginia Moreira pelo rádio e pelo radiojornalismo começou ali, por causa da Rádio Jornal do Brasil, ou sei se ela já tinha isso quando estava lá em Mato Grosso ainda antes da divisão do estado, em Campo Grande, vindo para o Rio de Janeiro. Mas a Sonia, obviamente, se destacou na Rádio Jornal do Brasil como uma excelente jornalista e não me surpreendeu nada quando eu a vi anos depois como uma excelente pesquisadora. Se eu tivesse que fazer um show de televisão aqui nos Estados Unidos para falar da pesquisa e do Jornalismo no Brasil, o nome do show seria a “Sonia Knows”, ou seja, “Sonia sabe”. Mas como ela é dedicada ao rádio, não irei fazer um show de televisão, farei um podcast. “Sonia sabe”, pois Sonia Virginia Moreira é uma espécie de oráculo sobre o Brasil, sobre a pesquisa em Jornalismo no Brasil, sobre a educação do Jornalismo no Brasil, para todo mundo que está fora do Brasil.

A participação dela é internacionalmente reconhecida, não apenas como a Marli dos Santos tão bem mencionou, com um papel importante tanto na Intercom como na SBPJor em termos de internacionalização, mas é também um reconhecimento sobre como situar a pesquisa e a educação em Jornalismo no Brasil no contexto internacional. Vim aqui para Austin, nos Estados Unidos, há quase 25 anos e talvez tenha tido alguns momentos em que a Sonia já não me aguentava mais, e nem todos os gringos que eu mandava para cima dela para falar de pesquisa. Porque todo mundo vinha falar comigo sobre o Brasil e eu mandava todos eles para a Sônia. E com isso trabalhamos em alguns projetos juntos, como o “currículo modelo” – acho que se chama assim em português – da Unesco para o ensino do Jornalismo. Temos trabalhado juntos desde o comecinho do Congresso Mundial de Educação em Jornalismo e estamos no conselho desse Congresso. Os trabalhos internacionais da Sonia Virginia Moreira são realmente uma grande maneira de a pesquisa e de a educação em

Jornalismo no Brasil serem reconhecidos internacionalmente. Portanto, considero superlegal que este prêmio esteja reconhecendo isso, mais um prêmio para reconhecer Sonia Virginia Moreira.

Em termos de Estados Unidos, lembro-me também muito da participação dela no Colóquio de Comunicação Estados Unidos-Brasil, que é um evento importante, e do projeto Worlds of Journalism, no qual ela tem um papel superimportante. Mas a paixão da Sonia Virginia Moreira obviamente é o rádio. Trabalhamos juntos na Rádio Jornal do Brasil, na época da ditadura, onde tanto Sonia como eu tivemos a oportunidade de receber ligações da Polícia Federal, do agente Borges ou de quem estivesse lá, que nos passava notas de censura. Sofremos muito a situação da ditadura. Fico imaginando essa glorificação da ditadura que se tenta fazer no Brasil hoje.

Considero que a participação da Sônia em termos de Intercom e de SBPJor é uma espécie de retrato da vitalidade da Pesquisa em Jornalismo no Brasil. Fiquei muito feliz com a criação da SBPJor, em 2003, porque aqui nos Estados Unidos nós participamos – Heloiza Herscovitz e eu, ela mais intensamente do que eu, obviamente – da AEJMC, que é a Associação dos Professores e Pesquisadores de Jornalismo e Comunicação de Massa. É interessante a história dessa organização, pois ela começou como AEJ, Associação para a Educação em Jornalismo, e décadas depois, muitas décadas depois, eles aqui acrescentaram o MC, o “Mass Communication”, e durante muito tempo houve idas e vindas de movimentos internos nessa nossa querida associação para derrubar o “J”, o que era uma coisa absurda. Na verdade, muita gente, inclusive de gerações posteriores, como nós, ainda chamamos pelo apelido da organização, que é AJ. Todo mundo encurta para AJ. Mas ocorreu essa ideia de que o Jornalismo já não era tão relevante, que deveria sair do nome por causa do “Mass Communication”, obviamente não conseguiram, não passarão. O reconhecimento do Jornalismo está lá, sem prejuízo das outras áreas da comunicação.

É interessante notar isso, pois a tradição brasileira, como a Heloiza Herscovitz tão bem destacava, teve influência europeia. Não vem do Jornalismo, da pesquisa em Jornalismo propriamente, mas da pesquisa em Comunicação Social. Vem da outra influência da Unesco, pois essa influência que a Sonia Virginia Moreira participou tão ativamente diz respeito ao jornalismo, ao currículo de Jornalismo. A influência anterior era mais das Teorias da Comunicação Social, da Escola de Frankfurt etc., que teve um peso muito importante na construção do ensino da Comunicação no Brasil. Mas sentíamos falta desse foco na pesquisa em relação ao Jornalismo, por isso considero que a criação da SBPJor deu uma força muito importante para a área.

Curiosamente, quando a Marli dos Santos me apresentou, já utilizou o novo nome da minha escola aqui nos Estados Unidos, da minha faculdade, que em agosto de 2020 teve uma alteração. Ao invés de ser Escola de Jornalismo, passou a ser Escola de Jornalismo e Mídia. É interessante essa evolução. Aliás, ministro uma aula desde 2011 sobre Jornalismo Empreendedor, que é minha

atual área. Eu vim para os Estados Unidos para dar aula de Jornalismo Internacional, o trabalho dos correspondentes estrangeiros etc., que é a área na qual passei 11 anos como correspondente do Jornal do Brasil no exterior. Mas vim justamente quando acabava de lançar o Jornal do Brasil na web, em 1995. Em 1997 comecei a ministrar aulas de Jornalismo Online. Em 2011, quando todo mundo já estava dando aula de Jornalismo Online e eu não era mais aquele bicho estranho que só falava de digital, pensei em dar aula sobre outra coisa. Havia algumas, talvez uma dezena de faculdades aqui, que tinham o curso de Jornalismo Empreendedor. Como trazer para a Escola de Jornalismo, para o Jornalismo como indústria, um pouco da cultura das startups de tecnologia que começavam a dominar o mundo? É engraçado que eu ministrava aula de Jornalismo Empreendedor e passei a notar que havia uma queda no número de alunos interessados nesse tema. Então, mudei o nome, é a mesma aula, mas alterei de Jornalismo Empreendedor para Inovação e Empreendedorismo na Mídia, em inglês, Mídia Innovation and Entrepreneurship, e agora tenho lista de espera na aula. Estou falando isso para ver a complexidade do Jornalismo como uma subparte, mas também a origem do estudo acadêmico e como na nossa escola sentiu-se a necessidade de colocar “mídia” no nome.

Em termos de pesquisa, só para ir um pouco de encontro ao que a Heloiza Herscovitz falou tão bem, sobretudo se referindo à revolução digital e o que ela representa, queria dizer que, como tive a sorte de ter tido um “a-ha moment”, uma luz lá por 1988, quando estava estudando em Harvard e participei de um seminário de um dos fundadores do MIT, no Media Lab, sempre fiquei, desde aquela época, com essa ideia do que viria em termos de revolução digital. Faz mais de 20 anos que venho falando – antes, como algo que viria a acontecer e, hoje, como algo que já está acontecendo – dessa ideia de mídia. Publiquei um artigo numa revista científica britânica, em 2001, sobre uma apresentação minha em uma conferência em 1999, na qual eu dizia que a revolução digital iria destruir o sistema midiático existente na era industrial. Não que a mídia iria desaparecer, mas que seria substituída por outro sistema midiático, do qual não fazíamos ideia muito precisa de como – ou o quê – seria.

Acredito que isso é mais ou menos o que a Heloiza Herscovitz descreveu ao final de sua fala ao dizer que cada um de nós virou uma mídia em potencial. A verdade é que outra coisa que eu também vinha dizendo há uns 15 anos era que passaríamos da era dos meios de massa para a era da massa de meios. Porque não só cada um poderia vir a ser um meio de comunicação, mas o fato de que os meios de comunicação de massa teriam que se adaptar a essa proliferação de outros meios que gerariam a desintermediação. O que eu realmente não percebi é o quão perigoso isso poderia ser, sobretudo nas sociedades democráticas, onde – com todos os defeitos – o filtro jornalístico, a ética e a deontologia jornalística, a disciplina da verificação, levaram que existisse alguma noção de comum, de conhecimento comum. Ou que a desagregação disso, através dessa massa de meios, levaria a

tentações autocráticas como vemos aqui nos Estados Unidos, com Donald Trump, aí no Brasil, com Jair Bolsonaro, e em outros lugares da América Latina, por exemplo. Chame-me muita atenção hoje o presidente de El Salvador, que é um pequeno país da América Central, mas que tem uma história de muita violência etc., e tem um jovem presidente que, com todas as letras, diz que o Jornalismo não é importante, que não é mais necessário, porque pode falar diretamente com as pessoas, sem o filtro do Jornalismo.

Nessa onda de autoritarismo, o Jornalismo passou a ser um alvo preferencial, estratégico e tático, pois eles não têm nem mais o pudor de disfarçar a necessidade de atacar e neutralizar o Jornalismo. É esse desprezo pela busca da verdade, pelo processo que o Jornalismo representa, que realmente é assustador, e então remete a uma necessidade de mais pesquisa em Jornalismo. Considero que a pesquisa em Jornalismo nunca foi tão importante para a sociedade, para o desenvolvimento da democracia, como mostra-se agora em áreas relativamente novas, como essas que envolvem a tecnologia, o papel da tecnologia etc. Ou em outras áreas, dentre as quais eu destacaria a alfabetização midiática, a media literacy, que é superimportante, pois fomos criados, fomos educados em uma sociedade em que o jornal ou o Jornalismo era uma operação vertical, pois somente nós detínhamos o poder de divulgar, de criar audiências etc. Estamos hoje em um cenário mais horizontalizado da comunicação. Naquele cenário verticalizado, assumíamos que todo mundo sabia o que era o Jornalismo, para que servia o Jornalismo. Não tinha muita reação das pessoas, como aqui nos Estados Unidos, contexto anteriormente conhecido como “audiência”, que era uma “massa amorfa”, e que hoje transformou-se em uma quantidade de meios ativos e agressivos. Por exemplo, dei uma entrevista para a Veja ontem, para o jornalista Matheus Leitão, e antes de entrar aqui nesta conferência estava verificando como os bolsonaristas estavam me matando no Twitter, só porque fiz uma pequena análise sobre o Donald Trump aqui nos Estados Unidos. Mas, enfim, essa horizontalidade mostra que muita gente não tem a menor ideia do papel que o Jornalismo exerce na sociedade democrática e pensávamos que as pessoas tinham. Eu ouvi do presidente do New York Times, do publisher do veículo, dizendo aqui em Austin, um ano e meio atrás, que ele se assustou ao perceber que havia leitores do New York Times que não sabiam o que era deadline, a procedência. Se a matéria começava mencionando uma cidade ou um lugar, é porque o jornalista estava lá, o jornalista não estava escrevendo em New York, por exemplo. Então, se algum leitor do New York Times não tem ideia disso, imaginem o resto da sociedade.

Eu fico por aqui, com as minhas homenagens a Sonia Virginia Moreira, e espero que tenha contribuído com o debate.

"A PESQUISA EM JORNALISMO: PRÁTICA E ENSINO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E DOS AFETOS", POR SONIA VIRGINIA MOREIRA

Gostaria de agradecer novamente a SBPJor. Na verdade, a proposta desta mesa foi uma ideia do Marcos Paulo da Silva, que me disse que poderia convidar alguém. Perguntei: “Posso convidar duas pessoas?”. “Pode!”. Então, é muito emocionante ter vocês aqui juntos neste momento, Heloiza Herscovitz, a quem chamo de Helô, e Rosental Calmon Alves, agradecer muito aos dois. Irei retomar um pouco do que a Heloiza tão bem falou, do Rosental dizendo coisas muito importantes. Vamos recuperar daqui a pouco e debater, mas antes preciso fazer um pequeno intervalo para falar dos afetos.

Gostaria de agradecer a Heloiza, nos conhecemos em São Paulo, quando ela estava no Estádio e me foi apresentada por uma amiga. Agradecer ao Rosental, pois é como ele disse, pelas manhãs luminosas, muitas vezes quentes na Universidade Gama Filho, no bairro da Piedade, em uma época em que ainda era fácil andar de trem no Rio de Janeiro. Ia de carona e voltava de trem, era um momento muito legal e, sim, Rosental, no meu início na Rádio Jornal do Brasil fui levada por você. Depois das férias em Mato Grosso, você basicamente me obrigou [risos], mas ali começou uma história e foi uma história de amor. E gostaria de agradecer novamente à SBPJor, na figura da Marli dos Santos, que está aqui representando a Associação, ao Marcos Paulo da Silva, como presidente, à Diretoria Executiva, ao Conselho Científico. Eu sei que ter o nome escolhido remete a uma linhagem. Para mim, é uma coisa muito importante, acho que para qualquer pessoa, para qualquer pesquisador de Jornalismo, pois fazemos pesquisa sem pensar em nada disso, pensamos em resolver os problemas que aparecem – e eles aparecem aos montes.

Para não me perder, fiz quatro anotações, pois gostaria de falar de afeto. Aconteceu algo no dia 30 de outubro de 2020, faz três dias, recebi duas mensagens por lugares diferentes. Não considero que não existam coincidências, pois o afeto está em todo lugar. E nesse dia 30 de outubro, recebi dois avisos. O primeiro foi a notícia do lançamento de um livro chamado “Afetos na Pesquisa Acadêmica”, do Jean-Luc Moriceau, uma edição muito bonita, tanto na forma e como no conteúdo, pelo selo editorial do Programa de Pós- Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais. Nesse livro, reúne-se três ou quatro encontros do professor com alunos e docentes do programa. O texto do primeiro capítulo, que se chama “Afetos e modos de pensar a Comunicação”, tem tudo a ver com esta conversa. Eu iria fazer outra coisa aqui, um balanço de textos produzidos em pelo menos dois programas de pós-graduação para termos uma ideia do que fazemos hoje, no Brasil, em termos de pesquisa em Jornalismo. Mas aí, no dia 30 de outubro, essas duas notícias me tiraram desse caminho, o que fica para depois. Enfim, logo nas primeiras páginas do texto, o Jean-Luc Moriceau fala de duas coisas muito legais, duas frases, que para mim tem tudo a ver com esta mesa. Primeiro, que a pesquisa

é guiada pelos afetos e requer, ao mesmo tempo, uma grande abertura aos outros e ao contemporâneo, ao trabalho de uma vida. É muito verdade para nós do mundo da pesquisa. Depois, há outra frase que diz: a pesquisa começa pelo menos com a teoria e o pesquisador, é mais um encontro com o outro, com o mundo, com o evento e com o que está vindo. E o autor faz várias considerações dessa nossa relação com o objeto de pesquisa. Mas, quando ele fala desse encontro com o outro, com o mundo, eu acrescentaria algo mais.

Fui lá atrás, acrescentei uma frase de João Guimarães Rosa que já tinha lido faz um tempo, de seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, para quem tiver oportunidade de ler é muito bonito. Em 1967, Guimarães Rosa homenageava João Neves da Fontoura, embaixador que ele sucedeu na cadeira da ABL. Uma coisa bonita, pois era real, ele teve uma longa conversa anterior com João Neves da Fontoura. Ele, mineiro, e o gaúcho João Neves da Fontoura, de Cachoeira do Sul, no Rio Grande do Sul. Em certo trecho, já no final do texto, depois de Guimarães Rosa contar toda sua experiência de vida, de dizer da conversa com o João, ele diz uma frase: “o mundo é mágico”. Então, nesta mesa, pensando no que o Moriceau diz sobre a pesquisa ser guiada pelos afetos, eu acrescentaria que a pesquisa também é mágica. Pois, nós gostamos de pesquisa e muitas vezes gostamos daquilo que fazemos, ainda que muitas vezes seja um desafio.

O segundo aviso que recebi no dia 30 de outubro foi a divulgação do primeiro episódio de “Vozes Giselistas: As Contribuições de Gisela Swetlana Ortriwano ao Radiojornalismo e à Comunicação”, uma série especial que a Rádio USP começou a transmitir no dia 1º de novembro de 2020, todos os domingos pela manhã. Vocês perceberam que estou fazendo um monte de publicidade, mas é de um livro e de um programa que são imperdíveis. A série tem 12 episódios, um projeto de pós-doutorado de Lourival Galvão Junior, supervisionado pelo Luciano Maluly, no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. É uma homenagem linda. Gisela foi uma pessoa excepcional, uma alma luminosa, uma pesquisadora com quem tive a oportunidade de conviver. Foi a autora do primeiro livro sobre radiojornalismo no Brasil, orientou muita gente, muitas pesquisas, até perto de sua morte, em 2003. Então, não posso deixar de voltar a Guimarães Rosa, naquele mesmo discurso da ABL, e dizer que as pessoas não morrem, ficam encantadas.

Essa seria a primeira parte do afeto, o reconhecimento de que existe afeto na pesquisa. No meu caso é interessante, pois a pesquisa começou antes da docência. Foi com um trabalho de investigação com o radialista da Rádio Jornal do Brasil, Luiz Carlos Saroldi, um estudioso de música popular brasileira, que fazia um programa fantástico chamado Noturno, na Rádio Jornal do Brasil AM, à noite, e chegava em todos os lugares do Brasil. Então, falar na Rádio Jornal do Brasil à noite era a garantia de ser ouvido no Brasil inteiro. Com o Saroldi, fomos atrás de material sobre a Rádio Nacional. Foi uma

pesquisa, mesmo, guiada pelo afeto, pela relação que tínhamos do convívio na redação – Rosental sabe bem disso! –, aquela voz bonita dele, sempre sonora, que estava ali na convivência conosco. Falo desse afeto com o Saroldi, mas também com um meio de comunicação, com a história da cidade do Rio de Janeiro e com a música popular. Eram três coisas que nos guiavam além do nosso gostar.

Aquele mundo se abriu para nós na pesquisa de um período histórico que depois se revelou muito difícil, pois em 1937, 45 dias antes do Estado Novo, a Rádio Nacional passou a ser o grande meio de comunicação do regime de Getúlio Vargas. A partir de 1939, com a Segunda Guerra Mundial, o Governo Vargas passou a fazer propaganda do Brasil no exterior, criando um imaginário musical do país, que é presente de alguma maneira até hoje. E estávamos ao mesmo tempo pesquisando e encontrando coisas muito bonitas da música popular brasileira da época, mas o regime também passou a censurar artistas, atores de teatro, programas etc. Vivíamos então com essa dualidade com o objeto que estávamos pesquisando naquele momento. Voltando ao Moriceau, o autor diz que muitas vezes aceitamos um desafio de reconhecer que aquilo que pesquisamos também pode nos incomodar. E devemos deixar ser incomodados, pois se o mundo nos incomoda, temos de saber traduzir. Talvez, como disse a Heloiza Herscovitz, a partir desses incômodos precisamos começar a fazer mais teoria do Jornalismo. Acredito que pode nascer muita coisa desses momentos também.

Depois, o terceiro ponto remete ao fato de existir o afeto no ensino, sempre! E esse afeto recebi do Rosental Calmon Alves. Adorei, por sinal, a referência a Pedro Álvares Cabral, essa eu nunca tinha ouvido. Na docência, também no meu caso, assim como a Heloiza disse, há uma influência muito grande do José Marques de Melo. Como chefe do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP, por volta da segunda metade dos anos 1980, ele criou cursos de aperfeiçoamento para professores de jornalismo. Ninguém fazia isso. Então, fiz parte da primeira turma, que tinha 10 alunos. E, vejam só, em aulas que eram conduzidas por Gisela Ortriwano. Foi naquela época, no inverno gelado de São Paulo, em 1986, que a experiência depois virou um livro chamado “Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais”, publicado pela Com-Arte, que era uma editora daquele momento, nos anos 1980. A Nélia Del Bianco também estava junto conosco, fazendo pesquisa como parte dessa turma. Estávamos lá juntas naquele momento, mais um afeto entre afetos que perduram.

Por fim, não poderia deixar de falar do afeto que existe nas orientações dos projetos de pesquisa. Sempre tenho de começar pela minha primeira doutora, Jacqueline Deolindo, que hoje mora em Campos dos Goytacazes, no norte do estado do Rio de Janeiro. Jacqueline é meu orgulho. Preciso mencionar também meu mestre mais recente, que é o Marlen Barbosa Couto, jornalista do O Globo que defendeu sua dissertação em setembro de 2020, uma pesquisa sobre o jornalismo nativo digital brasileiro e os novos arranjos econômicos, tema que aqui no Brasil é bastante estudado pela Roseli Fígaro e o pessoal do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho,

também da Universidade de São Paulo. Ele foi o mestre mais recente que formei. No meio disso, tenho de falar do Pedro Aguiar, que recebeu o Prêmio Adelmo Genro Filho do ano passado com a tese de doutorado que orientei sobre agências de notícias do sul global. Foi um trabalho incrível e minucioso. Mérito todo dele, detalhista, um belo trabalho. Jamais poderia imaginar estar aqui neste ano, porque no ano passado estava sentada no auditório da Universidade Federal de Goiás, Pedro no meio, ele entre duas Sonias, eu e a Sônia Aguiar, jornalista e professora, mãe dele, toda emocionada para receber o Prêmio Adelmo Genro Filho pela pesquisa de doutorado.

Minhas orientações em Jornalismo têm conversado muito com vários pontos da Geografia, principalmente com a Geografia Humana. A Geografia Humana é absurdamente moldada nas questões do Jornalismo. E na Geografia um ponto fundamental tem sido exatamente as questões locais. Há então dois aspectos interessantes da Geografia que considero nas orientações. Primeiramente, os próprios orientandos. Tenho orientandas do Rio de Janeiro: a Silvana Lemos de Almeida, que estuda a questão das jornalistas mulheres em risco na profissão, e a Simone Candida Lima, que pesquisa as ferramentas dos jornalistas nas rotinas de trabalho. Temos como recorte o Rio de Janeiro, então estamos ali na questão local.

Em Minas Gerais, tenho co-orientações muito generosas com os professores da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde eu vivi dois ótimos anos, trabalhando com os colegas Iluska Coutinho, Luiz Ademir e Paulo Roberto. São três co-orientandos. O César Martins estuda a questão do jornalismo local em cidades da Zona da Mata Mineira, pois se interessa muito pelos desertos de notícias e quer entender o que ocorre ali, que tipo de jornalismo é produzido na região. O Ricardo Rios tem um trabalho muito bonito de doutorado chamado “Descolonização às Avessas: como o Brasil voltou para países que foram colonizados por Portugal via programas de televisão”, estudando como temos “recolonizado” de alguma maneira esses países. Por fim, o Vítor Pereira, que trabalha com regulação da comunicação e do jornalismo nos países da comunidade de Língua Portuguesa. Do Maranhão, oriento a Thays Assunção Reis, que trabalha com o jornalismo em cidades médias brasileiras como zonas de influência. Essa problemática se traduz no jornalismo em cidades médias brasileiras usando uma base do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que trata de zonas de influência das cidades do país. Isto é, como aquela produção local, dessas cidades, chega em outras regiões que são, digamos assim, satélites? Ela desenvolve um estudo de caso de Imperatriz, no Maranhão.

De Mato Grosso, oriento a Antônia Alves Pereira, que faz parte de um projeto da CAPES que integra a UERJ e a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Antônia está trabalhando com gestão de comunicação nos cursos de Jornalismo, uma relação muito forte com o ensino de Jornalismo. Do Rio Grande do Sul, há o Alexandre Assmann, que está finalizando uma dissertação sobre a Agência Nacional do Cinema (Ancine) e a evolução e as transformações do mercado

audiovisual no Brasil. E, finalmente, de Moçambique há Arcénio Olíndio Luís Luabo, que veio há dois anos para a UERJ fazer doutorado. Ele trabalha com a lei da informação de Moçambique em um estudo comparado com a lei de informação do Brasil. Então vocês podem ver que nas várias latitudes há muitos afetos pelo meio.

Antes de terminar, faço somente alguns comentários com base nas falas da Heloiza Herscovitz e do Rosental Calmon Alves. Sobre o Jornalismo em autocracias, destaco o tema da conferência de Susanne Fengler na abertura deste Encontro da SBPJor, uma palestra fantástica para iniciar o congresso. Outro ponto comentado pelo Rosental, o tema da desintermediação, no qual ele destaca que temos vivido um lado perigoso, com certeza há perigo neste processo. Porém, outro lado também muito interessante que reconhecemos hoje no Brasil pode ser identificado em exemplos como o do Jornalismo periférico. Ainda que conceitualmente seja um tema complicado, é um âmbito no qual tem sido feito Jornalismo atualmente. Sobre a fala da Heloiza Herscovitz, achei linda a imagem de que a pesquisa em Jornalismo é um diamante. A depender do lado que olhamos, vemos coisas diferentes, cores diferentes, focos, isso é muito bonito. Considero que a pesquisa em Jornalismo é isso mesmo. Também concordo totalmente com o fato de a audiência estar atônita hoje, que é outra expressão que a Heloiza definiu falando do público.

Para finalizar, quero agradecer novamente aos convidados, pois é uma forma de encontrarmos em um contexto tão corrido no qual não conseguimos mais nos ver. E agradecer a SBPJor mais uma vez por nos dar esta oportunidade.

#JORConvergente: uma experiência com a tecnologia Progressive Web Apps (PWA)¹

Rita de Cássia Romeiro Paulino²

Cárlida Emerim³

Valci Regina Mousquer Zuculoto⁴

Flávia Garcia Guidotti⁵

INTRODUÇÃO

Tecnologia e Jornalismo sempre andaram juntas, muito embora nem sempre a relação entre as duas foi propositiva. Novas invenções que beneficiam a produção de conteúdos jornalísticos a partir de tecnologias implantadas ou assumidas, muitas vezes oferecem poucos resultados para os conteúdos, mas acabam influenciando na redução de empregos e, até, na superficialização da notícia, sem melhorias concretas ou maior aprofundamento do teor informativo da matéria. Na atualidade, porém, a tecnologia tem potencializado a divulgação e o alcance das diversas produções jornalísticas. O desafio, para os pesquisadores e pesquisadoras, é exatamente aproveitar as múltiplas possibilidades que a tecnologia e os processos de inovação têm ofertado e propor um modo de funcionamento que as utilize num mesmo produto.

Do ponto de vista social e ético, este movimento de agregar novas tecnologias aos produtos jornalísticos também encontra desafios na produção do conteúdo, tendo em vista os confrontos históricos da sociedade com o recrudescimento de ataques às liberdades de expressão e à imprensa, o enorme retrocesso nas defesas de direitos humanos e sociais. Não se pode esquecer que o Jornalismo, como campo específico de conhecimento bem como no da atuação profissional, está intimamente ligado a estes contextos e, naturalmente, se vê em crise, na tentativa de referendar seu importante papel nas sociedades democráticas, na fiscalização das ações em prol de um desenvolvimento sócio-cultural

¹ Este trabalho tomou como base e aprofunda o artigo intitulado #Jorconvergente: teoria e prática aplicada em tecnologia Progressive Web Apps (PWA), publicado na Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo (REBEJ). (PAULINO; EMERIM; ZUCULOTO, 2019)

² Doutora (PPGEGR/UFSC). Pós-doutora (RYERSON/Canadá). Coordena o LabProJor do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: rcpauli@gmail.com

³ Doutora PPGCOM/UNISINOS). Pós-doutora (UDESC/SC). Coordena o Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele) e o Projeto de Extensão TJUFSC, o telejornal universitário diário e ao vivo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: carlida.emerim@ufsc.br

⁴ Doutora (PPGCOM-PUCRS), Pós-Doutora (ECO-UFRJ). Professora do Curso de graduação e Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordena a Rádio Ponto UFSC e a Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor/SBPJor). Conselheira da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ). Integra a coordenação da Rede de Rádios Universitárias Brasileiras (RUBRA). Líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa). E-mail: valzuculoto@hotmail.com

⁵ Doutora (PPGE/UFPEL). Pós-Doutora (PPGE/UFPEL). Professora do Curso de graduação e Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordena o LabFoto. E-mail: flaviagguidotti.com

e econômico, potencializador da cidadania e do respeito coletivo.

É exatamente nesta direção que se coloca a proposta do #JORConvergente ao utilizar um experimento de cobertura de eleições para ensaiar possibilidades de narrativa multiplataforma e convergente na produção de conteúdo jornalístico e, ao mesmo tempo, reforçar o lugar de referência do jornalismo nos contextos críticos da contemporaneidade.

Neste artigo, fazendo as reflexões acerca dos resultados da experiência na Cobertura das Eleições Gerais 2018 realizada em conjunto pelas mídias e projetos do Jornalismo UFSC recorreu-se, sobretudo, às estratégias metodológicas de estudo de caso. Procedeu-se análises sobre a aplicação direta da tecnologia PWA na geração de um site/app, intitulado #JorConvergente, onde foram agregadas e veiculadas as principais produções em áudio, vídeo, foto e texto da Cobertura, publicada por cada mídia ou projeto na sua própria página e/ou redes específicas.

Para tanto, além desta introdução, o presente texto se estrutura apresentando a tecnologia em uso, refletindo sobre a experiência propriamente dita e, fechando, com as análises sobre os resultados e algumas prospecções de experimentos possíveis com esta ferramenta e processo.

O CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA

Antes de apresentar a experiência, é preciso explicitar que já é uma prática comum no Curso de Graduação em Jornalismo (JOR) e no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR) da UFSC, promover coberturas de eventos locais ou nacionais de forma conjunta, articulando projetos de extensão e pesquisa, mídias e redes sociais do JOR UFSC, como o telejornal TJ-UFSC, a Rádio Ponto UFSC, LabProjor, LabFoto, FotoLivre, Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele), Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa) e Jornal Laboratório Zero, para ofertar uma experiência de produção real. Isso porque se acredita que a prática da educação tradicional atualmente deixa uma lacuna no interesse dos alunos em sala de aula. Segundo Fiolhais e Trindade (1998), as ferramentas computacionais além de serem uma alternativa para preencher este espaço também são capazes de auxiliar na construção do conhecimento, podendo ser utilizadas para dar sentido a um novo conhecimento, interagindo com sentidos claros, estáveis e diferenciados, previamente existentes na estrutura cognitiva do aprendiz.

Segundo Davies (2002, apud FIOlhAIS; TRINDADE, 2003), as animações e simulações oferecem um enorme potencial para auxiliar os alunos na compreensão dos princípios das ciências naturais, mesmo sendo chamados de Virtual Labs. Na mesma linha, Ravishankar et al. (2014) considera os tablets como uma ferramenta pedagógica e sugere que esses dispositivos podem fornecer uma plataforma interessante para a criação de conteúdo de forma colaborativa e interativa.

Portanto, para um aprendizado mais eficaz para com os alunos em sala de aula, seres incluídos

nesta complexa atualidade mediada pelas telas audiovisuais, a experiência prática se faz importante e é, comprovadamente, uma ferramenta de consolidação do conteúdo curricular, trazendo mais resultados a partir do aumento do interesse e de engajamento.

Rost (2014) enfatiza que essas virtudes acabam sendo tratadas por meios da comunicação como qualidades positivas, um valor adicional concedido a um produto particular. As formas narrativas das histórias têm sido amplamente utilizadas para transmitir informações, valores culturais e experiências, mesmo considerando que as narrativas não são as principais maneiras de as pessoas dotarem o mundo de significado.

Assim, em 2018, ao se planejar a cobertura das Eleições pelos veículos do JOR UFSC, decidiu-se realizar a atividade experimental prática de aplicação direta da tecnologia PWA na geração de um app. Essa tecnologia oferece recursos da web que foram previamente reservados para aplicativos nativos. E no jornalismo mediado por telas táteis, as publicações exibem características que dão origem ao que Barsotti e Aguiar (2013) chamam de jornalismo centrado na lógica das sensações, "[...] não basta à notícia ser apenas lida, vista ou ouvida; ela é, sobretudo, sentida, experienciada pelas sensações, vivenciada ao máximo pelos sentidos" (BARSOTTI; AGUIAR, 2013, p. 297).

Neste cenário, segundo Barbosa (2004) e Barbosa et al. (2013), o surgimento de uma quinta geração de webjornalismo regida pelo fluxo horizontal e dinâmico potencializou os dispositivos móveis que agregam mídia impressa, rádio, televisão, sites e redes sociais em um contexto de convergência e não em oposição, como inicialmente imaginado. Portanto, pode-se assumir que a convergência e o jornalismo móvel são uma nova dinâmica para as notícias e processos de produção e consumo de conteúdo. Por isso, autores como Westlund (2013) enfatizam a urgência de se pensar em novos modelos para o jornalismo em face dessa cultura de mobilidade cada vez mais em curso.

Diante do que já foi descrito, reitera-se a necessidade do campo acadêmico em investir cada vez mais em pesquisas e experiências que possam potencializar o ensino e refletir numa formação profissional mais preparada para o enfrentamento destes contextos. O domínio de ferramentas digitais e de suas potencialidades e aplicabilidades permite que estes profissionais possam entregar à sociedade um trabalho mais qualificado e alinhado às necessidades dos cidadãos. Seguindo esta lógica do processo prático de experiências decidiu-se aplicar um estudo sobre o conteúdo jornalístico multiplataforma e convergente, nessa experiência colaborativa de cobertura de Eleições, mais especificamente, nas Eleições Gerais de 2018. A proposta da experiência é a de visualização de conteúdo jornalístico em dispositivos multi telas a partir de tablets, smartphones e desktops. Assume-se aqui o termo multiplataforma considerando que tem uma nova linguagem reunindo o melhor da mídia impressa com a mídia digital: com conteúdo direcionado, personalizado e portátil empregando recursos multimídia, interativos e hipertextuais. Para Primo (2005), a interação não deve ser vista

como uma característica do meio, mas como um processo desenvolvido entre os agentes interagentes. O conteúdo dotado de uma condição interativa modifica a forma como são comunicados, recebidos e percebidos pelos consumidores, o que difere do modelo analógico de divulgação, acesso, escolha e compreensão de determinadas informações.

Nesse meio tempo, surgiu uma tecnologia para tornar o conteúdo móvel mais onipresente chamada Progressive Web Apps, considerada uma nova maneira de oferecer uma experiência de leitor de conteúdo multiplataforma (PAULINO; EMPINOTTI, 2019). A tecnologia consiste em experiências que combinam o melhor da web e o melhor dos aplicativos nativos, possibilitando assim uma adaptabilidade ubíqua com potencial para materiais jornalísticos e educacionais. Uma pesquisa desenvolvida pela Media Data em 2016 revelou que o Brasil encerrou aquele ano com 244,1 milhões de celulares e densidade de 118,04 aparelhos por habitantes. Os resultados mostram, ainda, que 90% das atividades realizadas pelo smartphone na área de comunicação estão relacionadas, principalmente, a chat e mensagens instantâneas (90%), redes sociais (87%), navegação na internet (87%), (85%), publicação de fotos e vídeos (73%) e acesso a notícias (71%). No ano seguinte, em 2017, o crescimento do uso de smartphones continuou na trajetória ascendente de acordo com a pesquisa do Reuters Institute Digital News Report (RIDNR, 2017). O estudo revela que mais pessoas estão usando o smartphone como um dispositivo para acessar notícias, enquanto é cada vez menor o número das que dependem de um computador desktop. À medida que os mais antigos fazem a transição do computador para o smartphone, os mais jovens começam a acessar as notícias por meio das telas pequenas

No contexto educacional, Heineck (1999) considera que muitos estudantes no período de escolaridade apresentam dificuldades em compreender e assimilar o conteúdo da forma física. Isso ocorre porque a maneira pela qual a informação é transmitida do professor para o aluno é muitas vezes inadequada. A didática tradicional distancia o conteúdo da prática, gerando desinteresse e desmotivação por parte de boa parte dos estudantes. Entre as vantagens dos tablets e de outros dispositivos móveis no ensino, está o seu tamanho, que é semelhante ao de um livro, a dispensa de conexão periférica (ou seja, sem necessidade de uso de plugues ou fios, onde o usuário ganha em autonomia), conectividade, tela multitoque e diversos aplicativos disponíveis ao consumidor (HENDERSON; YEOW, 2012)

Na instância tecnológica e processual, o recurso inovador oferece nova possibilidade técnica para produção de conteúdos interativos de formato multiplataforma com potencial de aplicar em sala de aula e exercitar a convergência midiática. Os *Progressive Web Apps* (PWA) são classes de aplicativos web ativadas majoritariamente por *Service Workers*.⁶

⁶ Um *service worker* é um script que seu navegador executa em segundo plano, separado da página da Web. Isso possibilita recursos que não precisam de uma página da Web ou de interação do usuário. Atualmente, eles já incluem recursos como notificações *push* e sincronização em segundo plano. Disponível em: <https://developers.google.com/web/fundamentals/primers/service-workers/?hl=pt-br>. Acesso em 16 fev. 2019.

MODOS DE TRABALHO OU SOBRE A METODOLOGIA

A atividade aqui desenvolvida é caracterizada por uma pesquisa experimental aplicada, uma vez que visa gerar conhecimento sobre o uso de uma nova tecnologia para conteúdos interativos. Através da prática, têm-se condições de avaliar a aplicabilidade na área jornalística e educacional. Entende-se que para ter condições de avaliar um processo ou qualidade do produto desenvolvido, a prática experimental é essencial na sala de aula, assim como preconiza José Moran (2015).⁷

O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente. Por isso a educação formal é cada vez mais blended, misturada, híbrida, porque não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano, que incluem os digitais. O professor precisa seguir comunicando-se face a face com os alunos, mas também digitalmente, com as tecnologias móveis, equilibrando a interação com todos e com cada um. (MORAN, 2015, p. 16)

A cobertura adequada de eventos/acontecimentos sociais requer muitos métodos e dados, assim o uso do pluralismo metodológico origina-se como uma necessidade. Considerando que a investigação da ação empírica requer: a) observação sistemática de eventos; b) inferir os sentidos desses eventos a partir das (auto) observações de atores e espectadores, além de distinguir três mídias, através das quais os dados podem ser construídos: texto, imagem e materiais sonoros. Dados formais reconstruem as maneiras pelas quais a realidade social é representada por um determinado grupo social, pois o que uma pessoa lê, observa ou ouve, a coloca numa categoria específica e pode indicar o que ela pode fazer no futuro. Por fim, do ponto de vista dos procedimentos, esta pesquisa pode ser classificada também como bibliográfica e de estudo de caso (SILVA; MENEZES, 2001, p.21).

APLICAÇÕES NATIVAS, HÍBRIDAS E PROGRESSIVE WEB INFORMAÇÕES.

Nativamente, segundo Paulino e Empinotti (2017), interfaces desenvolvidas para celular seguem padrões visuais relacionados às plataformas Android e iOS, pois elas apresentam bases de componentes visuais sofisticados, com efeitos e muitas características disponíveis para serem personalizadas. A primeira solução para desenvolvimento de aplicativos que rodam em diferentes dispositivos e plataformas foi uma aplicação móvel e híbrida. Nesta abordagem, os aplicativos são criados com uma combinação de tecnologias da Web, como HTML, *Cascading Style Sheets* (CSS), e códigos *JavaScript* (JS). Depois de algumas transformações, o código é hospedado dentro de um aplicativo nativo que usa um tipo de navegador móvel para executá-los. Em uma abordagem diferente e mais atualizada, o *Responsive Web Design* (RWD) usa o aplicativo da Web original, no entanto, presume desenvolvimento de aplicativos e que o design deve adaptar-se ao comportamento do usuário e ambiente (CARDIERI; ZAINA, 2018). Aplicações Híbridas requerem ferramentas como o *framework PhoneGap 2* para distribuir o aplicativo em lojas Android e Apple. Seu propósito é criar aplicativos nativos convertendo tecnologias da web como HTML, CSS e JS para uma determinada plataforma proprietária. No caso das aplicações nativas, elas são desenvolvidas com uma linguagem de programação de uma plataforma determinada, como o Java para o Android. O código já está compilado quando o aplicativo é instalado em um dispositivo, o que torna mais rápido quando comparado a aplicativos da *web*.

Na contramão desta linha de desenvolvimento surgiram os *Progressive Web Apps* (PWA) que tem como base uma tecnologia web, mas mantém recursos dos dispositivos móveis. Conforme o usuário desenvolve uma relação com o aplicativo web ao longo do tempo, ele se torna cada vez mais eficaz, por isso o termo *Progressive*. Ele é carregado com rapidez, mesmo em redes instáveis, envia notificações push relevantes, tem um ícone na tela inicial do dispositivo móvel e é carregado como uma experiência imersiva de tela inteira para conteúdos interativos ⁸. O *Progressive Web App* (PWA) é uma nova abordagem para o aplicativo com desenvolvimento proposto pela Google. Ele combina aplicativos da Web com recursos nativos de tecnologia, no entanto, de uma maneira diferente da abordagem híbrida móvel. PWAs são inicialmente apresentados como aplicativos móveis da web com RWD (com responsividade) e após a primeira interação do usuário, progressivamente, a interface deste se torna mais completa e semelhante a aplicativos nativos (CARDIERI; ZAINA, 2018). Os PWAs têm como características:

- 1) **Ser Progressivo** - Funciona para qualquer usuário, independentemente do navegador escolhido, pois é criado com aprimoramento progressivo como princípio fundamental.
- 2) **Responsivo** - Se adequa a qualquer formato: *desktop, smartphone, tablet*.
- 3) **Independente de conectividade** - Aprimorado com *service workers* para trabalhar off-line ou em redes de baixa qualidade.

⁸ <https://developers.google.com/web/fundamentals/codelabs/your-first-pwapp/>

- 4) **Semelhante a aplicativos** - Parece com aplicativos para os usuários, com interações e navegação de estilo de aplicativos, pois é compilado no modelo de *shell* de aplicativo.⁹
- 5) **Atual** - Sempre atualizado graças ao processo de atualização do *service worker*.
- 6) **Seguro** - Fornecido via HTTPS para evitar invasões e garantir que o conteúdo não seja adulterado.
- 7) **Descobrível** - Pode ser identificado como "aplicativo" graças aos manifestos W3C e ao escopo de registro do *service worker*, que permitem que os mecanismos de pesquisa os encontrem.
- 8) **Reenvolvente** - Facilita o reengajamento com recursos como notificações *push*.
- 9) **Instalável** - Permite que os usuários "guardem" os aplicativos mais úteis em suas telas iniciais sem precisar acessar uma loja de aplicativos.
- 10) **Linkável** - Compartilha facilmente por URL, não requer instalação complexa.

Incentivada pela Google, a designer Frances Berriman e o engenheiro Alex Russell da Google Chrome cunharam o termo "aplicativos progressiva web" para descrever aplicativos aproveitando novas funções suportadas pelos navegadores modernos, durante o lançamento da tecnologia em 2015. Muitos especialistas ainda são céticos com a nova tecnologia. Para Mike Elgan, da Computerworld EUA (2018), o desempenho bruto dos PWAs é geralmente menor que os aplicativos nativos além de serem, também, altamente isolados, impossibilitando o compartilhamento de recursos ou dados diretamente. De outro lado, entretanto, há uma aposta muito grande nessa tecnologia, por ela ser muito mais flexível, prova desta aposta é que marcas e organizações como Starbucks, Twitter, Burger King, Home Depot e NASA estão mudando para PWAs. Como é uma tecnologia nova e, ainda, em franco desenvolvimento, não vamos nos ater nas questões mais técnicas computacionais e, sim, na apresentação da experiência de aplicabilidade na área jornalística e educacional. Considera-se que toda a experiência com conteúdo interativo pode ser aplicada, reservando suas especificidades para a área do Jornalismo e da Educação, e que, o resultado de uma boa experiência de leitura e de imersão em conteúdos possa ser interessante para ambas as áreas.

Os sistemas de gestão de conteúdos na área do Jornalismo são aplicações muito utilizadas nas rotinas de uma redação de jornal ou até mesmo para a construção de um site, portanto, também de larga utilização por profissionais destas áreas. Uma característica de sucesso dos SGC são as interfaces intuitivas e amigáveis, dispensando um conhecimento mais técnico para publicar um conteúdo na internet. O sistema mais conhecido e usado mundialmente é o Wordpress, que ao longo dos anos se popularizou por manter duas versões *online* abertas ao público <https://br.wordpress.com/>, esta mais simplificada e de total acesso *online* e outra mais completa com mais possibilidades de customização

⁹ Em outras palavras, o shell do aplicativo é semelhante a um pacote de código que você publicaria em uma loja de aplicativos ao compilar um aplicativo nativo. Ele consiste nos elementos principais necessários para criar seu aplicativo, mas é improvável que ele contenha os dados.

<https://br.wordpress.org/>, mas com necessidade de instalação e de um servidor *web*. Na busca por plataformas e desenvolvimentos com os *Progressive Web Apps*, encontramos uma Plataforma de Gestão de Conteúdos (SGC) que utilizava a tecnologia das PWAs, chamado *GoodBarber*¹⁰, que integrou ao desenvolvimento duas maneiras de gerar aplicativos, uma nativa específica para dispositivos Android e Apple e outra com os *Progressive Web Apps*. Para esta experiência, a segunda opção foi escolhida e, por isso, será mais detalhada.

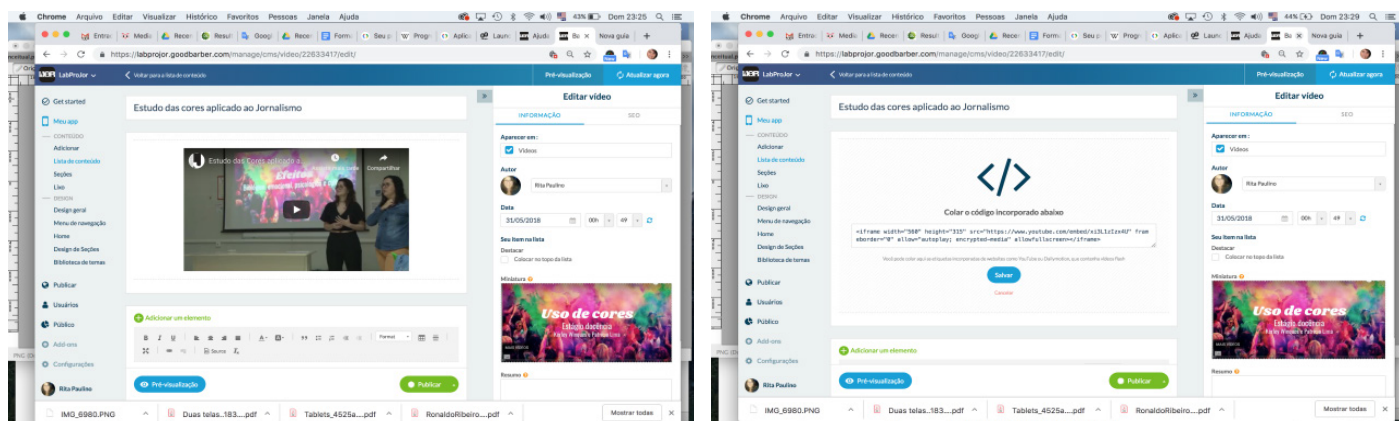
A Plataforma *GoodBarber* apresenta uma proposta de construção de aplicativos com o uso de Gerenciador de Conteúdo, que configura uma experiência de uso muito próxima a dos Sistemas de Gestão de Conteúdo para sites na internet, ideal para usuários não familiarizados com códigos. Este tipo de sistemática de publicação, gerada a partir de Sistemas de Gestão de Conteúdos, não requer o conhecimento da linguagem HTML5 por parte dos profissionais. Porém, os arquivos resultantes são gerados em html5, portanto uma aplicação de web e com característica responsiva. Esta facilidade de uso, aproxima ainda mais profissionais do Jornalismo, da Comunicação e da Educação que podem exercitar e praticar formatos diferenciados potencializados pelas ferramentas de Gestão de Conteúdos.

A maioria das Plataformas de Gestão de Conteúdo apresentam um leque de interfaces (templates) possíveis de se escolher e de aplicar ao conteúdo, o que facilita e reduz o tempo de desenvolvimento para uma publicação online. Outra funcionalidade característica de publicações web, é a incorporação ou embeds que podem ser agregadas em páginas com conteúdos. Esse recurso reduz o tamanho dos arquivos a partir do momento que um conteúdo embedado é acionado, ou seja é feita uma requisição através de um link para o servidor de origem da publicação para o conteúdo ser visualizado, não necessitando do arquivo físico.

Geralmente arquivos de Plataformas de redes sociais podem ser incorporados (Figura 1), fazendo com que a publicação em Apps seja um grande agregador de conteúdos publicados em outras Plataformas.

¹⁰ <https://pt.goodbarber.com/>

FIGURA 1: FORMULÁRIO DA PLATAFORMA DE GESTÃO DE CONTEÚDO GOODBARBER EM QUE UM VÍDEO ESTÁ SENDO INCORPORADO (EMBEDADO) DA PLATAFORMA YOUTUBE.



Fonte: *Prints* das autoras.

Para fotos, as publicações do Instagram e Facebook podem ser incorporadas nos Progressive Web Apps. Áudios e podcasts também pode ser embedados dos repositórios web¹¹ que disponibilizam códigos de incorporação para suas publicações, pois o compartilhamento é facilitado com estes recursos de incorporação. Vivencia-se um momento em que as Plataformas de Redes Sociais estão, cada vez mais, sendo usadas pelas empresas de mídias tradicionais para reforçar a distribuição de conteúdo e possibilitar uma maior participação do público. Este recurso de incorporação se torna um facilitador para distribuir conteúdo em duas pontas de origem e na própria página da publicação digital mobile — PWA.

UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA: #JORCONVERGENTE

Um desafio enfrentado nos cursos de graduação em jornalismo é atuar de forma conjunta com as diversas disciplinas midiáticas ou projetos de extensão de forma convergente. Geralmente, a prática de uma cobertura se faz de forma isolada, cada projeto atua conforme os seus objetivos e procedimentos. Esta é uma dificuldade comum que se verifica nesses cursos, em uma observação geral. Para criar um produto interativo e convergente necessitamos de diversos olhares midiáticos, culturais, formativos e atuar em conjunto para desenvolver um produto inovador.

Este foi o desafio deste projeto, que fez a cobertura das eleições presidenciais de 2018 contando com a participação de alguns projetos de extensão e mídias do Curso de Jornalismo da UFSC, todos atuando de forma convergente na tentativa de uma mesma publicação digital via mobile. Para tanto foi necessário uma adaptação das rotinas de produção e um certo treinamento das equipes para este desafio.

Silva (2014) já percebia este problema nas Redações de Jornais Portugueses ao verificar que o desenvolvimento de produtos móveis e, conseqüentemente, convergentes exige uma mudança nas

¹¹ <https://soundcloud.com/>, <https://www.mixcloud.com/>

rotinas produtivas e que nem sempre os jornalistas estão preparados para tais situações. O que não se difere na experiência acadêmica, afinal, se está no ano de 2019 e a cultura da convergência midiática ainda não é algo fácil de realizar, pois, conceitualmente, se verifica um entendimento por parte dos profissionais mas, na prática diária, nem sempre a produção é efetiva e conjunta, o que requer muito planejamento.

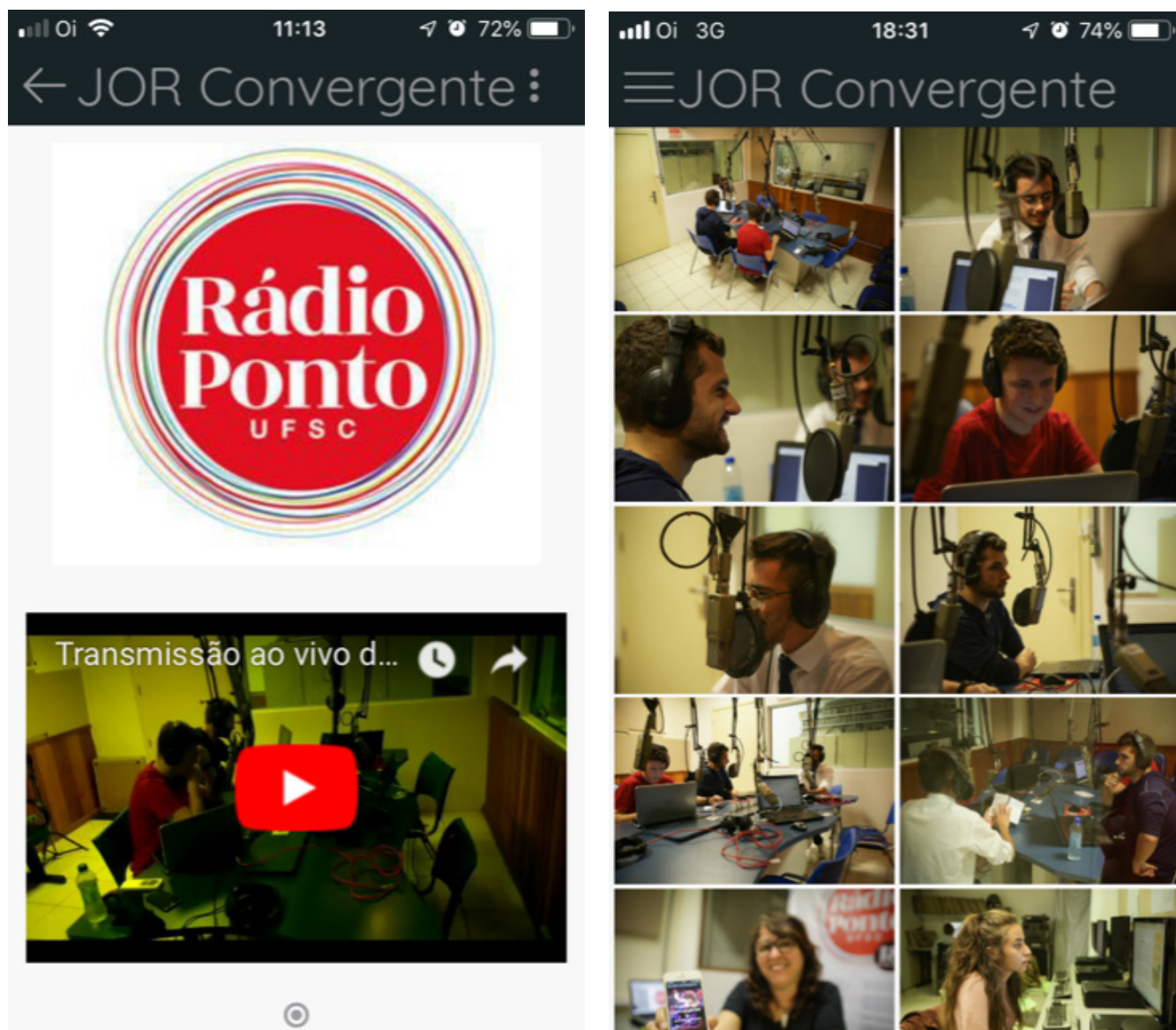
O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. Não são dois mundos ou espaços, mas um espaço estendido, uma sala de aula ampliada, que se mescla, hibridiza constantemente. Por isso a educação formal é cada vez mais blended, misturada, híbrida, porque não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano, que incluem os digitais. O professor precisa seguir comunicando-se face a face com os alunos, mas também digitalmente, com as tecnologias móveis, equilibrando a interação com todos e com cada um. (MORAN, 2015, p. 16)

Ainda, segundo a autora, a tentativa de definição do jornalismo móvel passaria pela incorporação de um fluxo de produção aberto e dinâmico, suportando uma agilidade de produção e distribuição de conteúdos a partir das tecnologias móveis. O conceito de convergência de Jenkins (2006) transita para o jornalismo móvel, pela dificuldade no processo do trabalho jornalístico e na articulação da distribuição através de diversos suportes.

O Projeto #JORConvergente tentou aproximar diversas áreas para desenvolver um produto único, embora na prática cada área tenha trabalhado conforme suas rotinas de produção e publicação. Os projetos trabalharam de forma isolada, mas conseguimos com a tecnologia PWA concentrar e dar visibilidade a todas as publicações produzidas para a cobertura das eleições em um único ambiente.

Ainda não consideramos um resultado ideal, acreditamos que o processo da Convergência vai mais além que uma simples publicação conjunta, necessita atender às dimensões tecnológicas, empresariais, profissionais e culturais que preconiza Salaverría e Negredo, (2008). Na prática, a dimensão tecnológica e profissional se depara com a falta de capacitação dos profissionais e o aprisionamento das práticas do “velho jornalismo” que demorou anos a cimentar, conforme o que constatou Silva (2014) na sua pesquisa em redações jornalísticas.

FIGURA 2: PROJETOS DE EXTENSÃO E LABORATÓRIOS QUE PARTICIPARAM DA COBERTURA CONJUNTA DAS ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018.



Fonte: *Prints* das autoras.

A atuação conjunta dos processos midiáticos, requer estrutura empresarial por parte da mídia tradicional e assimilação das mudanças internas para prospectar novos modelos de negócios. Este projeto de extensão desenvolvido para fazer uma cobertura convergente foi uma iniciativa didática para promover uma reflexão e uma prática sobre as possibilidades interativas multiplataformas. Para realizar a pesquisa, a equipe do LabProJor criou e operacionalizou toda a publicação conjunta em um ambiente com a tecnologia Progressive Web Apps, contando com a cobertura midiática de projetos de extensão e mídias universitárias do próprio JOR UFSC apresentados a seguir e com seus processos descritos em detalhes.

A Rádio Ponto UFSC¹², é uma webemissora do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, que funciona como projeto de extensão e estação laboratório, articulando ensino, pesquisa e práticas extensionistas, centralizou no dia 28 de outubro de 2018, uma

¹² <http://radioponto.sites.ufsc.br/sitenovo/> coordenada pela professora Valci Zuculoto.

completa cobertura do segundo turno das Eleições 2018, ao vivo e durante todo o dia. Com boletins de repórteres, programetes de contextualização, comentários de analistas políticos, a estação virtual acompanhou a votação e as apurações em todos os estados do país com segundo turno.

Desde a abertura dos locais de votação, pela manhã, até a divulgação dos resultados, no final da noite, as equipes de reportagem e produção informaram sobre a eleição em Santa Catarina e, via correspondentes especiais, nos outros estados com segundo turno. Estes correspondentes foram possíveis sobretudo pela parceria estabelecida com outras universidades, projetos, produtoras e emissoras da Rede de Rádios Universitárias do Brasil (RUBRA).

A programação cobertura da webemissora também acompanhou a votação para presidente no exterior, por meio de boletins de profissionais de outros países ou estudantes em intercâmbio. Incluiu, ainda, comentários e análises de professores e jornalistas de todas as regiões do país, para informações e reflexões sobre as eleições e o importante momento político que o Brasil viveu. Os analistas convidados, além da integração com a RUBRA, resultaram da parceria com a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), Sindicatos de Jornalistas e outras entidades e IES.

A cobertura, durante todo o dia 28 de outubro, foi transmitida ao vivo pelo site da rádio e suas redes sociais, onde em seguida, passou a ser disponibilizada, para acesso e download a qualquer momento. Na época, a Rádio Ponto UFSC transmitia e/ou disponibilizava toda sua programação cotidianamente no seu site <http://radioponto.sites.ufsc.br/sitenovo>; e nas suas seguintes redes sociais: www.facebook.com/radiopontoufsc/; www.mixcloud.com/discover/radio-ponto-ufsc; www.soundcloud.com/r-dio-ponto-ufsc; <https://twitter.com/radiopontoufsc>; <https://www.youtube.com/channel/UCJR6tiEsw99lsmnl2M0Sz0w>.

Atualmente, a transmissão, a circulação e o consumo de sua programação também são possíveis, sobretudo, no Spotify, em <https://open.spotify.com/show/3EapoWPQP4xOLLUAuJ3SXN>. O acervo está disponível nas principais plataformas de streaming, sendo, além do Spotify, Overcast, Anchor, Apple Podcasts, Google Podcasts, Radio Public e Pocket Casts. Nas redes sociais, é acessada pelo @radiopontoufsc e pelo seu [Linktree](#), pode-se encontrar todos seus endereços em um só lugar.

O Telejornal TJ-UFSC¹³ é um telejornal universitário produzido pelos alunos do JOR UFSC e supervisionado por professores e técnicos administrativos do Laboratório de Telejornalismo (LABTELE), tem se efetivado como uma das experiências mais exitosas em ensino de telejornalismo ao vivo, que privilegia o conhecimento intensivo da prática como método de qualificar e formar novos profissionais do jornalismo televisual. Criado em Abril de 2013, o TJUFSC tem site, canal no YouTube, Instagram, Facebook e Twitter e faz publicação das edições diárias não só nestas redes como também na TV UFSC, a emissora institucional da UFSC.

¹³ <http://tjufsc.br/>

Como projeto de extensão permanente do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele/UFSC/CNPq), alia o aprendizado adquirido nas diferentes disciplinas de telejornalismo com a prática intensiva de ao vivo, num telejornal diário, de curta duração, com exibições de segunda a sexta-feira, a partir das 18h. Além do trabalho dos alunos da graduação, os estudantes da Pós-graduação atuam no projeto como ombudsman e avaliadores, retornando aos estudantes reflexões e análises sobre suas performances e conteúdos, retroalimentando o aprendizado e fornecendo dados para pesquisas, para o aperfeiçoamento das rotinas e produções do telejornal e, ainda, para os modos de ensino/aprendizagem contemporâneos.

Para a essa cobertura eleitoral, transmitida ao vivo e em tempo real, o TJ UFSC experimentou uma nova proposta nas Eleições Gerais de 2018 no Brasil. Cabe ressaltar que a eleição mobilizou 117.364.560 (79,67%) eleitores, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e, cobrir esse evento tão importante e abrangente foi mais um desafio para o programa. A proposta partiu de uma experiência realizada anteriormente, de forma pioneira, pelo próprio telejornal, o Jornal Nacional Universitário, JNU, uma edição produzida em rede com universidades de cinco estados brasileiros. Assim, para a cobertura das Eleições 2018, foi retomada essa ideia e se expandiu a parceria com estudantes de Jornalismo de todo o país, nos principais centros eleitorais e, mais ainda, inseriu-se alunos intercambistas no exterior, estabelecendo uma rede de cobertura internacional. Em diversas localidades, os voluntários tiveram dificuldades para juntar estudantes de Jornalismo por falta de informação da população universitária do local. A solução foi recorrer às redes sociais, procurando publicações com links para as universidades e cursos pelo Brasil. Fora do país também havia votantes e, desta forma, procurou-se alunos que pudessem auxiliar na produção de conteúdo no exterior. A infraestrutura montada contou com uma redação central em Florianópolis que organizou 46 voluntários de 33 universidades espalhados pelo Brasil e por diferentes países. Os repórteres participaram de forma voluntária, gravando, nos dois turnos, cerca de 37 boletins com o próprio celular ou outros suportes, movidos pela vontade de informar e aprender telejornalismo na prática, com restrições de equipamentos, deslocamentos e produção. Essa rede permitiu que o TJ UFSC estivesse presente em diversas cidades, informando ao público diretamente do lugar em que a eleição estava ocorrendo.

Do ponto de vista técnico, o Facebook passou a ser o canal prioritário das postagens devido a agilidade de exibição e, depois, os outros canais recebiam o material em tempo real. Além destas reportagens em forma de boletim informativo ou stand-ups, as equipes do telejornal se revezavam em entradas ao vivo localizando o telespectador a cada mudança de situação ao longo de todo o processo eleitoral.

FIGURA 3: TELAS DO #JORCONVERGENTE COM CONTEÚDO PRODUZIDO PELOS PROJETOS.



Fonte: *Prints* das autoras

A cobertura fotojornalística contou com a colaboração de quatro pessoas que se dividiram para fotografar tanto a votação e a apuração das eleições, como o próprio processo de cobertura convergente. Nesse sentido, a professora e mais três bolsistas do Laboratório de Fotojornalismo estiveram empenhados em abastecer um perfil na rede social Instagram que permitia o acesso livre a partir de hashtags específicas relacionadas às eleições e ao Curso de Jornalismo da UFSC, como #jornalismoufsc, #eleicoes2018, #fotojornalismoufsc, #coberturaconvergente.

Além de estarem disponíveis no Instagram, as fotografias publicadas no perfil @jor_ufsc_eleicoes2018 também eram utilizadas nas matérias publicadas no App. Para a cobertura fotográfica foram utilizadas câmeras DSLR e telefones celulares que serviam tanto para a produção de fotografias e pequenos vídeos instantâneos, como para edição e publicação dos mesmos. O perfil @jor_ufsc_eleicoes2018 também publicou duas imagens esféricas feitas com uma câmera Ricoh Theta 360, utilizada no projeto de extensão Fotolivres360, e pequenos vídeos dos alunos trabalhando na cobertura,

bem como de algumas entrevistas com convidados da Rádio Ponto. O Jornal Zero¹⁴ é um jornal-laboratório produzido pelos alunos da disciplina de mesmo nome, no curso de Jornalismo da UFSC, e também participou da experiência convergente. A programação via #JORConvergente incluiu comentários e análises de professores e jornalistas de todas as regiões do país, para informações e reflexões sobre as eleições e este importante momento político, principalmente nas mídias radiofônicas e televisual, em tempo real e ao vivo.

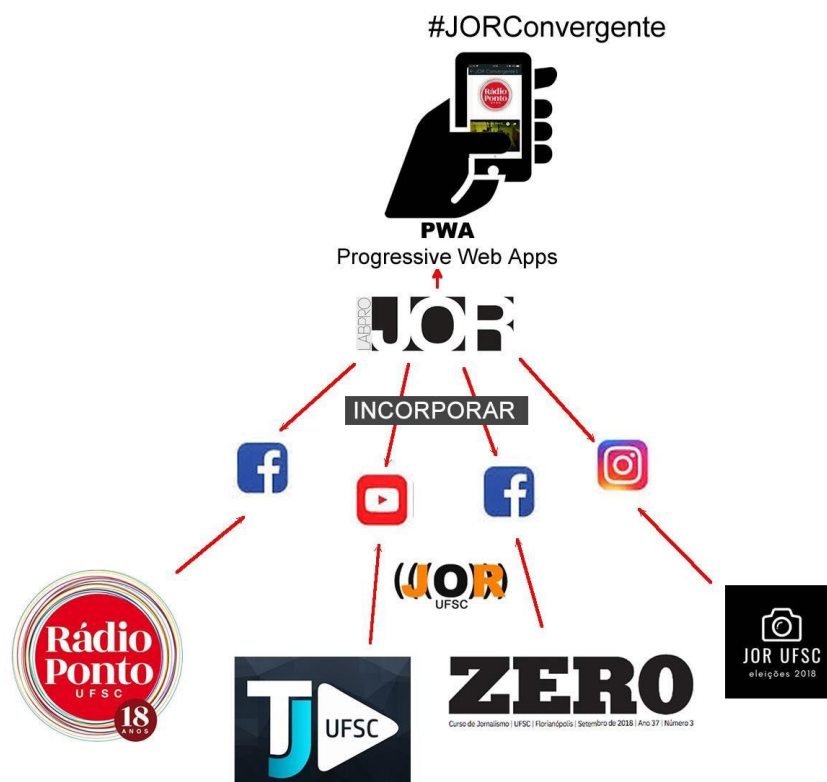
FIGURA 4: TELA INICIAL DA PUBLICAÇÃO DIGITAL MOBILE #JORCONVERGENTE NO PRIMEIRO TURNO DAS ELEIÇÕES E O PROCESSO DE PUBLICAÇÃO DO APLICATIVO NA TELA INICIAL DO SMARTPHONE.



O #JORConvergente concentrou toda a cobertura Jornalística em diferentes mídias e textos em uma narrativa digital. O Sistema de Gestão de Conteúdos utilizada foi a Plataforma GoodBarber e todo conteúdo foi organizado para ser apresentado em tempo real e incorporado das Plataformas YouTube, no caso dos vídeos, SoundBlaster no caso dos áudios, Instagram no caso das fotos e Facebook para a cobertura textual. Na figura 5, vemos o processo de incluir o Aplicativo do #JORConvergente na tela principal do smartphone.

¹⁴ <https://issuu.com/zerojornal>

FIGURA 5: PROCESSO DE PRODUÇÃO E LOGÍSTICAS DE PUBLICAÇÃO.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs a apresentar uma tecnologia recente que utiliza os recursos web em conjunto com os recursos nativos de cada plataforma mobile (Android e IOs). Acreditamos que com a popularização dos Sistemas de Gestão de Conteúdo que usam os Progressive Web Apps (PWAs), mais fácil será para desenvolver aplicativos web, atividade restrita aos programadores e desenvolvedores web. Com uma atividade processual cada vez mais multidisciplinar, levar para a sala de aula de cursos de Jornalismo e comunicação a possibilidade de desenvolver conteúdos interativos multiplataforma, faz com que o aluno possa exercitar a convergência e principalmente refletir sobre o conteúdo produzido. Para além da atividade formal do Jornalista, que não mudará em relação a investigação, apuração e responsabilidade com a verdade, apresentamos uma tecnologia para facilitar o desenvolvimento de novos formatos. De certa forma, conseguimos preparar melhor alunos e profissionais da área para atuar com as novas tecnologias e para ser um agente ativo na comunicação da informação.

A experiência realizada durante a Cobertura das Eleições Gerais 2018 pelas mídias e projetos de extensão e pesquisa do Curso de graduação e Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, mostrou ser exitosa como uma iniciativa para aperfeiçoar a práxis da convergência midiática. Experimentação que teve, como resultado, o desenvolvimento de um aplicativo, o site/app #JORConvergente, onde foram publicadas as principais produções do trabalho colaborativo e em convergência.

Cabe ressaltar que cada uma das mídias manteve as publicações/veiculações de suas coberturas completas específicas em seus canais específicos, ampliando ainda mais as possibilidades de acesso aos conteúdos produzidos. Porém, ainda se está aperfeiçoando a proposta para se poder integrar, na essência convergente, todos os conteúdos num só espaço, embora relevante, ainda não consideramos um resultado ideal.

Acreditamos que o processo da Convergência, para alcançar a completude, vai mais além que uma simples publicação conjunta, necessita atender às dimensões tecnológicas, empresariais, profissionais e culturais assim como preconiza Salaverría e Negrodo (2008). Por estas questões, a convergência midiática ultrapassa um rito de publicação, é tecnologicamente possível desenvolver sem muitas exigências computacionais, mas, processualmente, ainda se observa a necessidade de evoluir para uma estratégia mais integrativa e conjunta. Não é fácil mudar os processos de uma área consolidada e com tantas especificidades como o Jornalismo. Porém, diante de tantas inovações tecnológicas que estão permitindo agilizar os processos e proporcionando panoramas diferentes de atuação, considera-se esta experiência de pesquisa aplicada um desafio positivo e motivador de novas experiências evolutivas para a área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARSOTTI, Adriana; AGUIAR, Leonel. Produção de notícias para dispositivos móveis: a lógica das sensações e o infotimento. In: **Notícias e Mobilidade: o jornalismo, na era dos dispositivos móveis**. Labcom-Laboratório de Comunicação e Conteúdos Online, 2013. p. 295-318.

CARDIERI, Giulia; ZAINA, Luciana. PWA-EU: uma abordagem para o desenvolvimento de aplicações PWA baseadas em EUD. In: **Anais Estendidos do XVII Simpósio Brasileiro sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais**. SBC, 2018.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. São Paulo: Ed. Nacional, 1959.

EMERIM, Cárlica (org.). **TJUFSC: a experiência de uma escola de telejornalismo**. Florianópolis (SC): Insular, 2018.

FIOLHAIS, Carlos; TRINDADE, Jorge. “Use of computers in Physics education”. In A. Ferrari e O. Mealha (Eds.), **Proceedings of the ”Euroconference’98 – New Technologies for Higher Education”** (pp. 103-115). Universidade de Aveiro, Aveiro (2000).

HEINECK, Renato. O ensino de Física na escola e a formação de professores: reflexões e alternativas. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 16, n. 2, p. 226-241, 1999.

HENDERSON, Sarah; YEOW, Jeff. **iPad in education: A case study of iPad adoption and use in a primary school**. In: 2012 45th Hawaii International Conference on System Sciences. IEEE, 2012. p. 78-87.

JENKINS, Henry. **Convergence Culture**, New York and London, New York University Press, 2006.

MORAN José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, C. A.; MORALES, O. E. T. (orgs.). **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Ponta Grossa: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Coleção Mídias Contemporâneas, v. 2.

NOVAK, Joseph; GOWIN, Bob. **Aprender a aprender**. 2. ed. Lisboa: Plátano Edições Técnicas. 1999.

PAULINO, Rita; EMPINOTTI, Marina. **Interatividade e Visualização de Notícias em Apps: um design baseado em cards**. In: 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2017, São Paulo. Anais... São Paulo: SBPJOR, 2017. v. 1. p. 60-61.

PAULINO, Rita; EMERIM, Cárlica; ZUCULOTO, Valci. **#Jorconvergente: teoria e prática aplicada em tecnologia progressive web apps (pwa)**. REBEJ (BRASÍLIA). , v.9, p.68 - 84, 2019.

PRIMO, Alex. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. 404NotFound, n. 45, 2005. Disponível em: http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques_desfoques.pdf Acesso em: 15 fev. 2019.

RAVISHANKAR, Jayashri et al. **Using iPads/Tablets as a Teaching Tool: Strategies for an Electrical Engineering Classroom**. International Conference of Teaching, Assessment and Learning (TALE). 2014.

ROGERS, Carl. **Liberdade para Aprender**. Belo Horizonte: Ed. Interlivros, 1973.

ROST, Alejandro. Interatividade: Definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS, J. (Org). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã, Portugal: Livros LabCOM, 2014. p. 58-88.

SALAVERRÍA, Ramón, NEGREDO, Samuel. **Periodismo Integrado**. Convergencia de Medios y Reorganización de Redacciones, Barcelona, Editorial Sol 90, 2008.

SILVA, Nair Moreira. A redação convergente e a produção de conteúdos para dispositivos móveis. **Sur le journalisme, About journalism**, Sobre jornalismo, v. 3, n. 2, p. 70-83, 2014. Disponível em: <http://www.surlejournalisme.kinghost.net/rev/index.php/slj/article/view/184>. Acesso em: 31 mai 2021.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES Estera. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: https://tccbiblio.paginas.ufsc.br/files/2010/09/024_Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes1.pdf Acesso em: 31 maio 2021.

Precarização social do trabalho e a desespecialização do labor jornalístico

Janara Nicoletti¹

INTRODUÇÃO

O jornalismo se desenvolve a partir da coexistência e negociação de variados atores, interesses, poderes e culturas que influenciam e competem o mesmo espaço social. Já os trabalhadores da notícia atuam como mediadores de diferentes forças que influenciam seu trabalho e tomadas de decisão, além de formatarem a agenda midiática. Quanto maior ou menor o grau de influência sobre o profissional, maior ou menor pode ser autonomia e capacidade de ação dele. Por isso, compreender as relações entre precarização laboral e qualidade jornalística é um desafio multinível, pois atravessa variadas áreas da vida da pessoa que trabalha e da organização.

Do ponto de vista organizacional, o modelo de negócio adotado pelo veículo jornalístico determina o direcionamento do conteúdo, assim como orienta o investimento ou desinvestimento em infraestrutura de trabalho e suporte aos profissionais. Ao mesmo tempo, alianças e princípios políticos, econômicos, religiosos e ideológicos dos proprietários, gestores, anunciantes, e também da audiência, delineiam a agenda editorial e, conseqüentemente, impõem mais ou menos restrições aos produtores da notícia.

Por sua vez, a habilidade de reportar, investigar, redigir e narrar é em partes técnica e também talento. Essas duas são impactadas diretamente pelas decisões que regem a infraestrutura laboral e as rotinas que impõem maior ou menor pressão aos profissionais, definidas pela estratégia do negócio. A capacidade de desenvolver o trabalho jornalístico passa então pela proficiência em exercer as funções demandadas, a familiaridade com tecnologias e softwares, além do conhecimento sobre a sociedade na qual está reportando, assim como também diz respeito à subjetividade de cada indivíduo que produz a notícia, em consonância com a coletividade da redação.

Esses diferentes atores e forças cooperam e competem entre si em uma indústria marcada pela intensificação do trabalho, enxugamento do mercado e alta competitividade (CHARRON; DE BONVILLE, 2016). É uma atividade em constante mutação. Nela, a adaptabilidade se torna uma característica central, tanto do ponto de vista das rotinas e processos, quanto dos formatos e linguagens utilizados. Por trás desse ideia de flexibilidade há uma intensa precariedade laboral (ACCARDO, 1995; GARCIA, 2009; REBELO, 2011; PACHECO, 2017; MIRANDA, 2017; ÖRNEBRING, 2018;

¹ Jornalista, com mestrado e doutorado em jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisadora associada ao Observatório da Ética Jornalística (objETHOS). E-mail: janarant@gmail.com.

GOLLMITZER, 2019).

Neste capítulo, é debatida a desespecialização do trabalho jornalístico como resultado da intensa flexibilização e precarização estrutural do jornalismo. Para isso, é apresentado o estudo de caso de um jornal regional em que é analisada a relação entre condições laborais, performance do trabalhador e a qualidade do produto desenvolvido. São destacados três aspectos centrais: 1) **depreciação da carreira e qualificação formal**, por meio da baixa remuneração e insegurança laboral; 2) **desvalorização das habilidades**, através da multifuncionalidade, alta produtividade e rotatividade de funções; 3) **desqualificação do conteúdo** por meio da intensificação das rotinas e infraestrutura deficitária, que induzem ao erro e à mecanização dos sujeitos.

Esta é uma das conclusões destacadas na tese “Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação: proposta de um modelo de análise”, a qual apresenta um modelo de análise de correlação entre condições de trabalho dos jornalistas e a qualidade da informação disseminada para a sociedade (NICOLETTI, 2019; 2020a).²

A seguir, o referencial teórico situa o conceito de precarização social do trabalho, seus efeitos sobre a pessoa jornalista e a desespecialização do profissional através da lógica do mercado flexível. Na sequência, o estudo de caso é apresentado com uma descrição geral do modelo metodológico desenvolvido na tese que embasa esse texto. Por fim, é apresentada a discussão em torno da desespecialização laboral a partir dos resultados da análise comparativa que identificou confluências entre condições de trabalho, performance do trabalhador e qualidade jornalística.

PRECARIZAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO E SEUS EFEITOS SOBRE A PESSOA JORNALISTA

Crises e reestruturações na indústria jornalística fazem parte da história da imprensa brasileira. Já nos anos 1970, a implantação da litografia e a alta no preço do papel resultaram em cortes e demissões de pessoal (MÜLLER, 2012). Esse processo ganhou mais força na virada dos anos 1990 para 2000 quando a flexibilização da atividade se intensificou (BURKHARDT, 2006) e acarretou na queda de circulação de jornais e revistas, demissões em massa, fechamento de títulos tradicionais, além da intensificação de rotinas e jornadas. As transformações na organização produtiva e rotinas da indústria jornalística (MEYER, 2007; RUELLAN, 2017), assim como a tendência de terceirização e freelancerização do trabalho, são reflexo de um intenso processo de flexibilização e desemprego estrutural que atingem a todos os setores (ANTUNES, 1999, 2005, 2015; MÉSZÁROS, 2011; HARVEY, 1992).

Trata-se de um processo de profunda “precarização social do trabalho” (DRUCK, 2011), resultante da confluência de fatores sociais, educacionais, econômicos, políticos, culturais e do próprio

² A pesquisa de doutorado foi orientada pelo professor Dr. Jacques Mick, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC).

setor que atravessam a vida do indivíduo.

Neste sentido, a precarização atinge tanto o trabalhador formal quanto o informal, independente de sua formação ou área de atuação, quanto o informal, independente de sua formação ou área de atuação, “[...] e que tem levado à crescente degradação das condições de trabalho, da saúde (e da vida) dos trabalhadores e da vitalidade da ação sindical” (THÉBAUD-MONY; DRUCK; 2016, p. 25). No Brasil contemporâneo, pode-se dizer que esta é uma condição patrocinada pelo próprio Estado, a partir do incentivo à flexibilização e desregulamentação do mercado de trabalho como um todo (KREIN, 2017).

No jornalismo brasileiro esta condição é verificada a partir de diferentes indicadores reportados em estudos sobre perfis profissionais e condições de trabalho (OLIVEIRA, 2005; HERSCOVITZ; CARDOSO, 1998; LIMA, 2010; HERSCOVITZ, 2012; MICK, 2013; GROHMANN, 2012; MICK; LIMA, 2013. FIGARO; NONATO; GROHMANN, 2013; BARSOTTI, 2014; MOREIRA, 2017; ADGHIRNI, 2017). Apenas para ilustrar alguns: multifuncionalidade, instabilidade da carreira, adoecimento, intensificação da jornada, flexibilização dos contratos, demissões em massa, aumento dos terceirizados e empregados por conta própria, apreensão em relação ao futuro, migração para outras áreas da comunicação e a incapacidade de custear as próprias despesas da vida devido aos baixos salários, o que leva a muitos profissionais a buscarem dois ou mais vínculos. Além disso, a feminização e a juvenilização demonstram dois aspectos distintos, mas significativos do ponto de vista laboral. O primeiro reflete o aumento das mulheres nas redações, em sua maioria mais qualificadas, porém, pior remuneradas do que seus colegas homens (SUBTIL; SILVEIRINHA, 2017; MARTINS, 2017; KIKUTI; ROCHA, 2018). Já a juvenilização é marcada pela substituição dos profissionais experientes nas redações – e melhor remunerados – por jovens jornalistas (PEREIRA, 2015), impondo aos ingressantes na carreira a pressão de assumir posições às quais ainda não estão suficientemente treinados.

Por essas razões, considera-se os jornalistas como uma categoria altamente vulnerável e precária. Segue-se o conceito do “precariado” (STANDING, 2014), uma “classe” em extrema condição de precarização do trabalho, que atua sob intensa pressão, falta de controle de tempo, carreira, vida, e em constante situação de insegurança. Esses trabalhadores carecem de garantias básicas, como mercado de trabalho, vínculo de emprego; segurança (no emprego e no trabalho), reprodução de habilidade, renda e representação. Condição que rotineiramente pode desencadear sentimentos como frustração, anomia, ansiedade e alienação devido a falta de perspectiva e dificuldade para crescer na profissão e da ausência de relações efetivas que garantam segurança para a pessoa que trabalha. Ao mesmo tempo em que o indivíduo está sobrecarregado e estressado, ele vive sob constante condição de instabilidade de emprego e incerteza para o futuro, gerando uma “profunda auto exploração e

desengajamento” (STANDING, 2014, p. 41)

Giovanni Alves (2013, p. 108) classifica esse fenômeno como a “crise do trabalho vivo”, constituída pela crise de vida pessoal, de sociabilidade e de autorreferência humano pessoal. Em linhas gerais, ela é marcada pela incorporação do tempo de vida pelo tempo de trabalho, reduzindo o trabalho vivo à mercadoria, acompanhada pela destruição dos vínculos sociais, por meio flexibilização e enfraquecimento dos coletivos de trabalhadores, e desencadeando em última instância a completa despersonalização da pessoa a partir da “captura de sua subjetividade” (ALVES, 2011). da flexibilização e enfraquecimento dos coletivos de trabalhadores, e desencadeando em última instância a completa despersonalização da pessoa a partir da “captura de sua subjetividade” (ALVES, 2011).

No jornalismo, isso pode ser traduzido como alienação e estranhamento (ANTUNES, 2015), perda da subjetividade e resignação (DEJOURS, 2008; DUBET, 2014) do trabalhador que, para dar conta da demanda e/ou permanecer no emprego, invisibiliza sua capacidade intelectual e de crítica para agir de forma mecânica e de acordo com as regras empresariais. Desta forma, a pessoa pode acabar se distanciando dos princípios éticos e valores profissionais em favor do negócio, comprometendo a qualidade do seu trabalho (NICOLETTI, 2020b).

Com base nesse contexto, considera-se o jornalismo uma atividade estruturalmente precária (NICOLETTI; MICK, 2018). Isso se dá pela confluência de diferentes fatores, como: (des)regulação do mercado, vínculos precários e informais, intensa flexibilização das relações de trabalho, remuneração desigual e abaixo do necessário para custeio das despesas básicas, longas e intensas jornadas de trabalho; falta de estrutura mínima para o desenvolvimento das atividades, equipamentos de segurança, proteção jurídica e salvaguarda da empresa; risco à vida em áreas de conflitos rurais e urbanos; violência intra e extra empresa, adoecimento físico e mental; redução da autonomia do profissional, individualização; enfraquecimento dos sindicatos e outras tentativas de regulamentação profissional; desregulamentação da legislação específica e, mais recentemente, da própria Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). flexibilização e enfraquecimento dos coletivos de trabalhadores, e desencadeando em última instância a completa despersonalização da pessoa a partir da “captura de sua subjetividade” (ALVES, 2011).

Örnebring (2018, s.p.) considera a precarização como novo normal no jornalismo, pois a entende como algo intrínseco à própria cultura profissional devido ao seu alinhamento com as normas e rotinas profissionais. Elas resultam das estratégias de negócio, são incorporadas como algo inerente à profissão e impactam toda a cadeia produtiva (ÖRNEBRING, 2016). Este processo de normalização da precariedade expõe os jornalistas a viverem sob diferentes tipos de riscos, ao emprego e à própria vida, como estresse, adoecimento físico e mental, e constante instabilidade quanto ao futuro (FERRACIOLI, 2000; HELOANI, 2003; LIMA, 2015). Aliado às frequentes demissões em

massa e reestruturações do setor que reduzem significativamente as ofertas de emprego, gerando um exército de reserva desempregado (LELO, 2019). Reimberg identificou diferentes fontes de sofrimento e dor decorrentes da prática jornalística ligados diretamente à precarização e seus efeitos sobre a subjetividade do trabalhador:

[...] o fechamento; fazer o trabalho em tempo curto e não ter as melhores condições para realizá-lo; baixa remuneração (não conseguir pagar as contas com seu trabalho); trabalhar fim de semana; a falta de reconhecimento. Também apareceram questões ligadas à subjetividade, autonomia e realização profissional. Assim foram apontados como sofrimento no trabalho: tratar de temas para os quais você não está preparado; falta de espaço para reflexão; cobrir o que não gosta; perseguição e não poder desenvolver o seu trabalho; frustração de não poder dizer tudo; frustração de não trabalhar no que queria; frustração em relação à matéria; fazer pauta sem identificação; não ter liberdade para se expressar; não conseguir fazer o jornalismo em que acredita (REIMBERG, 2015, p. 65).

Uma das características mais marcantes da flexibilização do mercado é a chamada multifuncionalidade, em que se valoriza a atuação em diferentes funções ao mesmo tempo como um diferencial competitivo. Condição que impõe ao profissional atuar em constante processo de aperfeiçoamento sob pena de ser substituído. Pelo discurso de polivalência se vende a ideia de maior qualificação profissional, apesar de na prática a especialização ser desmerecida em nome de múltiplas habilidades para moldar o trabalhador conforme os interesses do capital (SOUZA, 2007).

Segue-se aqui a ideia “de imprecisão da habilidade” (STANDING, 2014), em que a flexibilização e a inserção de novas tecnologias demandam o constante aperfeiçoamento da pessoa que trabalha, para que esta consiga desenvolver novas competências para o mercado. Por outro lado, a dinâmica laboral impede a capacidade de refinamento das habilidades, o que ocorre com o tempo dedicado para se especializar em uma atividade ou função. Lancman (2008, p. 28) define isso como um processo permanente de desqualificação do trabalhador e de sua experiência acumulada. Transpondo essa realidade para o jornalismo, ela fica evidente a partir do paradoxo: “[...] quanto mais qualificado o trabalho, maior a probabilidade de haver aperfeiçoamentos que exigem “reciclagem”. [...] Não é apenas um caso de você ser tão bom hoje quanto era ontem, mas de você ser tão bom agora quanto deve ser amanhã (STANDING, 2014, p. 189).

É importante destacar aqui que a multifuncionalidade é considerada neste trabalho como indicador de precarização por significar a perda da capacidade de o jornalista desenvolver suas habilidades de forma plena. O problema da desespecialização se dá pela equação “carga de trabalho versus tempo disponível”. Ela se configura a partir da desqualificação das habilidades e talento ao ser necessário fazer coisas diferentes, com variados focos e ao mesmo tempo. Isso confere uma dinâmica

nociva ao profissional. É preciso fazer o que dá, no tempo disponível, de acordo com a infraestrutura acessível, estando suscetível a stress e apreensão devido a intensidade do trabalho. Por mais talentoso e qualificado que seja o indivíduo, seu potencial criativo, intelectual e técnico pode ser afetado de forma negativa e o resultado do trabalho nem sempre corresponde àquilo que a pessoa consegue desenvolver em condições minimamente adequadas.

sempre corresponde àquilo que a pessoa consegue desenvolver em condições minimamente adequadas.

Sendo assim, o jornalismo de mercado (NEVEU, 2006), se confronta com a ideia de jornalismo de interesse público (VIDAL, 2009), em que precisão, diversidade, contexto e qualidade se unem para conferir credibilidade e valor social à informação jornalística. Picard (1998; 2000) defendia já antes dos anos 2000 que, quanto maior o tempo dedicado na apuração da pauta e investigação, maiores as chances de se obter alta qualidade.

Portanto, além dos valores jornalísticos basilares como atualidade, pluralidade, precisão, controvérsia, verdade (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003) entende-se que a análise de qualidade precisa levar em conta a dimensão organizacional e outras influências que afetam seus produtores (COELHO; MARTÍN, 2004; GUERRA, 2010; VEHKOO, 2010; ROTHBERG, 2010; MARINHO, 2011; LACY; ROSENSTIEL, 2015; MOMPART, 2013; ANDERSON; GEORGE; WILLIAMS, 2014; PICARD, 2015; YOUNG, 2016). Isto porque eles estão diariamente sujeitos a estratégias de negócio, infraestrutura e rotinas impostas pela organização que afetam sua capacidade produtiva, bem-estar e motivação para o trabalho. Elas definem os deadlines, a produtividade, os valores a serem seguidos pela equipe editorial e estão presentes tanto nas empresas consideradas tradicionais quanto startups de mídia e novos arranjos jornalísticos.

ESTUDO DE CASO DE UM JORNAL REGIONAL BRASILEIRO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na pesquisa que originou este artigo, a qualidade jornalística é observada a partir da performance do trabalhador e como sua tomada de decisão é expressa no trabalho final transformado em produto jornalístico. O estudo é baseado em dois sistemas de índices que resultam nas escalas “Qualidade Laboral dos Jornalistas” e Qualidade Percebida no Produto. Nelas são mensuradas as condições laborais dos jornalistas, sua performance e a qualidade da edição e da manchete, a partir de uma escala entre zero e um – quanto maior a nota, melhor é o resultado³.

Foram utilizadas técnicas de análise estatística para a formação dos índices e escalas, e também para verificar sua correlação (CONNOLLY; SLUCKIN, 1971; CORTINA, 1993; COHEN; LEA, 2004; BARBETTA, 2006; CROCKER; ALGINA, 2006; VALLEJO, 2010). Já a relação entre condições de trabalho, performance do trabalhador e qualidade do produto ocorreu por meio da análise

³ A modelagem do sistema de índices e escalas se inspira nos estudos de job quality, como descritos em (BUSTILLO et al, 2011; EUROFOUND, 2012; CLARK, 2015).

comparativa das respostas de um grupo de jornalistas a um survey (BABBIE, 2003) e da análise do conteúdo (BARDIN, 1999) do jornal regional onde eles laboravam. Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa (GIL, 2002), que utilizou a triangulação de dados (FIGARO, 2014) para interpretar os resultados.

Todo o trabalho teve como ponto de partida uma matriz de indicadores que contempla as dimensões analisadas na pesquisa. “Dividida em três eixos, congrega dados relacionados ao **perfil demográfico** dos profissionais e veículos analisados, **condições de trabalho** – remuneração, ambiente laboral, segurança básica de vida, rotina profissional, emprego e satisfação – e **práticas profissionais** – labor, segurança básica de vida, rotina profissional, emprego e satisfação – e **práticas profissionais** – procedimentos técnicos, éticos, autonomia e qualificação” (NICOLETTI, 2020c, p. 2). A definição das variáveis presentes nessa matriz teve como ponto de partida a compreensão de que o ambiente laboral e as rotinas de trabalho possuem um efeito direto sobre o bem-estar e a capacidade analítica do trabalhador.

Ela foi usada como base para o desenvolvimento dos instrumentos de coleta de dados: questionário online e protocolo de análise de conteúdo, que depois resultaram na Escala de Qualidade Laboral dos Jornalistas (formada pelos índices de Condições de Trabalho e Performance Profissional, resultantes das respostas do survey) e Escala de Qualidade Percebida no produto (originada pelos índices de Qualidade Percebida por Edição e Qualidade Percebida na Manchete, resultado da análise de conteúdo).

Neste texto, é debatido com mais profundidade um dos resultados na análise comparativa – a desespecialização do trabalho – a partir dos indicadores que ajudam a compreender melhor este processo. Para isso, são apresentados os resultados da análise comparativa entre condições laborais dos jornalistas e a qualidade do jornal regional em que eles trabalham.

O veículo estudado foi selecionado a partir das respostas de um survey realizado com 117 jornalistas brasileiros, que constituiu a primeira fase da coleta de dados da pesquisa de doutorado. Nele, foi possível verificar o veículo jornalístico com maior número de respondentes. Do total de participantes, oito laboravam no veículo selecionado para análise de conteúdo e comparativa. Portanto, o corpus é constituído pelas respostas de oito jornalistas ao survey online e 28 edições do jornal regional. Elas formam quatro semanas artificiais nos anos 2012, 2015, 2018 e 2019, compreendendo um intervalo de sete anos.

Em respeito ao anonimato acordado com os participantes do survey por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, não será divulgada informação que permita identificar o veículo no qual trabalham. Trata-se de um jornal regional brasileiro, pertencente a um grupo de comunicação com atuação em mais de um estado. Sua sede fica em uma capital brasileira e a tiragem diária era de

DESESPECIALIZAÇÃO COMO RESULTADO DA PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

A pesquisa identificou diferentes pontos de intersecção entre condições de trabalho e qualidade do produto. Um dos principais achados da análise comparativa foi a precarização como uma estratégia de negócio que afeta tanto trabalhadores da notícia quanto o produto jornalístico. Já na análise de conteúdo (nas páginas do jornal) observou-se evidências de sobrecarga de trabalho, multifuncionalidade, e desespecialização.

Além disso, o estudo observou uma significativa redução da equipe editorial – percebida no produto e informada pelos jornalistas respondentes do survey. Isso impactou diretamente na pluralidade de conteúdo, vozes e perfis de fontes consultadas. Também chamou atenção a perda de diversidade, contexto e profundidade ao longo dos anos. Chamou atenção a perda de diversidade, contexto e profundidade ao longo dos anos. Portanto, há uma forte relação entre a estratégia organizacional de enxugamento das equipes com a perda da qualidade informativa. Neste contexto, a desespecialização aparece como ponto central, refletindo a dinâmica flexível e polivalente do labor jornalístico.

DEPRECIAÇÃO DA CARREIRA E DA QUALIFICAÇÃO FORMAL

Do ponto de vista da desqualificação da carreira e experiência profissionais, são analisados os seguintes indicadores: educação formal, idade, função, tempo de carreira, tempo de empresa, remuneração e capacidade de arcar com as despesas básicas da vida. Dos oito jornalistas trabalhadores no jornal analisado, cinco (62,5%) eram editores e os demais atuavam nas funções de repórter, fotógrafo e colunista. Todos possuíam um vínculo formal de trabalho a partir da Consolidação das Leis de Trabalho (CLT) e sua jornada seguia o estabelecido pela legislação (de cinco a sete horas). Apesar disso, a maioria (52,5%) tinha dois ou mais empregos.

A equipe participante do survey é madura, considerando tempo de vida e de trabalho, além de altamente qualificada. Do total, 37,5% tinham entre 30 e 34 anos de idade, e 50% mais de 25 anos. Todos possuem graduação completa. Adicionalmente, 50% concluiu especialização, 25% mestrado e o mesmo percentual, doutorado.

No que diz respeito à experiência profissional, o mais jovem atuava há nove anos como jornalista (19,5%), enquanto 50% estava há uma década na profissão e os demais trabalhavam entre 11 e 31 anos no setor. Já em relação ao tempo de empresa, a maioria estava na organização pesquisada há no mínimo quatro anos: 37,5% entre quatro e oito anos e 25% entre dez e 15 anos.

O perfil sênior e especializado da equipe não se materializou em ganhos financeiros. A remuneração de 50% do grupo oscilava entre R\$ 1.997,00 e R\$ 3.992,00. Essa faixa salarial configura

uma remuneração próxima ao piso de várias regiões brasileiras, porém, ele é pago a profissionais, em sua maioria com cargo de liderança, e com média de mais de uma década de carreira.

Além de não serem remunerados por sua experiência e tempo de emprego, o salário recebido era insuficiente para pagar a subsistência básica da vida de 62,5% dos trabalhadores do jornal analisado. Com esses dados, observa-se uma profunda precarização salarial, e uma intensa desvalorização dos profissionais que têm sua função, experiência acumulada e especialização formal desvalorizadas monetariamente. Eles são colocados no mesmo nível de trabalhadores iniciantes, apesar de exercerem cargos de liderança e que exigem muita responsabilidade.

Com esses dados, infere-se um processo de desespecialização a partir da desvalorização financeira do conhecimento formal, somado à experiência e tempo de carreira do grupo investigado, assim como das habilidades adquiridas ao longo da vida nas funções e/ou editorias exercidas. A confluência de profissionais altamente qualificados e estáveis na carreira, porém mal remunerados, demonstra uma condição de precariedade estrutural do trabalho desses jornalistas pela perspectiva salarial.

DESVALORIZAÇÃO DAS HABILIDADES

Esta seção apresenta primeiramente a evolução da equipe editorial a partir da análise de conteúdo e do survey, para então adentrar em questões ligadas às rotinas profissionais, multifuncionalidade e rotatividade. No veículo analisado, a relação precarização – desempenho – qualidade do produto ficou explícita. Existe uma precarização estrutural, verificada em todos os indicadores observados, que vai além do relatado pela percepção dos jornalistas. Está explícita no próprio conteúdo, sendo acompanhada por uma intensa queda de qualidade ao longo dos anos.

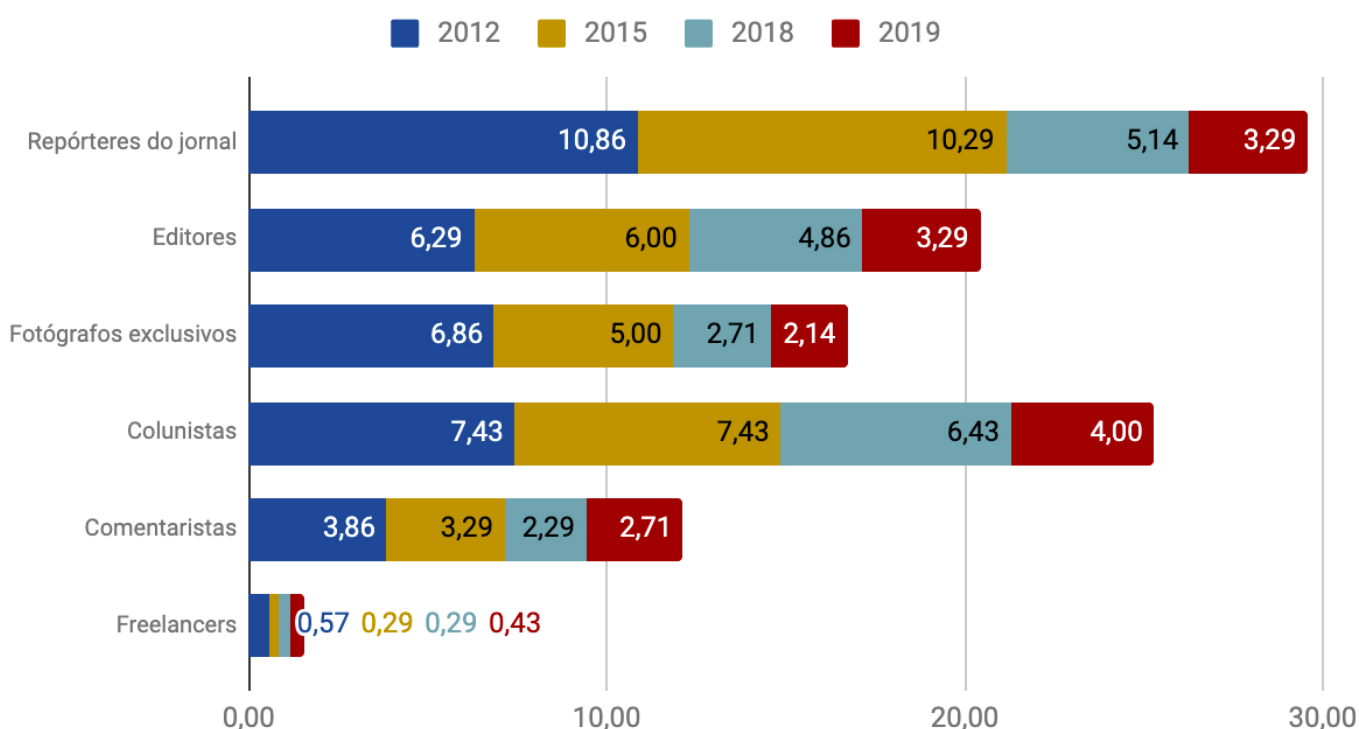
A Escala de Qualidade Laboral dos jornalistas que atuam no veículo estudado é considerada razoável conforme a percepção de 62,5% e boa para 37,5% dos respondentes do survey. Pelos parâmetros adotados no modelo de análise, uma condição razoável (0,41 a 0,60 pontos) ainda é considerada insuficiente, uma vez que há elementos com notas ruim (0,21 a 0,40) ou péssima (0,00 a 0,20). O ideal seria pontuação geral acima de 0,61 (bom ou ótimo). Isto indica a presença de precariedade tanto do ponto de vista da infraestrutura, quanto da rotina e práticas profissionais. Para se ter uma ideia, 62,5% disseram já terem adoecido devido ao trabalho como jornalista.

Quando se observa a performance deles, apesar de serem altamente qualificados do ponto de vista formal, acabam recaindo em erros básicos, como abrir mão de preceitos éticos. Ao serem instigados a refletir sobre a afirmação “valores e princípios éticos da profissão nem sempre são seguidos”, 37,5% informaram ser frequente isso ocorrer enquanto o mesmo valor disse que agia desta forma às vezes. Só 25% afirmou ser raro.

Já a Escala de Qualidade Percebida no Produto (que analisa a qualidade da edição completa e também do conteúdo da manchete) apresentou uma piora 72,34% no período analisado. Foi de 0,66 pontos (bom) para 0,18 (péssimo). Somente entre 2018 e 2019, intervalo que corresponde à análise de percepção dos jornalistas sobre seu trabalho a partir das respostas ao survey, a qualidade avaliada caiu 41,15%. Um dos fatores determinantes para isso foi a redução de 88,87% na equipe editorial (FIGURA 1).

FIGURA 1: MÉDIA DE PROFISSIONAIS EM CADA FUNÇÃO, CONFORME O EXPEDIENTE DO JORNAL

Média de pessoas por função ao longo dos anos



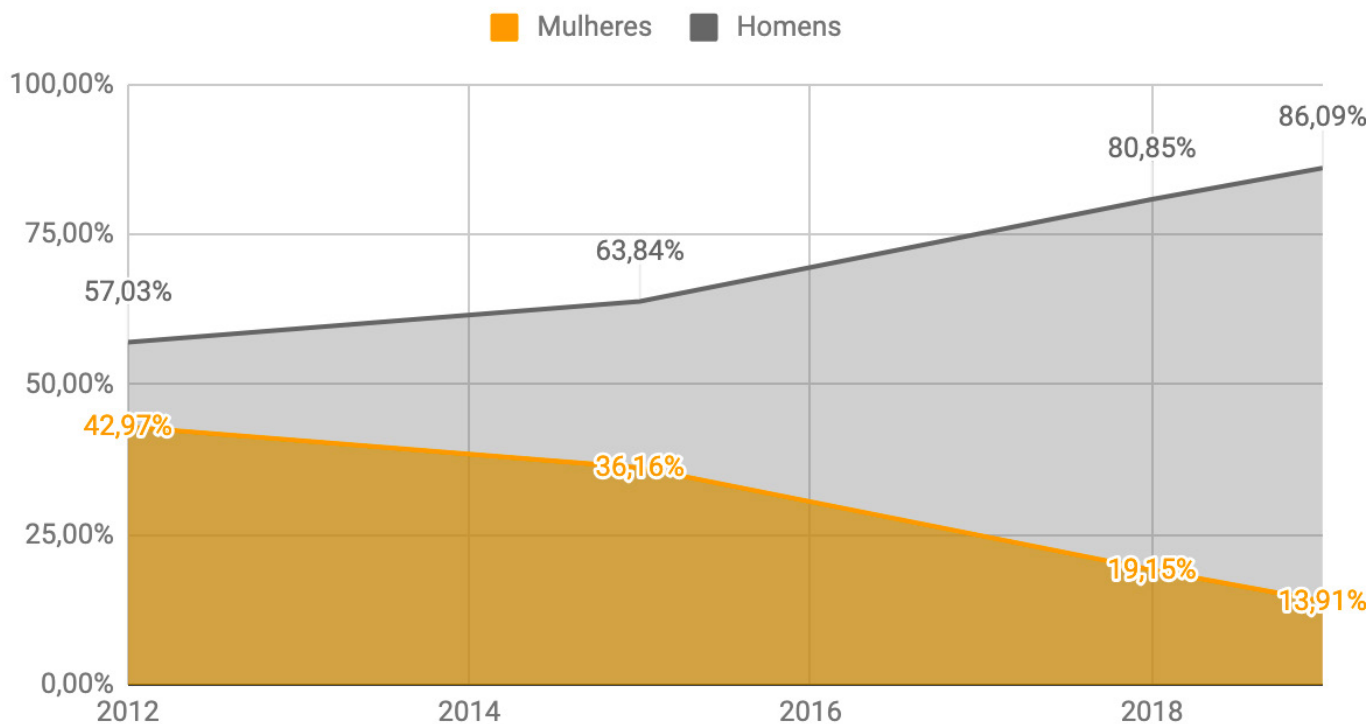
Fonte: Nicoletti (2019)

Esses dados são ratificados pelas respostas do survey, em que 87,5% dos jornalistas que trabalhavam no jornal analisado há mais de um ano relataram terem presenciado cortes na equipe. Somente a pessoa que trabalhava há menos de seis meses no jornal informou o contrário. Para 50% dos respondentes, no mesmo intervalo de tempo, a intensidade de trabalho aumentou.

Acompanhando este processo se verificou o que foi chamado de “masculinização” do jornal. O estudo indicou o quase desaparecimento da mulher jornalista no expediente (FIGURA 2), além da diminuição expressiva da fonte de notícia identificada como sendo do gênero feminino nas manchetes analisadas (redução de 33%). Esta constatação foi ratificada pelo survey, em que 62,5% dos participantes são homens.

FIGURA 2: DIVERSIDADE DE GÊNERO NA EQUIPE DO JORNAL VERIFICADA NA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Diversidade de gênero na equipe do jornal



Fonte: Nicoletti (2019)

Aliado a isso, verificou-se um ambiente de sobrecarga laboral e forte pressão sobre os trabalhadores em suas rotinas profissionais. Todos os oito respondentes afirmaram ser comum fazer hora-extra e metade também era habituado a mudar de turnos com frequência. Isso está relacionado diretamente com a capacidade de apuração e desenvolvimento do trabalho de forma adequada dentro do tempo disponível. Para a maioria, não conseguir checar a pauta de forma adequada ocorria sempre (12,5%), frequentemente (37,5%) ou às vezes (37,5%). Apenas 12,5% informou raramente. Já 50% deles relataram ser frequente não ter tempo suficiente para produzir e editar o conteúdo jornalístico demandado, enquanto 12,5% disseram que isso sempre acontecia e 25%, às vezes. Esse era um problema comum a toda equipe, não sendo raro para ninguém.

A sobrecarga fica ainda mais evidente quando é analisada a função real em contraposição com as atividades rotineiramente desenvolvidas em um dia normal de trabalho. Do total, 25% executavam entre nove e dez atividades jornalísticas diferentes diariamente e outros 37,5% desempenhavam de quatro a cinco funções em uma mesma jornada de seis a oito horas. Essa demanda reprimida na equipe editorial coloca a multifuncionalidade e a rotatividade constantes na equipe como estratégia organizacional.

É importante reforçar que a maioria dos respondentes era contratada como editor, uma pessoa atuava como fotógrafa, outra era repórter, e havia uma colunista. Apesar disso, para 62,5%

era comum desempenhar a função de repórter além daquela contratada oficialmente. Outros 87,5% atuavam como editores, sendo então estas as funções com maior demanda reprimida. Isto indica que praticamente todos os respondentes executavam rotineiramente esses dois papéis profissionais de forma concomitante, além de outras atividades declaradas.

Esta configuração leva a compreender uma dinâmica de desespecialização observada no conteúdo a partir da multifuncionalidade e da rotatividade de editorias. Para se ter uma ideia, dos cinco editores participantes do survey, quatro aparecem nas edições analisadas também acumulando a função de repórter, enquanto a pessoa colunista fez as vezes de editora em vários números analisados. Há, portanto, uma sobreposição entre os papéis de opinião e edição, e de edição e reportagem. Além de um deslocamento contínuo entre editorias. Assim, ao jornalista é imposta uma situação de malabarista, tendo que se equilibrar em diferentes frentes e com funções/temáticas de naturezas totalmente distintas – algumas vezes atuam na mesma editoria. A polivalência faz parte da cultura organizacional deste veículo. Entretanto, esta estratégia de negócio enfraquece a qualidade ao submeter os trabalhadores a sobrecarga e acúmulo de funções, impedindo que desenvolvam de forma plena suas habilidades intelectuais e técnicas.

DESQUALIFICAÇÃO DO CONTEÚDO

Do ponto de vista da análise de conteúdo, se observou piora em todos os indicadores de qualidade observados. Os que chamam mais atenção foram os relacionados a cobertura, priorização de fontes oficiais, perda da autoria da equipe editorial e déficit no contexto das pautas. Já a percepção dos jornalistas sobre suas práticas profissionais indicou desempenho aquém do esperado para o perfil dos participantes, indicando uma relação importante com a intensidade e sobrecarga da jornada já destacadas acima.

A partir das respostas do survey, o indicador Cobertura é avaliado com pontuação ruim segundo as respostas de 62,5% dos respondentes e outros 37,5% possuem pontuação considerada razoável. Ao colocar uma lupa sobre suas respostas, observa-se que para 75% era frequente fazer entrevistas de dentro da redação, além de 87,5% também afirmarem realizar com frequência entrevistas via telefone, redes sociais ou WhatsApp (2019 era um período pré-pandêmico).

Quando questionados se checavam informações provenientes de terceiros (empresas, organizações ou governos) antes de publicar os conteúdos, 37,5% falaram que não faziam isso com frequência e 12,5% disseram fazer às vezes. A outra metade se dividia entre raramente ou nunca publicar sem checar. Já 50% deles às vezes publicavam estudos e pesquisas sem consultar outras fontes, 37,5% fazem isso raramente e 12,5% nunca publicam este tipo de conteúdo sem verificar outras fontes de informação. Os dados demonstram um certo equilíbrio entre quem apura informações de terceiros

e quem confia nelas a ponto de publicar sem dupla verificação, o que é um deslize bastante relevante do ponto de vista da qualidade.

A constatação acima demonstra um cenário ainda mais negativo ao se avaliar as fontes consultadas. O alinhamento com instituições públicas e da sociedade civil a partir da absorção de suas informações sem questionar também é representada pela seleção dos entrevistados. Do total, 50% dos jornalistas disseram às vezes priorizar fontes oficiais por julgá-las mais importantes para as pautas e 25% informaram que isso ocorria com frequência.

No conteúdo, esta dinâmica verificada pelo survey fica evidente a partir de diferentes indicadores. Qualitativamente foi constatado um importante declínio na profundidade informativa, com quase ausência total de pontos de vista divergentes e controversos. Além disso, as duas semanas artificiais analisadas em 2018 e 2019 não continham reportagens, assim como houve uma queda relevante na presença de conteúdo infográfico. Já no que diz respeito à investigação própria, não houve qualquer trabalho similar nas 28 edições estudadas.

Do ponto de vista da geração de pautas, cobertura e checagem, a análise de conteúdo indicou uma forte influência de terceiros. Isso se deu pela origem dos conteúdos textuais e fotográficos, e o tipo de fonte consultada. A autoria da equipe editorial diminuiu visivelmente ao longo dos anos e foi verificada uma clara cobertura à distância dos fatos. Estes dados são interpretados como sendo um reflexo do jornalismo de gabinete e da alta produtividade imposta à equipe que restou no veículo.

A partir da verificação da confluência entre respostas dos jornalistas e análise do conteúdo, infere-se que quanto menor a equipe e mais pressão sobre o trabalho, infere-se que quanto menor a equipe e mais pressão sobre o trabalho, maior será a suscetibilidade dos jornalistas em aceitarem conteúdos vindos de terceiros, assim como sugestões de pautas oferecidas por assessorias e fontes de informação, como governos e empresas. Em outras palavras, a qualidade do trabalho jornalístico é afetada diretamente pela falta de tempo e estrutura, levando ao declínio da qualidade do produto. Esses são resultados preocupantes, uma vez que o corpus de respondentes do survey é formado quase que majoritariamente por editores que também atuavam como repórteres ou colunistas rotineiramente. Se a equipe que supervisiona a qualidade editorial abdica da confirmação de dados antes de publicar, e se ancora em fontes oficiais por julgá-las mais relevantes, o restante da redação pode seguir o mesmo princípio. Isso indica um problema processual que impacta diretamente na qualidade geral da informação, o que ficou evidente na análise do conteúdo, e pode se refletir na perda da credibilidade do veículo.

CONCLUSÕES

Na análise apresentada acima, cujo objetivo era debater a desespecialização do jornalista a partir da precarização laboral, fica evidente a relação direta entre rotinas profissionais, performance e qualidade da informação. Na tese que serviu de base para este texto, aparecem outras evidências que ajudam a demonstrar essa confluência, assim como a fragilização dos trabalhadores da notícia a partir da correlação moderada de alta significância entre condições de trabalho e desempenho profissional (NICOLETTI, 2019; 2020a).

No caso do jornal investigado como estudo de caso, profissionais estáveis viviam em condição de instabilidade de emprego, praticando escolhas editoriais e deslizes técnicos incompatíveis com sua qualificação. A autonomia dos trabalhadores (em sua maioria editores) foi considerada vigiada devido à forte influência de atores externos à equipe editorial sobre a tomada de decisão da agenda noticiosa. Entre os principais “influenciadores” foram citados gestores ou donos do jornal, anunciantes e políticos. Estes últimos com menor representatividade.

Do ponto de vista da desespecialização do trabalho jornalístico, esses indícios se somam à intensificação da rotina, multifuncionalidade e baixa valorização profissional do ponto de vista salarial e da desqualificação do seu conhecimento formal e empírico sobre a profissão. São dimensões que atuam em conexão para enfraquecer a capacidade de ação e tomada de decisão do trabalhador da notícia. Diante disso, a desespecialização é observada como uma estratégia de negócio que acompanha também a desqualificação do produto.

Há o desmerecimento dos saberes profissionais, em que talentos e habilidades individuais – e coletivas – acabam sendo ofuscados ou impedidos de serem desenvolvidos por meio de estratégias de rotatividade constante, acúmulo de funções e falta de infraestrutura para desenvolver o trabalho.

Isso ocorre porque ao trabalhador é imposto um ritmo quase industrial, no qual o fazer e o pensar se desconectam para dar conta da produtividade. Em outras palavras, sua subjetividade é capturada pelo capital (ALVES, 2011). Trata-se da invisibilização da capacidade intelectual do trabalhador da notícia. “É a constituição de um novo nexos psicofísico capaz de moldar e direcionar a ação e pensamento de operários e empregadores em conformidade com a racionalização da produção”. Ela ocorre a partir da absorção da intelectualidade humana por meio da lógica de valorização, em que o trabalhador passa a ser copartícipe do negócio (ANTUNES, 2015).

Na organização flexível, a responsabilidade do sucesso ou insucesso geral do negócio é compartilhada pela pessoa que trabalha (o colaborador), que precisa se autogerenciar. Por trás dessa noção deturpada de autonomia está um constante automonitoramento e cobrança, em que a pessoa passa a se vigiar e punir seguindo as métricas estabelecidas pela organização.

Neste sentido, o valor imaterial do trabalho jornalístico, sua subjetividade, o pilar que sustenta

a produção, é confundida como sendo parte da maquinaria da indústria jornalística. Assim, seu talento e capacidade intelectual são “medidos” seguindo métricas de produtividade impostas pelo negócio jornalístico. Ou seja, “é a sua personalidade, a sua objetividade, que deve ser organizada e comandada” (LAZARATTO; NEGRI, 2013, p. 49). Desta forma, o trabalho intelectual configurado pela capacidade de raciocínio e expressão dos indivíduos (DINES, 1986), é atropelado pelo compasso de máquinas de alta velocidade. A desespecialização do trabalho jornalístico apresentada aqui se dá então pela alienação e estranhamento, perda da subjetividade e resignação.

REFERÊNCIAS

ACCARDO, Alain. **Journalistes ao quotidien**: essais de socioanalyse des pratiques journalistiques. Bordeaux: Le Mascaret, 1995.

ADGHIRNI, Zélia Leal. **O jornalista**: do mito ao mercado. Florianópolis: Insular, 2017.

ALVES, Giovanni. **Trabalho e subjetividade**: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.

ALVES, Giovanni. **Dimensões da precarização do trabalho**: ensaios de Sociologia do Trabalho. Bauru: Canal 6 Editora, 2013.

ANDERSON, Peter J.; GEORGE, Ogala; WILLIAMS, Michael. **The Future of Quality News Journalism**. Londres: Routledge, 2014.

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 6. ed. Campinas: Cortez Editora, 1999.

ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho. 7 reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2005.

ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2015.

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisas de Survey**. 2 reimpressão. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2003.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 6. ed. Editora da UFSC: Florianópolis, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70: Lisboa, 1999.

BARSOTTI, Adriana. **Jornalista em mutação**: do cão de guarda ao mobilizador de audiência. Insular: Florianópolis, 2014.

BURKHARDT, Fabiano. **Jornalistas free-lancers: trabalho precário na grande imprensa da Região Metropolitana de Porto Alegre**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/8642>.

BUSTILLO, Rafael Muñoz et al. **Measuring more than money: the social economics of job quality**. Edward Elgar: Glos, Northampton, 2011.

CHARRON, Jean; DE BONVILLE, Jean. **Natureza e transformação do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2016.

CLARK, Andrew E. **What makes a good job? Job quality and job satisfaction**. In.: IZA World of Labor, Institute for the Study of Labor (IZA), Bonn, 2015. DOI.: <http://dx.doi.org/10.15185/izawo>.

COELHO, José Manuel de Pablos; MARTÍN, Concha Mateos. **Estrategias informativas para acceder a un periodismo de calidad**, en prensa y TV: patologías y tabla de ‘medicación’ para recuperar la calidad en la prensa. *Ámbitos*, n. 111-12, p. 341-365, 2004.

COHEN, Barry H; LEA; Brooke. **Essentials of Statistics for the Social and Behavioral Sciences**. John Wiley & Sons: Hoboken, 2004.

CONNOLLY, T. G.; SLUCKIN, W. **An introduction to statistics for the social sciences**. 3 ed. Palgrave Macmillan: London, 1971.

CROCKER, Linda; ALGINA, James. **Introduction to Classical and Modern Test Theory**. Cengage Learning: Mason, 2006.

DEJOURS, Christophe. Análise psicodinâmica das situações de trabalho e sociologia da linguagem. In.: LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte Idal. **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008, p. 245-290.

DINES, Alberto. **O papel do jornal: uma releitura**. São Paulo: Sumus, 1986.

DRUCK, Graça. **Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios?** Caderno CRH. Salvador, v. 24, n. 01, p. 37-57, 2011.

DUBET, François. **Injustiças: a experiência das desigualdades no trabalho.** Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

EUROFOUND. Trends in job quality in Europe. **Luxemburg:** Publications Office of the European Union, 2012.

FERRACIOLI, Mario Cesar. "**A gente nem comenta porque isso no dia a dia acontece com todo mundo**": trabalho e sofrimento - o caso dos jornalistas. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. UFSC, 2000.

FIGARO, Roseli, NONATO, Claudia, GROHMANN, Rafael. **As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas.** São Paulo: SALTA/ATLAS, 2013.

FIGARO, Roseli. **A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho.** Revista Fronteiras – estudos midiáticos, n.16, v. 2, p. 124-131, maio/agosto de 2014.

GARCIA, José Luís (Org.). **Estudos sobre os jornalistas portugueses.** Metamorfozes e encruzilhadas no limiar do século XXI. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GOLLMITZER, Mirjam. **Employment Conditions in Journalism.** Journalism Studies, p. 1-28, mar 2019. DOI: 10.1093/acrefore/9780190228613.013.805.

GROHMANN, Rafael do Nascimento. **Os Discursos dos Jornalistas Freelancers sobre o trabalho: comunicação, mediações e recepção.** Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2012. Disponível em: <https://bit.ly/37n5T3s>.

GUERRA, Josenildo Luiz. **Sistema de gestão da qualidade aplicado ao Jornalismo: uma abordagem inicial.** Unesco: Representação do Brasil, Brasília, 2010.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Loyola, 1992.

HELOANI, José Roberto. **Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista.** Relatório de pesquisa n° 12/2003. EAESP/FGV/NPP: São Paulo, 2003.

HERSCOVITZ, Heloiza G; CARDOSO, Adalberto M. The Brazilian Journalist. In.: WEAVER, D. **The global journalist: news people around the world.** Hampton Press: Cresskill, 1998.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Brazilian journalists in the 21st century. In: WEAVER, David H.; VILLNAT, Lars. **The global journalists in the 21st century.** New York: Routledge, 2012, p 365-381.

KIKUTI, Andressa; ROCHA, Paula Melani. **Mercado de trabalho e trajetória profissional de jornalistas mulheres entre 2012 e 2017 no Brasil.** In: Anais 16° Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi: São Paulo, 2018.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Los elementos del periodismo.** Madrid: Santillana Ediciones Generales, 2003.

KREIN, José Dari et al. **Subsídios para a discussão sobre a reforma trabalhista no Brasil.** Campinas: Cesit, 2017.

LACY, Stephen; ROSENSTIEL, Tom. **Defining and Measuring Quality Journalism.** New Brunswick: Rutgers, 2015.

LANCMAN, Selma. **O mundo do trabalho e a psicodinâmica do trabalho.** In.: LANCMAN, Selma; SZNELWAR (Orgs.). **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008, p. 25-36.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. **Formas de vida e produção de subjetividade.** 2, ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2013.

LELO, Thales Vilela. **Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas: precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional.** 2019. Tese (doutorado) apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2019.

LIMA, Cláudia do Carmo Nonato. **Comunicação e mundo do trabalho do jornalista: o perfil dos jornalistas de São Paulo a partir da reconfiguração dos processos produtivos da informação.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2010.

LIMA, Samuel. **A precarização do trabalho e a saúde dos jornalistas brasileiros.** In.: Anais do Mejor: III Colóquio Internacional - Os silêncios do Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 12 a 15 de maio de 2015. p. 212 -227.

MARINHO, Sandra Cristina dos Santos Monteiro. **Formação em Jornalismo numa sociedade em mudança - modelos, percepções e práticas na análise do caso português.** Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação Especialidade de Estudos de Jornalismo, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Portugal. 2011.

MARTINS, Carla. **A desigualdade de género é o elefante na sala.** In.: MATOS, José Nuno; BAPTISTA, Carla; SUBTIL, Filipa (Org.). **A Crise do Jornalismo em Portugal.** Le Monde Diplomatique e Deriva Editores: Lisboa, 2017.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital.** 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2011b.

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer? Como salvar o jornalismo na era da informação.** São Paulo: Contexto, 2007.

MEYER, Philip; KIM, Koang-Hyub. **Quantifying Newspaper Quality: “I Know It When I See It”.** In.: Atas do Newspaper Division, Association for Education in Journalism and Mass Communication, Kansas, 30 de julho de 2003.

MICK, Jacques. **A precarização do trabalho dos jornalistas no Brasil.** In.: 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR). Brasília: Universidade de Brasília, novembro de 2013.

MICK; Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.

MIRANDA, João. **Jornalista: Retrato de uma profissão em asfixia**. In.: MIRANDA, João et al. *A corrosão do trabalho: precariedade, flexibilidade, reprodução de desigualdades*. Le Monde Diplomatique – edição portuguesa, n. 123, p. 4-5, janeiro 2017.

MOMPART; Josep L. G. et al. **La calidad periodística: Teorías, investigaciones y sugerencias profesionales**. Aldea Global: Valência, 2013.

MOMPART; Josep L. G.; SAMPIO, Dolors Palau. **Métodos y técnicas de análisis y registro para investigar la calidad periodística**. In.: *Actas del 2 Congreso Nacional sobre Metodología de la investigación en Comunicación*. UVA: Segovia, p. 771-785, 2013.

MOREIRA, Sônia V. **Country Report: Journalists in Brazil**. In.: HANITZSCH, T.; HANUSCH, F. et al. *The Worlds of Journalism Study*, p. 1 - 4, 2017. Disponível em: www.worldsofjournalism.org

MÜLLER, Carlos Alves. **A crise estrutural dos jornais e o surgimento das mídias digitais. Impactos sobre a produção jornalística**. In.: PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira; ADGHIRNI, Zélia Leal. *Jornalismo e Sociedade: teorias e metodologias*. Insular: Florianópolis, 2012. pp.145-165.

NEVEU, Erik. **Sociologia do jornalismo**. Loyola: São Paulo, 2006.

NICOLETTI, Janara; Mick, Jacques. **Influências da precarização na qualidade jornalística: construção de uma matriz de indicadores**. *Revista Passagens*. v. 9, p. 127-141, 2018.

NICOLETTI, Janara. **Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação: proposta de um modelo de análise**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2019.

NICOLETTI, Janara. **Precarização e qualidade no jornalismo: condições de trabalho e seus impactos na notícia**. Florianópolis: Insular, 2020a.

NICOLETTI, Janara. **Apontamentos sobre precarização e qualidade no jornalismo em um contexto de transformação do mundo do trabalho.** In.: PEREIRA, Fábio H.; ROCHA, Paula M.; GROHMANN, Rafael; LIMA, Samuel P. (Orgs). *Novos olhares sobre o jornalismo brasileiro.* Florianópolis: Insular, 2020b.

NICOLETTI, Janara. **Traços da precarização laboral no produto jornalístico: o caso de um jornal regional brasileiro.** In.: *Anais do 18º 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo.* SBPJOR: online, novembro 2020b. Disponível em: <https://bit.ly/37mdWxn>.

OLIVEIRA, Michelle Roxo. **Profissão jornalista: um estudo sobre representações sociais, identidade profissional e as condições de produção da notícia.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Unesp. Bauru: 2005.

ÖRNEBRING, Henrik. **Journalists thinking about precarity: Making sense of the “new normal”.** In.: *Anais ISOJ*, 2018, [s.p.]. Disponível em: <https://bit.ly/3fz7FmE> .

ÖRNEBRING, Henrik. **Newsworkers: a comparative European perspective.** New York: Bloomsbury Academic, 2016.

PACHECO, Liliana. **O lado sombrio do jornalismo está cada vez mais exposto.** In.: MATOS, José Nuno; BAPTISTA, Carla; SUBTIL, Filipa (Org.). **A Crise do Jornalismo em Portugal.** Le Monde Diplomatique e Deriva Editores: LISBOA, 2017.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Os estágios e a construção da carreira jornalística.** In.: *13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo.* UFMS: Campo Grande, 2015.

PICARD, Robert G. **Measuring and interpreting productivity of journalists.** *Newspaper Research Journal*, v. 19, n. 4, p. 71-84, 1998.

PICARD, Robert G. **Measuring quality by journalistic activity.** In.: PICARD, Robert (Org.). **Measuring media content, quality, and diversity: approaches and issues in content research.** Turku: Kirjapaino, 2000.

PICARD, Robert G. **Journalists 'Perceptions of the future of journalistic work**. Reuters Institute: OXFORD, 2015.

REBELO, J. **Ser jornalista em Portugal: perfis sociológicos**. Lisboa: Gradiva Publicações, 2011.

REIMBERG, CRISTIANE Oliveira. **O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho**. Tese de doutorado apresentada para o Programa de Ciências da Comunicação, da Universidade de São Paulo. 2015.

ROTHBERG, Danilo. **Jornalistas e suas visões sobre qualidade: teoria e pesquisa no contexto dos indicadores de desenvolvimento da mídia da Unesco**. Unesco, Representação do Brasil, Brasília, 2010.

RUELLAN, Dennis. Um ser profissional ou como percebê-lo. **Brazilian journalism Research**. São Paulo, v. 13, n. 1, jan-abr, p. 6-19, 2017.

SELIGMANN-SILVA, E. **Desgaste mental no trabalho dominado**. Rio de Janeiro: UFRJ;Cortez, 1994.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: As conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SOUZA, Luciene Maria de. **As transformações no mundo do trabalho: um estudo sobre a precarização e qualificação profissional dos operadores de telemarketing na cidade de Uberlândia, MG**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado - da Universidade Federal de Uberlândia. 2007.

STANDING, Guy. **O precariado. A nova classe perigosa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SUBTIL, Filipa; SILVEIRINHA, Maria João. **Caminhos da feminização da profissão de jornalista em Portugal: da chegada em massa à desprofissionalização**. In.: MATOS, José Nuno; BAPTISTA, Carla; SUBTIL, Filipa (Org.). **A Crise do Jornalismo em Portugal**. Le Monde Diplomatique e Deriva Editores: LISBOA, 2017.

THÉBAUD-MONY, Annie; DRUCK, Graça. **Terceirização: a erosão dos direitos dos trabalhadores na França e no Brasil.** In.: DRUCK, Maria da Graça; FRANCO, Tânia. A perda da razão social do trabalho: terceirização e precarização do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 22-58.

VALLEJO, Pedro Morales. **Guía para construir escalas de actitudes.** Universidad Pontificia Comillas: Madrid, 2010.

VEHKOO, Johanna. **What is quality journalism and how it can be saved.** Oxford: Reuters Institute for the study of Journalism, 2010. What is quality journalism and how it can be saved

VIDAL, Delcia Maria de Mattos. **Imprensa, jornalismo e interesse público: perspectivas de renovação - a notícia cidadã.** Tese (doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação. UNB: Brasília, 2009.

YIN, ROBERT K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos.** 2º ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YOUNG, Eric. **A new understanding: what makes people trust and rely on news.** Associated Press: Center for Public Affairs Research/American Press Institute, Estados Unidos, 2016. Disponível em: <https://goo.gl/bH6jxM>.

Jornalismo Live Streaming: histórico, proposições e desafios das notícias em tempo real nas mídias sociais

Alexandro Mota¹

INTRODUÇÃO

As tecnologias são, historicamente, aliadas dos jornalistas nos esforços de redução do tempo entre a apuração dos fatos e sua veiculação. Foi assim com as máquinas de impressão, com a chegada do transistor e das estações móveis no rádio, com a televisão que surge já com transmissão direta, mas também com o videotape e o mochilink e a viabilidade de gravação de imagens no local dos acontecimentos, além da comunicação por satélite, a internet móvel, os smartphones. Até a já superada ameaça de substituição de um meio por outro passava pela bravata de uma capacidade de entrega mais rápida. A ambição do furo jornalístico, do noticiário em primeira mão, o fetiche da atualização contínua ou mesmo a banalização do “urgente” nas postagens de mídias sociais são aspectos da cultura jornalística que nos ajudam a entender parte das apropriações sociais que as redações fazem da tecnologia para narrar, no ato, o tempo presente. Tomando a atualidade como um valor central do campo (GROTH, 2011), e na intersecção de aspectos sociotécnicos, organizacionais e da cultura profissional, discutiremos, aqui, o uso de tecnologias live streaming no jornalismo contemporâneo.

Nos primeiros meses da pandemia por Covid-19, o termo live teve saltos de interesse nas buscas do Google, o que é um indicador de uma popularização de parte do fenômeno que estudaremos neste capítulo ou, como acreditamos, de um movimento de saída de um uso de nichos (gamers, religiosos e os próprios consumidores de notícias em mídias sociais, por exemplo) para algo mais próximo de massivo. Na experiência da pandemia, ficou claro que o setor de entretenimento, principalmente grandes nomes da música internacional, foi responsável por tal popularização. No entanto, as lives como conhecemos hoje, inseridas no contexto das mídias sociais, passaram a ser um recurso digno de nota nas redações brasileiras desde o final de

¹ Jornalista, mestre e doutorando em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Pesquisador do GJOL – Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line. Em 2020, venceu o Prêmio Adelmano Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo pela dissertação *Jornalismo Live Streaming: Um estudo das apropriações jornalísticas da tecnologia de transmissão audiovisual ao vivo no Facebook*, orientada pelo professor Marcos Silva Palacios. E-mail: alexandro.ms@gmail.com.

2015², mas principalmente a partir de 2016. Muitos dos jornalistas e redações chegaram em 2020, com esse novo ‘boom’ das transmissões ao vivo na internet, então, com experiência nesse formato, saindo de um cenário inicial de um uso experimental, aperiódico, muitas das vezes sem planejamento para uma maior familiaridade com o recurso.

Esse contexto especial para o *live streaming*, de popularidade e amadurecimento, mas também de promessas com o avanço da tecnologia 5G, parece-nos uma oportunidade de revisitar e refletir sobre a relação do jornalismo com este fenômeno, o que faremos com base em nossos estudos do tema desde 2016 e cujo principal produto foi a dissertação *Jornalismo Live Streaming: Um estudo das apropriações jornalísticas da tecnologia de transmissão audiovisual ao vivo no Facebook*, defendida em 2019 no programa de Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia e contemplada com o Prêmio Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo. Neste capítulo, escolhemos não detalhar a parte empírica da pesquisa para expor uma elaboração teórica, centrada na atualização na noção de Jornalismo *Live Streaming*, inicialmente proposta pelo pesquisador Fernando Firmino da Silva (2008).

Apresentamos, inicialmente, os contornos históricos mais gerais sobre a tecnologia *live streaming* e a situamos como um fenômeno das mídias sociais, seguido do diálogo com as proposições do texto que consideramos seminal para o entendimento da relação dessa tecnologia com o jornalismo. Neste mesmo tópico, temos a nossa proposta de atualização da noção de Jornalismo *Live Streaming*, listando o que consideramos ser seus principais desafios metodológicos. Levantamos, na seção seguinte, como pesquisas recentes problematizam nossa proposição, concluindo com um esforço de pensar o futuro através de oportunidades de novas pesquisas, usos e apropriações do *live streaming* na indústria de mídia.

TECNOLOGIA, STREAMING E JORNALISMO

As *lives* hoje são popularizadas em diferentes mercados e são facilmente reconhecidas como um formato nativo dos ambientes de mídias sociais. Primeiro, cabe-nos entender do que, materialmente, estamos falando. O *streaming* diz respeito ao modo de entrega da mídia, que ocorre em fluxo, em pequenos “pacotes”, sem a necessidade do *download* prévio e completo para que seja consumida. *Live* designa que esse fluxo será entregue conforme for produzido, ou seja, ao vivo. *Live streaming*, então, vem sendo usado

² A cobertura da Revista Veja das eleições na Venezuela entre os dias 5 e 7 de dezembro de 2015, foi a primeira live no Facebook entre as páginas de mídia brasileiras. A cobertura no Facebook teve quatro transmissões. Sendo elas:

- 1) [fb.com/veja/videos/10153595262085617](https://www.facebook.com/veja/videos/10153595262085617)
- 2) [fb.com/veja/videos/10153596902145617/](https://www.facebook.com/veja/videos/10153596902145617/)
- 3) [fb.com/veja/videos/10153597213685617/](https://www.facebook.com/veja/videos/10153597213685617/)
- 4) [fb.com/veja/videos/10153597974195617/](https://www.facebook.com/veja/videos/10153597974195617/).

Acesso em: 13 maio 2021.

para apelar a transmissão ao vivo na internet – não necessariamente de vídeo, mas principalmente. O mercado de tecnologia, mais recentemente, apresenta novas nomenclaturas para esse fenômeno, tais como *Mobile Streaming Video Technologies*, *Video Live-streaming*, *Social Streaming* e *Social Media Live Streaming*.

Os termos acessórios à *streaming* e à *live* nas terminologias acima são indícios de que não estamos diante de uma possibilidade técnica nova, mas remodelada por novas condições. Eles sugerem que a mobilidade (com direta associação, aqui, aos *smartphones*) e principalmente o caráter social dessa experiência são marcadores que diferenciam fases dessa tecnologia. Tal caráter se expressa nos *reactions*, comentários e, em geral, na intervenção do público naquilo que está sendo construído, sempre em rede e com alta sincronicidade. Antes de argumentarmos sobre como, pontualmente, o jornalismo se apropriou de tais tecnologias agregando novos aspectos narrativos e deontológicos às suas práticas, recuperaremos alguns eventos e ponderações que nos ajudam a reforçar: as lives – como popularmente conhecemos – se distinguem pela camada de rede social que se junta a uma tecnologia que não é nova na história da internet

O *streaming* de vídeo é possível desde a década de 1990, e serviços corporativos de vídeo conferências são bons exemplos disso. Pensando em uma “*live musical*”, usando os termos dos nossos tempos, a primeira delas ocorreu em 1993 e foi protagonizada por uma banda de rock da Califórnia, Severe Tire Damage, formada por profissionais da área de tecnologia (SAVETZ; RANDALL; LEPAGE, 1998). Em 1995, a empresa RealNetworks ascendeu por serviços e melhorias de *streaming* de vídeo. No dia 14 de dezembro de 1996, pela primeira vez no Brasil, uma música foi lançada e transmitida em tempo real pela web. A ideia foi da produtora Flora Gil e a música, de Gilberto Gil, chama-se “Pela Internet”. O Ustream foi lançado em 2007, já popular como ferramenta de comunicação por vídeo utilizada por soldados americanos que serviam no Iraque ou no Afeganistão para comunicação com seus familiares. Em 2008, Microsoft e NBC se juntaram para transmitir pela internet os Jogos Olímpicos de Verão por duas semanas. A primeira menção ao Facebook Live foi em 2010 – na época, tratava-se do uso do serviço da empresa Livestream para transmissões de eventos institucionais na rede social.

Recuperamos parte do histórico¹ levantado em nossa pesquisa (MOTA, 2019) para afastar a embalagem novidadeira frequentemente associada às transmissões no contexto das plataformas de mídias sociais. Feita essa introdução, podemos acrescentar novos fatores ao desenvolvimento desse mercado. O primeiro, é a ampla base de usuários que as empresas de mídias sociais possuem, uma comunidade familiarizada com a interface e lógicas de interação dessas ambiências e incentivada para

³ Nossa pesquisa registrou em uma linha do tempo os principais fatos das transmissões de vídeo ao vivo nas redes sociais. Disponível em: time.graphics/pt/line/155477. Também alimentamos uma hashtag (#AoVivoNoOnline) no Twitter com informações relacionadas à pesquisa e ao tema do ao vivo em redes sociais de um modo geral. Disponível em: twitter.com/hashtag/AoVivoNoOnline?f=live.

a testagem de novos recursos. Esse aspecto é reforçado por Bradshaw (2014) em um texto em que reflete sobre os impactos da noção de instantaneidade no consumo, produção e distribuição de notícias a partir das redes:

‘Tempo real’ não é propriamente um novo desenvolvimento. Já era possível assistir vídeo livestream a partir de um telemóvel anos antes de o Twitter ter sido inventado. A questão estava no fato de os usuários estarem presentes num website em particular. O que o Twitter e o Facebook adicionaram foi a infraestrutura de distribuição: a possibilidade para que aqueles livestreams, imagens, livros-áudio e textos fossem entregues a centenas de milhões de usuários. É neste ponto que a principal vantagem competitiva do publishing (jornalismo) tradicional está sendo desafiada. (BRADSHAW, 2014, p. 113 114).

Outro aspecto associado a esse primeiro é o contexto da plataformização em que o fenômeno está inserido, o que toca nas políticas de governança dessas empresas de mídias sociais. Podemos ilustrar isso com o movimento de transferência de credibilidade e de “novidade” que houve quando grandes corporações apostaram no mercado das *lives*, o que foi percebido por Edelman (2016) quando o Twitter adquiriu o ainda em desenvolvimento Periscope de uma *startup* para enfrentar a ascensão do serviço de *live streaming* Meerkat (um desses aplicativos que tentam enfrentar o domínio das gigantes e que costumam ter finais previsíveis – incorporação aos serviços das *Big Fives* ou a asfixia, o Meerkat seguiu este último caminho).

Outros movimentos comerciais anteriores reforçam essa ideia. Em 2011, o Skype comprou a *startup* de vídeo Qik, que desde 2007 apostava em compartilhamento de vídeo ao vivo por celulares (um dos primeiros serviços do tipo). Em 2014, em uma operação financeira vultosa, a Amazon comprou o Twitch (antes chamado de Justin.tv), tornando-se um dos primeiros sucessos de popularidade do *live streaming* com transmissão de jogos. Aqui, a lógica do “siga o dinheiro” faz sentido e ajuda a desmistificar, inclusive, uma ideia de um desenvolvimento natural de ecossistema midiático que passa a eleger como tendência uma ou outra forma de comunicação.

Uma pesquisa publicada pela *New Media & Society* (REIN; VENTURINI, 2018) sobre o *social streaming*, que toma como caso de estudo o Facebook Live, demonstrou que o sucesso das *lives* com a entrada do Facebook no mercado foi artificialmente inflado por direcionamentos algorítmicos (impulsão nos *feeds*) e investimento financeiro (parceria com grandes empresas de mídia). Este segundo fator – o pagamento para criadores de conteúdo usarem seus recursos, inclusive, era até então inédito nas ações de marketing do Facebook e criou uma rivalidade na indústria de mídia. Pequenas e médias empresas de jornalismo e de mídia apostaram nas *lives* por conta das iniciais altas taxas de engajamento do recurso e se espelhando em grandes empresas, que, por sua vez, estavam sendo pagas para transmitirem pelo Facebook Live.

Importante sublinhar que a adoção das *lives* pelas redações, e pelos usuários de mídias sociais de um modo geral, não pode ser vista com o simplismo de pura ação de marketing. O ‘boom’ mais recente das *lives*, no contexto da pandemia por Covid-19, demonstra que tecnologia e cultura se movimentam por impulsos sociais e culturais mais amplos. É importante também lembrar, como outro momento de popularidade do ao vivo na internet, os protestos de rua a partir de 2010, como a fama do aplicativo Bambusers durante a Primavera Árabe; com os movimentos Occupy (EUA) e 15-M (Espanha), em 2011; em 2013, a criação do Mídia Ninja e outros coletivos de jornalismo independente com o uso assíduo do Twitcasting.tv durante as Jornadas de Junho (Brasil), além da exploração do ao vivo pela internet, no mesmo ano, durante a EuroMaidan (Ucrânia). Tratam-se de movimentos com presença forte de transmissão de vídeos das ruas por populares, algumas delas inclusive como contranarrativa das coberturas do jornalismo profissional (MONTERDE; POSTILL, 2013; BECKER; MACHADO, 2014; D’ANDRÉA, 2015; KHARIF, 2015; ORLOVA, 2016).

Até aqui, entendemos que as transmissões de vídeo ao vivo não são necessariamente um fenômeno novo, mas ampliado e remodelado socialmente. Além disso, destacamos a necessidade de ser observado como um fenômeno inserido no contexto da plataformização (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018; D’ANDRÉA, 2020), o que inclui aspectos comerciais próprios e a perda do controle de seus fluxos informacionais pelos veículos de mídia. Usados para pensar o jornalismo, essas duas premissas nos conduzem à outra: os jornalistas embarcaram no ao vivo na internet, inicialmente, com uma gramática e uma bagagem própria do fazer televisivo e seu modo de produzir transmissões diretas, especialmente com a influência dos canais *all news*, o que vai reverberar em muitas marcas televisivas possíveis de serem verificadas na produção de jornalistas nas mídias sociais, mas também cedem em partes às demandas das redes, especialmente por privilegiar *soft news* e fazer um maior esforço de incorporação das interações do público.

Apesar dessa referência inicial, as *lives* jornalísticas vão se diferenciar da produção televisiva (MOTA, 2018), principalmente pelo modo como os repórteres realizam constantes negociações técnicas com seus interlocutores durante as transmissões sobre enquadramentos e qualidade da imagem, som e conexão com a internet; como utilizam de uma estética amadora que valoriza a informação; por esses profissionais terem uma performatividade própria por não serem, em geral, familiarizados ao vídeo; além da própria condição de produção, por operarem como uma espécie de “híbrido repórter-celular” (GUIMARÃES, 2017, p. 71).

No contexto brasileiro, os usos mais frequentes que observamos do uso de *lives* por redações foram: transmissão em tempo real de acontecimentos *in loco*, transmissão de eventos (em geral, meramente transpositivo), entrevistas (bastante frequente e que se intensificaram no período da pandemia), resumos dos acontecimentos do dia (uma espécie de boletim de notícias), “programas”

temáticos (algo próximo de uma “mesa redonda”, com forte presença da participação dos usuários com opiniões), além de frequentes *lives* com bastidores das rotinas nas redações ou em apurações.

Vale ressaltar que o *live streaming* foi apropriado pelo jornalismo brasileiro principalmente para narrativas baseadas no tempo atual⁴, ou seja, para atualização no ao vivo de acontecimentos passados. As *lives* no contexto de coberturas de rua/tempo real pelas redações, em geral, são pontuais, mesmo antes da pandemia. Essa tendência guarda relação com o profissional multitarefa, que algumas vezes não se sente incentivado a acrescentar mais uma responsabilidade à cobertura, o que também se vincula, em geral, a uma falta de investimento das redações.

[...] Coletivos independentes de jornalismo, como o Mídia Ninja e Jornalistas Livres, em relação ao jornalismo tradicional, apropriaram-se com maior rapidez e maior dedicação desses recursos de transmissão ao vivo pela internet. Inclusive, ao que nos parece, a atuação [antecipada] dos jornalistas independentes serve como [uma espécie de] “denúncia” da falta de investimento em equipamentos e planos de dados por parte das empresas de jornalismo impresso e online, que só passam a usar tais ferramentas muito depois, e ainda em condições limitadas ou subordinados às redações. (MOTA, 2019, p. 174).

Ao mapear a experiência brasileira com o uso pontualmente do Facebook Live, entre 2015 e 2018, constatamos que o recurso foi usado no período, pelo menos uma vez, por 81% das fanpages de empresas de jornalismo, sendo um fenômeno nacional. Os veículos nativos digitais aderiram mais rapidamente ao recurso, enquanto as emissoras de TV resistiram. A chegada das *lives* freou, percentualmente, o crescimento de postagem de vídeos gravados, o que reforça que, também na experiência brasileira, as promessas de maior alcance das páginas com o recurso foram um atrativo. Constatamos que os usuários comentam cinco vezes mais um vídeo transmitido ao vivo do que uma postagem de vídeo “tradicional”. O mapeamento, detalhado em nossa pesquisa (MOTA, 2019), baseou-se em banco de metadados de 235 mil vídeos produzidos por pouco mais de duas centenas de organizações com presença no Facebook, incluindo as principais emissoras de TV, os principais veículos nativos digitais e as empresas de jornalismo impresso de todos os estados brasileiros.

A análise detida da produção de transmissões ao vivo no Facebook e as entrevistas com profissionais de seis redações brasileiras⁵ nos exigem advertir que as *lives* não são vistas como produções prioritárias ou como centrais nas rotinas produtivas, mas que costumam se justificar como um formato direcionado ao engajamento e por seu potencial, no caso da cobertura de rua, de produzir imagens de impacto ou exclusivas. As *lives* vêm servindo, ainda, como um elemento de

⁴ Em oposição à noção de tempo real. Fachine (2008) diferencia o que chama de tempo atual virtualizado (um ao vivo para noticiar algo que já ocorreu, geralmente no local do acontecimento, entra nessa categoria) do tempo real virtualizado (quando é feita a transmissão de um acontecimento no momento em que se transmite).

⁵ A saber: Bahia Notícias (BA), Correio (BA), Folha de S. Paulo (SP), Gazeta do Povo (PR), iBahia (BA) e O Globo (RJ).

humanização de repórteres cuja identidade limitava-se às assinaturas das matérias; como uma ação de maior transparência das redações; além de serem capaz de gerar novos fluxos comunicativos – em muitos dos casos, por exemplo, os “retornos” dos repórteres nas ruas, frequentemente repassados às redações por troca de mensagens ou por ligação telefônica, eram feitos ao vivo nas mídias sociais, diretamente para o público ao mesmo tempo que serve para atualização das reportagens em construção nos sites.

Tendo introduzido esses aspectos mais gerais da tecnologia e das apropriações pelas redações, podemos avançar no entendimento sobre o que queremos dizer quando nos referimos a *Jornalismo Live Streaming*.

O QUE É O JORNALISMO LIVE STREAMING

O primeiro emprego da expressão *Jornalismo Live Streaming* foi em um artigo do professor Fernando Firmino da Silva (2008) publicado nos anais do VI Encontro Nacional da SBPJOR. O título da comunicação é *Jornalismo live streaming: tempo real, mobilidade e espaço urbano* e tem como principal contribuição a identificação de um novo patamar de instantaneidade nos processos de difusão e produção nas redações brasileiras. Os exemplos usados na argumentação do autor incluíam transmissão de vídeos ao vivo pela internet, ainda fora da lógica dos Sites de Redes Sociais⁶, ao lado do uso de tweets em tempo real na programação da TV e dos repórteres de imagem de redações convergentes que alimentavam, da rua com o uso de notebooks, galerias nos sites das organizações.

De saída, é importante situar que, ao convocarmos a ideia de *Jornalismo Live Streaming*, não estamos propondo um conceito, um gênero ou um tipo de jornalismo. Antes, entendemos que se trata de uma noção que nos ajuda a demarcar as condições de produções e consumo de notícias de uma época através do uso potencial de ferramentas específicas que abraça os atravessamentos sociotécnicos do fazer jornalismo no presente. *Jornalismo Live Streaming* evoca o impositivo das plataformas de mídias sociais, com implicações variadas, entre elas a redução da autonomia das redações em relação à circulação de suas produções; lança luz sobre as condições de uma instantaneidade intensiva no fazer jornalístico e de uma alta visibilidade e importância das interações dos usuários nas engrenagens de consumo e circulação das notícias. Embora consideremos um texto seminal, Silva (2008) não postulou propriamente o que é o *Jornalismo Live Streaming*. O autor descreveu cenas e contextos que, nossa leitura uma década à frente, permite tais inferências iniciais.

Retornando ao referido texto, os exemplos trazidos pelo autor lançava luz sobre mudanças estruturais, como a perda de exclusividade das transmissões em tempo real por parte das rádios e TVs, complexificando a relação entre mídia de massa e mídia de funções pós-massivas; a mudança

⁶ Nos exemplos de Silva (2008) há dois usos de transmissão de vídeo, um com tecnologia 3G para entradas ao vivo na própria televisão e o do Jornal NH Online, que já transmitia reportagem ao vivo na internet através do site Qik.

de rotinas profissionais, passando por alterações na própria noticiabilidade com fortalecimento do critério de localismo; além do desaparecimento do *deadline*, que também inspirou a aplicação da sátira expressão *deadline* contínuo. As ferramentas de *streaming* e os *smartphones* já eram apresentadas como potenciais refinadores da prática jornalística. Em 2008, o autor já justificava a necessidade de entender a incorporação de ferramentas *live streaming* na rotina profissional dos jornalistas como forma de permitir “um enquadramento conceitual do próprio futuro do jornalismo num ambiente de convergência e de digitalização midiática” (SILVA, 2008, p. 1).

Justificamos, então, que a necessidade da atualização da ideia do Jornalismo *live streaming* em Silva (2008) não ocorre pela obsolescência de suas proposições, mas pela potencialização delas em um novo ambiente.

Olhamos para um objeto que se insere em um ambiente de redução do tamanho e do peso dos equipamentos de captura de imagens, de avanços na digitalização dos processos de edição, do robustecimento de base de dados digitais, de melhores condições de conectividade e de saltos na qualidade da transmissão via internet e, principalmente, de barateamento da produção de vídeos até mesmo através de *smartphones* (o que vem significando não somente economia de equipamentos, mas também o enxugamento de equipes). Em detrimento de custosas horas de voos de helicópteros, drones equipados com câmeras conectadas à internet; em vez de furgões adaptados como Unidades de Transmissão de TV, aplicativos de celulares. Todas essas considerações potencializaram as proposições de Silva (2008) sobre as propriedades do localismo e da instantaneidade intensiva como agentes de mudanças na rotina dos jornalistas. (MOTA, 2019, p. 31).

Como ilustramos inicialmente, outro aspecto que potencializa a noção de Jornalismo *Live Streaming* é o fato de a entrada do Facebook, Twitter, Amazon e Google no *live streaming* ter reconfigurado o mercado e suas lógicas de distribuição e consumo. Além disso, a transmissão ao vivo de vídeo não só saiu do domínio exclusivo do *broadcasting*, como apontava Silva (2008), mas esse movimento avançou para uma popularizou geral do recurso – com um celular conectado, praticamente qualquer pessoa pode transmitir ao vivo. No jornalismo, pontualmente, a apropriação dessas tecnologias permite novas dinâmicas de contato entre produtores e consumidores de notícias (MOTA; PALACIOS, 2018), que sofre de forma direta a ação de valores culturais dos nossos tempos. São exemplos desses valores da atualidade o “eu”, o “aqui” e o “agora”, descrito por Aguiar e Barsotti (2016) como grandes influenciadores das práticas jornalísticas na contemporaneidade e que conseguimos identificar no modo como há, no uso de ferramentas *live streaming*, valorização da primeira pessoa e do hiperlocal, conectando-se com o que os autores classificam como “o culto ao flagrante, o uso do ao vivo e a atualização frenética em sites de notícia [como] alguns dos artifícios

empregados para intensificar o presente” (p. 205).

Não podemos deixar de mencionar que a potencialidade da noção de Jornalismo *Live Streaming* também se reforça com o notório aumento da conectividade, não apenas do ponto de vista social, mas também infraestrutural, com o avanço da oferta de internet para além dos grandes centros urbanos, melhorias do serviço residencial e empresarial e das redes de telefonia móvel de quarta e, agora, quinta geração (4G e 5G). Feitas essas ponderações, avançamos no entendimento que pensar mobilidade, interatividade e instantaneidade intensiva de modo conjunto, nos aproxima da noção de Jornalismo *Live Streaming*.

Mobilidade. Central nos estudos de Silva (2007, 2008, 2015), a discussão sobre mobilidade nos parece consolidada. É evidente que tal característica significou uma “crescente reconfiguração dos processos jornalísticos na relação com a produção em campo em que a imediatez, aliada ao acesso remoto de dados para apuração, complexificam a cultura jornalística com a incorporação de novas rotinas” (SILVA, 2015, n.p.), culminando inclusive na noção de ubiquidade (PAVLIK, 2014). Mudanças na apuração em mobilidade por conta do uso de ferramentas *live streaming* foram observados nas práticas que analisamos em nossa pesquisa principal. Alguns repórteres reconhecem que fazem menos anotações ou gravações auxiliares por acreditar que o registro feito no Facebook Live pode, posteriormente, servir para a consolidação de seus textos, já que o arquivo do vídeo fica disponível na página do veículo – o que pode se comparar ao que Barnard (2016) identificou no uso de jornalistas no Twitter e classificou como “anotações públicas”. Uma série de investigações desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Mobilidade (Mobjor), da Universidade Estadual da Paraíba, apontam também que os usuários são fortes preditores do avanço do *live streaming* (a exemplo de SILVA; GUIMARÃES; SOBRINHO NETO, 2016, p. 146). Usuários esses inseridos no contexto de um ecossistema móvel e multiplataforma.

Interatividade. O caráter social que inicialmente debatemos parece materializar a interatividade, uma das características mais evidentes e propagandeadas das *lives*. Rost (2014) nos oferece embasamento teórico para pensar que as condições de interatividade são múltiplas, diversificando-se em tipos e gradações. Nossa defesa é que tal característica tem diferenciais no contexto das *lives* nas mídias sociais, através de um novo padrão de visibilidade da interação gerada pelos usuários. A chamada interatividade comunicativa (relacionada à produção dos usuários com base no consumo da mídia), não está mais relegada a um espaço externo ao conteúdo noticioso, ao lado ou abaixo dele, mas sobreposto, integrado – referimo-nos aos comentários e reações que aparecem sobre o vídeo na visualização mobile das *lives* gravadas na posição vertical – e cuja mediação está fora do controle do produtor do conteúdo no momento da transmissão ao vivo. Os usuários comentam sobre as *lives* em si ou seu conteúdo, opinam, dão informações sobre o local em que assistem, usam a visibilidade das

mídias para imprimir manifestações políticas, confrontam, avaliam e colaboram com os jornalistas, enviam perguntas e com esses e outros inputs podem, potencialmente, alterar o curso da transmissão.

Instantaneidade intensiva. Debatermos e trouxemos elementos ao longo do capítulo que reforcem a ideia do desaparecimento do *deadline*, com a drástica redução (ou o imbricamento) entre apuração, circulação e consumo. O uso de ferramentas *live streaming* gera o que um repórter que entrevistamos na pesquisa nomeou como “retorno ao vivo”, já exemplificado. Trata-se de uma comunicação dupla, que ao mesmo tempo em que entrega um ‘produto final’ aos usuários (a *live*), serve como fonte de informação para as redações desdobrarem em outros formatos (principalmente textual, para atualização dos sites). Tudo isso com *feedback* instantâneo dos consumidores, o que não é comum em outras produções jornalísticas – na tela em que transmite, o jornalista vê o que comentam sobre seu trabalho. É preciso refletir sobre como a redução de estágios entre apuração e consumo da notícia pode afetar os aspectos da sensibilidade profissional:

[...] as dificuldades de resposta ágil por parte desses profissionais, que passam a ter que lidar com um maior volume de informações, não apenas geradas pelo ambiente do fato narrado, mas também decorrentes das interações dos seus interlocutores, que ocorrem em ritmo cada vez menos espaçado. Tal aspecto reforça o elemento de complexificação na interação com fontes e receptores, previsto por Fausto Neto, e as necessidades de adaptação constante a ambientes cambiantes de produção e recepção de mensagens. (MOTA; PALACIOS, 2018, p. 11).

A instantaneidade intensiva é aquecida pelo fortalecimento da lógica todos-para-todos e se conecta com o alto grau de interatividade, medido pelo quão visível dentro da produção jornalística é a interação dos usuários. Dentro dessas condições, ao passo em que a informação é gerada e entregue aos usuários, estes podem se apresentar “dentro” deste conteúdo, podem compor esse conteúdo conforme ele é produzido e entregue em uma lógica que simula uma sincronia temporal entre os polos de produção e recepção. Revisitando Silva (2008) e entendendo que esses componentes descritos até aqui elevaram a um novo padrão a instantaneidade no jornalismo digital, podemos então tomar como enunciado do Jornalismo *Live Streaming*:

a prática do jornalismo que utiliza tecnologias *live streaming* para produções noticiosas baseadas na **instantaneidade intensiva**, cujos processos de produção, difusão e consumo são **síncronos** e com **alta visibilidade das interações dos usuários**, sendo potencialmente capaz de **integrar os receptores ao conteúdo como coprodutores** em tempo real ou atual (MOTA, 2019, p. 193, grifo do autor).

Embora abarque as principais considerações do texto seminal e a evolução do entendimento do fazer jornalístico na contemporaneidade, ainda consideramos que a proposição acima ainda é fortemente associada à realidade do objeto empírico que estudamos, as *lives* no Facebook, podendo ter uma aplicação fragilizada em outro objeto ou em futuras evoluções da tecnologia *live streaming* e de suas apropriações sociotécnicas pelo jornalismo. Ainda assim, acreditamos que ela cumpre a função de uma demarcação temporal e de condições de produção, circulação e consumo de notícias em que as ferramentas atuais de *live streaming* são empregadas.

Voltando para o artigo de Silva (2008), a luz dos Estudos do Jornalismo Digital (STEENSEN; WESTLUND, 2021), identificamos potencialidade de discutir, a partir da proposição, não apenas critérios de noticiabilidade, mas também da própria noção de notícia aplicada a esse contexto de produção. Também são oportunidade de aprofundamento a discussão sobre qualidade do jornalismo e o aspecto, aqui não anteriormente mencionado, da preocupação de Silva (2008) com a relação de tais tecnologias com os espaços urbanos.

Pensando na pesquisa e nos desafios metodológicos de entendimento dessas práticas, é importante ponderar as dificuldades de acompanhamento de fluxos comunicacionais tal complexo e por vezes efêmeros, bem como o risco de menosprezar um dos aspectos mais importantes de tal prática: a alta interação dos usuários, em detrimento de uma análise detida no produto (nesse caso, é mesmo possível de separar tais dimensões?). Nossa experiência também exige advertir atenção para o uso meramente transpositivo do recurso *live streaming*, como o de emissoras de TV que replicam nas mídias sociais o mesmo sinal televisivo ou até mesmo de emissoras de rádio que transmitem *lives* dos estúdios que mais se assemelham ao acesso de câmeras de segurança, sem qualquer atenção ao público. Não se pode reduzir o potencial do *live streaming* a tais usos.

Também inspira atenção redobrada o uso das APIs (Interface de programação de aplicações) das próprias plataformas para extração de metadados sobre as transmissões, sendo necessário entender as dimensões políticas e de governança desses recursos, bem como as implicações para a pesquisa dos dados que não são disponibilizados ou de possíveis enviesamentos do acesso a eles. Outro cuidado com a pesquisa de ferramentas *live streaming* inclui o entendimento do modo de distribuição do conteúdo, o que passa pela compreensão de aspectos algorítmicos e de uma rede de notificações (*push*). É preciso considerar que as *lives* têm consumo preponderantemente, porém não exclusivo, no mobile e que também podem ser vistas gravadas (VoD, da sigla em inglês para *video on demand*), posteriormente. Em ambos os casos, é preciso discutir possíveis alterações nas experiências.

Encorajamos fortemente a adaptação de ferramentas metodológicas antigas e novas para a análise das *lives* ou de outros recursos *live streaming*, uma vez que se trata de um fenômeno novo, ao mesmo tempo em que se conecta e traz consigo continuidade e potencializações de mídias anteriores.

Em nossa experiência, a adaptação da Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (MOTTA, 2010) e os operadores de análise para transmissão direta na TV propostos pela professora Juliana Gutmann em sua tese (GUTMANN, 2014) foram importantes pontos de partidas para o desenho metodológico e compreensão do fenômeno da *live*, assim como foram interessantes a aplicação de análise documental e o suporte teórico-metodológico da SST (modelagem social da tecnologia) e das apropriações sociais das tecnologias, que ajudaram afastar premissas de um determinismo tecnológico em nossas análises.

LIVE STREAMING, ATUALIDADE E DIÁLOGO

Já tendo situado historicamente o nosso objeto e apresentado nossos entendimentos sobre seus contornos, pretendemos agora colocá-lo em diálogo com estudos similares, antes de apontar, na próxima e última seção, para as tendências e possibilidades de ampliação do seu escopo. Considerando que o live streaming no contexto das plataformas de mídias sociais próxima e última seção, para as tendências e possibilidades de ampliação do seu escopo. Considerando que o *live streaming* no contexto das plataformas de mídias sociais despontaram a partir de 2015, é importante ressaltar que estamos diante de um objeto de pesquisa recente, já com múltiplas entradas quando observado de modo interdisciplinar, mas ainda com bastante oportunidade de exploração no campo dos estudos de jornalismo.

De um modo geral, acreditamos que faz sentido situar nossa discussão no contexto de uma cultura do *streaming* (RUGG; BURROUGHS, 2016). Já pontualmente em relação ao jornalismo, o estudo do Jornalismo *Live Streaming* se situa como um dos elementos que podem colaborar para mudanças epistemológicas do chamado Jornalismo Móvel (SILVA, 2015; CANAVILHAS, 2021) e pode ser observado do ponto de vista da inovação e de aspectos organizacionais pelos Estudos de Jornalismo Digital (STEENSEN; WESTLUND, 2021). Acreditamos também que o que aqui descrevemos se posiciona como um bom exemplo do que Franciscato (2019) defende como uma reformulação da experiência da temporalidade jornalística a partir de novas mediações tecnológicas. Nesse sentido, o autor explica que tais mudanças mostram que:

[...] o jornalismo diminui sua força como instituição centralizadora e normatizadora de um tempo social, de uma identidade temporal uniformizadora e cede espaço a temporalidades múltiplas, construídas e vividas em diferentes experiências, seja nos eventos, no processo de produto ou nas formas de recepção, compartilhamento e ressignificação dos conteúdos. (FRANCISCATO, 2019, p. 144).

Live Streaming no contexto das mídias sociais exigem pensar sobre aspectos da cultura profissional e organizacional. Rugg e Burroughs (2016), por exemplo, vão destacar o modo como cresce a possibilidade dos jornalistas empregarem nessas transmissões as suas próprias marcas, ampliando, a partir disso, a conexão com seu público – acrescentaríamos, aqui, capital social – e, de algum modo, contornando a infraestrutura da indústria de mídia tradicional, driblando até mesmo as concessões públicas. Tal movimento, associa-se a um ambiente de trabalho pós-industrial apontado nas pesquisas de Apablaza-campos (2018) e Guimarães (2017). Por outro lado, ao pesquisar sobre a construção do acontecimento jornalístico nas *lives*, a dissertação de Medeiros (2018) revela condições precarizadas de produção em um cenário de jornalismo local, com relatos de profissionais que trabalharam por mais de doze horas em uma cobertura e que usam seus próprios equipamentos e planos de dados móveis para tornarem possíveis as transmissões ao vivo pelo Facebook Live.

Uma publicação recente que aborda de modo panorâmico as transmissões ao vivo nas redes sociais é *Social Media Livestreaming: Design for Disruption?* livro de Claudette Artwick (2019), pesquisadora e professora associada de Jornalismo e Comunicação de Massa da Washington and Lee University (EUA). Os numerosos exemplos de *lives* de eventos de grande repercussão, protestos de rua e de tragédias naturais ou humanas presentes na obra engrandecem os potenciais da prática do Jornalismo Live Streaming. A autora propõe pensar tais transmissões a partir das perspectivas de fluxos (*flows* e *streams* estão substituindo páginas e navegadores, tornando-se um tipo de arquitetura dominante e fazendo parte da narrativa cultural dos nossos tempos) e potencialização de conexões humanas. A autora assinala a alta interatividade das *lives* como virtude desse tipo de conteúdo, mas também adverte para o quão pesadas podem ser para os jornalistas, o que inclui frequentes comentários inapropriados.

Pensando principalmente sobre a lente das questões éticas do jornalismo e do chamado Conteúdo Gerado por Usuários, Cooper (2019), em artigo publicado na revista *Journalism*, identifica o *live streaming* como um símbolo dos principais desafios do jornalismo atual. Pesquisadora do jornalismo em contexto de tragédias, a autora sugere que a repercussão dada a transmissões geradas por usuários comuns da rede – que ela considera como “atos de jornalismo” – destaca a discussão dos limites em torno do que é ou o que faz o jornalismo profissional. A autora situa como a facilidade de acesso à transmissão e o modo como funções como o *live streaming* são altamente propagáveis são questões para refletir em meio a ondas de desinformação, o que mantém a responsabilidade do jornalismo em relação à reprodução de conteúdo e seu diferencial com o cumprimento dos seus rituais estratégicos e honra aos compromissos éticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, apresentamos o Jornalismo *Live Streaming* como uma prática e uma definição operacional para pensar o jornalismo do presente. Mesmo tratando-se de um fenômeno novo, nosso esforço foi de historicizar tal tecnologia e fazer um cruzamento de seus aspectos técnicos com questões sociais de um modo geral e com aspectos da cultura jornalística em particular. O capítulo, embora se esforce em resumir uma das dimensões teóricas defendidas na dissertação, procurou externar preocupações metodológicas que eram da ordem dos bastidores da pesquisa principal e fazer relações com novos autores, além de demarcar o crescimento da popularidade das *lives* por conta do isolamento social exigido pela pandemia por Covid-19, o que potencializou os recursos que estavam começando a ser renegados até mesmo pelas plataformas.

Embora não tenhamos identificado apropriações novas no último ano ou usos inovadores das *lives* pelas redações, quanto a conteúdos propriamente jornalísticos, no contexto da pandemia, acreditamos que um maior letramento social para o consumo dessa tecnologia é uma oportunidade para as redações de investimento e diversificação de seus formatos, tão logo seja possível que os jornalistas estejam trabalhando sem as pressões e sobrecargas adicionais da atual crise política e de saúde. O cenário do último ano, no entanto, parece desafiar os jornalistas com uma maior concorrência quando o assunto é *lives* no formato entrevista. Isso também nos ajuda a lembrar que o jornalismo é um dos diferentes agentes apropriadores dos recursos *live streaming*, o que exige reflexões sobre a autoridade do campo frente a um nivelamento perante outros agentes sociais que é, reduzindo aqui as preocupações, prioritariamente técnico.

Como exercício de pensar o futuro das apropriações jornalísticas do *live streaming*, recorreremos a dois cenários reais e ilustrativos:

FIGURAS 1 E 2: REPÓRTER (DIR.) FAZ ENTRADA AO VIVO NA TV ATRAVÉS DE SUA CONTA PESSOAL NO INSTAGRAM; TELA DO TWITTER DURANTE UMA TRANSMISSÃO NO RECURSO SPACE. FONTES: REPRODUÇÃO TV ARATU E TWITTER.



Cena 1) Usando sua conta profissional no Instagram, uma repórter de TV faz uma *live* que é transmitida simultaneamente para os seus seguidores da rede social e funciona como um flash no programa televisivo também ao vivo. Os comentários e as reações dos seguidores aparecem em ambas as telas, no celular e na TV. O caso ocorreu em um noticiário popular da TV Aratu (Bahia).

Cena 2) O áudio é a mídia do momento. Aproveitando do frenesi por conta do aplicativo Clubhouse, o Twitter lança ferramenta similar, o *Space/Espaço* (trata-se de uma sala de áudio ou poderíamos dizer uma *live* de áudio). Já no primeiro mês, o recurso foi usado por um grupo de jornalistas para comentar os bastidores de uma série especial, pela Abraji para uma campanha de apoio ao jornalismo local do próprio Twitter e por jornalistas para entrevistar especialistas. É possível tuitar e rolar a *timeline* enquanto se ouve o áudio e o uso de *hashtags* são frequentes para gerar uma conversação entorno da transmissão.



Essas cenas traduzem o futuro da tecnologia *live streaming*? Obviamente, é difícil de saber, principalmente pela incipiência e pouca representatividade desses acontecimentos. Mas nos ajudam a entender que a cultura do *streaming* tem se fortalecido e seguirá como um modo de comunicação para o qual novas práticas confluem, bem como os ambientes de plataformas parecem deter uma arquitetura consolidada para o desenvolvimento dessas experiências. Como na Cena 1, o ambiente midiático parece tender para uma maior complexificação de fluxos; como na Cena 2, os jornalistas parecem estimulados a experimentações do que há de mais novo para distribuir suas produções, de modo cada vez mais personalístico. O que parece se impor para o jornalismo no momento é como atuar como um agente diferencial no uso dessas ferramentas, o que acreditamos que pode se dar pela ampliação da cobertura *hard news*, explorando aquilo que o campo tem de maior autoridade, que é narrar o tempo presente.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L.; BARSOTTI, A. **O jornalismo e os dilemas da contemporaneidade: o eu, o aqui e o agora.** *Mídia e Cotidiano*, v. 10, n. 10, p. 192, dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9802>. Acesso em: 15 mar. 2018.

APABLAZA-CAMPOS, A. Social media livestreaming (SMLS) in the digital news media. *Comunicació: revista de recerca i d'anàlisi*, v. 35, p. 103-123, 2018. Disponível em: <https://publicacions.iec.cat/repository/pdf/00000265/00000013.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

ARTWICK, C. G. **Social Media Livestreaming: Design for Disruption?**. 1a ed. New York: Routledge, 2019.

BARNARD, S. R. 'Tweet or be sacked': Twitter and the new elements of journalistic practice. *Journalism*, v. 17, n. 2, p. 190-207, 9 fev. 2016. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884914553079>. Acesso em: 30 jan. 2019.

BECKER, B.; MACHADO, M. Brasil entre as telas e as ruas: produção e consumo das narrativas jornalísticas audiovisuais sobre os protestos nacionais de junho de 2013. *Discursos fotográficos*, v. 10, n. 17, p. 39-60, 2014. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/templatecompós2014valendobecker_2231.pdf. Acesso em: 15 mar. 2018.

BRADSHAW, P. Instantaneidade: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. In: CANAVILHAS, J. (Ed.). **Webjornalismo: 7 Características que Marcam Diferença**. Covilhã: Labcom, 2014. 7, p. 111-136.

CANAVILHAS, J. Epistemology of mobile journalism. A review. *El profesional de la información*, v. 30, n. 1, p. 1699-2407, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3145/epi.2021.ene.03>http://www.profesionaldelainformacion.com/contenidos/2021/ene/canavilhas_es.pdf. Acesso em: 8 fev. 2021.

COOPER, G. Why livestreaming symbolises journalism's current challenges. *Journalism*, v. 20, n. 1, p. 167-172, 19 jan. 2019. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884918806753>. Acesso em: 26 dez. 2018.

D'ANDRÉA, C. Conexões intermediáticas entre transmissões audiovisuais ao vivo e redes sociais online: possibilidades e tensionamentos. *Revista Comunicação Midiática*, v. 10, n. 2, p. 61-75, 2015. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/143> . Acesso em: 15 mar. 2018.

D'ANDRÉA, C. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. 1. ed. Salvador: Edufba, 2020.

EDELMAN, M. From Meerkat to Periscope: Does intellectual property law prohibit the live streaming of commercial sporting events. *Colum. JL & Arts*, v. 39, p. 469-495, 2016.

FECHINE, Y. **Televisão e presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta**. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FRANCISCATO, C. E. Tecnologias digitais e temporalidades múltiplas no ecos-sistema jornalístico. *Revista Contracampo*, v. 38, n. 2, 31 ago. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v38i2.27115> . Acesso em: 19 jul. 2020.

GROTH, O. A atualidade. In: **O poder cultural desconhecido: fundamentos da ciência dos jornais**. 1. ed. [s.l: s.n.]p. 223-262.

GUIMARÃES, E. M. A cobertura jornalística das Olimpíadas 2016: **apropriações do Facebook Live pelo SporTV**. 2017. Orientador: Fernando Firmino da Silva, 2017. Disponível em: <http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/9584>. Acesso em: 16 jul. 2018.

GUTMANN, J. F. **Formas do telejornal: linguagem televisiva, jornalismo e mediações culturais**. Salvador: EDUFBA, 2014.

KHARIF, O. Live Mobile Video: Meerkat, Periscope Are New Players in Old Game -. **Bloomberg Business Week**, abr. 2015. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2015-04-16/live-mobile-video-meerkat-periscope-are-new-players-in-old-game>. Acesso em: 17 out. 2018.

MEDEIROS, K. B. de. **Análise da cobertura jornalística em redes sociais digitais: o acontecimento rebelião em Alcaçuz veiculado nas lives do Facebook.** 2018. Orientador: Juciano Souza Lacerda, 2018. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6366130. Acesso em: 8 ago. 2018.

MONTERDE, A.; POSTILL, J. Mobile ensembles: The uses of mobile phones for social protest by Spain's indignados. In: GOGGIN, G.; HJORTH, L. (Ed.). *Routledge Companion to Mobile Media*, New York, **Routledge. Routledge ed.** Nova York: Routledge companion to mobile media, 2013. p. 429-438.

MOTA, A. Da TV ao Facebook Live: marcas televisivas das transmissões diretas nas redes sociais online. In: 16a Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (Sbpjor), São Paulo. **Anais...** São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2018. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/viewFile/1382/721>. Acesso em: 2 fev. 2019.

MOTA, A. **Jornalismo Live Streaming: Um estudo das apropriações jornalísticas da tecnologia de transmissão audiovisual ao vivo no Facebook.** 2019. Universidade Federal da Bahia, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/JLSMOTA2019>. Acesso em: 13 maio 2020.

MOTA, A.; PALACIOS, M. Facebook Live, sensibilidade e competência jornalística: uma narrativa atravessada por likes e mudanças na cultura profissional. In: IV Congresso Internacional sobre Culturas, Cachoeira (BA). **Anais...** Cachoeira (BA): 2018. Disponível em: https://www3.ufrb.edu.br/eventos/4congressoculturas/wp-content/uploads/sites/19/2019/03/Mota_-_Palacios.pdf. Acesso em: 2 fev. 2019.

MOTTA, L. G. **Análise pragmática da narrativa jornalística.** In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Ed.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. 3a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010. p. 143–167.

ORLOVA, D. EuroMaidan: Mediated Protests, Rituals and Nation-in-the-Making. In: MITU, B.; POULAKIDAKOS, S. (Ed.). **Media Events: A Critical Contemporary Approach**. 1. ed. [s.l.] Palgrave Macmillan UK, 2016. p. 207–229.

PAVLIK, J. **Ubiquidade: o 7o pincípio do jornalismo na era digital.** Covilhã: LabCom, 2014. v. 7.

REIN, K.; VENTURINI, T. Ploughing digital landscapes: How Facebook influences the evolution of live video streaming. *New Media & Society*, v. 20, n. 9, p. 3359–3380, 6 set. 2018. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461444817748954> . Acesso em: 11 set. 2018.

ROST, A. Interatividade: Definições, estudos e tendências. In: CANAVILHAS, J. (Ed.). **Webjornalismo: 7 Características que Marcam Diferença**. Covilhã: Labcom, 2014. 7p. 53-88.

RUGG, A.; BURROUGHS, B. Periscope, live-streaming and mobile video culture. In: LOBATO, R.; MEESE, J. (Ed.). **Geoblocking and global video culture**. Amsterdam: Institute of Network Cultures, 2016. p. 64-72.

SAVETZ, K.; RANDALL, N.; LEPAGE, Y. MBONE Events. In: SAVETZ, K.; RANDALL, N.; LEPAGE, Y. (Ed.). **MBONE: Multicasting Tomorrow's Internet**. [s.l.] John Wiley & Sons Inc, 1998.

SILVA, F. F. da. Tecnologias móveis na produção jornalística: do circuito alternativo ao mainstream. In: V Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Aracaju. **Anais...** Aracaju: 2007.

SILVA, F. F. da. Jornalismo live streaming: tempo real, mobilidade e espaço urbano. In: VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), São Bernardo do Campo. **Anais...** São Bernardo do Campo: 2008. Disponível em: <https://slidex.tips/download/jornalismo-live-streaming-tempo-real-mobilidade-e-espao-urbano>. Acesso em: 9 out. 2016.

SILVA, F. F. da. **Jornalismo Móvel**. Coleção Ci ed. Salvador: Edufba, 2015.

SILVA, F. F. da; GUIMARÃES, E. M.; SOBRINHO NETO, J. C. Ao Vivo no #Periscope: A Experiência da ESPN Brasil com Live Streaming Via Mobile. **Ancora - Revista Latino-americana de Jornalismo**, v. 3, n. 2, p. 141–161, set. 2016. Disponível em: <http://www.bibliotekevirtual.org/index.php/2013-02-07-03-02-35/2013-02-07-03-03-11/1979-ancora/v03n02/20282-ao-vivo-no-periscope-a-experiencia-da-espn-brasil-com-live-streaming-via-mobile.html>. Acesso em: 14 maio 2017.

STEENSEN, S.; WESTLUND, O. **What is Digital Journalism Studies?**. 1. ed. Londres: Routledge, 2021.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; WAAL, M. de. **The Platform Society: Public Values in a Connective World.** 1a ed. New York: Oxford University Press, 2018.

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Quem são as mulheres em *Claudia*? Os sentidos no discurso da revista feminina ao longo de uma década (2009-2019)¹

Amanda Regina Rosa²

Daiane Bertasso³

INTRODUÇÃO

Considerando o jornalismo como forma de conhecimento que contribui para a construção social da realidade ao produzir e circular sentidos, entende-se necessária a discussão da participação desse discurso no processo histórico e social de construção e reprodução do que é “ser mulher”, sobretudo no atual contexto brasileiro, onde nota-se, por um lado, mulheres altamente engajadas em uma militância feminista, e, por outro, a grande expansão de ideias conservadoras. Sendo assim, este artigo é resultado de uma pesquisa monográfica (Rosa, 2019) que tem como objeto de estudo a produção de sentidos sobre as mulheres no discurso da revista *Claudia* (Editora Abril) ao longo da última década, entre 2009 e 2019.

O objetivo geral da pesquisa é analisar quais sentidos são produzidos no discurso jornalístico da revista *Claudia* sobre as mulheres ao longo da última década. Em específico, pretende-se identificar se há ou não a reprodução de estereótipos sobre o gênero feminino e refletir sobre as mudanças que ocorreram ou não nesses discursos sobre as mulheres ao longo dos dez anos em estudo. Para isso, são analisadas capas e reportagens de capa de 12 edições impressas de *Claudia*, publicadas entre 2009 e 2019. O método é a Análise do Discurso (AD) de linha francesa, que visa à compreensão do processo discursivo (Orlandi, 1987).

Escolhemos o jornalismo de revista por este ter características que intensificam a produção de sentidos, sendo as revistas “potenciais objetos para o estudo e a reflexão acerca do histórico e do contemporâneo” (Vogel, 2013, p. 24). Já a escolha de *Claudia* tem como base o fato de esta ser uma das maiores e mais antigas revistas brasileiras voltadas ao público feminino⁴, e que mantém sua versão impressa até os dias atuais.

¹ Uma versão similar deste artigo foi publicada originalmente na Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos, V. 23, Nº 1/2021, p. 116-128. Acesso em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/issue/view/863>.

² Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é assessora de imprensa na Dialetto. E-mail: amandarrosa22@gmail.com.

³ Professora no Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR-UFSC). Pesquisadora no Grupos de Pesquisa do CNPq Transverso: estudos em jornalismo, interesse público e crítica (UFSC). E-mail: daianebertasso@gmail.com.

⁴ *Claudia* foi uma das primeiras revistas brasileiras modernas com esse público-alvo, atrás apenas da *Capricho*, de 1952, e da *Manequim*, de 1959 (Scalzo, 2003).

A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO JORNALISMO

O jornalismo contribui para produção e circulação de sentidos a respeito dos diversos assuntos que aborda. Ele é uma das principais referências para “os indivíduos situados nos mais diversos estratos sociais, econômicos e culturais tomarem conhecimento do que ocorre no mundo à sua volta” (Lealet *et al.*, 2010, p. 187), sendo, dessa forma, um dos responsáveis pela construção social da realidade. Essa participação se dá pelo “[...] seu poder hermenêutico de muitas maneiras: ao destacar temáticas que devem ser consideradas relevantes, ao conceder poder de fala a grupos e ideologias, ao instituir angulações e quadros interpretativos para perceber, avaliar e compreender relações” (Benetti, 2013, p. 45).

A influência dos discursos jornalísticos na sociedade auxilia, muitas vezes, na formação e manutenção de consensos sociais, ou, ao menos, proporcionando base para discussões nas quais a opinião pública é formada (Park, 2008). Isso ocorre porque a prática jornalística é institucionalizada e legitimada, historicamente, como um discurso verdadeiro. No entanto, esse “verdadeiro” se refere ao índice de real e não ao entendimento de que o jornalismo seja espelho ou reflexo da realidade, pois pensar nele como “[...] mero espelho que dá a ver o ‘acontecimento bruto’, seria desconsiderar a complexidade do funcionamento da mídia e de sua relação com a sociedade da qual faz parte” (Leal *et al.*, 2010, p. 209). Nesta abordagem construcionista, considera-se que o jornalismo se utiliza necessariamente de um processo de construção permeado por escolhas subjetivas, que vão desde as técnicas e condições de produção até as ideologias pessoais e constrangimentos políticos e econômicos que o jornalista está submetido (Benetti, 2013).

O jornalismo também pode ser compreendido como uma forma de conhecimento (Genro Filho, 1987), que não apenas cria, mas também recria conhecimento, e que reproduz a sociedade em que está inserido, inclusive suas desigualdades (Meditich, 1997). O conhecimento do jornalismo também é capaz de orientar (Park, 2008). Assim, participaria “[...] efetivamente da constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à ‘educação’ das pessoas” (Fischer, 2002, p. 153), sendo um lugar de formação, ao lado de outras instituições como escola e família.

Compreendemos ainda o jornalismo como um discurso, visto que sua produção de sentidos ocorre discursivamente (Bertasso, 2014). O discurso é um modo de comunicação ou ato de linguagem que leva em conta o contexto político-social no qual é produzido, bem como aspectos como quem fala, para quem, para que, sobre o que e em que circunstâncias, ou seja, condições intra e extradiscursivas (Charaudeau, 2009). Assim, ele é efeito de sentidos entre interlocutores (Orlandi, 1987, 1996; Pêcheux, 1997).

JORNALISMO DE REVISTA

O jornalismo de revista possui uma série de características que marcam a especificidade de seus discursos e potencializam a produção de sentidos. Uma delas é a segmentação, que permite que a revista estabeleça uma relação íntima com o leitor, criando um vínculo direto e emocional (Benetti, 2013). Outro fator é a periodicidade, que varia entre semanal, quinzenal e mensal, mas nunca diária, o que possibilita aprofundamento dos assuntos tratados (Tavares; Schwaab, 2013).

“[A revista] possui [...] mais informação pessoal (aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática)” (Scalzo, 2003, p. 14). Ela também serve como orientação ao leitor, em como agir para estar de acordo com seu tempo. “Explicar, instruir, orientar: os verbos que definem as funções de uma revista segmentada tendem a ser didáticos” (Araújo, 2013, p. 263). Para Benetti (2013), esta apresentação de como se adequar ao tempo presente é o saber mais importante produzido pelo jornalismo de revista, o qual faz projeções como: “isto é o que você deve saber sobre o mundo” e “isto é o que você pode e deve consumir para estar adequado a este mundo”. Assim, o potencial publicitário das revistas é reforçado (Prado, 2009).

A ligação com a publicidade foi um marco na história das revistas femininas. Apesar de as primeiras terem surgido no século XVII (Scalzo, 2003), foi depois da 2ª Guerra Mundial, “com o desenvolvimento da indústria de cosméticos, de moda e de produtos para a família e a casa, e com o respectivo progresso da publicidade” (Buitoni, 1986, p. 18), que elas se expandiram. No Brasil, em 1959, a Editora Abril lança a primeira revista especializada em moda, *Manequim*, que continua em circulação até hoje. Em 1961, “para acompanhar não só a vida da mulher, que mudava, mas também a indústria de eletrodomésticos, que nascia –, surge *Claudia*” (Scalzo, 2003, p. 34), uma revista “com edições mensais e tiragem inicial de 164 mil exemplares” (Ali, 2009, p. 369).

Voltada, sobretudo, às mulheres casadas e de classe média urbana, a publicação queria impulsionar as mulheres para a modernidade, auxiliando-as a construir suas identidades. É inegável que *Claudia* trouxe um ineditismo, com assuntos até então não apresentados às mulheres no país e que, posteriormente, tornaram-se comuns nas bancas, como trabalho, divórcio e saúde (Bittelbrun, 2017). Por outro lado, com a predominância do ambiente doméstico e da moda e beleza, *Claudia* não se afastou dos temas normativos previstos como “de mulher”; como está na apresentação da primeira edição:

Claudia foi criada para servi-la. Foi criada para ajudá-la a enfrentar realisticamente os problemas de todos os dias. *Claudia* lhe apresentará mensalmente ideias para a decoração de seu lar, receitas para deliciar a sua família, sugestões para mantê-la sempre elegante e atraente (Claudia, 1961, p. 3 in Bittelbrun, 2017, p. 98, grifos da autora).

A relevância de *Claudia* no contexto nacional se manteve ao longo de seus 58 anos. De acordo com dados da Associação Nacional de Editores e Revistas (Aner, 2013-2014), ela é o periódico mensal de maior circulação no país. Dados mais atuais, disponíveis na plataforma da Publiabril (2019), indicam circulação média de 193.144 exemplares impressos, sendo cerca de 170 mil assinaturas. Já a circulação média total, com a versão digital, alcança 354.450 exemplares. A projeção de leitoras e leitores ultrapassa 1 milhão. A plataforma também indica que o público é 87% feminino, que a maioria das leitoras têm 40 anos ou mais (59,8%), enquanto 35,5% têm entre 20 a 39 anos, e apenas 4,6% entre 10 e 19. A classe mais abrangente é a B, na qual se concentra 51,2% do público, seguido pela C (27,3%), A (13,6%), e D e E (7,9%).

Hoje, além da versão impressa e online, a revista possui um podcast e está presente nas redes sociais. Em sua plataforma (Publiabril, 2019), se autodenomina enquanto companheira das mulheres, alusão ao seu slogan inicial de revista amiga, bem como aponta sua missão de oferecer informação e inspiração para que elas encontrem a melhor versão de si mesmas.

JORNALISMO E GÊNERO

Para estudar a produção de sentidos sobre as mulheres no contexto atual, é essencial discutir o conceito de gênero, para compreender a “[...] construção de atributos ligados aos homens e mulheres enquanto significados produzidos no interior de relações de poder” (Costa, 2018, p. 59). A primeira aparição do termo ocorreu em 1950, quando um psicólogo o utilizou para designar um atributo psicológico diferente do sexo biológico (Cyrino, 2013). A partir disso, compreendeu-se que as pessoas possuem um sexo, vinculado a aspectos como hormônios e morfologia, e um gênero psicológico, fruto das relações em sociedade. Nesse período, Beauvoir lança um livro que, embora não utilize o termo, também apresenta a ideia de construção social. “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (Beauvoir, 1967, p. 9). Essa ruptura com a biologia foi importante, pois, até então, as diferenças entre homens e mulheres eram consideradas “naturais” e naturalizavam-se espaços de atuação. A crítica feminista reformulou o conceito na década de 1970, acrescentando aspectos da história de reivindicações do movimento (Piscitelli, 2009).

No final do século XX surgem as primeiras abordagens de gênero enquanto categoria analítica, principalmente com Scott (1995, p. 86), que define: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Com a inserção da noção de poder, passa-se a problematizar não apenas relações entre homens e mulheres, mas também entre homens e homens e mulheres e mulheres, articulando questões como raça, etnia, idade e sexualidade (Costa, 2018). Feministas negras,

indígenas e pobres passam a contestar a noção de “mulher”, construída até então no feminismo para destacar a identidade das mulheres, afirmando que a posição social e política as atribuíam diferentes reivindicações e demonstrando que existem diversas “mulheres” (Pedro, 2005). Outra contestação é em relação ao caráter imutável do sexo, com esforço para eliminar a naturalização da diferença sexual (Piscitelli, 2009).

No entanto, apesar da expansão do conceito de gênero, estereótipos relacionados aos papéis historicamente atribuídos às mulheres continuaram sendo reafirmados. São vários comportamentos socialmente esperados (Goffman, 1988) delas, como a responsabilidade pelo trabalho doméstico, a maternidade, e a doçura e beleza, vistas como necessárias para conquistar os homens (Perrot, 2013).

Os estereótipos são formados por imagens que os indivíduos criam sobre o que está fora do seu alcance, já que a realidade é muito grande, complexa e passageira (Lippmann, 2008). O que se vê, assim, é uma combinação entre o que existe e o que se espera que exista e, portanto, imagina-se. Os estereótipos são, dessa forma, representações, formas de percepção e julgamentos que precedem a evidência com uso de ideias preconcebidas culturalmente. O autor aponta ainda que eles participam dos exercícios de poder, defendendo determinadas posições na sociedade e mantendo o *status quo*. Justamente por isso é tão difícil abalá-los (Lippmann, 2008). No entanto, isso não significa que sejam mera falsidade, visto que, conforme Biroli (2011, p. 76) “ainda que sejam fantasias ou simplificações equivocadas – ‘as mulheres são maternais’ – podem estar na base das identidades e dos papéis sociais e, portanto, constituir uma realidade bastante palpável e que tem impacto sobre o modo como as relações afetivas e de poder se organizam”. Dessa maneira, estereótipos e realidade se alimentariam, “confirmando papéis, comportamentos e valores socialmente produzidos” (Biroli, 2011, p. 77).

Nesse contexto, é relevante pensar sobre o papel do jornalismo na incorporação desses padrões, considerando que estereótipos resultam de discursos que circulam socialmente (Charaudeau, 2009) e que o jornalismo colabora na construção social da realidade e na formação das referências dos indivíduos. Baseado em sua função social e relação com a defesa do interesse público, espera-se uma atuação no sentido de superação e combate aos estereótipos. Contudo, enquanto discurso construído socialmente, o jornalismo tende a reproduzir as visões dominantes na sociedade, inclusive suas desigualdades (Meditich, 1997; Genro Filho, 1987). Assim, convenções sobre masculino e feminino são, muitas vezes, reproduzidas inconscientemente (Silva, 2010).

Na imprensa dirigida ao público feminino, essa reprodução costuma ocorrer a partir da tentativa de homogeneizar o “ser mulher” (Bittelbrun, 2017). “Na imprensa feminina, a mulher está, metafórica e metonimicamente, ligada aos seus papéis sociais básicos: dona-de-casa, esposa, mãe” (Buitoni, 1981, p. 135). O reforço dos papéis tipificados atribuídos à “mulher” aparece desde o surgimento destes veículos no Brasil, que traziam já no título a intenção de educá-las – *O Espelho*

Diamantino (1827-1828), *O Mentor das Brasileiras* (1829-1832), *Manual das Brasileiras* (1830), *O Despertador das Brasileiras* (1830-1831) e *Espelho das Brasileiras* (1831) (Duarte, 2016). Com isso, a imprensa feminina sempre teve um papel importante na formação da identidade das mulheres brasileiras, assim como na manutenção de determinados padrões associados ao ser feminino (Buitoni, 1981).

SENTIDOS SOBRE AS MULHERES EM CLAUDIA

Após a apresentação do embasamento teórico que guia a pesquisa em questão, passa-se para a análise. O *corpus* é composto por 12 edições da versão impressa de *Claudia*, sendo uma para cada ano e uma para cada mês, entre 2009 e 2018, e duas de 2019, para completar 12 meses de análise⁶. Optou-se por analisar as capas e as reportagens com mais destaque na capa: a referente à ou às manchetes principais⁷, e a referente à imagem da capa, que é uma fotografia da mulher entrevistada na edição. Assim, o *corpus* ficou com 44 textos no total, sendo 12 capas e 32 matérias de capa. A escolha das edições foi feita “às cegas” e levou em conta a disponibilidade na Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina (BU/UFSC).

Optamos pelo método de Análise do Discurso francesa, que visa compreender o processo discursivo, isto é, saber “[...] como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (Orlandi, 2005, p. 26). No jornalismo, o método é muito utilizado para análise dos sentidos (Benetti, 2010), como é o caso desta pesquisa.

De acordo com Orlandi (1987; 1996), o objeto da AD é o discurso, conceito teórico e metodológico, e a unidade da AD é o texto, conceito analítico correspondente. O texto não se refere exclusivamente a um conjunto organizado de palavras, mas sim a uma unidade complexa de significação, podendo ser oral, escrito ou imagético (Orlandi, 1996; 2005). Na análise em questão o foco será a linguagem verbal, embora elementos visuais que contribuam para produção de sentidos também sejam evidenciados. O mapeamento dos sentidos busca identificar as formações discursivas (FDs), conceito central na AD. Orlandi (2005) define formação discursiva como aquilo que, em uma conjuntura sócio-histórica dada, determina o que pode e deve ser dito. No mesmo sentido, Benetti (2010) aponta que “[...] uma FD é uma espécie de região de sentidos, circunscrita por um limite interpretativo que exclui o que invalidaria aquele sentido” (Benetti, 2010, p. 112, grifo da autora). Assim, as FDs representam a reunião de diversos pequenos significados que são reiterados em diferentes momentos e que constroem e consolidam um sentido nuclear – de tal forma que diversas SDs em torno de um mesmo núcleo de sentidos formam uma FD e há tantas FDs quanto sentidos

⁶ As edições que fazem parte do corpus se referem aos meses de: dezembro de 2009, janeiro de 2010, novembro de 2011, fevereiro de 2012, outubro de 2013, março de 2014, setembro de 2015, abril de 2016, agosto de 2017, maio de 2018, e julho e junho de 2019.

⁷ Em algumas edições, a manchete principal se refere a mais de uma reportagem. Nesses casos, todas as matérias relacionadas à chamada com maior destaque na capa foram analisadas.

nucleares houver no texto.

Com base nos objetivos propostos, os procedimentos metodológicos, conforme Benetti (2010) podem ser sistematizados da seguinte forma:

- 1) leitura do *corpus* de forma analítica, identificando informações relevantes e estabelecendo relações entre estas e o problema da pesquisa;
- 2) releitura do *corpus* e mapeamento das marcas discursivas, nomeadas como sequências discursivas (SDs), que constituem sentidos sobre as mulheres;
- 3) reconhecimento dos sentidos nucleares nas SDs encontradas, organização das SDs em formações discursivas (FDs), e relacionamento de tais formações com os discursos exteriores que também as constituem;
- 4) identificação da reprodução ou não de estereótipos sobre o gênero feminino nos sentidos;
- 5) reflexão sobre as mudanças no discurso da revista sobre as mulheres ao longo dos anos, por meio da comparação entre os sentidos e possíveis estereótipos encontrados na análise.

Com a análise, foram identificadas 238 sequências discursivas (SDs) que reiteram sentidos sobre as mulheres, as quais reforçam sete núcleos de sentidos (FDs):

- FD1 – Mulheres belas, jovens e sensuais – 78 incidências (24,76%)
- FD2 – Mulheres que consomem – 28 incidências (8,88%)
- FD3 – Mulheres profissionais – 46 incidências (14,60%)
- FD4 – Mulheres multitarefa – 36 incidências (11,42%)
- FD5 – Mulheres mães – 43 incidências (13,65%)
- FD6 – Mulheres românticas e bem casadas – 36 incidências (11,42%)
- FD7 – Mulheres poderosas e batalhadoras – 48 incidências (15,23%)

O número total de incidências (315) é superior ao número de SDs identificadas (238) em virtude de que, em determinadas sequências, mais de um sentido nuclear é apresentado, ou seja, há interdiscurso, que é a relação de um discurso com outros, pois “todo discurso nasce em outro (sua matéria-prima) e aponta para outro (seu futuro discursivo). Por isso, na realidade, não se trata nunca de um discurso, mas de um *continuum*” (Orlandi, 1996, p. 18, grifo da autora). A seguir, cada FD encontrada é explicada.

MULHERES BELAS, JOVENS E SENSUAIS (FD1)

Com cerca de um quarto do total de incidências (24,76%), a FD “Mulheres belas, jovens e sensuais” reúne sentidos que atrelam as mulheres a aspectos como beleza, sensualidade, juventude e magreza. Há uma alusão de que elas precisam vivenciar uma constante busca pela beleza, o que é reiterado tanto pela exposição de mulheres que seguem padrões normativos do que é tido como belo, como por orientações sobre como se alcançar características reforçadas enquanto desejáveis (presentes em tais mulheres).

Em todas as edições analisadas, a capa de *Claudia* é composta pela fotografia de uma mulher branca, magra e de cabelo liso, que também é destacada enquanto símbolo de beleza dentro da revista:

Afinal, em julho, a **bela** das manhãs do *Hoje em Dia*, atração da Rede Record, tornou-se a **bela** das tardes de domingo [...] (SD 9, edição dezembro/2009, trecho de entrevista);

Modéstia à parte, **as mulheres me dizem que queriam ter meu corpo**, mas sem competição. Algumas trazem até o marido para tirar foto comigo (SD 79, edição fevereiro/2012, trecho de entrevista, aspas de Claudia Leitte).

Outro aspecto observado é a relação entre o “ser mulher” e o cuidado da aparência física. Mostra-se que ser “mulher de verdade” implica questões como, por exemplo, arrumar o cabelo:

Mais uma coincidência, a maturidade engajou ambas em uma **busca por mais feminilidade**. [...] Andrea revela que hoje almeja um **visual mais “mulherzinha”**. Fernanda [...] brinca que **só se tornou mulher de verdade há pouco e até aprendeu a arrumar o cabelo** (SD 105, edição outubro/2013, trecho de entrevista);

Comece pelo básico: **adote uma dieta e marque uma limpeza de pele** (SD 179, edição agosto/2017, trecho de reportagem).

Na SD 179, pode-se verificar o caráter de orientação da revista por meio da utilização do modo imperativo. Assim como esta, diversas marcas discursivas da FD1 são educativas, evidenciando o que as mulheres devem fazer para adequarem-se ao padrão. A busca por um corpo magro, em específico, é muito realçada.

Por fim, a reiteração da juventude também se destaca, atestando a necessidade de se buscar características físicas normalmente presentes em mulheres jovens.

Faço pilates e trato da pele com a mesma vaidade dos 15 anos. Se fico insegura sobre o meu corpo, logo passa, pois digo a mim mesma que o dele também já não é o mesmo... (SD 63, edição novembro/2011, trecho de reportagem, aspas de Rosa Freitas);

Na plenitude dos 31 anos, a moçade corpo escultural não se acha sexy e não tem vergonha de chorar em pleno show (SD 75, edição fevereiro/2012, trecho de entrevista).

Além disso, apesar de quase 60% das leitoras de *Claudia* possuir 40 anos ou mais (Publiabril, 2019), apenas quatro das 13 mulheres que aparecem nas capas das 12 edições analisadas se encaixavam nessa faixa-etária à época da publicação, sendo, as demais mais novas.

MULHERES QUE CONSOMEM (FD2)

Como já apontado, as revistas femininas se desenvolveram com a emersão da mulher no mercado consumidor (Scalzo, 2003), e na pesquisa pôde-se perceber que esse caráter comercial ainda está fortemente presente nesta FD2. Entre as 32 matérias analisadas, seis dedicavam-se praticamente de forma exclusiva à apresentação de produtos. Apesar disso, o número de SDs que reiteram a FD não foi tão alto (8,88% das incidências), o que pode ser aferido ao fato de que essas reportagens eram compostas majoritariamente por imagens. Apesar de não ser foco nesta análise, vale destacar ainda o amplo número de anúncios publicitários ocupando páginas inteiras da revista, muitas vezes no meio das reportagens principais.

Muitas SDs da FD2 também ressaltam aspectos da FD1 – “Mulheres belas, jovens e sensuais” –, em um interdiscurso que se dá, sobretudo, pela relação histórica entre o consumo e a beleza, criada e fortalecida pelas indústrias de cosméticos e de moda, que trazem a ideia de que todas as mulheres podem ser belas, basta adquirir os produtos certos (Perrot, 2013). É recorrente ainda a listagem de produtos indicados como tendências, o que se relaciona com o caráter de orientação voltado à atualidade presente no jornalismo de revista.

Maiôs e biquínis para um corpão (SD 45, edição novembro/2011, chamada de capa);

Tem novidade na moda: Pantacourt, pantalone, cintura alta... Os modelos de calça que vão pegar nesta estação (SD 145, edição setembro/2015, chamada de capa);

A FD2 também conta com marcas discursivas que legitimam, de certa forma, o consumo como uma característica que faz parte da personalidade feminina, como se vê na SD a seguir.

Posso contar que já curti momentos consumistas. **Sonhava com perfumes e agora tenho uma bancada cheia**, apesar de quase não usar. [...] **Cheguei a ter cinco aparelhos de celular ao mesmo tempo**, mas passou. Ao completar 30 anos, **me permiti comprar um brilhante** (SD 183, edição agosto/2017, trecho de entrevista, aspas de GraziMassafera).

MULHERES PROFISSIONAIS (FD3)

A FD3 engloba sentidos que posicionam as mulheres enquanto pessoas trabalhadoras e empreendedoras, tanto por meio da apresentação de dados gerais como de exemplos de vida.

As mulheres estão cada vez mais qualificadas (entre 2000 e 2010, a proporção de brasileiras com ensino superior completo dobrou) e **inseridas no mercado profissional** (55% da população feminina nacional trabalha ante 14% nos anos 1950) (SD 157, edição setembro/2015, trecho de reportagem);

Sempre fui empreendedora, tirei do bolso para dar certo (SD 218, edição junho/2019, trecho de entrevista, aspas de Ingrid Guimarães).

A maioria das marcas discursivas identificadas está vinculada a mulheres que alcançaram sucesso em suas carreiras profissionais, sobretudo as relacionadas ao “mundo dos famosos”:

“Entrei numa sala com a direção da Record para discutir a **renovação do meu contrato** e saí **dona de um programa de domingo**”, lembra (SD 10, edição dezembro/2009, trecho de entrevista, aspas de Ana Hickmann);

Cansou só de ler? Ela não. Em 2012, além da frenética agenda com 140 shows, **Claudia Leitte quer ter outro filho e construir uma casa numa praia perto de Salvador** (SD 77, edição fevereiro/2012, trecho de entrevista).

Na SD 77, além do núcleo de sentido referente à carreira, nota-se a incidência de outras questões, como maternidade. Nesse caso, o discurso intensifica o potencial das mulheres em resolverem múltiplas tarefas, sentido que forma outra FD localizada na análise.

MULHERES MULTITAREFA (FD4)

A FD “Mulheres multitarefa” realça a responsabilidade e a capacidade que as mulheres possuem em lidar com uma série de tarefas em seu cotidiano, tanto por possuírem mais de uma profissão (interdiscurso com a FD3), como por lidarem com outras funções:

Multitalentosa, ela agora também escreve crônicas para jornal e revista e acaba de concluir o roteiro de um filme de terror (SD 103, edição outubro/2013, trecho de entrevista);

O aprendizado aconteceu conforme ela foi abraçando cada vez mais funções. Além de atriz e produtora, é dona de um restaurante, de uma rede de clínicas de depilação (que acaba de abrir sua primeira filial em São Paulo) e empresta seu nome a esmaltes, óculos e joias (SD 149, edição setembro/2015, trecho de entrevista).

A questão da maternidade, especificamente, é colocada constantemente enquanto uma das diversas responsabilidades femininas, em relação interdiscursiva com a FD5, “Mulheres mães”. Os textos insistem na histórica divisão existente entre trabalho e maternidade, acentuada como desafio:

Mesmo assim, ficamos às vezes dez horas no Projac. Chego em casa e tenho que dar atenção para os meninos. No fundo, esse continua sendo o maior desafio da mulher, mesmo depois de mais de quatro décadas de emancipação. Sinto esse peso de equilibrar trabalho e maternidade (SD 120, outubro/2013, trecho de entrevista, aspas de Fernanda Torres);

MULHERES MÃES (FD5)

O caráter maternal e a responsabilidade das mulheres com os filhos são os aspectos mais ressaltados pelo sentido nuclear da FD5.

Daniel cuida, mas é pai. Não lembra de levar a merenda, deixa até 10 da noite na piscina, essas coisas (SD 50, edição novembro/2011, trecho de entrevista, aspas de Ivete Sangalo).

Há uma legitimação das mulheres como as grandes responsáveis pelo cuidado com os filhos, enquanto os pais são apontados como coadjuvantes. Outro sentido que foi identificado é o de que, ao se tornarem mães, as mulheres passam por um processo de transformação que faz nascer uma nova mulher.

Sempre fui de falar muito, tirar sarro de tudo. Mas, **depois que virei mãe**, já não faço questão de ser o centro das atenções. **O bebê é o centro** (SD 48, edição novembro/2011, trecho de entrevista, aspas de Ivete Sangalo);

Nas duas vezes em que perdi, **já me considerava mãe novamente**. Uma delas foi depois dos dois meses completos. **Para a mulher é diferente**. No momento da descoberta, ela já pensa em nome, no quarto. **O homem não entende** o vazio que fica (SD 220, edição junho/2019, trecho de entrevista, aspas de Ingrid Guimarães).

Por fim, as SDs ainda destacam a maternidade enquanto um sonho para as mulheres. Além de tratar deste tópico em reportagens diversas, *Claudia* faz questão de abordá-lo frequentemente nas entrevistas de capa, corroborando para fortalecer a relação histórica entre maternidade e mulheres.

Nesse mesmo período, casou-se e divorciou-se em menos de dois anos e **não realizou o sonho de ser mãe** (SD 66, edição novembro/2011, trecho de reportagem);

E com que você **sonha** quando está acordada? **“Quero ter mais filhos! Quero ter mais filhos!** Já virou um mantra agora” (SD 82, edição fevereiro/2012, trecho de entrevista, aspas de Claudia Leitte).

MULHERES ROMÂNTICAS E BEM CASADAS (FD6)

Os sentidos da FD6 ressaltam a busca das mulheres pelo amor verdadeiro e a necessidade de uma união amorosa. Esse núcleo de sentido é tão intenso na revista que, mesmo em uma reportagem sobre divórcio, como a intitulada *Existe vida (boa) após o divórcio* (edição setembro/2015), é possível identificar marcas discursivas da FD6:

No amor como **reconstruir sua vida** depois do divórcio (SD 143, edição setembro/2015, chamada de capa);

Depois que morei com um outro namorado e também não deu certo, **me senti a ovelha negra da família: minha mãe e irmãs ainda são casadas com o primeiro marido. Mas agora estou noiva** e, se eu não tivesse passado por tudo isso, **não teria conhecido meu amor** (SD 156, edição setembro/2015, trecho de reportagem, aspas de mulher não identificada).

No caso da SD 143, insinua-se que o fim do casamento é um acontecimento tão negativo que destrói a vida das mulheres, sendo necessário reconstruí-la. Na SD 156, a locutora, apresentada pela revista como exemplo de superação de divórcio, afirma que o fato de não ter conseguido manter seu marido, como sua mãe e irmãs fizeram, representa um ponto negativo em sua reputação. Em uma reportagem sobre divórcio, a SD ainda é uma contradição, visto que, ao fim de seu depoimento, a

mulher realça que encontrou seu amor e está noiva.

Esse “encontro” da pessoa certa, aliás, é um sentido reiterado por diversas vezes dentro da FD, sobretudo como um motivo de comemoração para as mulheres. Para aquelas que ainda não encontraram o verdadeiro par, *Claudia* apresenta dicas, reforçando a união amorosa como um dos pilares para realização das mulheres. O papel delas na manutenção do casamento também é legitimado.

Tudo que se inicia agora terá mais sucesso se for feito a dois – desista de querer brilhar sozinha (SD 176, edição agosto/2017, trecho de reportagem);

Meu casamento acabaria se não reagisse. Aos poucos, comecei a perder peso – hoje já foram embora 20 quilos (SD 59, edição novembro/2011, trecho de reportagem, aspas de Carolina Lages).

MULHERES PODEROSAS E BATALHADORAS (FD7)

A FD7 aparece em 15,23% dos textos analisados (48 SD's) e se relaciona fortemente com o contexto contemporâneo, em que as mulheres passam a ser vistas com um novo papel para além dos que historicamente lhes foram demarcados.

“Eu coloco metas a ser cumpridas. Há dez anos, queria realizar o que faço hoje” (SD 146, edição setembro/2015, chamada de capa, aspas de Giovanna Antonelli);

Donas do jogo! O caminho das meninas que sonham em chegar à seleção de futebol (SD 205, edição junho/2019, chamada de capa).

As mesmas mulheres que são evidenciadas como símbolos de beleza, também têm características relacionadas ao poder, como força, riqueza e sucesso, reforçadas por *Claudia*:

Ela é uma mulher incrível, bem-sucedida, um orgulho para a nossa terra (SD 81, edição fevereiro/2012, trecho de entrevista, aspas de Claudia Leitte);

Marina Ruy Barbosa: atriz, empresária e poderosa nas redes sociais (SD 191, edição maio/2018, título de entrevista).

Também foram identificadas dentro da FD7 marcas que destacam as mulheres enquanto pessoas corajosas e dispostas a assumir riscos para alcançar o que desejam.

[minha mãe] Dizia para mim e para minha irmã que não deveríamos desistir de nada por medo de fracassar. Foi com ela que aprendi a assumir muitos riscos na vida (SD 138, edição março/2014, trecho de reportagem, aspas de Arianna Huffington);

ESTEREÓTIPOS REPRODUZIDOS EM CLAUDIA

Ao observar as sete FDs encontradas no discurso de *Claudia* e relacioná-las com o contexto que permeia a história das mulheres e com o conceito de gênero, é possível notar a presença de pelo menos quatro características que reforçam estereótipos sobre mulheres, relativas à beleza (FD1), ao consumo (FD2), à maternidade (FD5) e a busca do amor (FD6).

O sentido nuclear mais fortalecido é o que defende que as mulheres precisam ser belas, naturalizando a preocupação constante com a beleza e a busca pelos padrões vigentes. Tal ideia se encaixa na expectativa social de que “ser mulher” envolve ter a aparência como um eixo central da vida, conforme o “mito da beleza”, de que “Encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens [...] Os homens fortes lutam pelas mulheres belas, e as mulheres belas têm maior sucesso na reprodução” (Wolf, 1992, p. 15). Essa construção social ocorre desde a infância, em que as meninas aprendem que devem manter-se arrumadas, ao contrário dos meninos, que podem brincar e se sujar livremente.

Dentre os estereótipos, destaca-se ainda a ideia de que a “verdadeira mulher” é (ou sonha em ser) mãe (FD5). A responsabilidade materna pelos cuidados com a criança é legitimada pela revista, que enfatiza que os pais não possuem os mesmos instintos e nem a mesma capacidade de cuidado. Mas os homens são necessários para o casamento: além de destacar a dependência das mulheres, a revista conforma a heteronormatividade enquanto comportamento padrão. Afinal, todos os relacionamentos apontados pelos 44 textos analisados se referem à união de mulheres com homens, excluindo a diversidade de relacionamentos amorosos e sexuais entre os gêneros.

A partir destes quatro eixos, que juntos representam quase 60% das incidências identificadas, tem-se a reprodução de um perfil estereotipado do que é esperado das mulheres, do que é “ser mulher”. Por outro lado, considera-se importante reiterar que elas também são apontadas como trabalhadoras (FD3), de forma contrária aos estereótipos. Contudo, esse destaque para profissionalização está bastante ancorado no “mundo das famosas”, em carreiras demarcadas por um caráter “feminino”, com importância do corpo e das aparências, como ocorre desde o século XX (Perrot, 2013). Além disso, a carreira se coloca somente como um complemento às demais atribuições, como observado na FD4, “Mulheres multitarefa”.

AS MUDANÇAS NO DISCURSO DE CLAUDIA SOBRE AS MULHERES ENTRE 2009 E 2019: EVOLUÇÃO?

Em virtude do avanço dos feminismos e estudos de gênero ao longo da última década, intui-se que, naturalmente, *Claudia* tenha sido influenciada, e que seu discurso tenha passado por certas transformações – o que, após a pesquisa, foi possível notar que de fato aconteceu, ainda que de modo contraditório, como já se adiantou logo acima.

Fazendo uma comparação entre as seis edições mais antigas (dos anos de 2009 a 2014) e as seis mais novas (de 2015 a 2019) do *corpus*, percebe-se que as marcas discursivas que reforçam estereótipos aparecem de forma muito mais ampla nas primeiras. Enquanto elas detêm 130 incidências das FDs 1, 2, 5 e 6, referentes à beleza, consumo, maternidade e casamento, nas seis últimas foram identificadas 54 reiteraões a tais sentidos. Por sua vez, a FD7, “Mulheres poderosas e batalhadoras”, apareceu mais nos últimos anos (29 vezes nas seis últimas edições, em contraste com 19 aparições nas seis primeiras), em uma mudança que, de certa forma, vai contra os estereótipos, valorizando o empoderamento feminino.

As próprias temáticas abordadas nas edições mais recentes demonstram preocupação da revista em sair dos temas estereotipados. Fazendo uma comparação entre as capas da primeira e da última edição analisada, percebe-se que a beleza e a moda, que eram presentes em grande parte das chamadas, são substituídas por temas diversos, como carreira, saúde e viagens. Além disso, *Claudia* começou a usar em suas capas, desde o fim de 2017, a #EuTenhoDireito, buscando dar visibilidade e repercussão a todas as causas femininas já conquistadas (Publiabril, 2019), o que representa um contato com a luta pelos direitos das mulheres, embora a não utilização do termo “feministas” ateste uma falta de identificação da marca com o movimento.

No entanto, apesar das mudanças notadas, ainda há diversos fatores que contribuem para a reprodução de visões tipificadas na revista. Pelo sumário é possível perceber que, mesmo sem ocupar tantos espaços de destaque como no passado, moda, beleza e casa e cozinha continuam sendo as editorias com maior número de matérias. Soma-se a isso o fato de que os estereótipos apresentados anteriormente, embora em menor quantidade, continuam presentes nas capas e reportagens de capa. Ademais, os sentidos relacionados à FD4, “Mulheres multitarefa”, que aparecem em quantidades semelhantes nas edições mais antigas e mais recentes de *Claudia*, insinuam a obrigação de as mulheres “darem conta” das novas funções relativas à sua ascensão profissional e, ao mesmo tempo, das demais demandas historicamente “femininas”, como maternidade e casamento. Há uma substituição do ambiente doméstico pelo de trabalho, mas permanece um ideal a ser alcançado pelas mulheres.

Os discursos predominantes no *corpus* reiteram, assim, uma norma – a mulher bonita dentro do padrão vigente, heterossexual, casada, com filhos e que obtém sucesso em diversas áreas da vida, tanto pessoal como profissional –, que não é alterada ao longo dos dez anos em estudo. Além disso, a revista também realiza uma homogeneização em termos de aparência: como já dito, as mulheres de todas as capas analisadas são brancas⁸ e magras, contribuindo para consagração de um padrão de beleza – afinal, as capas das revistas femininas funcionam como um espelho ideal, certificando características que as leitoras devem buscar (Buitoni, 1986).

⁸ No interior da revista, das 32 matérias analisadas, apenas duas trazem mulheres negras em fotografias.

Tais aspectos contribuem para o apagamento de uma ampla gama de mulheres, como as negras, indígenas, gordas, com deficiência, homossexuais e transexuais. Na década de 1980, Buitoni já apontava que “a imprensa feminina [...] apresenta como ideal a mulher branca, classe média para cima e jovem” (1986, p. 78), o que continua ocorrendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, permanece a necessidade de se refletir sobre desigualdades nas relações de gênero, pois o que se percebe é que as mulheres, e o que se convencionou como “feminino”, continuam sendo colocadas em condição desigual ao “masculino” (Silva, 2010). Nessa pesquisa, por meio dos sete núcleos de sentidos, foi possível constatar que, para *Claudia*, “ser mulher” é: ser, ou ao menos desejar e buscar ser, bonita e sensual, dentro dos padrões de beleza vigentes, ter traços de juventude, ser consumidora ativa, estar em uma união estável, feliz e heterossexual, ter filhos e cuidá-los da melhor forma possível, e, finalmente, ser uma profissional de sucesso, sem deixar de lado as demais especificidades.

Essa produção de sentidos, reiterada nos dez anos em estudo, consolida certezas sobre o que as mulheres são ou deveriam ser. O que se nota é que, como sempre ocorreu historicamente, em *Claudia*, “as mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas” (Perrot, 2013, p. 17). Além disso, a revista também fortalece uma homogeneização, contribuindo para o apagamento de diversas mulheres não brancas, não magras e não heterossexuais. Isso demonstra um grande atraso em relação ao movimento feminista, que já na década de 1980 chamou atenção para a multiplicidade de mulheres (Pedro, 2005).

Nesse sentido, ao apontar formas “corretas” de ser e ter, dentro de sua missão de oferecer informação e inspiração que ajudem as mulheres na busca da sua melhor versão (Publiabril, 2019), *Claudia* reafirma uma série de estereótipos sobre o gênero feminino e contribui para a manutenção de desigualdades, já que “[...] o que um indivíduo é, ou poderia ser, deriva do lugar que ocupam os seus iguais na estrutura social” (Goffman, 1988). Ademais, ao estabelecer parâmetros de normalidade que se apoiam, sobretudo, em celebridades de sucesso, *Claudia* auxilia na formação de referências dos indivíduos e interfere na forma como as mulheres se relacionam consigo mesmas e com a sociedade.

Percebe-se, portanto, a necessidade de se pensar em outros modos de se fazer jornalismo para mulheres, tendo como intuito uma abordagem que possibilite a reflexão sobre desigualdades sociais e de gênero. É possível pensar em caminhos como a ampliação da diversidade de mulheres jornalistas que conduzem as publicações, a busca por uma maior multiplicidade de fontes e por enquadramentos que tragam novos pontos de vista, assim como temas que superem a tradicional divisão do que é ou não “assunto de mulher”.

REFERÊNCIAS

ALI, F. **A arte de editar revistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

ANER - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDITORES DE REVISTA. **Dados de mercado e circulação – janeiro a setembro 2013-2014**. Disponível em aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao/. Acesso em 16 abr. 2019.

ARAÚJO, S.A. Rotinas produtivas em revista: padrões e transformações no fazer de uma publicação segmentada. In: TAVARES, F. M. B.; SCHWAAB, R. T. (org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 261-271.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Vol. II: a experiência vivida. 2ª Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BENETTI, M. Análise do Discurso: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, C; BENETTI, M. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 107-122.

BENETTI, M. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, F. M. B.; SCHWAAB, R. T. (org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 44-57.

BERTASSO, D. **Jornalismo de revista e ethos discursivo: as imagens de si nas capas e nos editoriais de Veja, Época, IstoÉ e Carta Capital**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

BIROLI, F. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução de estereótipos no discurso jornalístico. **Revista Brasileira de Ciência Política**. N°. 6, p. 71-98. Brasília, 2011.

BITTELBRUN, G. V. **Sob cores e contornos: gênero e raça em revistas femininas do século 21**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Florianópolis: UFSC, 2017.

BUITONI, D. S. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BUITONI, D. S. **Mulher de papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA, J. G. **Jornalismo feminista**: estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Florianópolis: UFSC, 2018.

CYRINO, R. A categorização do masculino e do feminino e a ideia de determinismo cultural: uma crítica epistemológica aos usos normativos do gênero. **Anais eletrônicos do Fazendo Gênero 10**. Florianópolis: UFSC, 2013.

DUARTE, C. L. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**: Século XIX – Dicionário Ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Revista Educação e Pesquisa**. Vol. 28, nº 1, p. 151-162. São Paulo: USP, 2002.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª Ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.

LEAL, B. S. et al. Agendamento, enquadramento e noticiabilidade. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. P. S. (org.). **Jornalismo e acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010, p. 187-220.

LIPPMANN, W. **Opinião pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MEDITSCH, E. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Biblioteca Online de Ciências da Comunicação - BOCC, 1997. Disponível em bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf. Acesso em 5 maio 2019.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2ª Ed. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 6ª Ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

PARK, R. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, C.; MAROCCO, B. (org.). **A era glacial do jornalismo**: teorias sociais da imprensa. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 51-70.

PÊCHEUX, M. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. 2ª Ed. Campinas: Pontes, 1997.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**. Vol. 24, nº 1, p. 77-98. São Paulo: UNESP, 2005.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.

PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B.; SZWKO (orgs.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis&Vertecchia, 2009, p. 116-149.

PRADO, J. L. A. Experiência e receituário performativo na mídia impressa. **InTexto**. Vol. 1, nº 20, p. 34-47. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

PUBLIABRIL, site do. **Marcas e plataformas – Claudia**. Disponível em publiabril.abril.com.br/marcas/claudia. Acesso em 20 abr. 2019.

REGINATO, G. D. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019.

ROSA, A. R. **Quem são as mulheres em Claudia?** Os sentidos no discurso da revista feminina ao longo de uma década (2009-2019). Monografia de TCC. Curso de Jornalismo. Florianópolis: UFSC, 2019.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. Vol. 20, nº 2, p. 71-99. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

SILVA, M. V. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

TAVARES, F. M. B.; SCHWAAB, R. T. Revista e comunicação: percursos, lógicas e circuitos. In: TAVARES, F. M. B.; SCHWAAB, R. T. (org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 27-43.

VOGEL, D. Revista e contemporaneidade: imagens, montagens e suas anacronias. In: TAVARES, F. M. B.; SCHWAAB, R. T. (org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, p. 17-26.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rocco: Rio de Janeiro, 1992.

REDE RENOI¹

Transparência, democracia,
violência contra jornalistas,
desinformação, fake news e Covid-19

Rafiza Varão²

Fernando Oliveira Paulino³

CONTEXTO

Em 2020, a Lei de Acesso à Informação (LAI) completou oito anos em vigor, no dia 16 de maio, e a atividade jornalística foi proclamada como essencial, pelo Decreto nº 10.288 da Presidência da República, no dia 6 de fevereiro. Nesse mesmo ano, o Brasil assistiu à escalada da violência contra jornalistas, como atesta o último relatório Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil (2021), publicado pela FENAJ, e pela primeira vez, a SBPJor realizou seu Congresso anual em modalidade remota, por plataformas digitais. Tudo isso se deu em meio à pandemia da Covid-19, o maior evento que presenciamos desde então, considerado o grande demarcador do fim do século XX (SCHWARCZ, 2020) e nossa entrada definitiva no século XXI. Infelizmente, desde o início da pandemia, era possível perceber e anunciar os riscos que a sociedade brasileira e seu jornalismo atravessavam, como pode ser observado no texto *Brazil: coronavirus and the media*⁴

No que diz respeito ao jornalismo e à comunicação, todos esses contextos ainda foram atravessados pela polarização política e pela epidemia de desinformação e fake news que as mídias sociais ajudaram a fomentar nos últimos anos. Em texto anterior, publicado pelo Observatório Europeu do Jornalismo, há tentativa de explicar e contextualizar a presente “dupla pandemia”⁵. Também foram atravessados por uma multiplicação de informações acerca da pandemia, a despeito

¹ De acordo com o último censo de observatórios realizado pela RENOI, há hoje 25 observatórios de mídia em funcionamento no Brasil.

² Professora da Universidade de Brasília e Coordenadora da RENOI. Email: rafiza@unb.br

³ Professor da Universidade de Brasília e Coordenador da RENOI entre 2019 e 2021. A participação do pesquisador neste capítulo foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 no âmbito do projeto “Communication and democracy: media accountability, public service media, internet access and the right to information in Germany and Brazil”, realizado com apoio do Programa Probral - Projetos de Cooperação em Pesquisa entre o Brasil e a Alemanha - CAPES/DAAD (Processo 88887.371422/2019-00). E-mail: paulino@unb.br.

⁴ Disponível em: <https://en.ejo.ch/media-politics/brazil-coronavirus-and-the-media>. Acesso em 15 de maio de 2021.

⁵ Disponível em: <https://en.ejo.ch/media-politics/media-empowerment-is-key-to-covid-19-recovery-in-brazil>. Acesso em 15 de maio de 2021.

da qualidade, o que originou termo infodemia, designando

[...] um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus (OPAS, 2020)⁶.

No Brasil, especificamente, o acesso à informação de credibilidade se mostrou um desafio sobretudo a partir do avanço dos casos da doença e o primeiro óbito por Covid-19, em março⁷. A princípio, a população era informada diariamente acerca dos dados da enfermidade, por meio dos canais oficiais do Ministério da Saúde (MS), coletivas do ministro da pasta na época (Luiz Henrique Mandetta) e, claro, pelos veículos de comunicação. Entretanto, o presidente da república adotou já no período inicial de propagação da pandemia no Brasil, discurso contrário às instruções de distanciamento social apregoadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Tal negacionismo acabou levando à demissão do ministro da Saúde, com posições mais alinhadas à com a OMS, em 16 de abril. Além disso, Mandetta se opôs à inserção da medicação cloroquina no protocolo de tratamento oficial da Covid-19, uma vez que não há comprovação de sua eficácia.

Na sequência, o novo ministro da Saúde, Nelson Teich, permaneceu pouco menos de um mês no cargo (de 17 de abril a 15 de maio). Teich também se recusou a atestar a cloroquina como o medicamento preferencial para tratamento do Sars-Cov-2, pelos mesmos motivos do seu antecessor. A partir de sua gestão, o acesso à informação começou a ser mais restrito, o que se agravaria com a entrada de seu sucessor, o general Eduardo Pazuello, que ficou no cargo até 23 de março de 2021. Pazuello, o primeiro não médico a ocupar a pasta durante a pandemia, finalmente autorizou a recomendação de protocolos de tratamento desejados pela presidência da República. Quanto à comunicação, foi em sua gestão que o país sofreu o que se convencionou chamar de apagão de dados (FORTUNATO, ARAÚJO-LIMA, GONÇALVES, 2020).

⁶ Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054?locale-attribute=pt>. Acesso em 10 de fevereiro de 2021.

⁷ O primeiro caso no país foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020.

Pouco depois da saída de Nelson Teich do Ministério da Saúde, em 15 de maio, a divulgação de dados oficiais vem sendo solapada pela mesma mentalidade dos comentários ora ingênuos ora mal intencionados das mídias sociais. Assim, já no dia 19, o Ministério passou a publicar o Placar da Vida (ainda em vigor) com óbitos invisíveis e número de recuperados em destaque. O Placar já circulava nas mídias sociais desde o final de abril, como forma de se opor ao que chamou-se de “cobertura maciça de fatos negativos” pela mídia (VARÃO, 2020)⁸.

No começo de junho, a restrição de um acesso completo aos dados ficou ainda mais evidente, com a omissão dos números acumulados da doença e a publicação apenas dos casos e óbitos em 24 horas, pelo Ministério da Saúde (MS). Além disso, a divulgação dos dados passou a ser realizada cada vez mais tarde, de forma a evitar um planejamento por parte dos veículos de comunicação quanto à divulgação dos números. Com isso, veículos como *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *G1* e *UOL* formaram uma parceria inédita, sob a forma de consórcio, de modo a possibilitar o conhecimento dos números reais da Covid-19 no Brasil a partir da coleta de informações direto das secretarias de saúde do país. Apesar da omissão ter sido rapidamente impedida pelo Supremo Tribunal Federal (STF), fazendo com que o MS voltasse a publicar casos e óbitos acumulados durante a pandemia. O consórcio de imprensa, entretanto, se manteve.

As situações descritas acima são pequenos recortes do ambiente informacional confuso que se instalou no primeiro ano de pandemia no Brasil. Esse cenário, ao qual se poderia acrescentar tantos outros episódios, reforça não só o lugar desvalorizado que a informação científica e a informação jornalística ocupam hoje na sociedade brasileira, mas também fortalece a percepção da necessidade dessas informações mais do que nunca, ainda que essa afirmação pareça paradoxal.

Diante de tal perspectiva, a RENOI convocou pesquisadores a pensarem os desafios que a transição para a década de 2020 apresenta ao exercício do jornalismo e da comunicação, de forma mais ampla, bem como à defesa do direito à informação e à liberdade de expressão. Desse modo, foram organizadas duas sessões coordenadas durante o Congresso da SBPJor em 2020: 1) Jornalismo, Democracia, Transparência e Acesso à Informação; 2) Jornalismo, Violência contra profissionais, Responsabilidade Social e *Media Accountability*.

SESSÕES COORDENADAS PELA RENOI DURANTE O CONGRESSO DA SBPJOR EM 2020

A Sessão Coordenada 1, “Jornalismo, Democracia, Transparência e Acesso à Informação” focou especialmente na Lei de Acesso à Informação (LAI), entendendo que o momento político que o país atravessa coloca em jogo os princípios pelos quais a LAI foi criada, visando o “[...] fortalecimento da democracia por meio da oferta de acesso às informações do Poder Público” (WONS, BORGES &

⁸ Disponível em: <https://portalimprensa.com.br/noticias/opiniao/83711/numeros+negacionismo+morte+e+-desinformacao+por+rafiza+varao>. Acesso em 10 de maio de 2021.

OLIVEIRA, 2020, p. 178). Nesse sentido, abala também pilares que a LAI ajudou a consolidar, no âmbito dos direitos fundamentais dos cidadãos, fornecendo elementos para a prática regular do preceito expresso no art. 5º, inciso XXXIII, da Constituição Federal, segundo o qual “todos têm direito a receber dos órgãos públicos informações de seu interesse particular, ou de interesse coletivo ou geral, que serão prestadas no prazo da lei, sob pena de responsabilidade, ressalvadas aquelas cujo sigilo seja imprescindível à segurança da sociedade e do Estado” (CF/1988).

Os textos participantes da sessão foram:

TABELA 1: SESSÃO COORDENADA 1

Título	Autor
<i>Direito à informação, ética jornalística e agendas ocultas na América Latina</i>	Danilo Rothberg, Carlo José Napolitano e Caroline Kraus Luvizotto
<i>Desinformação e transparência: estudo sobre o efeito da terceira pessoa na atuação jornalística</i>	Francisco Gilson Rebouças Porto Junior
<i>Atos de jornalismo na pandemia da covid-19: finalidades jornalísticas, news promoters e redes sociais</i>	Thalita Mascarelo
<i>Os desafios do direito de acesso à informação em um cenário de pandemia</i>	Luma Poletti Dutra
<i>Regras e guias de transparência em dois conglomerados midiáticos brasileiros</i>	Rogério Christofolletti e Denise Becker

Fonte: os autores.

A Sessão Coordenada 2 teve como tema “Jornalismo, Violência contra profissionais, Responsabilidade Social e Media Accountability” e tratou do crescimento da violência, tanto simbólica quanto física, contra jornalistas, além de aspectos mais gerais relacionados à responsabilidade social, à prestação de contas e ao ethos da profissão. Apesar do reconhecimento do papel da imprensa como fundamental para a sociedade durante o período da pandemia, não podendo ter seu trabalho paralisado, o jornalismo vem sendo alvo de violência constante no país, inclusive após o decreto de março de 2020 referido acima. Relatório do Conselho Nacional do Ministério Público, divulgado em 2019, revelou que o Brasil é o 6º país (entre 193 nações) mais perigoso para o exercício da profissão (FREIRE, 2019) e a crise sanitária ora instalada traz ainda mais preocupações. De acordo com a FENAJ, ainda, entre janeiro e abril de 2020, foram 179 ataques a jornalistas no Brasil (FENAJ, 2020). Essas agressões têm sido tanto verbais quanto físicas, muitas vezes indicando um desconhecimento da relevância do jornalismo como importante componente do arsenal democrático de uma nação (BERTRAND, 2002). Com esse enfoque, então, os textos participantes da sessão foram:

TABELA 2: SESSÃO COORDENADA 2

Título	Autor
<i>Os discursos de Jair Bolsonaro no YouTube e violência contra jornalistas no contexto da pandemia de COVID-19</i>	Ana Marta M. Flores
<i>Responsabilidade social e violência contra a mulher: o caso Sandra Gomide-Pimenta Neves vinte anos depois</i>	Laís Rocio
<i>Produção de notícias sobre a pandemia e a disputa da verdade a partir de ataques contra o jornalismo pelo Presidente Jair Bolsonaro</i>	Paula Caroline Zarth Padilha e Márcio Ribeiro Garoni
<i>Literacia mediática e accountability da mídia nas salas de aula: como desenvolver tais temas com professores, estudantes e comunidade escolar no ensino</i>	Luma Poletti Dutra
<i>Literacia mediática e accountability da mídia nas salas de aula: como desenvolver tais temas com professores, estudantes e comunidade escolar no ensino fundamental?</i>	Milena Marra, Fernando Oliveira Paulino, Jairo Faria, Yuri Soares Franco, Fernando Molina, Luana Melo, Mariana Bitencourt Santos, Luiggi Fontenele, Patricia Bezerra, Anne Caroline Silva, Beatris Silva de Deus
<i>A dimensão ética do conceito de verdade e suas relações com o jornalismo: antes e durante a pandemia</i>	Rafiza Varão

Fonte: os autores.

CONSIDERAÇÕES

As discussões fomentadas nas sessões coordenadas 1 e 2 organizadas pela RENOI reafirmam o compromisso da Rede em compreender as dinâmicas do jornalismo e da comunicação em nosso país, realizando “[...] avaliações, estudos, trabalhos, diagnósticos e pesquisas dos jornais, revistas, telejornais e radiojornais”⁹ (GENTILLI, 1998).

Fundada em 2005 durante o XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação no Rio de Janeiro, a RENOI vem, ao longo desses 16 anos, atuando como importante catalisadora das análises provenientes não só dos observatórios de imprensa que atuam nas universidades, mas também de pesquisadores independentes, interessados em compreender os textos e os subtextos da mídia.

Em síntese, a RENOI tem colaborado para a articulação de ações conjuntas entre seus integrantes e instituições, contribuindo, inclusive, para a apresentação e execução de projetos comuns. Dentre as iniciativas, cumpre destacar a realização de livros (como as obras de GUERRA, 2010; e CHRISTOFOLETTI, 2008 e 2010) e artigos conjuntos, troca constante de informações, participação em congressos organizados por entidades científicas, presença na execução das Escolas de Verão promovidas pela Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação, atuação no Fórum de Direito de Acesso a Informações Públicas e o planejamento da oferta conjunta de uma disciplina por Programas de Pós-Graduação na qual há participação de pesquisadores(as) da Rede.

⁹ GENTILLI, Victor. A RENOI 1405. Mensagem recebida por <rafiza@gmail.com> em 10 de maio de 2021

REFERÊNCIAS

BERTRAND, Claude-Jean. **O arsenal da democracia: sistemas de responsabilização de mídia**. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP, Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 26 de jun. de 2020.

BRASIL. Decreto Federal nº 10.288, de 22 de março de 2020. Regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir as atividades e os serviços relacionados à imprensa como essenciais. Brasília: DOU Diário Oficial da União. Publicado no D.O.U. de 22 de março de 2020.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Vitrine e vitraço: Crítica de Mídia e Qualidade no Jornalismo**. *Estudos em Comunicação*, 2010.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga (Orgs.). **Observatórios de mídia: olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008.

FENAJ. **Presidente é o maior responsável por ataques à liberdade de imprensa no país**. Disponível em: <https://fenaj.org.br/presidente-e-o-maior-responsavel-por-ataques-a-liberdade-de-imprensa-no-pais/>. Acesso em: 27 de jun. de 2020.

FORTUNATO, Rafaela; ARAÚJO-LIMA, Cristina; GONÇALVES, Livia Priori. COVID-19 no Brasil: a evolução da doença num cenário de desigualdades sociais. *Middle Atlantic Review of Latin American Studies*, v. 4, n. 1, 2020.

FREIRE, Luciano Nunes Maia et al. **Violência contra comunicadores no Brasil-relatório: um retrato da apuração nos últimos 20 anos**. Brasília: ENASP; CNMP, 2019.

GUERRA, Josenildo. Sistema de gestão da qualidade aplicado ao Jornalismo: uma abordagem inicial. *Debates CI Unesco*, n. 5, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Quando acaba o século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

WONS, Leonardo, BORGES, André Leonardo Pitangueira & OLIVEIRA, Pamela Danelon Reina Justen de. Lei Brasileira de Acesso à Informação e o princípio da publicidade: uma reflexão sintética à transparência e ponderações da publicidade de informações. TUIUTI: CIÊNCIA E CULTURA, v. 6, n. 60, p. 175-200, 2020. Disponível em: <https://interin.utp.br/index.php/h/article/view/2318>. Acesso em: 26 de jun. de 2020.

A pandemia e a impossibilidade do presencial

Edgard Patrício¹Janaína Visibel²

Em 2019, durante a realização do 17º Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo, em Goiânia, a Assembleia de associados da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) acatou a proposta de candidatura da Universidade Federal do Ceará, por meio de seu Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM/UFC), para sediar o 18º Encontro.

Agenda definida, infraestrutura disponibilizada, comunidade universitária da UFC mobilizada e arte visual do Encontro finalizada, sobreveio a pandemia da Covid-19. Os acontecimentos forçaram a diretoria da SBPJor a reorientar o evento de sua natureza presencial para a realização remota. Era a primeira vez que um encontro anual da SBPJor seria realizado no modelo virtual. E Fortaleza, com toda sua história de bom acolhimento, teve que esperar.

O inusitado da organização do Encontro lançou diversos desafios às redes de pesquisa da SBPJor. A partir de uma ação participativa da diretoria, fomos chamados a discutir a dinâmica de funcionamento das Coordenadas, incluindo as estratégias de apresentação dos trabalhos e realização dos debates. Atentando para a adaptação ao novo modelo, as Redes puderam definir, a partir de um conjunto de pressupostos básicos, sua melhor estratégia.

Priorizando a qualidade das discussões, a Rede de Estudos sobre Trabalho e Identidade da(o)s Jornalistas (Retij) seguiu a mesma estruturação dos anos anteriores, por meio da apresentação e discussão dos trabalhos e pareceres vinculados. Os mesmos tempos para as apresentações e diálogos foram mantidos em suas Coordenadas. Também conseguimos realizar nossa reunião anual, quando definimos nosso planejamento para o ano seguinte.

¹ Docente no curso de Jornalismo e no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordena o grupo de pesquisa PráxisJor - Práxis no Jornalismo (UFC), o Programa de Extensão Comunicação e Políticas Públicas e a rede de pesquisa Trabalho e Identidade do Jornalista (Retij), vinculada à SBPJor.

² Docente nos cursos de Jornalismo e Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade do Estado de Minas Gerais. É pesquisadora do Centro de Pesquisas em Comunicação e Trabalho da ECA-USP; coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas das Poéticas do Cotidiano da UEMG.

A PARTICIPAÇÃO DA RETIJ

O primeiro desafio para a Retij, no âmbito da nova realidade de ausência de presencialidade, foi estabelecer uma estratégia de mobilização que desse conta da participação efetiva da(o)s pesquisadora(e)s. Para isso, pela primeira vez, a chamada para a apresentação de trabalhos às Coordenadas da Rede foi divulgada para além da(o)s associada(o)s da Retij. A convocação foi feita a partir das principais listas integradas por pesquisadora(e)s da Comunicação e Jornalismo (SBPJor, Compós, Intercom). O movimento possibilitou a chegada de nova(o)s pesquisadora(e)s à Retij, ensejando uma renovação das discussões.

Ao invés de definir temáticas, o que poderia cercear a diversidade das pesquisas a serem apresentadas, a chamada da Retij para a apresentação de trabalho ao 18º Encontro priorizou destacar os cinco eixos de atuação da Rede. 1) características demográficas e do mercado de trabalho dos jornalistas brasileiros (incluindo fenômenos como precarização, pejotização, duplo emprego e multifuncionalidade, entre outros); 2) configuração de identidades, culturas profissionais e discursos sobre a profissão; 3) trajetórias profissionais: formas de acesso, distribuição dos jornalistas em distintas áreas de atuação (midiáticas e não midiáticas), abandono da carreira; 4) caracterização das rotinas produtivas e dos processos comunicacionais determinantes para o desempenho do trabalho do jornalista; e 5) sindicalização e atuação dos jornalistas em organizações corporativas ou associativas.

A partir da proposição de trabalhos, foram aprovadas pelo Conselho Científico da SBPJor quatro Coordenadas, a serem organizadas pela Retij.

SESSÃO COORDENADA 1—JORNALISMO INDEPENDENTE, NOVOS ARRANJOS DE JORNALISMO E REALIDADES REGIONAIS

A Coordenada buscou dialogar sobre as iniciativas de jornalismo independente a partir de aspectos como governança, financiamento, rotinas de trabalho e condições de produção. Atenta para a reestruturação produtiva como contexto de aparecimento e funcionamento dessas iniciativas. Foram os seguintes, os trabalhos apresentados:

- 1) Jornalismo independente e governança editorial: a comunidade de membros do The Intercept Brasil (Samuel Lima/UFSC, Tânia Giusti/UFSC)
- 2) O financiamento de arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia por plataformas digitais (Camila Camargo/FIAM-FAAM, Cláudia Nonato/USP, Fernando Pachi Filho/Unip, Thales Lelo/USP)
- 3) Questões metodológicas da análise do processo produtivo nos novos arranjos do trabalho dos jornalistas (Roseli Fígaro/USP, João Moliani/USP/UFTPR, Jamir Kinoshita/USP, Ana Marques/USP)
- 4) Relações de comunicação e condições de produção em arranjos de trabalho jornalístico no Ceará: primeiros relatos de experiências (Raphaelle Baptista/UFC, Rafael Costa/(UFC))

5) O BLOG JORNALÍSTICO REGIONAL: características da cobertura e regionalidades no contexto maranhense (Jordana Barros/UFPI, Samantha Carvalho/UFPI)

SESSÃO COORDENADA 2 – TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS, ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E PRECARIZAÇÃO

A Coordenada buscou dialogar sobre temáticas relacionadas à carreira jornalística (início, migração), à precarização laboral, a grupos profissionais. Ênfase nas pesquisas que trazem a dimensão regional no trabalho de jornalistas. Foram os seguintes, os trabalhos apresentados:

- 1) FlexMediaLives: o uso de perfis no LinkedIn para descrever carreiras no mundo do jornalismo (Jacques Mick/UFSC, Andressa Kikuti/UFSC), Gilles Bastin/Instituto de Estudos Políticos de Grenoble)
- 2) Trajetórias profissionais de jornalistas em Recife: entre a indecisão de permanecer ou abandonar a profissão (Rui Caeiro/UFPE, Heitor Rocha/UFPE, Anabela Gradim/UBI)
- 3) Traços da precarização laboral no produto jornalístico: o caso de um jornal regional brasileiro (Janara Nicoletti/UFSC)
- 4) Para uma reflexão sobre campo e grupos profissionais através da produção de vídeos pelos jornais impressos (Paula Paes/UFPb, Gil Jacinto/UFPb)
- 5) A organização e a precarização do trabalho jornalístico nas plataformas de fact-checking brasileiras vinculadas à IFCN (Maria Fossá/UFSM, Kauane Müller/UFSM)
- 6) Estagiário ou assistente? Vagas de estágios em jornalismo no Rio Grande do Sul e consequências para o trabalho jornalístico (Évilin Campos/Unisinos)

SESSÃO COORDENADA 3 – JORNALISMO, PANDEMIA E MÉTRICAS

A Coordenada buscou dialogar sobre temáticas relacionadas à reorganização do trabalho dos jornalistas a partir da pandemia da Covid-19, como os reflexos na saúde da trabalhadora jornalista, nas rotinas de produção, nas organizações e no próprio ensino do jornalismo. Em torno disso, as métricas como referência de audiência. Foram os seguintes, os trabalhos apresentados:

- 1) Trabalhar, cuidar e não adoecer: as jornalistas na Pandemia de Covid-19 (Janaína Barros/UEMG, Naiana Silva/UFC, Rafael Grohmann/Unisinos, Daniela Oliveira/USP)
- 2) Apontamentos sobre os Perfis Profissionais e Rotinas Jornalísticas na Cobertura da Pandemia de COVID19 (Edson Capoano/Uminho, Vanessa Barros/UMinho)
- 3) Jornalismo e pandemia – Impactos da Covid-19 nas rotinas de produção do jornalismo independente do Ceará (Edgard Patrício/UFC)
- 4) Do Jornalismo Sentado ao ensino sentado do Jornalismo: considerações sobre as práticas docentes e discentes em tempos de pandemia de Covid-19 (Milton Faccin/Universidade Estádio de Sá, Soraya

Ferreira/Universidade Estácio de Sá)

5) Jornalistas e metas de audiência: o caso de GaúchaZH (Janaína Kalsing/UFRGS), Gabriel Howell/UFRGS), Ana Gruszynski/UFRGS)

SESSÃO COORDENADA 4 – QUESTÕES EMERGENTES DO TRABALHO JORNALÍSTICO: OLHARES CRUZADOS ENTRE ARGENTINA, BÉLGICA, BRASIL E MÉXICO

A coordenada buscou lançar um olhar transnacional sobre questões emergentes da prática jornalística. Abordou temáticas como a seleção e o enquadramento das notícias, as transformações das condições de inserção no mercado de trabalho, o jornalismo colaborativo e as condições de realização do jornalismo no contexto da pandemia. Foram os seguintes, os trabalhos apresentados:

- 1) El encuadre del delito y el rol de las fuentes informativas en los principales noticieros televisivos de Argentina (Natalia Aruguete, Nadia Koziner y Laura Rosenberg/(Universidad Nacional de Quilmes/Argentina)
- 2) A inserção profissional do jornalista on-line no mercado de trabalho português (Fábio Henrique Pereira e Jéssica Cardoso/Universidade de Brasília/Brasil)
- 3) Journalisme en confinement: Les conditions d'emploi et de travail des journalistes belges francophones (Florence Le Cam/Université Libre de Bruxelles/Bélgica)
- 4) El Periodismo Colaborativo en México en la Cobertura de la Pandemia de COVID-19 (Salvador De León Vázquez/Universidad Autónoma de Aguascalientes/México)

PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES PARA 2021

O planejamento das atividades da Retij para o ano de 2021 foi marcado ainda pela incerteza sobre os rumos da pandemia. Mesmo num contexto adverso, a Rede projetou algumas ações que foram concretizadas ao longo do último ano. Os trabalhos de organização e gestão foram dinamizados com a chegada de Janaina Visibeli (UEMG) para a vice-coordenação da Rede.

PESQUISA PERFIL DO JORNALISTA BRASILEIRO

Para fortalecer a Rede de pesquisadores em trabalho e identidade dos jornalistas, os grupos de pesquisa e pesquisadores, que participam da RETIJ, acordaram a realização de uma pesquisa coletiva, que realizará um novo levantamento sobre o Perfil dos Jornalistas Brasileiros para o ano de 2021, em referência a pesquisa de mesmo nome, realizada em 2012, sob a coordenação de Jacques Mick, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Para realização dos trabalhos, foi constituída um comitê da RETIJ que junto à pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina, têm se reunido, sob a coordenação de Samuel Pantoja Lima,

para produção dos instrumentos de pesquisa, levantamento da amostra e contato com associações e entidades de classe.

No Brasil há pouca sistematização de dados sobre os profissionais jornalistas em atividade. O apagão das informações, impacta diretamente na organização da categoria para garantir condições decentes de trabalho. Nesse contexto, a pesquisa Perfil dos Jornalistas Brasileiro 2021, busca saber “quantos e quem são os jornalistas brasileiros, no começo desta terceira década do século 21?”. Objetiva identificar divisão da categoria por gênero, cor-raça, escolaridade, funções, distribuição geográfica dos profissionais e outros aspectos sociodemográficos identificáveis. Além de permitir a comparação dos dados coletado em 2021 com o que se observou em 2012. Nesse sentido, também tem como objetivo aprofundar a análise sobre indicadores da precarização do trabalho jornalístico e seus impactos na saúde dos trabalhadores; além de refletir sobre os efeitos da crise do jornalismo sobre a configuração profissional da categoria.

Durante o primeiro semestre de 2021, o grupo de trabalho criou o instrumento de coleta das informações e aplicou o pré-teste do questionário. A estimativa é que a pesquisa seja realizada ao final de 2021, com publicação dos dados em 2022.

DISCIPLINA TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO DA(O)S JORNALISTAS

Com o apoio da Retij, um consórcio de 12 PPGs da área de Comunicação (UFC, UEPG, UFRR, USP, UFMG, UFPI, UFMS, UFPB, UFMT, UFG, UFMA, UFS) se articularam para oferecer a disciplina ‘Transformações no mundo do trabalho da(o)s jornalistas’. A iniciativa, inédita no meio acadêmico da pós-graduação no Brasil, foi estruturada em 13 painéis temáticos, e contou, entre regulares, especiais e ouvintes, com a representativa participação de estudantes de 23 programas de pós-graduação do Brasil e dois do exterior.

A ideia era traçar um panorama das transformações que vêm se verificando no âmbito do Jornalismo e da atuação da(o)s jornalistas. Os painéis temáticos tiveram a participação de pesquisadora(e)s e jornalistas locais, nacionais e internacionais, na intencionalidade de perceber como o ecossistema do Jornalismo se insinua por diferentes contextos. As temáticas dos 13 painéis indicaram as principais preocupações da Retij na pesquisa em jornalismo.

1) Reflexos da pandemia na produção do jornalismo; 2) As crises e o jornalismo: da dimensão econômica à crise de legitimidade e confiança; 3) Precarização e plataformização do trabalho de jornalistas; 4) A disseminação de informações não jornalísticas de expressão noticiosa; 5) Gêneros jornalísticos e hibridização de conteúdos; 6) A qualificação das audiências; 7) O papel das fontes na coprodução de notícias; 8) Pode o subalterno falar? Desterritorializações críticas no jornalismo; 9) Desigualdades de gênero e raça na construção da cultura jornalística; 10) A feminização no jornalismo

e as transformações no mercado de trabalho; 11) As alternativas de modelos de negócios; 12) A cultura colaborativa remota; 13) Desafios formativos em Jornalismo.

Além das discussões ocorridas durante a disciplina, os painéis foram transformados em episódios do podcast PapoCom, produzido pelo grupo de pesquisa PráxisJor – Práxis no Jornalismo (PPGCOM/UFC). Esses episódios estão à disposição de todos os PPGs e de toda(o)s a(o)s pesquisadora(e)s, e podem também servir de material assíncrono para os cursos de graduação, facilitando a articulação com a pós-graduação.

PARTICIPAÇÃO NAS LIVES SBPJOR EM REDES

A SBPJor em Redes foi uma atividade promovida pela SBPJor e realizada pelas redes que fazem parte da Associação. Tratou-se de uma série de lives em que cada uma das redes compuseram uma mesa de convidada(o)s para discutir determinada temática inerente à atuação da Rede. A Retij ficou responsável pela dinamização da live do dia 23 de outubro, e definiu como temática ‘O trabalho da(o) jornalista num cenário pós-pandemia’.

Muitas discussões já haviam acontecido sobre as condições e o ambiente de trabalho da(o)s jornalistas no contexto de pandemia da covid-19. Pesquisas foram realizadas com o intuito de esquadrihar a realidade vivenciada nesse período, inclusive com recortes específicos, como a situação enfrentada pelas mulheres jornalistas e as rotinas de produção das iniciativas de jornalismo independente.

Naquele momento, convivia-se com o afrouxamento das regras de isolamento físico e a retomada de vários setores da atividade econômica, numa presunção de que ficaríamos na primeira onda. A dinâmica dos ambientes de produção do jornalismo não fugia a esse movimento. No entanto, indagava-se... 1) como estava sendo esse retorno?, 2) que processos e práticas foram instaurados no contexto de pandemia que deviam permanecer?, 3) que reflexos essas novas práticas poderiam trazer à qualidade da informação jornalística?

Participaram da live...

Janara Nicoletti - jornalista, com mestrado e doutorado em Jornalismo (PPGJOR/UFSC). Vencedora do Prêmio Adelmo Genro Filho 2020 na categoria doutorado. Atua como pesquisadora associada ao Observatório da Ética Jornalística da Universidade Federal de Santa Catarina (objETHOS/UFSC). Desenvolve estudos relacionados à precarização do trabalho, qualidade jornalística, exposição a riscos e violência contra profissionais da imprensa. Possui experiência como repórter, editora, assessora de imprensa e professora na graduação e pós-graduação.

Janaina Visibeli - professora na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Divinópolis), nos cursos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda. Doutora e mestra em Ciências da Comunicação

pela Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP). Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Estudo das Poéticas do Cotidiano – EPCO/UEMG e pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT/ECA/USP).

Maria José Braga - formada em Jornalismo e Filosofia, com mestrado em Filosofia. Exerce o jornalismo há 33 anos. Presidenta da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Representante da categoria dos jornalistas no Conselho Nacional de Comunicação Social, do Congresso Nacional. Jornalista do Instituto Federal de Goiás (IFG), onde já exerceu a função de Pró-Reitora de Desenvolvimento Institucional e assessora de Relações Institucionais. Foi presidente do Sindicato dos Jornalistas de Goiás e na Febaj exerceu os mandatos de tesoureira, secretária-geral e vice-presidenta.

Idelfonso Rodrigues - jornalista, formado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Possui mestrado em História Social, na UFC. Concluiu o Master em Gestão de Empresas de Comunicação pelo Instituto Internacional de Ciências Sociais (IICS), em parceria com a Universidade de Navarra, da Espanha. Tem curso de Audiovisual pela Embrafilme e curso de fotografia pela Casa Amarela, da UFC. Começou a profissão como repórter do Diário do Nordeste. Foi produtor, chefe de Redação e Diretor de Jornalismo da TV Verdes Mares. Hoje, é diretor de Redação do Diário do Nordeste, TV Diário e Rádio Verdes Mares, além de ocupar a função de Diretor de Operações do Sistema Verdes Mares.

Laércio Portela - editor e um dos fundadores do portal de jornalismo independente Marco Zero Conteúdo. Foi repórter de Polícia do Jornal do Commercio e repórter, colunista e editor de Política do Diário de Pernambuco. Coordenou a Comunicação do ministério da Saúde e trabalhou na Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República no governo Lula. É coautor de documentários sobre a ocupação das escolas públicas em 2016 e os impactos dos megaempreendimentos públicos e privados sobre populações e territórios vulneráveis.

AS PESQUISAS SOBRE IDENTIDADE DA(O)S JORNALISTAS EM 2020

As pesquisas em jornalismo no ano de 2020 foram atravessadas pelo viés da pandemia da Covid-19. A Retij tentou fazer uma síntese dessas pesquisas, no intuito de prover subsídios e projetar novas discussões no próximo ano.

O CONTEXTO MUNDIAL³

Em 1º de dezembro de 2020 é confirmado o primeiro caso de Covid-19 no mundo. Em Wuhan, epicentro da doença na China. O primeiro caso nos Estados Unidos foi identificado oficialmente no dia 21 de janeiro de 2020.

³ Essa parte do texto foi extraída de PATRÍCIO, Edgard. Jornalismo e pandemia – Impactos da Covid-19 nas rotinas de produção do jornalismo independente. Pauta Geral, e202017060, p.1-18, 2020.

No contexto das medidas preventivas em relação ao controle da circulação do vírus, o jornalismo é considerado serviço essencial. Assemelha-se, assim, aos serviços de saúde, ficando de fora de decretos sanitários que estabeleceram a restrição da mobilidade. Mesmo nessa condição, a situação força a alterações nas rotinas de produção do jornalismo. Profissionais pertencentes aos grupos de riscos assumem o home office, medida seguida logo depois por um contingente maior de jornalistas, que veem suas casas serem transformadas em sucursais da redação.

Numa pesquisa realizada em 77 países⁴, com a participação de 1.308 jornalistas, a Federação Internacional de Jornalistas (FIJ) atesta que mais de um terço dos respondentes indicaram que foram remanejados de suas temáticas habituais de cobertura. E mais da metade tem sofrido processos de estresse e ansiedade resultantes do contexto e alteração do ritmo do trabalho. Na América Latina, 63,8% dos jornalistas que responderam à pesquisa admitem mudanças negativas em sua função laboral. Quanto às empresas jornalísticas, um terço estimulou o teletrabalho e, como consequência dessa modalidade, 32,4% dos jornalistas indicaram trabalhar mais que o período anterior à pandemia.

Pela pesquisa realizada pela FIJ, na América Latina o trabalho independente, por conta própria, também sofreu consequências. A porcentagem de autônomos e freelancers em atividade antes do período da pandemia superava os 35%. No final de abril, quando foi feito o levantamento, ocorreu uma diminuição para em torno de 12%. Uma das causas possíveis dessa redução foi a diminuição da atividade econômica.

O CONTEXTO NACIONAL

No Brasil, em 26 de fevereiro é confirmado, pelo Ministério da Saúde, o primeiro caso de contaminação pelo novo coronavírus. O primeiro óbito causado pela nova pandemia ocorre em 17 de março, na cidade de Miguel Pereira, no Rio de Janeiro. A vítima trabalhava na casa de uma mulher recém-chegada de uma viagem à Itália.

Em razão da pandemia do Covid-19, dos relatos sobre as condições de trabalho dos comunicadores e da morte em abril do jornalista José Augusto do Nascimento Silva, por complicações da Covid-19, o Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho – CPCT/ECA-USP, integrante da RETIJ, realizou no período de 05 a 30 de abril, a pesquisa “Como trabalham os comunicadores durante a pandemia do Covid-19?”, que buscou identificar as condições de trabalho dos comunicadores durante a pandemia, como estavam se cuidando, como eram as rotinas de trabalho, como vivenciavam o trabalho em home office, seus medos e desafios como profissionais da comunicação. Por meio da plataforma Google, foi disponibilizado um questionário de múltipla escolha, composto também por perguntas abertas, para respostas discursivas, que circulou nas redes sociais de pesquisadores do

⁴ Disponível em <https://www.ifj.org/es/centro-de-medios/noticias/detalle/category/press-releases/article/al-descubierto-la-crisis-del-periodismo-por-el-covid-19.html>. Acesso em 30/7/2020.

CPCT, das listas de entidades sindicais, organizações científicas, dentre elas a SBPJor, que apoiaram a pesquisa. A amostra não-probabilística, foi composta por respondentes que tiveram contato com o link da pesquisa e se dispuseram a participar voluntariamente.

A pesquisa teve a participação de 554 respondentes, de 24 estados brasileiros e um respondente residente em Portugal. Apesar de ser aberta a todos os trabalhadores da comunicação, 61,2% dos respondentes, se identificou como jornalistas, mesmo atuando em atividades que não são reconhecidas como específicas dos jornalistas.

De acordo com o Relatório de Resultados da Pesquisa “Como trabalham os comunicadores durante a pandemia do Covid-19?” (FIGARO, 2020), 80% dos respondentes estavam trabalhando em regime home office. 70% deles, disseram vivenciar a intensificação do trabalho. Nos relatos, eles revelam os impactos das relações mediadas pelas plataformas em suas vidas. No trabalho home office eles se mantêm conectados o tempo todo, especialmente ao whatsapp que passou a fazer parte da gestão do trabalho. Eles reclamam que não conseguem delimitar o tempo da jornada de trabalho que foi estendida. Também perceberam o aumento do volume de trabalho e do retrabalho, em razão da dificuldade de comunicação com os outras pessoas, das quais dependiam para realizar suas atividades e dos recursos disponíveis. A pesquisa revela que o tempo morto, gasto com o deslocamento entre uma atividade e outra, não se reverteu em tempo de lazer ou descanso, como muitos acreditaram. Ao contrário, foi preenchido com trabalho, transformando-se em tempo produtivo.

A maioria dos respondentes em home office, estava utilizando equipamentos próprios, nem sempre aptos para processar os materiais produzidos. Poucas organizações possuíam sistemas de segurança para que trabalhadores acessassem seu banco de dados. Nestas condições, os comunicadores tiveram que criar alternativas para lidar com a falta de equipamentos, de materiais e a distância social. Novas habilidades foram desenvolvidas, a partir de um movimento dos profissionais, para vivenciar o trabalho mediado pelas plataformas.

No caso dos jornalistas, mais especificamente, o cuidado com a apuração das informações aumentou. Também houve mudanças nos protocolos do fazer jornalístico. Foram incorporados novos procedimentos em cumprimento às normas sanitárias indicadas pelos agentes de saúde, tanto no cuidado pessoal, quanto no trato dos equipamentos.

A sobreposição do espaço da casa e do trabalho, afetaram as rotinas de trabalho dos profissionais da comunicação e suas relações pessoais. Muitos respondentes relataram sentir cansaço e esgotamento, por se desdobrar entre trabalho doméstico, trabalho remunerado e, para muitos, o trabalho de cuidar. Fez-se necessário um rearranjo do espaço da casa, que passou a ser dividido com outros integrantes, que também vivenciaram o home office. Neste contexto, as mulheres foram ainda mais impactadas, por serem as que assumem, prioritariamente, o trabalho de cuidar. O artigo “Trabalhar,

cuidar e não adoecer: as jornalistas na pandemia de Covid-19”, apresentado por Janaina Visibeli Barros, Naiana Rodrigues, Rafael Grohmann e Daniela Ferreira Oliveira, pesquisadores do CPCT, nas sessões coordenadas da RETIJ, revela aspectos particulares dos dramas cotidianos e do fazer jornalístico, vivenciado pelas trabalhadoras que participaram da pesquisa.

Além de revelar as condições de trabalho dos comunicadores durante a pandemia do Covid-19, o relatório de pesquisa foi encaminhado às entidades e associações de classe, como contribuição para os acordos sindicais e negociação sobre os direitos dos trabalhadores na defesa do trabalho decente.

OS CONTEXTOS LOCAIS – PESQUISA PRÁXISJOR⁵

Os primeiros três casos de contágio confirmados no Ceará são divulgados em 15 de março. No dia 16 de março, o governo do estado do Ceará decreta situação de emergência estadual por conta da pandemia. E em 19 de março estabelece medidas restritivas à mobilidade das pessoas. No dia 26 de março acontece a primeira morte por Covid-19 no Ceará, na capital, Fortaleza.

O Ceará foi o quarto estado em número de participantes da pesquisa realizada pelo CPCT/USP, a maioria de respondentes composta por pessoas de 30 a 39 anos (53,8%) e do gênero feminino (65,8%), solteiras (57,9%) e sem filhos (65,8%). Formados(as) majoritariamente em Jornalismo (94,7%), os(as) profissionais atuavam principalmente como jornalistas (61%), em empresas de mídia tradicional (37%). As atividades que mais realizavam eram produção de conteúdos (32%), redação de textos (27%) e entrevistas (24%).

Para 32 dos 38 participantes, as novas dinâmicas adotadas em função da pandemia têm tornado o ritmo de trabalho mais pesado. Dos 32, 20 sofreram alterações na jornada de trabalho. Nos casos de aumento da jornada de trabalho, a variação foi de 1 a 6 horas diárias.

Os meios de trabalho mais utilizados pelos comunicadores foram computadores (100%) com conexão de internet doméstica (95%) e smartphones (93%), de propriedade dos trabalhadores (81,6%). Quanto à organização de tarefas, observa-se um fenômeno de plataformização do trabalho, que passa a se desenvolver em redações virtuais através de aplicativos de mensagens instantâneas e de ordenamento de tarefas, além de serviços de e-mail.

Segundo a maioria dos participantes (65,8%), as empresas para as quais trabalham adotaram medidas preventivas suficientes para garantir a segurança dos profissionais. No entanto, ainda que minoritárias, algumas declarações (sete respostas) mencionaram a necessidade de exigência e negociação dos trabalhadores com as instituições para o efetivo cumprimento das medidas de segurança.

Metade dos profissionais que responderam à pesquisa elencou o contágio pelo novo coronavírus

⁵ Essa parte do texto foi extraída de SILVA, Naiana R.; COSTA, Rafael R. Relatório dos resultados da pesquisa [recurso eletrônico]: como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19? Dados do Ceará. 2020. Disponível em https://80ca21c8-470f-4e0b-9cc7-f21bd9d9a93a.usrfiles.com/ugd/80ca21_55e090b-c624741219322a567cb2dd2d9.pdf.

(deles e de seus familiares e amigos) como seu principal temor durante a pandemia, seguido do desemprego (23,7%).

Segundo revelam diversas respostas abertas de participantes, a instituição inédita e sistemática de *home office* por muitas empresas, principal mudança de rotina por eles declarada, resulta em uma variedade de adaptações e problemas de trabalho igualmente inéditos, cujas soluções são, muitas vezes, exigidas exclusivamente dos trabalhadores.

A organização não-presencial de tarefas impacta aspectos técnicos (como a dificuldade de debater as pautas durante o processo produtivo, que interfere na qualidade do produto final), e subjetivos, já que a comunicação entre colegas de trabalho é admitida, entre outros, como atenuante do sofrimento psíquico diariamente imposto pela rotina de trabalho.

Nesse sentido, cabe destacar que a sobrecarga de trabalho em tempos de pandemia se soma à histórica trajetória de precarização do trabalho feminino, marcado pela naturalização do trabalho doméstico, invisível e não remunerado como função feminina, e também pela inferiorização da mulher enquanto mão de obra, manifesta em disparidades de remuneração, mobilidade profissional e formas de contratação.

CONTATO PARA NOVAS FILIAÇÕES: RETIJSBPJOR@GMAIL.COM

Investigação em jornalismo digital e os desafios de uma sociedade dos algoritmos

Adriana Barsotti¹

Elaide Martins²

Laura Storch³

Marcelo Barcelos⁴

Raquel Longhi⁵

Rita Paulino⁶

As transformações tecnológicas das últimas décadas têm impactado o jornalismo na relação com os modos de produção e distribuição da informação, as dinâmicas relacionais com seus públicos e financiadores, sua institucionalização e os reflexos de novos arranjos jornalísticos nas dinâmicas sociais que o circundam. Em particular, as estruturas de organização das redes digitais têm imposto à profissão desafios crescentes quanto a linguagens, procedimentos e lógicas de distribuição. Num mundo cada vez mais plataformizado em dispositivos e processos, e num tempo no qual nos encontramos ameaçados por uma pandemia, os olhares dos pesquisadores e da academia se fragmentam, ao mesmo tempo em que se multiplicam frente a uma diversidade de novos desafios.

A Rede de Pesquisa Aplicada Jornalismo e Tecnologias Digitais (JorTec) foi criada em 2007, quando ainda parecíamos ter controle sobre as redes que nos circundavam - hoje os desafios são bem maiores. Em 2008, a JorTec vincula-se à Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (UFF) e do Curso de Jornalismo da UFF. É autora dos livros *Jornalista em Mutação: do cão de guarda ao mobilizador de audiência* e *Uma história da primeira página: do grito ao silêncio no jornalismo em rede*. É membro do grupo de pesquisa *Tempos: Temporalidade dos Meios Comunicacionais, Linguagem e Cotidiano*.

² Docente na Faculdade de Comunicação (Facom) e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Coordena o Grupo de Pesquisa *Inovação e Convergência na Comunicação - InovaCom (CNPq/UFPA)*.

³ Jornalista, Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e no Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Integra a Rede de Pesquisa Jornalismo e Tecnologias Digitais (JorTec/SBPJor) e o Grupo de Pesquisa *Estudos em Jornalismo (CNPq/UFSM)*.

⁴ Jornalista, mestre e doutor em Jornalismo (UFSC). Professor de Jornalismo, pesquisador futurista pesquisa o amanhã no jornalismo e na robotização da vida digital. Integra a Rede de Pesquisa Jornalismo e Tecnologias Digitais (JorTec) e o Núcleo de Estudos e Produção *Hipermídia Aplicados ao Jornalismo (Nephi-Jor)*.

⁵ Docente no programa de Pós-Graduação em Jornalismo e do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordena a Rede de Pesquisa Aplicada Jornalismo e Tecnologias Digitais/Jortec e coordenadora do Núcleo de Estudos e Produção *Hipermídia Aplicados ao Jornalismo-Nephi-Jor/Grupo de Pesquisa Hipermídia e Linguagem/CNPq*. Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo (PUC/SP).

⁶ Docente no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR) e no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

(SBPJor). Desenvolvendo diferentes olhares dentro do universo digital, num processo de trocas entre pares, e com uma proposta de rede aberta e descentralizada, a JorTec expandiu-se. Reúne cerca de 40 pesquisadores e pesquisadoras, de pelo menos 15 instituições de ensino e pesquisa do País, tanto de universidades públicas federais quanto estaduais e privadas.

O Encontro anual da SBPJor, além de congresso, também é o momento em que a JorTec, tradicionalmente, faz suas reuniões anuais. Mais recentemente, 2015, a Associação criou a Reunião Anual das Redes de Pesquisa. Desta forma, o espaço para as redes de pesquisa foi fortalecido. E a JorTec aproveita esse espaço na organização de mesas coordenadas, apresentação de trabalhos de investigação e discussões e trocas. De 2007 a 2020, cerca de 140 artigos foram apresentados e discutidos, como mostra o estudo bibliométrico sobre as participações da JorTec na SBPJor, de Rodrigo Botelho-Francisco et al (2019). A maior participação da Rede se deu no 18º Encontro, quando foram apresentados 19 artigos, distribuídos em cinco sessões realizadas em modo remoto, formato do congresso nacional de 2020, em razão da pandemia de Covid-19.

Neste capítulo, apresentamos uma síntese das temáticas, metodologias e objetos empíricos que norteiam a produção científica da JorTec, com análises pertinentes e críticas atentas às transformações do Jornalismo diante de um contexto do avanço da plataformização, complexidade do sistema de desinformação, mediações algorítmicas e neoliberalismo digital. As análises também vislumbram o momento de transformação pelo qual passa o jornalismo, num cenário de pandemia, crise e reconfigurações de rotinas de produção, apontando métodos e soluções nas tecnologias digitais e evidenciando a importância da pesquisa aplicada para enfrentar os desafios do campo na contemporaneidade.

No resumo que oferecemos ao leitor/a, evidenciamos a proposta da Rede JorTec de pensar e aplicar rotinas de produção amparadas pela tecnologia contemporânea, tendências de narrativas hipermediáticas e problemas que devem ser enfrentados e investigados na constituição de um Jornalismo Digital mais inovador e assertivo, correto e monetizável, seja na plataforma ou no suporte em que for entregue.

A XXIV Mesa Coordenada JorTec – "Métodos e soluções de pesquisa aplicada em Jornalismo e Tecnologias digitais: Análise, Coleta, Visualização e Distribuição de dados em tempos de pandemia", coordenada por Rita de Cássia Romeiro Paulino (UFSC), reuniu pesquisas que vislumbraram o momento de transformação pelo qual passa o Jornalismo, num cenário de pandemia, de crise e reconfigurações de rotinas de produção. Seguindo as ideias de Deuze e Witschge (2018) que afirmam que o Jornalismo requer um conjunto de ferramentas que olhem para o campo como um objeto em movimento e como um conjunto dinâmico de práticas e expectativas, consideramos um momento permanente de mudanças e que, por isso vinculado muito propício à inovação. O artigo "Os

impactos das Tecnologias da Informação e Comunicação na prática jornalística durante a pandemia de Covid-19", de autoria de Ricardo Aoki, identificou novas tecnologias utilizadas, dificuldades e facilidades surgidas a partir do uso das tecnologias e suas implicações na prática jornalística e no trabalho a partir de casa. Os resultados preliminares demonstraram que existem vários enfrentamentos, oportunidades a serem exploradas e novos tipos de precarização que podem surgir a partir desse novo normal. Da mesma forma, no artigo intitulado **"Antagonismo e engajamento revelados nas Mídias Sociais: análise das hashtags #Somos70porcento e #FechadoComBolsonaroAte2016"** as autoras Rita de Cássia Romeiro Paulino, Marina Lisboa Empinotti e Mariane Ventura examinaram dados que retratam a situação política no Brasil, engajamento, antagonismos e bots em meio à pandemia do Covid19. Nesta pesquisa as autoras identificaram que discursos com viés ideológico apareceram em ambas as hashtags sendo publicadas por humanos e Bots, marcando um posicionamento que reflete níveis de polarização antagônica e um grau de engajamento relacionado à revolta e ao ódio.

Refletimos também sobre as fontes de dados da Covid19 no artigo **"Acesso a informações e pluralismo nas fontes de dados da Covid-19 nos jornais no Brasil"**, da pesquisadora Marlise Viegas Brenol. A pesquisa aborda como três jornais de maior circulação no Brasil acessaram os dados epidemiológicos referentes à pandemia. O estudo revela uma divisão entre fontes primárias e secundárias, com redução de citação do Ministério da Saúde, mas evidencia dados fornecidos por universidades, institutos de pesquisa e organizações e iniciativas cívicas. E para finalizar, esta mesa aprofundou o debate sobre o impacto e acesso aos dados da Covid19 iniciado nos artigos anteriores. A pesquisa das autoras Raquel de Queiroz Almeida, Ana Cristina Costa e Claudia Montenegro, intitulada **"Consórcio de veículos na Covid-19: A imprensa brasileira contra o vírus da desinformação"**, analisou a criação do consórcio de veículos brasileiros que reúne e publica informações sobre a evolução da doença no país e evidência para o debate sobre as possibilidades de o jornalismo recuperar sua relevância, ao entender as expectativas da audiência e atender ao interesse público.

Já a **XXV Mesa Coordenada JorTec – “Abordagens, modelos, ferramentas de análise, pesquisa em rede e tecnologias na Pesquisa Aplicada em Jornalismo”**, coordenada por Elaide Martins (UFPA), reuniu múltiplos olhares sobre a temática, evidenciando a importância da pesquisa aplicada, sobretudo por suas contribuições para enfrentar os desafios do jornalismo contemporâneo a partir das aproximações entre a teoria e a prática. No conjunto de palavras-chave dos trabalhos apresentados nesta mesa, Jornalismo foi o termo que permeou todos eles, desdobrando-se em certas modalidades, a exemplo do ciberjornalismo, jornalismo transmídia, jornalismo multiplataforma e híbrido. As discussões envolveram desde as trajetórias da pesquisa aplicada à proposição de um protocolo de pesquisa, assim como de métodos e ferramentas. E trouxe resultados concretos para a

própria Rede.

O artigo **“Tecnologias e competências digitais no jornalismo brasileiro: construção de um protocolo de pesquisa em rede”**, de Rodrigo Botelho, foi o ponto de partida para a construção, no ano seguinte, de um projeto de pesquisa envolvendo 15 instituições de ensino e pesquisa. Já os artigos **“O modelo analítico de design de projeto transmidiático como ferramenta metodológica para o planejamento de uma proposta jornalística transmidiática”**, de Mirna Tonus e Marcos Reis, e **“Ferramentas de análise de mídias imersivas em aplicativo jornalístico para dispositivos móveis”**, de Gerson Martins e Maria Matheus Florence, centralizam seus esforços em conceber propostas metodológicas. No primeiro caso, Mirna Tonus e Marcos Reis evidenciaram a necessidade de consolidar um arcabouço metodológico que propicie uma bem-sucedida interseção jornalística e transmidiática. Já no segundo artigo, Gerson Martins e Maria Matheus Florence apresentam uma ferramenta de análise a partir da perspectiva da produção de conteúdo, enfocando reportagens para tablet e smartphone e discutindo a imersão no jornalismo.

O jornalismo multiplataforma e o jornalismo híbrido são trazidos no artigo **“Pesquisa aplicada para o uso de algoritmos e inteligência artificial no jornalismo digital multiplataforma”**, de Zanei Ramos Barcellos. Em uma abordagem estimulante, o autor procura relacionar apps jornalísticos aos algoritmos e sistemas de inteligência artificial (IA) inerentes às redes sociais, a fim de otimizar a distribuição automatizada de notícias. Além disso, outra solução apontada por essa pesquisa é o uso desse sistema na tomada de decisões editoriais híbridas, procurando desenvolver narrativas jornalísticas inovadoras e apps mais inteligentes. Todas essas pesquisas evidenciam a pesquisa aplicada, cujo percurso foi sistematicamente mapeado e organizado por Elaide Martins em seu artigo **“Pesquisa Aplicada em Jornalismo: trajetórias e enfoques em 20 anos de pesquisas no Brasil”**. A fim de compreender as aproximações entre pesquisa aplicada e jornalismo no Brasil, este trabalho faz uma abordagem quantitativa-qualitativa e parte de um amplo levantamento, observando-se suas trajetórias, enfoques, principais pesquisadores, instituições e outros aspectos. Os principais resultados indicam que novos ares já começam a reverter a antiga falta de tradição da pesquisa aplicada no jornalismo tornando esse tipo de pesquisa mais presente no Brasil - cenário que tem sido reforçado com muita clareza nos esforços de pesquisa desenvolvidos pela JorTec ao longo de seus anos de atuação.

Na XXVI Mesa Coordenada JorTec – **Uso de algoritmos no jornalismo: dilemas práticos e éticos**, coordenada pelas pesquisadoras Adriana Barsotti (UFF) e Laura Storch (UFES), houve a apresentação de quatro artigos cuja tônica foi discutir os impactos do uso dos algoritmos em todas as etapas do processo noticioso: na curadoria de conteúdos, na produção e distribuição de notícias, na relação dos jornalistas com as fontes e audiências. Os artigos **“Por que falar de mediações**

algorítmicas nos estudos em Jornalismo?”, de autoria de Kérley Winkes e Raquel Ritter Longhi, e “A desconstrução da expertise no jornalismo: considerações sobre a autoridade profissional no contexto da desinformação impulsionada pelos algoritmos”, de autoria de Claudia Miranda Rodrigues e Leonel Azevedo de Aguiar, apontaram para a discussão sobre a interferência dos algoritmos na circulação dos discursos jornalísticos e nas decisões editoriais. No cenário de desinformação crescente verificado nas grandes plataformas digitais, o impacto dos algoritmos ganha uma relevância ainda mais preocupante, contribuindo para a corrosão da autoridade profissional dos jornalistas, uma vez que o jornalismo depende cada vez mais delas para ser distribuído.

Nas redações, algoritmos podem auxiliar a "predizer" comportamentos e "induzir" práticas de consumo de informação por parte dos usuários. Tecnicamente, eles podem "desempenhar" funções jornalísticas na apuração e redação de notícias, o que levanta questões éticas sobre a função social do jornalista. Nesse sentido, os artigos “Repórter-robô: entre conceitos e práticas do jornalismo”, de autoria de Manoella Fortes Fiebig e Claudia Irene de Quadros, e “Jornalismo e algoritmos: o uso de dados de leitores e a personalização das notícias no Globo One”, de autoria de Adriana Barsotti e Laura Storch, exemplificaram e problematizaram as possibilidades da produção automática de notícias por softwares e os impactos das mediações algorítmicas na criação de produtos jornalísticos personalizados, predizendo padrões de consumo a partir dos hábitos de navegação dos usuários. Com a mesa coordenada, a Jortec espera ter contribuído para ampliar a discussão dos algoritmos enquanto objeto teórico e empírico no campo jornalístico.

Por fim, na XXVII Mesa Coordenada JorTec – Plataformas e Inteligência Artificial (AI): reconfigurações do Jornalismo os trabalhos apresentaram diferentes problematizações e objetos de pesquisa. Com esse propósito, procuramos entender entrecruzamentos do Jornalismo com o fenômeno da Plataformização, o Capitalismo de Dados e, conseqüentemente, a adoção de sistemas inteligentes, automação e Inteligência Artificial (AI) na produção de notícias, circulação e mediações algorítmicas, sob coordenação do pesquisador doutor em Jornalismo, Marcelo Barcelos (UFSC), com suporte do pesquisador doutor, Rodrigo Botelho (UFPR).

Na abertura da Mesa Coordenada, Ivo Henrique Dantas apresentou o artigo “Filtros-bolha, personalização e transparência nos portais Globo.com e UOL”. No trabalho, ele critica o modelo de coleta de dados dos portais brasileiros, nos quais os algoritmos atuam como filtros-bolha, indicando e oferecendo, insistentemente, conteúdos personalizados conforme o perfil do leitor/usuário. No estudo, o pesquisador debate o nível de transparência revelado pelos dois maiores portais brasileiros: Globo.com e UOL. Para ele, é inegável, muito além das plataformas de redes sociais, que os dois portais investigados também são territórios digitais alicerçados e mantidos por baixos índices de transparência sobre como “estudam”, ou melhor, “espionam”, seus leitores sob o argumento de entregar

conteúdos sob medida. Já Fabia Ioscote trouxe um interessante painel sobre a evolução dos estudos brasileiros do Jornalismo com Inteligência Artificial, a partir de um artigo a respeito do **“Jornalismo e Inteligência Artificial: o estado da arte nos congressos brasileiros de Comunicação entre 2010 e 2019”**. O artigo aborda uma amostra ampla de trabalhos publicados em anais de eventos anuais da SBPJor, Compós e Intercom Nacional. Desta forma, anuncia a autora: foram localizados 36 trabalhos que combinam a Comunicação e a Inteligência Artificial. Ao todo, 15 deles tiveram ênfase no Jornalismo, o que nos interessa de fato. Diante desta amostra, a pesquisadora adotou a Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (2016), aplicando o método na quantificação dos títulos, resumos e palavras-chave. Segundo Ioscote, foram três as perspectivas prioritárias: 1) o trabalho do jornalista, 2) o conteúdo automatizado e suas implicações e 3) e foco de da delimitação mais teórica, propondo inclusive, reconfigurações de teorias bem sedimentadas.

Com o tema **“BBC News Brasil: estratégias de um entrante estrangeiro para expansão no capitalismo de plataforma”**, a pesquisadora Renata Fraga comentou seus achados de pesquisa numa proposta singular de pesquisa focada em contrato de leitura percebido pelos jornalistas da BBC News Brasil. Para isso, ela adotou o procedimento da entrevista semi-estruturada com jornalistas da emissora dito “entrante”. Assim, descobriu, por exemplo, que os profissionais estavam, naquele momento, guiados pelos critérios de noticiabilidade “Interesse público”, sobretudo num contexto de pandemia da Covid-19. Como contraponto, a autora percebeu, a partir da leitura crítica das notícias, que a BBC News Brasil se deixou seduzir pelas técnicas ‘caça-cliques’ [click-bait] e de buzzfeedização do Jornalismo. Arrisca, portanto, que a postura é reflexo da Economia da Atenção e da obediência à lógica algorítmica das Plataformas Digitais. Foram analisadas 80 chamadas da lista de ‘Mais lidas’ do site da BBC News Brasil e 262 posts no Facebook, de 3 a 10 de outubro de 2019.

Em seguida, Benedito Medeiros Neto, Larissa de Jesus Silva e Márcia Marques, da Universidade de Brasília (UnB) trouxeram o artigo **“O uso de Tecnologia da Informação e Comunicação na formação e na prática do profissional em Jornalismo de Dados (JDs)”**, um estudo sobre como universidades tradicionais brasileiras têm incorporado (ou ignorado) o Jornalismo de Dados (JD) em seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC) e, claro, como esta escolha repercute no perfil dos profissionais formados nestas instituições. Segundo o autor e as autoras, a pesquisa abordou o JD desde seu surgimento, estruturação, expansão e aplicação por meio do estudo dos currículos das 15 melhores universidades de Jornalismo do Brasil. E, ainda mais, sobre como (e se) foram ofertadas disciplinas específicas de Jornalismo de Dados (JD) no recorte mencionado. Segundo observaram, existe uma baixa oferta de disciplinas sobre dados e jornalismo na graduação, indicador que revela o ritmo lento da profissionalização do chamado “jornalista de dados”. Entretanto, sustentam os autores, há um avanço considerável nessa prática.

O coordenador da Sessão, Marcelo Barcelos, trouxe um debate sobre metodologia que permite antever dilemas e oportunidades ao Jornalismo do Futuro, ao defender o método da Prospectiva Estratégica como ferramenta para antecipar cenários, com o artigo **Jornalismo em todas as coisas: aplicando a Prospectiva Estratégica para projetar cenários futuros de Jornalismo com Internet das Coisas (IoT) e Inteligência Artificial (AI)**. Desta forma, o autor discute a adoção de indicadores para antecipar o futuro e identificar a evolução da automação das notícias e do jornalismo sensorizado por meio de notas fontes de informação. Com isso, para além da Ubiquidade, propõe uma nova fase para o Jornalismo Digital, o **Jornalismo em todas as Coisas**.

Fazer parte desse imenso e rico cenários, em que atores coletivos impulsionam o debate e a produção acadêmica sobre o Jornalismo, como reforçam Botelho et al (2019) é o que nos move.

REFERÊNCIAS

BOTELHO-FRANCISCO, Rodrigo, LONGHI, Raquel Ritter, OLIVEIRA, Alysson Augusto. **Métodos e perspectivas de pesquisa em rede: um estudo bibliométrico da produção científica da Rede JorTec/ SBPJor.** Trabalho apresentado no 17º Encontro de SBPJor. Goiânia, GO, 2019

Estímulo à produção de pesquisas sobre narrativas midiáticas

Demétrio de Azeredo Soster¹

Fabiana Piccinin²

Mara Rovida³

Marta R. Maia⁴

Mateus Yuri Passos⁵

Criada formalmente em 2015, embora discussões em torno de narrativas midiáticas estivessem ocorrendo sistematicamente desde 2008 no âmbito da SBPJor por meio de mesas coordenadas, comunicações individuais, publicações e pesquisas as mais diversas, a Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami), atualmente, congrega pesquisadores de todo país. A Rede mantém, nesses anos de existência, uma profícua produção editorial, com o lançamento de um livro anual, pesquisas articuladas, além de inúmeras mesas coordenadas nos Encontros nacionais da SBPJor. Sob a coordenação de Demétrio de Azeredo Soster, Fabiana Piccinin, Marta Maia, Mateus Yuri Passos e Mara Rovida, a Renami busca, de maneira incessante, ampliar seu raio de atuação, seja no Brasil ou no exterior, com o objetivo de estimular pesquisas voltadas para as narrativas em suas mais variadas dimensões.

Voltaremos nosso relato então para o ano de 2020, visto que este livro tem o propósito de sistematizar as experiências da Rede neste ano, período de muitas dificuldades por conta da pandemia do novo coronavírus, que nos obrigou a reavaliar procedimentos de pesquisas e novas formas de organização, visto a situação de isolamento social pela qual fomos obrigados a viver. Faremos um balanço sobre o lançamento de nosso quarto livro, a participação no SBPJor em Redes, as discussões ocorridas nas mesas coordenadas no 18º Encontro e também em nossa reunião anual com todas as pessoas integrantes da Rede, finalizando com as perspectivas de trabalho para 2021.

¹ Pesquisador-autônomo, escritor especializado em narrativas de viagem e poesia e diretor-editorial Editora Catarse. E-mail: deazeredososter@gmail.com.

² Docente do PPG em Letras da Universidade Santa Cruz do Sul. Vice-líder do grupo de pesquisa de estudos sobre narrativas literárias e midiáticas. E-mail: fabi@unisc.br.

³ Docente do PPG em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Vice-líder do grupo de pesquisa Mídia, Cidade e Práticas socioculturais (MidCid). E-mail: mara.rovida@prof.uniso.br.

⁴ Docente do PPG em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto. Vice-líder do grupo de pesquisa Ponto: afetos, gêneros, narrativas. E-mail: martamaia@ufop.edu.br.

⁵ Docente do PPG em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. Líder do grupo de pesquisa CENA – Comunicação, Enunciação e Narrativas. E-mail: mateus.passos@gmail.com.

NARRATIVAS MIDIÁTICAS CONTEMPORÂNEAS: EPISTEMOLOGIAS DISSIDENTES

O quarto livro-coletânea produzido no âmbito da Rede foi organizado por Marta Maia e Mateus Yuri Passos, e foi lançado no 18º Encontro, em 2020. Participaram 45 autores e autoras, que escreveram os 26 capítulos (publicado em formato e-book, pela Editora Catarse), que abordaram diferentes noções hegemônicas presentes em narrativas da comunicação (ficcionais e não ficcionais), frequentemente pacificadas e normalizadas, que foram tensionadas e desafiadas. O grande número de pesquisas e reflexões sobre as narrativas da atualidade, com autores e autoras de todas as regiões do Brasil, indicam a premência desse tipo de estudo que, de certa forma, conseguiu uma grande reverberação no meio acadêmico.

Optamos por realizar comentários sobre as quatro seções que compõem o sumário do livro e organizam a divisão entre os capítulos. O primeiro deles, “Povos indígenas e disputas de sentido”, trabalha com as construções culturais em torno dos povos originários do território brasileiro, discussão mais pertinente do que nunca, visto a situação dramática vivida pelas comunidades indígenas nos últimos anos. O item dois, “Jornalismo, subjetividades e alternativas”, ao mesmo tempo que questiona práticas conservadoras que limitam o fazer jornalístico, faz emergir novos modos de experimentação jornalística, com a forte presença do aspecto relacional e da empatia nesse processo. O tópico III, denominado “Imagens dissidentes”, além de desconstruir algumas imagens sacralizadas nos meios digitais e audiovisuais, também tensiona a questão de gênero em recentes produções audiovisuais. O último item, “Literatura, jornalismo, artes e ressignificações”, afronta ideias conservadoras, ao trazer à tona novas perspectivas de abordagens no campo da estética e das recentes configurações narrativas nos mais variados suportes.

A noção de decolonialidade perpassa boa parte dos capítulos, que questionam as construções de gênero, de raça e de classe, além da presença dos novos arranjos produtivos na criação e veiculação de narrativas. Configuram assim a preocupação com a desconstrução e superação das posturas colonialistas em seus aspectos culturais, ideológicos e epistemológicos.

Sabemos que as palavras não são suficientes para mudar o mundo, mas reconhecemos, por outro lado, o caráter acional da linguagem. Nesse sentido, consideramos que as pesquisas expostas no livro servem de estímulo para configurarmos outras realidades e outros pontos de vista, afinal o conhecimento representa um poderoso meio de libertação social.

Narrativas Midiáticas Contemporâneas: Epistemologias Dissidentes também foi o primeiro livro da série anual da Renami a apresentar um recorte temático mais segmentado, em contraste aos três livros anteriores, que de forma abrangente apresentavam recortes focados em perspectivas teóricas (2017, 2019) e metodológicas (2018).

SBPJOR EM REDES

A Renami também marcou presença, no âmbito das atividades desenvolvidas em 2020, do evento denominado “SBPJor em Redes”, promovido pela SBPJor e pelas redes de pesquisa da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. A mesa, organizada pela Rede, aconteceu no dia 28 de agosto, foi a segunda da série promovida pela SBPJor e teve como título "Narrativas em conflito: consensos e dissensos na comunicação".

O tema foi apresentado pelo professor e pesquisador Fernando Resende, da Universidade Federal Fluminense, cujo trabalho está voltado para os estudos sobre narrativas, como proposta de necessário reconhecimento das diferenças e alteridades para condição do processo comunicativo. Na oportunidade, entre outras questões, Resende refletiu sobre um dos preceitos do paradigma informacional que tenta inculcar a noção de “narrativas sem narradores”, problematizando a mudança de abordagem que os estudos decoloniais estão trazendo para a comunicação, com a presença ativa dos negros, das mulheres, dos indígenas e da comunidade LGBTQIA+ na cena comunicacional.

Os coordenadores da Renami, Marta Maia (UFOP), Fabiana Piccinin (UNISC) e Mateus Passos (UMESP), fizeram a mediação do evento que se deu de forma on line, a partir das plataformas de streaming da SBPJor, no dia 28 de agosto de 2020, às 14h. A transmissão aconteceu em sinal aberto, possibilitando a participação de aproximadamente 300 pessoas de vários lugares do país. Entre eles, muitos estudantes, professores e pesquisadores da área estiveram presentes e puderam inclusive estabelecer uma interlocução com o palestrante, a partir da dinâmica de perguntas e respostas ali estabelecida.

A mesa oportunizou um debate de muita qualidade, fortalecida em alguma medida inclusive pelos recursos interativos por meio do qual se deu. Neste sentido, o evento acabou pautando cinco mesas temáticas que a Renami começou a planejar nessa época e que culminou com a realização do I Simpósio da Rede, em 2021.

MESAS COORDENADAS DO 18º ENCONTRO NACIONAL

Se não erramos ao afirmar que o vigor de uma rede de pesquisa da SBPJOR se mede também pelo volume quantitativo de mesas coordenadas que apresenta em cada congresso, aliado à qualidade das temáticas nela abordadas, então 2020 foi, uma vez mais, um ano significativo para a Renami. Em seu total, foram apresentadas seis mesas coordenadas: duas mesas IALJS/Renami: Jornalismo Literário (11 trabalhos no total); Narrativas jornalísticas e literárias (cinco trabalhos); Narrativas de viagem (seis trabalhos), Narrativas da Pandemia (cinco trabalhos) e Biografias, perfis e histórias de vida no jornalismo (seis trabalhos), em um total de 33 trabalhos apresentados e discutidos durante as mesas coordenadas da Renami. Experiência diferente porque toda ela de forma virtual, nem por isso

menos prazerosa. A seguir, apresentamos uma síntese do que se viu e viveu por aqueles dias em cada uma das mesas.

No dia 5 de novembro, tivemos a Mesa coordenada **Biografias, perfis e histórias de vida no jornalismo**, com seis trabalhos apresentados. Com a coordenação de Marta Maia, a mesa teve como objetivo refletir sobre as narrativas contemporâneas a partir das inúmeras possibilidades proporcionadas pelas produções jornalísticas configuradas pelos sujeitos em relação, tanto os produtores como os personagens/fontes das produções analisadas. Os trabalhos apresentados evidenciaram uma nova ordem de apropriações e cisões, principalmente nas estabelecidas em torno das narrativas do campo. Os artigos problematizaram o papel do jornalismo, levando em consideração os modos de se relatar histórias de vida e a produção de sentidos proporcionada pela construção da narrativa sobre o “outro” nos mais diversos suportes. Foram observadas ainda a reconfiguração das vozes narrativas na sociedade midiaticizada, as hegemonias discursivas, além dos tensionamentos próprios e os desdobramentos da subjetividade nas narrativas jornalísticas. A mesa contou com trabalhos dos professores Fabiano Ormanzeze (UniMetrocamp), Jorge Kanehide Ijuim (UFSC), André Luís Carvalho (UFOP), José Carlos Fernandes (UFPR) e Felipe Adam (PUC/RS) e das professoras Marta Maia (UFOP), Karina Gomes Barbosa (UFOP), Karine Moura Vieira (Uninter) e Cândida de Oliveira (UFSC).

Ainda nesse dia, foi realizada a primeira das duas mesas **IALJS/Renami: Jornalismo Literário**, uma série de comunicações coordenadas realizadas desde 2017 em parceria com a Associação Internacional de Estudos em Jornalismo Literário [IALJS – International Association for Literary Journalism Studies], de modo a promover o intercâmbio e a cooperação entre nossa rede de pesquisa e a associação. A cada ano há ao menos um integrante externo à Renami e associado à IALJS. Em edições anteriores, participaram Roberto Herrscher (Universidad Alberto Hurtado, Chile), John S. Bak (Université de Lorraine, França) e Edvaldo Pereira Lima (Universidade de São Paulo).

Coordenada por Mateus Yuri Passos, a mesa compreendeu cinco trabalhos. Alice Trindade e Isabel Soares (ambas da Universidade de Lisboa, Portugal) discutiram o jornalismo literário contemporâneo produzido em Moçambique e Angola; Boanerges Balbino Lopes Filho (UFJF) abordou a representação de Jair Bolsonaro em textos de jornalismo literário; Carolina Moura Klautau (UAM/USP) analisou o perfil de Chico Felitti sobre Ricardo Corrêa, conhecido como "Fofão da Augusta"; Mateus Yuri Passos (UMESP) propôs o uso do close reading, um método dos estudos de literatura, para analisar obras de jornalismo literário; finalmente, Raquel Wandelli (UNISUL) defendeu o conceito de arte-notícia e discutiu suas manifestações contemporâneas em oposição a retóricas do ódio.

A mesa denominada **Narrativas jornalísticas e literárias**, coordenada por Myrian Del

Vecchio de Lima, contou com seis trabalhos que, individualmente e em seu conjunto, observaram as imbricações existentes entre o jornalismo e a literatura. Foram eles: A “dialética” do romance e o conteúdo de verdade no Jornalismo Literário; A narrativa diante do espelho: aspectos metalinguísticos do Jornalismo Literário em "Deus e a Vasilha"; Quando o ordinário se torna singular: perfilando pessoas comuns; Colunismo e interpretação: as estratégias narrativas na coluna da jornalista Eliane Brum no El País; O espetáculo nas narrativas do jornalismo popular: uma análise do Super Notícia; e, finalmente, Gênero híbrido em metamorfose: característica jornalístico-literárias nas edições da plataforma digital UOL tab (2014-2018).

A segunda mesa IALJS/Renami: **Jornalismo Literário** ocorreu no dia 6 de novembro, com a apresentação de seis trabalhos e coordenada por Monica Martinez Dimas Künsch (UMESP) e Renata Carraro (ESPM) discutiram a produção de perfis sobre animais e objetos inanimados a partir da obra de Fred Melo Paiva; Luiz Henrique Zart (UNIPLAC) analisou a crônica futebolística do website Trivela; Monica Martinez e Bruna Emy Camargo (ambas da UNISO) discutiram a cobertura de Oriana Fallaci sobre a Guerra do Vietnã produzida para a revista Realidade; Raúl Hernando Osorio Vargas (Universidad de Antioquia, Colômbia) refletiu sobre a capilaridade entre Jornalismo, Literatura e História para defender a tessitura de narrativas como métodos de produção de conhecimento; Robert Alexander (Brock University, Canadá) analisou a representação da desigualdade na mobilidade urbana no livro-reportagem *Every Day We Live is the Future*, de Douglas Haynes; por fim, Rodrigo Bartz (UNISC) discutiu a emergência das biografias protagonizadas por jovens youtubers.

A mesa **Narrativas de Viagem**, coordenada por Demétrio de Azeredo Soster, buscou dialogar com a mesa realizada sob este mesmo tema no ano anterior e com o livro *Narrativas de Viagem/Travel Narratives* (Catarse, 2019), organizado por Mateus Yuri Passos e Demétrio de Azeredo Soster. Em seu total, foram seis trabalhos que abordaram as seguintes temáticas: semioses cicloturísticas como dispositivos estruturadores de narrativas; a reportagem como guia de viagem; a narrativa de viagem como memória; o viajante como empreendedor de si; propaganda colonial e racistas em Tintin au Congo, e, finalmente, análise de como os portais jornalísticos aplicam as técnicas de produção na composição dos conteúdos de turismo. Insere-se, dessa forma, como dito, em um esforço de reflexão sistematizado que se iniciou no encontro de 2020, redundou na publicação de livro homônimo e que segue sendo alvo da preocupação de pesquisa por seus integrantes desde então.

Outra mesa da Renami, coordenada por Mara Rovida, foi realizada em 6 de novembro de 2020 e teve como tema as **Narrativas da pandemia**. Participaram da mesa nove pesquisadores da ESPM-SP, UNB, Instituto Federal de Goiás, UFP, UFC e Uniso que contribuíram com a produção de cinco artigos. Os trabalhos se orientaram pelas interferências e novas sociabilidades promovidas pela pandemia da Covid-19 de forma a observar o incremento de demandas urgentes em diferentes

frentes de atuação social, política, econômica e comunicacional. A produção de narrativas como forma de responder a esse cenário incerto e conturbado foi o ponto de partida dos participantes da mesa coordenada. Assim, o foco compartilhado pelos estudos centrou-se em olhar para a criação de novos projetos comunicacionais que lidam com necessidades surgidas ou intensificadas pela situação global de saúde pública, em específico no Brasil, bem como a reflexão sobre a divulgação de narrativas de si nesse período de incertezas. O objetivo, portanto, foi refletir de forma coletiva sobre a produção narrativa de sujeitos, sobretudo jornalistas profissionais, mas não somente, afetados pela pandemia.

REUNIÃO DA RENAMI COM TODOS/AS OS/AS PARTICIPANTES DA REDE

A reunião anual de 2020 da Rede de Pesquisa em Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Renami) foi realizada durante a programação do 18º Encontro de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, via Google Meet, em 6 de novembro. Na ata da reunião é possível recuperar o registro de oito itens de pauta trabalhados no encontro. O primeiro deles teve por objetivo a apresentação de um histórico da Renami, criada formalmente em 2015. Como segundo tópico da pauta, foi feita a indicação da professora Mara Rovida para compor a coordenação colegiada da Rede. Na oportunidade, a professora Marta Maia, coordenadora da reunião, agradeceu, em nome dos pares, os trabalhos desenvolvidos pela professora Monica Martinez, que se desligou da coordenação no primeiro semestre do ano.

Como terceiro item da pauta, foi apresentado um balanço das seis mesas coordenadas Renami – realizadas como parte das atividades do 18º Encontro da SBPJor –, cuja organização geral foi desempenhada pelo professor Demétrio de Azeredo Soster. Na sequência da reunião, os organizadores do quarto livro da Rede, professores Marta Maia e Mateus Yuri Passos, falaram sobre o lançamento da obra. O e-book intitulado “Narrativas Midiáticas Contemporâneas: epistemologias dissidentes”, com 26 capítulos, e que contou com 45 autores e autoras de diversas regiões do Brasil, teve edição pela Editora Catarse e seu lançamento foi realizado de forma remota síncrona durante as atividades anuais da SBPJor.

Outro item da pauta, registrado em ata, foi dedicado ao quinto livro da Renami, programado para ser lançado em 2021. Uma primeira proposta foi compartilhada com os membros da Rede para possibilitar sugestões, algumas apresentadas posteriormente, mas o tema e o cronograma de produção da obra coletiva foram definidos em reunião extra, realizada no início de 2021. Na reunião de novembro de 2020, indicou-se para a organização do quinto volume os professores Demétrio de Azeredo Soster e Mara Rovida.

O Repositório da Renami foi o tema do sexto item da pauta, sendo apresentado pelo professor Mateus Yuri Passos. Com a observância da necessidade de ampliar a presença da Renami nas redes

sociais, foi sugerida a criação de uma comissão, formada por alunos de Iniciação Científica e de Pós-graduação, sob responsabilidade do professor Mateus, para desenvolver estratégias de comunicação em ambientes virtuais.

Por fim, foi criada outra comissão com objetivo de desenvolver uma pesquisa em rede, iniciada em 2021, e foi aberto o espaço para assuntos gerais como a reunião da diretoria da SBPJor com as Redes cujo foco foi a necessidade de aprimoramento da avaliação de artigos para as próximas mesas coordenadas. No fechamento dos trabalhos, foi apresentada a proposta do evento da Renami, realizado no primeiro semestre de 2021.

PERSPECTIVAS

2021 já começou com várias iniciativas da Rede. A partir de reunião colegiada, realizada no dia 27 de janeiro, foram definidas responsabilidades para toda a coordenação. O quinto livro da Rede, que teve chamada lançada logo no início do semestre, tem como título “Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas protagonistas”, com temas que discutem a narrativa como elemento estruturador do protagonismo social, o protagonismo e descentralização produtiva, as questões de gênero, além das estéticas narrativas dos protagonismos em transformação.

Outra importante ação foi o lançamento de uma pesquisa, por meio de um formulário específico, com o objetivo de mapear as investigações realizadas - ou em execução - sobre as narrativas jornalísticas produzidas fora do circuito mainstream. Trabalhamos a aplicação da pesquisa em três blocos. No primeiro, coletamos informações sobre o/a pesquisador/a; no segundo, as pesquisas realizadas; e, no último, buscamos esclarecer a própria conceituação da narrativa jornalística, afinal, como essas práticas são tomadas e nomeadas? Haveria espaço nas pesquisas sobre esse universo jornalístico para as narrativas? De que maneira esse jornalismo, tido por alguns como fenômeno em expansão, poderia representar também um espaço de experiência narrativa? Essa pesquisa está sendo encaminhada por uma Comissão, sob responsabilidade da prof. Marta Maia (UFOP), com a participação do professor Maurício Guilherme Silva Júnior (UNI-BH/UNA) e das professoras Karina Gomes Barbosa (UFOP), Alda Cristina Costa (UFPA) e Mara Rovida (Uniso).

O I Simpósio da Rede de Pesquisa Narrativas Midiáticas Contemporâneas – “Tensionamentos contemporâneos nos estudos de narrativas”, aconteceu de 16 a 24 de junho, de maneira virtual, com 5 mesas compostas por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, constituindo um panorama bastante amplo sobre as pesquisas sobre narrativas midiáticas em suas mais variadas dimensões. Inclusive, contando com a parceria da Revista Rizoma (UNISC) que fará uma edição especial sobre o evento.

Consideramos ainda que a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, a SBPJor, em parceria com todas as Redes de pesquisa, a Renami inclusa, é claro, tem conseguido prestar um

relevante papel para a pesquisa acadêmica, contribuindo para a popularização da ciência e da imprescindível diversidade e pluralidade de ideias, tão necessárias nos dias atuais, em que forças antidemocráticas tentam, a todo custo, cercear o livre pensamento no interior das instituições educacionais e em outros espaços da sociedade. Não podemos deixar de registrar que a pesquisa pulsa em nossas vidas e nos ajuda a acionar novos e novas participantes que irão configurar, produtivamente, as potentes narrativas contemporâneas.

15 anos da Rede: a potência do telejornalismo na diversidade das telas

Cárlida Emerim¹
Ariane Carla Pereira²**O TELEJORNALISMO COMO REFERÊNCIA**

Desde que as mídias eletrônicas passaram a ser produzidas com suportes digitais, as imagens em movimento com áudio tornaram-se muito mais potenciais para a difusão de conteúdos informativos, sejam eles para narrar os fatos da vida ou para contar histórias sobre ela. Aliadas às inovações tecnológicas que avançam de forma rápida e vertiginosa, o telejornalismo foi ganhando mais relevância e efetividade, fortalecendo o seu espaço de referência, ainda mais quando esta tecnologia passou a permitir que ele seja produzido e distribuído para diferentes telas.

Nessa direção, a Rede de Pesquisadores em Telejornalismo, Rede Telejor, que completou 15 anos de existência em 2020, mantém uma constante defesa do telejornalismo como campo central de produção de conteúdo jornalístico audiovisual considerando suas possibilidades técnicas, estéticas e éticas como potenciais aos novos modelos e produtos construídos para as diferentes telas dos dispositivos móveis e computadores portáteis. A manutenção do termo telejornalismo para referir-se a qualquer tipo de produção de conteúdo jornalístico audiovisual distribuído para diferentes telas deve-se ao fato de que o termo tele – distância, refere-se a telas de visão, pois são elas que permitem a exibição das imagens em movimento (lembrando: tele – visão, visão à distância) e, a junção com jornalismo, que lhe confere todas as características e as exigências que conformam as reportagens ou outras produções jornalísticas³. Nesta perspectiva, merece ainda destaque o fato de que na Rede Telejor o telejornalismo é objeto central das discussões, das pesquisas e das publicações, porém, a abordagem teórico metodológica e os preceitos de análise são amplos e refletem toda a diversidade e a pluralidade que as produções telejornalísticas, nas suas diferentes formas de concepção e existência, ofertam aos investigadores.

Para os integrantes da Rede TELEJOR, o telejornalismo é também o objeto que mobiliza

¹ Coordenadora da Rede TELEJor (2020/2021). Professora e pesquisadora na Graduação (JOR) e Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). carlida.emerim@ufsc.br.

² Vice-Coordenadora da Rede TELEJor (2020/2021). Professora e pesquisadora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNI-CENTRO), em Guarapuava/Paraná. ariane_carla@uol.com.br

³ Tais concepções podem ser melhor compreendidas nas publicações de Emerim, Finger e Cavenaghi (2015), Emerim (2017), Coutinho e Emerim (2018) e Emerim (2020).

pesquisadores das cinco regiões do Brasil e de alguns países, como da Argentina, da França, da Espanha, de Portugal, dos Estados Unidos e da Inglaterra, por meio de parcerias de investigação entre estudiosos das imagens em movimento com áudio. Tais parcerias têm se apresentado, ainda timidamente, nas publicações anuais da Rede, tanto em livros quanto em artigos em eventos e revistas científicas.

Ao longo dos 15 anos de trabalho, já foram publicados doze livros, fruto dos resultados de pesquisas desenvolvidas em rede e de forma coletiva: dez livros dentro da Coleção Jornalismo Audiovisual e outros dois volumes, **Estudos Contemporâneos em Telejornalismo: narrativas de jornalismo para telas**, voltado para divulgar e abrir espaço aos novos pesquisadores recém doutorados ou em doutoramento integrantes da Telejor da Coleção Jovens Pesquisadores e, um livro comemorativo, o **Telejornalismo Contemporâneo: 15 anos da Rede Telejor**, todos em parceria com a Editora Insular de Florianópolis (SC).

Desde o início de funcionamento, a Rede Telejor atua com regras e rotinas de pesquisa estabelecidas anualmente em reuniões de trabalho que ocorrem nos encontros da SBPJor e em outros eventos nacionais e regionais, com as decisões e discussões distribuídas para todos os pesquisadores, integrantes ou não da Telejor. Com base no telejornalismo, as pesquisas anuais constituem-se em etapas de investigação dentro deste grande tema, servindo de aprofundamento teórico e de sistematização de experiências e de integração regional a partir de contextos socioculturais diversos. Assim, a partir da definição da temática a ser investigada na etapa anual, que é votada entre os integrantes e sempre se preocupa em observar a evolução teórica e epistemológica do telejornalismo e as relações sócio-culturais que estabelece no curso das sociedades contemporâneas. Os pesquisadores de grupos e equipes regionais se organizam para cobrir os diferentes aspectos da pesquisa. E, de Novembro de um ano a Maio do outro, realiza-se a parte mais imersiva da pesquisa e, na sequência, iniciam as chamadas de publicação dos resultados.

A primeira chamada é dos livros coletâneas a serem publicados em setembro e novembro do ano em curso, seguido, depois, pelas chamadas para os eventos nacionais principais como Intercom, SBPJor e outros eventos regionais ou nacionais que permitam a apresentação de resultados de pesquisas científicas. A Telejor organiza e lança Chamadas Públicas, abrindo também espaço para trabalhos de investigadores de fora da Rede. Com as submissões nas chamadas, um Conselho de Avaliadores, formado pelo Conselho Consultivo da Rede (integrado pelos ex-Coordenadores) e alguns convidados, avaliam os trabalhos submetidos e, depois de aprovados, estes são organizados nas publicações, nas partes referentes ao tema central e os seus desdobramentos.

Para as Coordenadas SBPJor, a equipe diretiva lança a temática central e alguns desdobramentos, dentro do que foi pesquisado na etapa recém finalizada, discutida em reuniões com os pares,

articulando as possibilidades com as ementas principais dos eventos, como subtemas específicos. Desta forma, não só a Telejor contribui para fortalecer os eventos as quais ela se insere como também ao desenvolver e propor temáticas inovadoras e relevantes, alinhadas as grandes preocupações do telejornalismo. Outro espaço que também reflete as produções e resultados das pesquisas da Rede são apresentados nas Comunicações Livres também propostos por pesquisadores da Rede Telejor constituindo mesas de trabalho potentes e, também, representativas. A Rede Telejor também atua em parceria com o GP Telejornalismo da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), pois muitos pesquisadores da Telejor também integram o Grupo de Pesquisa Telejornalismo da Intercom, potencializando as pesquisas desenvolvidas e ampliando o alcance da divulgação de resultados, além de ajudar a fortalecer duas de nossas principais entidades científicas, a SBPJor e a INTERCOM.

Entre as ações efetivadas em 2020 estão os canais de comunicação com o público em geral através de redes de compartilhamento, criadas em dezembro de 2019, mas cujo funcionamento se deu com mais força a partir de janeiro de 2020. A conta no Facebook⁴, no Instagram⁵ e no Whatsapp⁶ servem de apoio e divulgação diária das atividades bem como de trocas de experiências entre todos os integrantes. Além disso, os grupos são abertos a novos interessados que podem ser inseridos por qualquer integrante da Rede. A Telejor prioriza a democracia, suas decisões são coletivas e colegiadas, aposta na divulgação ampla e irrestrita de suas pesquisas como forma de resistência e de luta por uma sociedade mais plural, igualitária e com justiça social. É por isso que o modo de funcionamento, embora defina protocolos e temáticas – por exigência da cientificidade –, também abre espaços de interlocução e de inserção, pois prioriza a formação de novos pesquisadores em telejornalismo, contribuindo para com a educação para um futuro próximo com mais reflexão, comprometimento e mudança social. Acredita-se que a mudança social se faz através da educação, com oportunidades de educação ampla e que a ciência chegue aos mais longínquos cantos, as mais diversas pessoas e personalidades, criando novas formas de integração e perspectivas de vida saudável, afetiva e produtiva. Para buscar responder a estas expectativas mais abertas de ciência cada vez mais inclusiva é que se faz chamadas públicas, aos moldes de editais, convidando a todas, todos e todes interessados, da sociedade de modo geral, em várias frentes de trabalho e grupos sociais, para a participação nos livros, nos eventos onde organiza-se mesas coordenadas, submissões livres ou, mesmo, para atividades em grupos de pesquisa e de trabalho, tanto científicos quanto profissionais.

Aliás, é importante ressaltar que a Rede Telejor mantém um contato direto com os profissionais que atuam na mídia televisiva produzindo conteúdo jornalístico audiovisual para diferentes telas

⁴ O endereço é <https://www.facebook.com/TeleJorRede>

⁵ O endereço é <https://www.instagram.com/redetelejor>

⁶ Para entrar no grupo de whatsapp os interessados podem solicitar, via Facebook ou Instagram que os coordenadores da Telejor providenciam a inclusão

e, também, para diferentes segmentos, como os de entretenimento e de marketing, buscando somar esforços de estudos e oxigenar os preceitos e processos a luz do que se tem disponível nas produções produção e conhecimento do campo. É com certeza, estratégico, para ambas as partes, a saber academia e mercado, mas é, principalmente, uma ação de produção de conhecimento coletivo visando um ganho real teórico que possa ser absorvido e adotado pelo mercado, não subjugando as pesquisas e seus resultados aos espaços restritos, fazendo circular o conhecimento e contribuindo para qualificar o produto e seus realizadores. Há também, dentre os pesquisadores da Rede Telejor muitos que fizeram a formação acadêmica e continuam atuando no mercado de mídia profissional, assim, eles também trazem a oxigenação necessária aos estudos e, vice e versa, levam para o campo de atuação midiática as reflexões e sugestões de alternativas mais comprometidas com o social e os preceitos do telejornalismo de referência ética e estética, resultante destes estudos.

Afinal, a missão da Rede Telejor é a de fomentar o gosto, aprimorar a vocação e contribuir com capacitação permanente os pesquisadores e profissionais do jornalismo para telas – o telejornalismo – para fazerem a diferença na mídia e na sociedade, utilizando-se das ferramentas do conhecimento para fortalecer as experiências de pesquisa e de vida.

AS ATIVIDADES DE PESQUISA EM 2020

Com o ano imerso na pandemia de Covid 19 no mundo, a primeira perspectiva que se teve foi a de que o vídeo ou as imagens em movimento ganharam uma projeção muito maior daquela que já alcançavam na sociedade. O telejornalismo reforçou seu lugar de excelência e de referência para a busca das informações sobre o mundo e de acesso às diferentes realidades da sociedade. E isso mudou, em parte, a proposta de pesquisa da Rede. Em novembro de 2019, os pesquisadores da Telejor definiram os 70 anos do Telejornalismo como tema central trazendo aspectos do global e do local, dos percursos históricos e das narrativas, os gêneros e formatos estabelecidos e desenvolvidos ao longo do período. Assim, em 2020 as pesquisas adotaram e desenvolveram-se a partir de três escopos: aqueles que se dedicaram a organizar, sistematizar e teorizar a partir de pesquisas bibliográficas; aqueles que se utilizaram de investigações de caráter documental e, por fim, aqueles que empregaram técnicas e métodos empíricos realizando pesquisas de campo e aplicando diversas ferramentas. Todas as investigações envolvidas no protocolo da Rede Telejor respeitam as questões éticas envolvidas na pesquisa com seres humanos, seguindo os protocolos e cuidados dispostos na resolução 510/2016 (CONEP). Assim, são registradas e seguem as regras dos Conselhos de Ética em cada uma de suas instituições, permitindo a inserção nas plataformas de pesquisa, no CNPq e na Capes.

Em março de 2020, em meio ao monitoramento da primeira etapa das investigações, o Coronavírus, ou Covid19, passou a ditar as regras no mundo, obrigando a Rede Telejor a pensar no

telejornalismo e as adaptações necessárias para seguir atuando em meio ao lockdown, restrições de contatos presenciais, circulação e máscaras faciais, o que aliás, obrigou a repórteres e cinegrafistas a esconder um importante elemento da comunicação visual dos profissionais de televisão, a boca e o nariz, deixando apenas os olhos de fora. Além disso, os equívocos no enfrentamento da crise sanitária mundial pelo governo federal brasileiro que, até a finalização deste capítulo, ainda é de pouca eficácia e eficiência, também impuseram restrições às pesquisas em desenvolvimento, obrigando a todos pensar formas de realização das investigações, das discussões e dos encontros de trabalho, que passaram a ser todos realizados de forma virtual, articulando reuniões remotas e *lives* de estudos com convidados especiais.

Em 2020, a etapa de pesquisa selecionada para aprofundamento foi evidenciar os 70 anos de Telejornalismo no Brasil, como já se afirmou e, nesta proposta, os resultados de pesquisa deram origem ao livro **Telejornalismo 70 anos - o sentido das e nas telas**, lançado nos principais eventos científicos nacionais e regionais, de forma remota, tendo disponível não só a versão impressa para encomenda como a versão e-book¹, distribuído também por outras empresas de distribuição⁸.

Como tema, propusemos pensar que há 70 anos a televisão chegava ao Brasil e, com ela, o telejornalismo. Nesse período, os telespectadores presenciaram pelas telas a história do seu tempo e, também, acompanharam, muitas vezes sem se dar conta, as mudanças nos modos de se construir essa narrativa jornalística audiovisual. Desacreditados por muitos nos últimos anos, a televisão e o telejornalismo ganharam novo sentido em 2020 diante da pandemia de coronavírus. Pesquisas mostram uma retomada da audiência e da credibilidade do meio e do próprio jornalismo. Assim, o livro buscou promover uma reflexão teórico-propositiva ancorada nos 70 anos de história do telejornalismo no Brasil, mas também atenta às transformações experimentadas no seu presente e nos desafios futuros. No livro, os capítulos foram organizados em três grandes eixos. O primeiro, a **História em tela**, os textos mostram as diferentes fases do telejornalismo e os fatos que motivaram mudanças na maneira de se fazer e pensar o jornalismo audiovisual.

O segundo, **O Sentido das telas**, o agrupamento se faz a partir das rotinas produtivas das redações de jornalismo de TV no Brasil e no mundo. Outro aspecto tratado neste eixo é como as novas telas interferiram e interferem tanto no processo de produção quanto no consumo de notícias e, por fim, como a relação jornalista-fonte e/ou jornalista-telespectador tem passado por mudanças ao longo destes anos.

O terceiro, **O Sentido nas telas** abordou a inserção da metalinguagem no telejornalismo, ou seja, o telejornal ressignificando e reafirmando sua importância e seu lugar social ao mesmo tempo

⁷ Tanto a versão impressa quanto a em e-book podem ser adquiridas pelo site da Editora Insular, no endereço eletrônico <https://insular.com.br/>.

⁸ Como a Amazon, as Livrarias Cultura e Saraiva, entre outras plataformas virtuais.

em que combate as fake news e as "notícias" produzidas e disseminadas por não jornalistas. É também mote deste eixo as pesquisas em telejornalismo e os questionamentos sobre fases, assuntos e/ou enfoques prioritários e se há sincronia entre o que o mercado faz e os pesquisadores estudam. Por último, também fez parte deste terceiro eixo, os pesquisadores refletem sobre a própria pesquisa do campo telejornalismo//jornalismo para telas, se há pesquisas que propõem novos caminhos ou se permanecem apenas no nível da crítica. O livro **Telejornalismo 70 anos - o sentido das e nas telas** é o volume nove da Coleção Jornalismo Audiovisual e conta com 16 capítulos, reunindo 21 autores e autoras de 19 instituições de ensino superior, das cinco regiões do Brasil.

O segundo livro lançado em 2020 surge exatamente da interlocução permanente entre pesquisadores da Rede e os profissionais que atuam na mídia televisiva, diante do contexto no qual a TV e o telejornalismo vivenciaram em 2020, um momento ímpar no Brasil e no mundo. Assim, o livro **A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**, evidencia como a pandemia de coronavírus, o medo provocado pela doença e os dias de isolamento social propiciaram um retorno das pessoas para casa e para a frente da TV. É possível compreender pandemia em um sentido mais alargado, para além daqueles associados ao universo da saúde. Assim, as crises de legitimidade e do financiamento, e os novos modos e rotinas de produção e circulação do telejornalismo são possíveis focos de ancoragem de estudos empíricos. O local, foco da pesquisa da Rede TeleJor em 2019, é um universo particularmente interessante para trabalhos de investigadores de diferentes regiões. A retomada da audiência, o combate às fakes news, a (re)valorização do telejornalismo profissional e do consumo do telejornal também integraram o núcleo central desta publicação da Rede TeleJOR. O livro, dividido em três partes, **Telejornalismo e poder**, **Telejornalismo em questão** e **o Brasil** (é) ditado, apresenta 18 capítulos, escrito por 46 autores, entre brasileiros e estrangeiros e mais os textos de quatro telejornalistas de referência: apresentação a cargo de Carlos Nascimento (SBT), textos de abertura de cada seção escritos por André Rohde (Rede Record), Léo Sant'Anna (SBT) e Sonia Bridi (TV Globo). Este é o décimo volume da Coleção Jornalismo Audiovisual, editada em parceria com a Insular, editora de Florianópolis (SC).

Diante da efeméride de completar 15 anos em 2020, entre os planos para marcar a data estava a realização de um evento especial (que não se concretizou diante do contexto de pandemia) e publicação de um livro que pudesse não só refletir a trajetória da Telejor como também demonstrar sua renovação. Assim foi publicado o terceiro livro da Rede Telejor em 2020, também pela editora Insular, intitulado **Telejornalismo contemporâneo: 15 anos da Rede Telejor**, como uma edição especial. O livro reúne pesquisadores seniores e jovens doutores que unidos a mestres analisam as transformações do jornalismo produzido para diferentes telas, não somente os conteúdos disponibilizados via televisão. São estudos de caso que discutem as mais novas propostas de adaptação, reconfiguração e mudanças

na produção, nos formatos e nos conteúdos telejornalísticos, além de seus reflexos na sociedade, distribuídos para diferentes plataformas audiovisuais. A publicação demonstra a perspectiva da Rede Telejor de integrar pesquisadores em estágios diversos bem como promover a interlocução transdisciplinar que o objeto telejornalismo exige e se fundamenta. O livro apresenta 17 capítulos e 28 autores, de universidades brasileiras e estrangeiras, trazendo temas como telejornalismo em transformação, smartphone nas práticas jornalísticas, vídeos verticais, hipertelevisão, ecossistema midiático dos telejornais no Brasil e Espanha, plataformas de redes sociais, modelos de produção da CNN estadunidense e do G1 para as Stories do Instagram, formas de endereçamento: telejornal e Twitter, conceito de webjornalismo audiovisual 15 anos depois, webtelejornais e cobertura de pandemia, distribuição multiplataforma, telejornalismo acessível e muitos outros.

Em 2020 a SBPJOR promoveu uma série de Lives num projeto intitulado SBPJOR nas Redes e, nesta programação, a Rede Telejor foi convidada a organizar uma delas. A temática escolhida pela Telejor foi as coberturas em telejornalismo, assim, convidou-se o jornalista Carlos Nascimento que protagonizou uma das maiores coberturas da história do telejornalismo brasileiro ao narrar ao vivo, no dia 11 de Setembro de 2001, o ataque terrorista às Torres Gêmeas do World Trade Center, nos Estados Unidos, a partir de um plantão Globo de Jornalismo. Exatamente 19 anos depois, no dia 11 de Setembro de 2021, ele foi o palestrante convidado da Live intitulada **Coberturas em Telejornalismo: do 11 de Setembro de 2001 à pandemia de 2020**, exibida pelo canal do Youtube da SBPJor⁹, com a mediação e entrevistadoras da própria Telejor.

E a pandemia também motivou as temáticas das Mesas Coordenadas apresentadas durante o 18 Encontro da SBPJOR, todo em modalidade remota, com quatro mesas constituídas por 20 artigos, totalizando 40 autores, pesquisadores de 29 instituições de ensino superior, entre públicas e particulares, distribuídas nas cinco regiões brasileiras. As mesas intituladas de “Histórias narradas nas e pelas telas: a construção da história do tempo presente entre ditos e não-ditos”, “Narrativas audiovisuais: o fazer e o ensinar telejornalismo em tempos de covid-19”, “Telejornalismo e pandemia - apropriações, reconfigurações, espaços, gêneros e formatos” e “A centralidade do telejornalismo: entre a tradição, a inovação e a urgência” mobilizaram grandes debates e conseguiram manter uma audiência cativa com média de 30 participantes fixos em cada uma das mesas, chegando a picos de 40 em algumas delas.

AS PROPOSTAS PARA 2021

As propostas de pesquisa e de atuação da Rede Telejor se estabelecem sempre a partir de Novembro de cada ano, quase sempre durante a realização do Encontro da SBPJOR, ocasião na qual

⁹ A live na íntegra está disponível no canal do YouTube da SBPJOR, <https://www.youtube.com/watch?v=5X-mo7nz-enM>.

as Coordenações da Rede apresentam as propostas que são discutidas e definidas de forma coletiva.

Assim, a proposição para 2021 é a de pesquisar a correlação telejornalismo e direitos humanos – com ênfases a partir de olhares teórico-metodológicos para o tema e, também, voltada para estudos empíricos. A temática se mostra fundamental na contemporaneidade tendo em vista algumas das principais reivindicações sociais em tempos pandêmicos – como o direito à saúde, seja através da vacina ou de atendimento digno; ou o direito à dignidade, tanto pelo emprego quanto pelo auxílio emergencial. Demandas sociais que têm como ancoragem a vida humana e que são amplificadas quando ganham status de notícia e, sobretudo, quando são registradas/disseminadas pelas telas (da TV ou dos dispositivos eletrônicos).

Como praxe, para publicizar os resultados das pesquisas empreendidas, também serão abertas Chamadas Públicas para a organização desses livros bem como, também, para compor as Mesas Coordenadas a serem realizadas no 19º SBPJor. Como se pode ver, todas as propostas se articulam entre si, fortalecendo as atividades e o trabalho de pesquisa da Rede Telejor no país.

REFERÊNCIAS

EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (orgs.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020.

EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (orgs.). **A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis: Insular, 2020.

EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (orgs.). **Telejornalismo contemporâneo: 15 anos da Rede Telejor**. Florianópolis: Insular, 2020.

COUTINHO, Iluska; EMERIM, Cárlica (orgs.). **Telejornalismo local: teorias, conceitos e reflexões**. Florianópolis: Insular, 2018.

EMERIM, Cárlica; FINGER, Cristiane; CAVENAGHI, Beatriz. Metodologias de pesquisa em telejornalismo. Anais do 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR). Campo Grande (MT). UFMS. 2015. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XIIIENPJor/paper/view/4593/1100>, acessado em 22 de Abril de 2021.

EMERIM, Cárlica. Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. V.4, n. 2 (2017). PPGJOR/UFSC. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p113>, acessado em 12 de Maio de 2021.

EMERIM, Cárlica. O conceito de telejornalismo contemporâneo à luz da tradição e da inovação. (99 – 116). In: EMERIM, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. (orgs.). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. Florianópolis: Insular, 2020.

2020, o primeiro ano do resto das nossas vidas – A institucionalização da RadioJor

Valci Zuculoto¹
Marcelo Kischinhevsky²**RECONFIGURAÇÕES DO RADIOJORNALISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA**

A Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor) fez sua estreia oficial em encontros nacionais de pesquisadores em Jornalismo em 2020, em meio à tragédia da pandemia de Covid-19, que até a conclusão deste texto tinha matado quase 500 mil pessoas apenas no Brasil. A institucionalização da RadioJor ocorreu na assembleia da SBPJor de 2019, após um encontro que promoveu duas mesas coordenadas sobre radiojornalismo, num total de 12 trabalhos, dinamizando as discussões sobre um objeto que sempre esteve em pauta, mas muitas vezes de forma dispersa.

Se os planos de intercâmbio acadêmico e intensificação de pesquisas coletivas foram dificultados por um ano radicalmente disruptivo para a humanidade, entendemos que cabe um registro histórico sobre esse momento, em que os estudos radiofônicos se inserem num contexto mais amplo de transformações na área da comunicação, que condicionam não apenas os modos de fazer jornalístico, mas as próprias formas de consumo e de circulação midiática.

As limitações à mobilidade urbana e as recomendações de isolamento e distanciamento social colocaram em xeque o locus por excelência do fazer radiofônico: o estúdio. O jornalismo de rádio esteve no centro do processo de reconfiguração, em todas as formas de produção, veiculação, circulação e consumo. Compulsoriamente, o rádio tornou-se mais descentralizado do ponto de vista jornalístico. Em poucas semanas, as emissoras tinham reordenado seus processos produtivos, em muitos casos deslocando apresentadores, produtores e repórteres para o regime de teletrabalho, de modo a minimizar o risco de contágio nos estúdios e nas redações de emissoras.

Esse processo de reordenação coloca uma série de desafios, não apenas para o fazer radiofônico, mas para a própria pesquisa em radiojornalismo. Novas questões surgiram durante a pandemia,

¹ Doutora (PUCRS), Pós-Doutora (UFRJ). Professora do Curso de graduação e Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordena a Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor/SBPJor). Integra a coordenação da Rede de Rádios Universitárias Brasileiras (RUBRA). Líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/CNPq). E-mail: valzuculoto@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2453-3990>

² Doutor em Comunicação e Cultura, professor-adjunto do Núcleo de Rádio e TV da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Email: marcelok@forum.ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4838-2162>.

tornando o coronavírus um pano de fundo para todos os trabalhos de campo e para as reflexões acadêmicas.

A função socialmente imprescindível do Jornalismo foi ainda mais valorizada nestes tempos incertos de tantas lutas para defender a vida, o direito à informação e ao pleno exercício da cidadania e o combate à desinformação, em que a atividade jornalística é o principal instrumento para defender, enfim, a própria democracia.

Especificamente para o rádio no Brasil, 2020 também foi o primeiro ano de mais um novo século pela frente, já que em 2019 o meio completou cem anos de sua trajetória no país, com seus pesquisadores e pesquisadoras referendando a entrada no ar da Rádio Clube de Pernambuco, no dia 6 de abril de 1919, como a data inicial da radiodifusão no país (ALCAR, 2020) – boa parte dos livros de história do rádio, talvez pela influência política da antiga capital do país, apontavam o pioneirismo da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1923.

Em (re)construção histórica, tanto por necessárias revisões como essa quanto pelo próprio impacto da pandemia da Covid-19, o campo mais amplo do áudio e especificamente o rádio tiveram ainda mais realçadas e alavancadas suas potencialidades para o jornalismo, colocando suas mídias em destaque nas coberturas produzidas, veiculadas, circuladas e consumidas sob isolamento social. E assim, promovendo reconfigurações que emergem desde suas rotinas produtivas, seus profissionais produtores, passando por suas fontes chegando até suas audiências, onde se redesenha uma nova cultura da escuta radiofônica.

Imersa neste contexto brevemente aqui exposto, a RadioJor atravessou 2020 empenhada em continuar com seus estudos, em cumprir os objetivos que levaram à sua formalização junto à SBPJor em 2019. Objetivos centrados na busca por “promover a reflexão crítica, o debate e a interlocução em torno das teorias e práticas profissionais em áudio e radiojornalismo, estimulando e organizando investigações e publicações coletivas, além de eventos científicos”. A RadioJor, conforme compromisso da sua ementa,

[...] trata, com especial atenção, dos desafios conceituais, metodológicos e empíricos da investigação neste campo. Reflete sobre a reconfiguração do jornalismo sonoro nos seus diversos formatos, modos e espaços de emissão e do radiojornalismo em emissoras públicas (incluindo-se as rádios universitárias, educativas, culturais e/ou estatais), comerciais, comunitárias, em ondas hertzianas e/ou via web, e discute ainda como o exercício profissional no campo se insere nas transformações do entorno midiático, na emergência de novos dispositivos, suportes e interfaces e pelos desafios regulatórios e mercadológicos. (SBPJor, 2020)

Para tanto, deu continuidade ao *modus operandi* que privilegia a articulação com outras redes, grupos e fóruns de pesquisa com foco no radiofônico e mídias sonoras. Mesmo que não institucionalizada, em pelo menos três décadas anteriores a RadioJor já vinha construindo-se, inserida nestes outros espaços de pesquisa, com integrantes voltando sua atuação coletiva aos estudos do jornalismo radiofônico, e também na própria SBPJor, onde participavam das comunicações livres e, em algumas edições dos encontros nacionais, de coordenadas específicas.

Foi no Grupo de Pesquisa (GP) Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) que começou a maior e produtiva rede de estudos radiofônicos, que completa 30 anos neste 2021. A pesquisa em radiojornalismo vem sendo uma das protagonistas no GP. Em levantamento sobre os artigos apresentados no GP de 2001 a 2015 (KISCHINHEVSKY, et al., 2017) – um corpus que totaliza 570 textos –, nada menos que 121 (ou 21,2%) tinham como objeto o radiojornalismo, atrás apenas de artigos sobre história do rádio (190) e rádio local/regional (127).

O Grupo Temático História da Mídia Sonora da Rede Alcar e os encontros da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ), em vários dos seus GTs, também têm sido espaços qualificados de debate acadêmico sobre o radiojornalismo nas mais diversas plataformas – AM/FM, web rádio, podcasting etc.

A CONSOLIDAÇÃO DA RADIOJOR NA SBPJOR

No bojo desta articulação, ao longo de 2020, a RadioJor se envolveu com a produção e publicação do livro *Rádio no Brasil: 100 anos de história em (re)construção* (RADDATZ et al., 2020), compreendendo, como apontou o convite do lançamento da obra, que “o rádio é, como sempre foi, múltiplo. Tem identidades diversas, representa o local, reflete sobre o coletivo, abraça os sujeitos. Se o rádio é diverso, as pesquisas sobre ele também o são, assim como os olhares sobre sua trajetória, sua evolução, seus sujeitos”. Com este livro, o total de publicações, derivadas principalmente de pesquisas coletivas em que integrantes da RadioJor atuaram para a constituição do campo dos estudos radiofônicos nas últimas três décadas, ultrapassa mais de 20 obras.

Em 25 de setembro de 2020, a RadioJor também promoveu o quarto episódio do SBPJor em Redes, com a live “Notícias do front – Reconfigurações do radiojornalismo da cobertura de guerra à pandemia” (SBPJOR EM REDES, 2020). O evento, com mais de 400 visualizações no canal da SBPJor no YouTube, contou com a participação dos pesquisadores Luciano Klöckner (Alcar), Eduardo Meditsch (UFSC), Debora Lopez (UFOP/UFPR), Luãn Chagas (UFMT) e Nelia R. Del Bianco (UnB/UFMG), com mediação de Valci Zuculoto (UFSC) e Marcelo Kischinhevsky (UFRJ/UERJ). Em pauta, as transformações no fazer jornalístico em rádio num momento em que a Covid-19

demandava planejamento estratégico para fazer frente a uma verdadeira guerra de comunicação – uma guerra marcada pela desinformação em torno da pandemia, da importância da vacinação e de recomendações sanitárias básicas, como o isolamento social e o uso de máscaras.

Em dezembro, durante o 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, realizado pela primeira vez de forma remota (SBPJOR, 2020), a RadioJor contribuiu para o debate com a organização de duas mesas coordenadas. Os trabalhos apresentados evidenciam a trajetória que o grupo traçou para se consolidar como rede agora institucionalizada na associação e, evidentemente, os ajustes que se fizeram necessários e sobretudo os achados que emergiram das pesquisas radiojornalísticas em função da pandemia. A Mesa 1 da RadioJor, intitulada “Mudanças estruturais no radiojornalismo em tempos de pandemia”, apresentou e debateu seis artigos com ênfase nas mutações de estrutura do jornalismo em áudio e rádio diante da digitalização, da convergência midiática e da Covid-19. São eles:

- 1) **A integração de emissoras de rádio all news brasileiras às plataformas de streaming de áudio** – Nelia R. Del Bianco (UnB/UFGO) e Elton Bruno Pinheiro (UnB)
- 2) **Estratégias sonoras de podcasts noticiosos diários brasileiros e a nova superação do gênero gráfico** – Luãn Vaz Chagas (UFMT) e Luana Viana (UFJF/UFOP)
- 3) **O radiojornalismo como gênero discursivo aplicado ao conceito de podcast** – Alvaro Bufarah Junior (UFSC/Mackenzie) e Luis David Padilha (UFSC)
- 4) **A transformação da reportagem radiofônica externa a partir do uso dos smartphones: reflexões sobre as potencialidades tecnológicas em tempos de pandemia** – Arnaldo Zimmermann e Valci Regina Mousquer Zuculoto (UFSC)
- 5) **Jornalismo Público e Educativo da FM Universitária 96,7 em tempos de pandemia da Covid-19** – Urziana Damasceno Viana de Moraes e Nilsângela Cardoso Lima (UFPI)
- 6) **Apontamentos acerca da relação entre a fonte especializada e o jornalista na produção de jornalismo científico em rádios universitárias brasileiras durante a pandemia** – Paulo Roberto Santhias (UBI e UFSC)

Os quatro primeiros trabalhos apresentados enfocaram e geraram debates sobre as plataformas de *streaming* e os novos espaços de circulação dos conteúdos jornalísticos do radiofônico e do áudio, o avanço do *podcasting* e a remediação da linguagem do radiojornalismo, além das potencialidades tecnológicas e desafios e limites para a produção de reportagem de campo na atualidade. Evidenciou-se que são transformações que alteram de forma determinante não somente a produção radiojornalística assim como a emissão, circulação e consumo. E muitas das impostas pela Covid-19 devem permanecer, mesmo no pós-pandemia. Os dois últimos artigos abordaram e levaram a discussões sobre o relevante e imprescindível papel do jornalismo praticado pelas rádios públicas, educativas e universitárias no combate à pandemia e à crescente desinformação, destacando-se a importância da informação jornalística voltada ao interesse público. Também trataram da necessidade do jornalismo científico e da informação especializada que, potencializada pela pandemia, reforça mais ainda a função deste segmento da radiofonia.

A Mesa 2 da RadioJor, com o título “Covid-19 e desafios ao radiojornalismo especializado e local”, propôs seis artigos com ênfase na reordenação do fazer radiofônico em coberturas jornalísticas especializadas, como a esportiva e a cultural, bem como no radiojornalismo de caráter local e hiperlocal, sobretudo no atual contexto de enfrentamento do novo coronavírus. Os trabalhos abordaram o jornalismo radiofônico e sua relação com movimentos sociais frente à pandemia da Covid-19 e reacomodações das rotinas produtivas do radiojornalismo esportivo, em especial devido à suspensão das competições. Também foram discutidos os usos de Facebook e Twitter para interação com as audiências do rádio e a ressignificação do jornalismo com a ampliação de espaços informativos jornalísticos em emissoras musicais diante da pandemia do coronavírus.

- 1) **Rádios musicais cariocas e a ressignificação do jornalismo no contexto da pandemia da Covid-19** – Helen Pinto de Britto Fontes (UERJ/UFF) e Marcelo Kischinhevsky (UFRJ)
- 2) **A invisibilidade do jornalismo nas rádios de Imperatriz (MA)** – Ananda Portilho e Izani Mustafá (UFMA/Imperatriz)
- 3) **Alô, Comunidade: A pandemia do coronavírus na ótica de movimentos sociais no rádio** – Kátia Fraga (UFV) e Lucas Zini (UFV)
- 4) **Radiojornalismo local e hiperlocal na cobertura da pandemia da Covid-19 por emissoras comunitárias** – análise de produções em ambiente de convergência midiática das rádios Bacanga/MA e Rocinha/RJ – Jefferson de Sousa Moraes (UFSC)

5) O impacto da pandemia de Covid-19 nas rotinas radiojornalísticas esportivas das rádios Guaíba, Itatiaia, Super Tupi e Jovem Pan – *Ciro Augusto Francisconi Götz (PUCRS)*

6) A interação no rádio pelo Facebook: uma análise dos comentários dos ouvintes nas lives do programa Toque Esportivo – *Bruno Balacó (UFC)*

Pode-se observar em mais profundidade o percurso certo em busca da consolidação dos estudos em radiojornalismo se também lançarmos olhar para as coordenadas da RadioJor de 2019 e, ainda, para as mesas de 2018, quando a rede ainda se preparava para solicitar afiliação à SBPJor.

Em 2018, no 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR, 2018) em São Paulo, na FIAM-FAAM, promoveu debates de suas pesquisas em duas mesas coordenadas que abordaram mudanças disruptivas e a reintermediação do radiojornalismo, além de reconfigurações do mercado radiofônico. Os escopos das mesas, entre outras temáticas, incluíram o radiojornalismo no contexto dos softwares, o avanço dos smart speakers, acionamento de seus ouvintes por meio do gênero dramático, o reposicionamento frente à migração do AM para o FM, cartografia de fontes e as múltiplas funções do jornalista no rádio (SBPJOR, 2018).

Em 2019, no 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR, 2019), três mesas coordenadas produziram o avanço destes estudos, com sessões que voltaram a discutir o redesenho do mercado e das rotinas produtivas, interfaces do fazer radiofônico entre rádio informativo, educativo e de entretenimento, além de inovações e metodologias de pesquisa para estudos do jornalismo no meio. Os trabalhos apresentados evidenciaram avanços nas pesquisas sobre o radiojornalismo na migração AM-FM, nos modelos de negócios, sua credibilidade frente às fake news, produção de podcasts como inovação e reconfiguração, seleção de fontes e transformações da reportagem radiofônica. Temas e fenômenos examinados em diversos recortes, entre os quais se destacaram abordagens sobre jornalismo científico, os rádios comunitário, educativo, universitário, esportivo e comercial como também em perspectivas metodológicas de estudos do radiofônico.

CONSIDERAÇÕES

Os desafios futuros para a RadioJor são a manutenção das atividades de pesquisa sobre radiojornalismo em alto nível, num contexto de forte restrição orçamentária e declínio na concessão de bolsas a pesquisadores(as) em nível de mestrado, doutorado e pós-doutorado, bem como a realização de estudos temáticos de maior fôlego, o que é particularmente desafiador diante de uma pandemia que caminha para a terceira onda de contágio, ainda sem horizonte claro para imunização de parcela significativa da população frente à Covid-19.

Grande parte dos desafios que se impõe hoje à RadioJor são desafios extensivos a todos os campos de conhecimento científico, num momento em que o fomento à pesquisa recua aos níveis de 2008. Entendemos, no entanto, que este cenário só reforça a importância da atuação das redes de pesquisa, que podem se organizar de forma descentralizada e colaborativa, estabelecendo interlocução com outros países e buscando alternativas metodológicas para lidar com as restrições impostas ao trabalho de campo.

REFERÊNCIAS

ALCAR. Carta de Natal. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar/jornal-alcar-no-73-julho-2020/carta-de-natal> Acesso em mai. 202.

KISCHINHEVSKY, Marcelo, BENZECRY, Lena, MUSTAFÁ, Izani, DE MARCHI, Leonardo, CHAGAS, Luãn, FERREIRA, Gustavo, VICTOR, Renata, VIANA, Luana. A consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI – Chaves conceituais e objetos de pesquisa. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (RBCC)**, São Paulo, Intercom, v. 40, n. 3, p. 91-108, set./dez 2017. DOI: 10.1590/1809-5844201736

SBPJOR EM REDES. Notícias do front – Reconfigurações do radiojornalismo da cobertura de guerra à pandemia. Disponível em https://www.youtube.com/playlist?list=PLvwli9ya_j8k82bN8CsQPxOHcb3n5noda. Acesso em 31 mai. 2021.

SBPJOR. In.: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 18, 2020, Encontro virtual. **Anais[...]**. Virtual, 2020. Disponível em <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/schedConf/presentations> Acesso em mai. 2021.

SBPJOR. In.: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 17, 2019, Universidade Federal de Goiás, Goiania/GO. **Anais[...]**. Goiânia/GO, 2019. Disponível em <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2019/schedConf/presentations> Acesso em mai. 2021.

SBPJOR. In.: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 16, 2018, FIAM-FAAM/UAM, São Paulo/SP. **Anais[...]**. São Paulo/SP, 2018. Disponível em <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/schedConf/presentations> Acesso em mai. 2021.

RADDATZ, Vera Lucia; KISCHINHEVSKY, Marcelo; LOPEZ, Debora; ZUCULOTO, Valci. **Rádio no Brasil [recurso eletrônico]: 100 anos de história em (re)construção**. 1 ed. Ijuí (RS): Editora Unijuí, 2020. Disponível em <https://www.editoraunijui.com.br/produto/2257>. Acesso em mai. 2021.



Editora



**SBP
Jor**